

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

*Aurélio Buarque
de Holanda Ferreira*

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

 LINGUAGEM E ESTILO
DE MACHADO DE ASSIS,
EÇA DE QUEIRÓS E
SIMÕES LOPES NETO

Rio de Janeiro 2007

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA

Diretor: *Evanildo Bechara*

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2007

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*

Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*

Segundo-Secretário: *Domício Proença Filho*

Diretor Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial

Monique Mendes

Projeto gráfico

Victor Burton

Edição eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

-
- B869.3 Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989.
F3831 Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira ; prefácio Evanildo Cavalcante Bechara. — Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2007.
344 p. ; 21 cm. — (Coleção Antônio de Moraes Silva. Estudos de Língua Portuguesa ; 5)

ISBN: 978-85-7440-100-3

1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Queirós, Eça de, 1845-1900. 3. Lopes Neto, Simões, 1865-1916. 4. Linguagem. 5. Estilo literário. I. Bechara, Evanildo Cavalcante, 1928-II. Título. III. Série.

COMISSÃO DE LEXICOGRAFIA DA ABL

Eduardo Portella (Presidente)

Alfredo Bosi

Evanildo Bechara

REVISÃO

Roberto Cortes de Lacerda

João Luiz Lisboa Pacheco

Sandra Pássaro

Paulo Teixeira Pinto Filho

DIGITAÇÃO

João Barcellos

Sumário

Prefácio	XI
 MACHADO DE ASSIS	
Linguagem e Estilo de Machado de Assis	3
 EÇA DE QUEIRÓS	
Linguagem e Estilo de Eça de Queirós.....	63
 SIMÕES LOPES NETO	
Linguagem e Estilo de Simões Lopes Neto.....	121
Bibliografia	239
Glossário	257



Aurélio Buarque
de Holanda Ferreira

Prefácio

Reunindo num só volume estes três ensaios de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, põe a sua Academia ao alcance do leitor de hoje, com o aval prestimoso de Marina Baird Ferreira, as incursões do saudoso confrade no domínio da língua e do estilo de três grandes autores da nossa literatura.

Lidos na seqüência cronológica em que foram estes ensaios publicados, perceber-se-á o aprofundamento gradativo da cultura filológica, vernacular e estilística do autor.

Nas páginas dedicadas a Machado de Assis, Aurélio tinha ainda suas atenções voltadas para os aspectos normativos que dominavam entre nós os estudos do idioma até a década de 1940. Isto sem que ficasse atrelado a uma visão estreita de puristas, nem sempre bem apetrechados para essas incursões, como, por exemplo, acontecia com Cândido de Figueiredo. Suas fontes boas eram Mário Barreto, Antenor Nascentes, José Oiticica e Heráclito Graça.

A extensão e os conhecimentos da língua, aliados a um fino gosto estético, foram decisivos para revelar ao público especializado e às pessoas preocupadas com a correção gramatical o talento promissor

daquele jovem estreante nas sutilezas e potencialidades do idioma português trabalhado sob a régua e o compasso do criador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Já no ensaio sobre Eça de Queirós (1945) suas lentes de observador não se limitavam a pormenores de fatos gramaticais, como concordância, uso da crase e colocação de pronomes, principalmente, na ótica da influência lusitanizante em Machado de Assis, e nos desvios reclamados pelos puristas.

Agora, nosso autor discute a presença dos galicismos em Eça à luz da influência avassaladora da cultura e da ação civilizatória da sociedade francesa. A língua deixa de ser vista como apenas ancila da filosofia que a instrumentalizou pelo modelo da tradição gramatical greco-latina, para ser também um reflexo de um ato estético e cultural. Daí, no ensaio sobre Eça, Aurélio espriar suas reflexões e comentários mais no campo da estilística do que nos dogmas da gramática normativa.

As considerações sobre os galicismos e neologismos levam nosso autor à seara do léxico, preparando-o para o domínio em que se vai consagrar como autoridade incontestável. Examina a adjetivação eciana e a técnica de seleção vocabular e a estruturação dos períodos. E toda essa renovação leva-o a discutir o problema do regionalismo em Simões Lopes Neto (1949), oferecendo-nos o mais completo levantamento lexical dos termos usados no Sul do país, quer por herança vernácula, quer por empréstimos platinos.

Passados tantos anos as densas produções, os progressos experimentados pelas ciências da linguagem vieram confirmar muitas das asserções exaradas nestes três ensaios, ao lado de correções a algumas outras; mas a verdade é que não conseguiram empanar o brilho e a competência que animaram estes ensaios e, por isso, os fazem merecedores desta oportuna e proveitosa reedição.

 MACHADO DE ASSIS



❧ Linguagem e estilo de Machado de Assis

I – Linguagem

Com aquele seu jeito de dizer muito em poucas palavras, o Sr. Tristão da Cunha escreveu uma grande verdade a respeito de Machado de Assis: “Ele era sutil e opulento. Sentem-se na sua prosa os tesouros do passado, do presente e do futuro.”¹

Realmente: não é preciso um contacto íntimo com o escritor para notar-se como ele soube fixar muito do que a boa tradição lingüística lhe forneceu, através de aturada leitura dos clássicos, aliado ao espírito da língua do seu tempo, e com ligeiros toques de alguma coisa que parecia transcender do momento, projetar-se um pouco além. Tudo isso a serviço de um dos melhores estilos que já houve em português.

Se, por um lado, em seus livros se nos deparam expressões caídas em desuso, arcaísmos da gema, que nem sempre lhe foi dado renovar, reflete-se neles, por outro, a linguagem da época, e neles se adivinha algo de novo para a época.

I ❧ Tristão da Cunha, *Coisas do Tempo*, Rio.

Amando os clássicos, compreendia, no entanto, que “cada tempo tem o seu estilo”. Achava que se devia estudá-los, para “desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas, se fazem novas”. “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.”²

Não sou dos que, apologistas incondicionais do velho mestre, lhe exageraram o papel de renovador da língua, sobretudo no sentido de a ela haver imprimido um cunho brasileiro. Não irei ao extremo de, como se tem feito, afirmar, ou dar a entender, que ele realizou mais do que Alencar em favor do abasileiramento do português. Nem tanto assim. Espanada de algumas grossas teias de aranha do falar lusitano, a sua sintaxe apresenta-se, de ordinário, mais leve, como que mais transparente; mas o disfarce não é tão perfeito que por trás das cortinas não estejamos a ver agindo a mão de Frei Luís de Sousa, Manuel Bernardes ou Castilho Antônio.

O que ele teve foi o segredo de conciliar – e nem sempre – as exigências da sintaxe de além-mar com a mais corrente entre nós, sem nunca transgredir, porém, com os seus princípios de cultor extremado do idioma. E o que lhe transmite à prosa, e não raro ao verso, aquele amável tom de simplicidade e harmonia, não será tanto o efeito dessa conciliação como as suas qualidades intrínsecas de escritor, o feito harmonioso e simples do seu espírito, a revelar-se em tudo que lhe saiu da pena.

Não me parece justo superpor à de Alencar a sua influência nesse ponto. Mesmo porque – analisemos friamente o caso – a Machado faltariam virtudes substanciais para executor de uma renovação lingüística. Espírito conservador como sempre foi o seu, amando a or-

2  Machado de Assis, *Crítica*, Livraria Garnier, Rio, p. 27. – Todos os livros de Machado de Assis citados neste artigo são edições Garnier, exceto *Crônicas*, I (Jackson, Rui), *Novas Relíquias* (Editora Guanabara, Rio) e *Correspondência de Machado de Assis* (Américo Bedeschi, editor, Rio).

dem, disciplinado, metódico, não seria o funcionário que só aceitava a revogação de uma portaria por outra portaria, que tivesse força para realizar aqui, por aquilo a que João Ribeiro chama a língua nacional³, uma tarefa que requeria extrema audácia, rebeldia, espírito isento de compromissos com a tradição. Ao meu ver, bem pesadas as coisas, Machado, além de desossar um pouco o português de Portugal, não fez mais que introduzir nas suas páginas alguns brasileirismos, quase todos léxicos. Os raros brasileirismos sintáticos figuram sempre na boca de personagens – homens do povo, gente simples, pretos escravos que povoam as suas páginas. E grande parte dos próprios brasileirismos léxicos, empregou-os o romancista como o fizeram, e fazem, muitos outros escritores – pela necessidade elementar de fixar tipos, cenas, costumes do nosso meio.

E o espírito brasileiro, o instinto de nacionalidade – para usar de expressão sua – não era bastante vivo em Machado, em tão alto grau como se afigura a alguns dos seus críticos. Não o era, por condições resultantes do próprio temperamento do escritor: faltava-lhe para tanto maior vibração de vida, sentimento mais profundo de simpatia humana, de amor à terra, à sua paisagem e à sua gente, mais força de poesia e impulso mais forte de solidariedade com o povo humilde, de onde se originou.

Isso, está claro, não importa negar nacionalismo à obra de Machado de Assis. Ou, pelo menos, regionalismo. Não. Há nela muita coisa da nossa terra, particularmente do meio carioca: mucamas, pretos velhos, pegadores de escravos fugidos, cenas de execução de negros, pregões melancólicos, como aquele “Chora, menina, chora...” do *D. Casmurro*; ruas antigas, com seus nomes antigos – da Guarda-Velha, Valongo, Matacavalos – e até retalhos de paisagens, breves, fugidios, que são – como, ao fundo de casas modernas, esses escassos

3  João Ribeiro, *A Língua Nacional*, I.^a ed., S. Paulo, 1921, p. 16.

palmas de chão cimentado – miniaturas de quintal nessa “vasta casa sem quintal”...

Mas há, quase sempre, em tudo isso, um que quer que seja de frio, de meio morto, um tudo-nada de artificial, às vezes, em que se percebe um tanto ausente o humano. Nada como a leitura atenta de um Manuel Antônio de Almeida, ou de um Lima Barreto, tão esquecido, para sentir-se bem a verdade do que afirmo.



Aquele que saiu do morro pobre e, passo a passo, à custa de esforços tenazes, chegou à situação de primeiro escritor do seu país, teve o orgulho – sentimento que a sua timidez antes sedimentou que enfraqueceu – de escrever com a maior correção a língua que se acostumou, criança, a ouvir deturpada pela gente do seu meio. Parece que ainda foi este um recurso que encontrou o mestiço Joaquim Maria de fazer esquecer a própria origem. Nesse particular, ninguém, como ele, com tamanho desapego ao passado. Águas passadas não movem engenho... Nada de morro, de Maria Inês, de Machadinho... O desamor a quanto se ligava aos tempos idos havia de encontrar, em Machado de Assis, mais essa maneira de manifestar-se. Teria de ser correto na linguagem, deixando nela refletidos os seus labores de autodidata manuseador de veneráveis in-fólios quinhentistas. Saberria manter-se à distância. Para longe o linguajar estropiado do Livramento, do croinha, dos dias da meninice. Leitura assídua dos clássicos. Refugiava-se, em um passado, da lembrança pouco amável de outro passado...

A minha experiência do magistério permitiu-me observar que é nos indivíduos pobres, esforçados, estudiosos, que ordinariamente se encontra mais vivo o gosto da correção da linguagem. É uma luta para se elevarem acima do seu nível. Ora, o feitio de Machado era de molde a não o afastar dessa regra. A ele, que não sabia falar alto e

era tão cerimonioso com os homens, faltar-lhe-ia, decerto, a coragem, o ímpeto, a força necessária para romper com uma larga tradição. Depois, lembremo-nos que, na obra de adoçamento do português, a que me referi, da conversão de uma língua dura, hirta, ossuda, em um instrumento de expressão harmonioso e plástico – nessa tarefa já o precedera – dentro de Portugal – o velho Eça de Queirós. Este, sim, fez um trabalho de mouro. Machado já encontrou a mata batida. E andou por ela tranqüilo, trabalhando sempre, mas um trabalho maneiro, sem suor – trocando por bons espécimes portugueses alguns estrangeiros que encontrou nessa flora, abrasileirando-a um pouco com espécimes nossos.



Feitas estas considerações iniciais, passemos a estudar, separadamente, alguns aspectos da linguagem e do estilo de Machado de Assis. Apreciemos, em primeiro lugar, a pureza de sua língua, rarissimamente incorreta, o gosto do clássico, os tiques, a sintaxe, o vocabulário, os arcaísmos, neologismos, brasileirismos e estrangeirismos. Depois, estudemos, procurando explicá-las em alguns casos, as qualidades substanciais do escritor, a riqueza real de expressão, em contraste com a aparente pobreza, as liberdades de estilista, o gosto de alterar, para efeito literário, a regência dos verbos, o amor da metáfora, o apego mórbido a certas palavras e expressões, as repetições, intencionais ou viciosas, o hábito da negação...



Machado de Assis tem a grande virtude de ser um dos raros homens de letras brasileiros em quem se realiza uma sábia harmonia do gramático com o escritor. O comum é repelirem-se essas duas criatu-

ras. O gramaticógrafo, por via de regra, escreve duro, áspero, a frase comprimida dentro das regras como em camisa-de-força; o escritor, se alcança a clareza e a simplicidade, sacrifica, barbaramente às vezes, os preceitos da boa linguagem. Castilho e Eça de Queirós em Portugal, Mário Barreto e Lima Barreto no Brasil – para citar apenas dois pares de casos, e sem sair da língua portuguesa. Dificílimo encontrar-se a perfeição da língua aliada à elegância sóbria do estilo.

Machado representa, entre nós, o exemplo mais feliz dessa conciliação. Ninguém, em seu tempo, ou antes ou depois dele, conseguiu casar tão harmoniosamente os dois seres que, parece, *burlent de se trouver ensemble*. Qualidade que ainda lhe é, de certo modo, um reflexo do equilíbrio, do amor à medida, à ordem, à disciplina, e horror visceral aos excessos. Realizou na linguagem e no estilo, como na vida, a política do meio-termo. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Nem de todo com José Feliciano de Castilho, nem inteiramente com José de Alencar. Ambos eram Josés, aliás... Ficou entre os dois, quando o primeiro andou por aqui, a convite do imperador, metendo a lenha no brasileiro do autor do *Guarani*, que soube defender-se admiravelmente.⁴

Em contacto com o passado da língua, conversando os clássicos, olhava mais para o presente. Creio ter sido ele quem afirmou que o arcaísmo que se ressuscita é um neologismo. Procurou, assim, nem sempre com bom resultado, ressuscitar alguns.



Comecemos pelos arcaísmos léxicos, ou semânticos, como lhes chama Eduardo Carlos Pereira.⁵

AL: *Poesias*, I54.

4  V. Lúcia Miguel Pereira, *Machado de Assis*, 2.^a ed., S. Paulo, 1939.

5  Eduardo Carlos Pereira, *Gramática Histórica*, 7.^a ed., S. Paulo, 1932, p. 267.

ALFIM: *Id.*, 109 (2 vezes).

ALONGADO = *distante, afastado*: “Assim andou por *alongados* climas...” (*Id.*, 254).

AMBOS OS DOIS: *D. Casmurro*, 291.

ARDIDO = *ousado*: *Poes.*, 232.

AVOÇAR: *D. C.*, 79; *Esau e Jacó*, 138. – Dos vários dicionários que consultei, somente o de Moraes⁶ dá o termo, abonado por escritores muito antigos.

BISPAR = *exercer a dignidade de bispo* (hoje a palavra, em virtude da chamada *tendência pejorativa*⁷, significa *observar, olhar com curiosidade*): “Veroso cônego e pregador, Soares com uma grande vigararia, Vasconcelos a caminho de *bispar*...” (*Histórias sem Data*, 186).

FEITIÇO = *falso, artificial*⁸: “Diadema de pérolas *feitiças*” (*Quincas Borba*, 134).

GARÇÃO: “era um lindo *garção*, lindo e audaz” (*Brás Cubas*, 48).

GESTO = *rosto, fisionomia*: *D. C.*, 38; *Memorial de Aires*, 6; *Poes.*, 70; *Q. B.*, 319.

GOSTAR = *provar*: *B. C.*, 15; *D. C.*, 68; *E. e J.*, 104; *Papéis Avulsos*, 38, 167; *Q. B.*, 145.

HEIS = *haveis*; *B. C.*, 195.

ORELHAS = *ouvidos*: *Relíquias de Casa Velha*, 67; *Várias Histórias*, 12; *E. e J.*, 96, 215.

QUANTIA = *quantidade* (sentido genérico): *D. C.*, 62.

6 ☞ Moraes, *Dicionário da Língua Portuguesa*, fotografia da 2.^a ed., Rio, 1922.

7 ☞ Aceito, com Pacheco Júnior (*Noções de Semântica*, Rio, 1903, pp. 15-16), a expressão *tendências de palavras* (tendências melhorativa e pejorativa), que Bréal condena, em seu *Essai de Sémantique*.

8 ☞ Do velho Francisco José Freire, nas suas *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, Lisboa, 1842, p. 22: “*Feitiça* por *cousa fingida* é termo usado por todos os clássicos, até o tempo de D. Francisco Manuel, que disse nas suas cartas “*bulba feitiça*”, e nos *Relógios Falantes* “*discurso feitiço*, etc.”

SER = *estar*: “Quatro vultos na câmara paterna/*Eram*.” (*Poes.*, 237). Também à p. 240 do mesmo livro.

SOBRE = *perto de, aproximadamente*: “Sobre tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público” (*D. C.*, 306). Outros exemplos: *Id.*, 189; *R. de C. V.*, 61, 66.

SOIDÃO: *Poes.*, 201.

VENDER-SE POR (*dizer-se, inculcar-se por*): “Outro da mesma espécie era um escrivão, que *se vendia por* mordomo do rei.” (*P. A.*, 10). – Figueiredo⁹ e Aulete¹⁰ não registram. Moraes, Lacerda¹¹ e Constâncio¹² trazem, todos citando a expressão *vender-se por douto*, que o primeiro abona com a *Eufrosina*, de Jorge Ferreira, quinhentista, dando também *vender-se por donzela*, com o abono de Duarte Nunes de Leão.

VESTIDO = *veste masculina*: *Poes.*, 254.

Outras palavras e locuções, se não constituem arcaísmos, são, na verdade, de uso muito raro, algumas no sentido em que estão empregadas: *à laia de* (ao modo de) – *Páginas Recolhidas*, 25; *caio* (caiadela) – *Q. B.*, 165; *conversar* = tratar intimamente (empregado como transitivo direto) – *P. R.*, 128; *H. sem D.*, 182; *por* = para – *D. C.*, 268...



Vamos aos arcaísmos sintáticos:

“De quando em quando colhia o alento, com a expressão de *quem lhe custa* [daquele a quem custa] *respirar*.” (*Ressurreição*, 220).

“... a pátria/Reviu *após a suspirar por ela*...” (*Poes.*, 255).

9  Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1.^a ed., Lisboa.

10  Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo*, 1.^a ed., Lisboa.

11  Lacerda, *Dicionário Enciclopédico*, 5.^a ed., Lisboa, 1878.

12  Constâncio, *Novo Dicionário Crítico e Etimológico*, 5.^a ed., Paris, 1854.

“Que *ele* também há eleições no Amazonas...” (*R. de C. V.*, I45). – Banido da linguagem escrita corrente, ainda subsiste na falada, em certas regiões de Portugal, esse emprego do *ele* como pronome neutro, à maneira do *il* francês, o *it* inglês e o *es* alemão.

“mas vi também que, *a menos de lbes pegar* nas mãos e mandar que se amassem...” (*H. sem D.*, I92). – Expressão, se não arcaica, de raríssimo uso.



Empregou o partitivo, de gosto clássico, apesar de lembrar o francês: “Comerás *do* nosso leite e beberás *do* nosso vinho.” (*Outras Relíquias*, 8). Como Rodrigues Lobo naquele conhecido trecho: “Comerás do leite, ouvirás dos contos...”

Tinha as suas simpatias pela forma pleonástica do possessivo – *seu dele*: “Já meu cunhado dizia que era *seu costume dela*, quando queria alguma coisa.” (*M. de A.*, I0); “torcia a rédea da conversa para o *seu assunto dele*” (*B. C.*, I39); “... e conhecia algumas que tinham só o *seu moço delas*” (*Id.*, 201).

Usou *homem* no sentido de *alguém, a gente*: “Na verdade jamais *homem* há visto...” (*Poes.*, 302).



Neologismos, agora, por uma natural associação de idéias.

Há muitos na obra de Machado. Neologismos de palavra, e de sentido ou semânticos, estes não menos importantes que os primeiros, pois, como observa Bréal¹³, “Une nouvelle acception équivaut à un mot nouveau.”

13 ∞ Michel Bréal, *Essai de Sémantique*, 6.^a ed., Paris, 1913, p. 146.

Os neologismos de palavra, forma-os sempre Machado por analogia, seguindo o processo da derivação. Nunca emprega os *neologismos de estilo*, “palavras de todo estranhas à índole da língua e às suas necessidades”¹⁴, nem o *neologismo substitutivo* – daqueles em que foi fértil Castro Lopes – “formações moldadas nas línguas clássicas para eliminar palavras alienígenas.”¹⁵

Cumpré observar que da lista seguinte muitos termos já hoje não serão neologismos; mas o eram no tempo de Machado. A alguns, que deviam ser usados na conversa, deu ele curso nos seus livros, antes de qualquer outro escritor.

ACONCHEAR: “*Aconcheava a mão atrás da orelha*” (B. C., 42). – Nenhum dos dicionários que consultei, inclusive o de Figueiredo, registra o termo.

BORBOLETICE: “*Viera por ali fora, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices*” (B. C., 100). – O autor refere-se a uma borboleta. Figueiredo registra o termo, citando o trecho.

DE UM CABO A OUTRO: “*E ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar, sem dizer uma só palavra a D. Evarista*” (P. A., 12). – Morais e Aulete registram *de cabo a cabo*.

DESCARRILHAR: (Q. B., 335). – Os dicionários dão *descarrillar* e *desencarrillar*.

DESMORTIFICAR: “*Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois*” (B. C., 112). – Fig. dá, citando a passagem.

EMPULHAÇÃO: (B. C., 100). – Fig. traz, citando Machado.

ENCARNA = *pequena escavação*: “*Os sinais (da bexiga), grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e aclives*” (B. C., 117). – Fig. dá, e cita o trecho.

14  Júlio Nogueira, *O Exame de Português*, 5.^a ed., Rio, 1933, p. 52.

15  *Id.*, *ibid.*, *loc. cit.*

ESTACADO: “O rumor cessara de súbito, como um *estacado* de orquestra” (B. C., 42). – Nenhum dicionário dá o termo nessa acepção.

ESTIGMADO: “As bexigas tinham-lhe comido o rosto; a pele ... aparecia-me agora amarela, *estigmada* pelo mesmo flagelo, que devastara o rosto da espanhola” (B. C., 124). – Muito bem formado; Figueiredo traz, citando o passo.

ETERIZAR-SE = *perder-se no ar, dissipar-se*. “Embeleza-Se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, *eteriza-se*” (B. C., 140). – Os dicionários de Fig. e Aulete só dão *eterizar*, e com as significações de *misturar com éter* e *insensibilizar por meio de éter*; Lacerda consigna apenas a primeira acepção; Constâncio e Morais silenciam.

FRESTA = *oportunidade*. “Ele aproveita a *fresta* para puxá-la à conversa” (H. sem D., 83). – Aqui se reflete o seu gosto vivo da metáfora.

GRAMATICAR: “... uma língua que estou *gramaticando* para uso das academias, como o fiz sumariamente para meu próprio uso.” (P. A., 210). – Fig., Constâncio, Lacerda e até o velho Morais registram a palavra, que, entretanto, não está em Caldas Aulete; mas todos com o sentido de *ensinar gramática* ou *tratar de questões gramaticais* – que não é aquele em que a usa Machado de Assis. Entre parêntesis: Fig. dá o termo precedido de asterisco, fazendo crer que é o primeiro a consigná-lo, quando já o registra o secular Morais. É preciso muito cuidado com os asteriscos de Figueiredo...

OCULARISTA: “Subiu a rua do Hospício, até uma oficina de *ocularista*” (R. de C. V., 24).

PACIENTAR: “*Pacientei* quanto pude” (B. C., 43). – Fig. registra, com a citação. O termo é formado por analogia com *impacientar-se*.

PERMEIO (sem a preposição *de*): “Deu-me uma cadeira, e, com o balcão *permeio*, falou-me longamente de si” (B. C., 117). – Fig. dá, citando o passo.

PRATARIA: (B. C., I33). – Fig. registra, com asterisco.

TOUCADO: “Era a flor dos cabeleireiros; por mais demorada que fosse a operação do *toucado*, não enfadava nunca; ele intercalava as penteadelas com muitos motes e pulhas, cheios de um pingo, e de um sabor...” (B. C., 80). – Fig. assim define *toucado*: “Conjunto dos ornatos de cabeça das mulheres.” Morais, Constâncio, Lacerda e Aulete, mais ou menos a mesma coisa. Empregando a palavra com relação a homem, valeu-se Machado de uma das acepções do verbo cognato, *toucar*, a de “pentear e dispor convenientemente o cabelo de” (Fig.), acepção, aliás, que Lacerda não conhecia, pois escreve a respeito do mesmo verbo: “Hoje só se diz de quem concerta o cabelo de mulher ou lhe põe toucado.”

VALSISTA: (Q. B., I33; B. C., I44). – Fig. registra, com asterisco.

Também teremos de incluir-lhe entre os neologismos – os de palavras – o *rodomoinhar* (B. C., I23, e alhures), que nenhum dicionário consigna, a não ser Morais, que remete, aliás, o leitor para *redemoinho*, e, neste verbete, traz a expressão “*redemoinho* de dois ventos opostos”, cita um exemplo de Jorge Ferreira, em que se vê *redemoinhos*, para adiante dar a locução “*redemoinho* de cabelos”. *Rodomoimho*, parece que Machado o formou de *redomoinho*, por assimilação regressiva do *e*, ou – o que é mais provável – por analogia com palavras em que entra *roda*: *rodopio*, *rodopelo*...



Os brasileirismos léxicos são quase os únicos existentes nos livros de Machado de Assis. Entre os que vou apontar é possível que figure mais de um arcaísmo, pois, diz João Ribeiro¹⁶, “Muitos dos nossos brasileirismos e muito da nossa gramática não passam de arcaísmos preservados na América.”

16  João Ribeiro, *op. cit.*, p. 32.

ALUÁ: *B. C.*, 58.

AMOLAÇÃO = *maçada*: *Q. B.*, 302. – Registrado por Fig. e Rodolfo Garcia¹⁷. Fig. dá como brasileiro de Minas, quando o termo é usado também no Norte, e talvez em todo o Brasil. O *Dicionário de Brasileirismos* de Garcia, que o consigna, só anota, conforme está no subtítulo, “peculiaridades pernambucas”.

APAULISTADO: *V. H.*, 83. – Fig. registra, citando o autor.

BABADO: “Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos *babados*...” (*V. H.*, 230).

BELCHIOR: *P. R.*, 91, 94, 98 (duas vezes).

BOA-VIDA: “Rejeitou tio Cosme; era um *boa-vida*” (*D. C.*, 57). – Não encontrei em nenhum dicionário.

BOCAIÚVA: *Poes.*, 208.

BODOQUE: *P. R.*, 92.

CAIPIRA: *P. R.*, 35.

CAIPORA: *Q. B.*, 26; *H. sem D.*, 27, 28 (duas vezes), 38.

CAIPORISMO: *R. de C. V.*, 5; *H. sem D.*, 35; *P. A.*, 196; *V. H.*, 48.

CALUNDU: *D. C.*, 142; *Q. B.*, 130, 142.

CAPANGA: *P. A.*, 36.

CAPOEIRA: “Foi uma malta de capoeiras” (*V. H.*, 104).

CLAVINOTEIRO: *P. R.*, 257; *A Sem.*, 9.

COCHILAR: *D. C.*, 55, 144; *R. de C. V.*, 66, 68; *P. R.*, 91; *V. H.*, 279; *Poes.*, 300; *E. e J.*, 103.

COCHILO: *A Sem.*, 21 (duas vezes).

EMBIRA: *Poes.*, 190.

EMPACAR: “Falei do cavalo que *empacara*” (*B. C.*, 124). Também à p. 139.

ENGENHO: “Senhora de *engenho*” (*Poes.*, 275).

ESTOURO: “Foi um *estouro* esta minha palavra” (*B. C.*, 44). – Em nenhum dicionário encontro o termo neste sentido, figurado.

17 ☞ Rodolfo Garcia, *Dicionário de Brasileirismos*, Rio, 1915.

FACEIRA (adj.): *V. H.*, 43.¹⁸

GIRA = *maluco*: *Q. B.*, 330. – Fig. dá, erradamente, como brasileiro do Norte. Não é somente do Norte.

GUASCA: *Q. B.*, 224.

IAIÁ: *H. sem D.*; 72. Um dos seus romances tem o nome de *Iaiá Garcia*.

IGARA: *Poes.*, 190.

JURURU: *B. C.*, 83.

MOLEIRÃO: (*P. R.*, 3). – Fig. dá como brasileiro. Será mesmo? O termo é formado do mesmo modo que *toleirão* e *asneirão*.

MUCAMA: *V. H.*, 232; *Poes.*, 267.

MUXOXO: *Q. B.*, 118.

NHANHÃ: *H. sem D.*, 202 (duas vezes).

NHONHÔ: *Q. B.*, 165.

PALEJAR: “Os morros *palejavam* de luar” (*D. C.*, 191). – Fig. registra o termo, proposto por Alencar, achando-o malformado.

PENCA: “Uma *penca* de lembranças” (*P. R.*, 118).

PETECA: *P. A.*, 8.

POCEMA: *Poes.*, 189.

QUITANDA: *B. C.*, 191.

QUITANDAR: *R. de C. V.*, 4.

QUITANDEIRA: *P. R.*, 34.

SINHÁ: *H. sem D.*, 40; *Poes.*, 26, 27; *V. H.*, 251.

SINHÔ: *H. sem D.*, 392.

18  “FACEIRA – (coquete) é um brasileiro que estranharam e censuraram mais tarde alguns críticos portugueses, P. Chagas e outros, pouco conhecedores da história da sua mesma língua. Faceira no século XVIII era sinônimo de casquilho, elegante, pelintra, petimetre; a palavra tornou-se obsoleta em Portugal mas conservou-se no Brasil ainda que só aplicada exclusivamente à elegância feminina.” (João Ribeiro, *op. cit.*, pp. 32-3.)

Nas *Americanas* (Poesias) aparecem numerosos nomes de plantas e animais do Brasil, e de objetos, costumes, etc., próprios dos índios: *anajê, anum, caititu, cauim, guanumbi, guará, guau, igaçaba, inúbia, Iramaia, jaguar, japu, jerema, juriti, muçurana, tangapema* (que quase sempre vem sob a forma *taçapema*)...

Os seus brasileirismos sintáticos estão na boca de personagens. Vejamos este exemplo: “É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje *deixei ele* na quitanda, enquanto eu *ia lá embaixo na cidade*, e ele deixou a quitanda para *ir na venda beber*” (*B. C.*, 191).¹⁹ E nas *Relíquias de Casa Velha*, 15: “*Me solte*, meu senhor moço!” Na mesma página: “– *Me solte!*” Mas a mulata escrava que assim fala é a mesma que diz na sua súplica: “Se Vossa Senhoria tem algum filho, *peço-lhe* por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, *vou servi-lo* pelo tempo que quiser.” O *peço-lhe* ainda passa; mas a mulata diria fatalmente: *vou lhe servir*.

Machado coloca muitas vezes os pronomes à brasileira, mas parece que não propositadamente, e sim por ignorância, nesse ponto, da boa praxe lusitana. Como se sabe, os melhores escritores brasileiros sempre colocaram mal os pronomes: a questão da topologia pronominal foi resolvida outro dia, pode-se dizer. Mas esse *outro dia* foi ainda na segunda metade do século XIX; Machado ainda estava moço... É de estranhar não tenha feito com maior cuidado a sua *reeducação pronominal*. Júlio Nogueira lamenta que “o terror pânico do pronome mal colocado” fizesse o brasileiro desviar-se do “caminho que ia seguindo naturalmente, guiado apenas pela língua viva do seu meio.”²⁰ Por tendências psicológicas, como tão bem mostrou João Ribeiro.²¹

19 ∞ *Apud* Sousa da Silveira, *Lições de Português*, 3.^a ed., Rio, 1937, p. 31. – Muitos dos trechos citados de Machado de Assis acham-se neste preciosíssimo livro; mas confesso que os colhi do original.

20 ∞ Júlio Nogueira, *op. cit.*, p. 302.

21 ∞ João Ribeiro, *op. cit.*, p. 10 e segs.

Machado foi um dos que se desviaram. Procurou *corrigir-se*, embora não chegasse a consegui-lo de todo. Apontaremos mais adiante os seus pronomes fora de forma.



Dos brasileirismos vamos aos estrangeirismos. Machado tinha-lhes horror. Era bem português, com umas tinturas de brasileiro, em coisas de linguagem. O único anglicismo, talvez, que emprega em sua obra, emprega-o desculpando-se, uma das vezes, e apadrinhando-se com Garrett. É *desapontamento*. Nas *Histórias da Meia-Noite*, 63, o vocábulo vem sem explicação; em *Quincas Borba*, porém, o purista não se pode conter: “A última hipótese trouxe à fisionomia do Palha um elemento novo, que não sei como diga. *Desapontamento*? Já o elegante Garrett não achava outro termo para tais sensações, e nem por ser inglês o desprezava. Vá *desapontamento*.” É o medo do peregrinismo, e a vaidadezinha de mostrar que está na boa companhia do “elegante Garrett”.

Fortuna, no sentido de dinheiro, bens materiais, que alguns puristas condenam, e Silva Túlio inclui na lista dos seus *Galicismos*²², lá está nos *Contos Fluminenses*, 46, 62, 80, 139. Mas são inumeráveis os exemplos de emprego do termo no sentido bem vernáculo de sorte, acaso, destino: D, C., 17; Q. B., 37, 45; *Outras Relíquias*, 24, e até em livros bem antigos, como *A Mão e a Luva*, 68, e *Ressurreição*, 14.

Também usou *em questão*, tão condenado pelo mesmo Silva Túlio e outros puristas; mas nas *Crônicas*, I, 43 – trabalho dos vinte anos – num período, por sinal, que constitui lastimável exceção na sua obra de estilista tão apurado: “O capitão *em questão* lá está nessa labutação”, e nos *Contos Fluminenses*, 9.

22  Silva Túlio, *Galicismos*, p. 7, in *Aprendeí a Língua Vernácula*, Lisboa.

Usou o *assassinato* (*Q. B.*, 80), que Figueiredo considera injustamente galicismo.

Aclimatar, *emoção*, *legenda* por *lenda*, falsos galicismos, empregou-os Machado.

Não sei se considerava francesismo o *de vez em quando*; mas a verdade é que talvez só em *Esau e Jacó*, p. 100 (e num diálogo, embora de ordinário os seus diálogos sejam muito corretos), aparece a expressão. O comum é o *de quando em quando*. Não usa, sequer, certas variantes, como *de quando a quando*, *quando em quando*, *quando a quando*, etc.

Usa *de resto* (*D. C.*, 89, e alhures) que Silva Túlio, Fr. Francisco de S. Luís e Figueiredo, entre outros, condenam, mas que Heráclito Graça²³ mostra ser usado por gente de boa reputação no mundo dos clássicos.

Sempre puríssimo no emprego das preposições, não usando nunca expressões como *ter amor por alguma coisa*, deixou, contudo, escapar *veneração por* no seguinte passo: “O que é a *veneração* da posteridade *pelos artistas* de teatro?” (*N. Rel.*, 68). Mas a frase pertence a um trabalho escrito em 1863, aos 24 anos, portanto.

Evitou quanto pôde o galicismo, como se vê. Se um ou outro lhe escapou, considere-se que o mesmo aconteceu aos puristas mais intransigentes.

Usa sempre *sobrescrito* ou *sobrecarta*, por *envelope*, como em *Relíquias de Casa Velha*, 6, e *Várias Hist.*, 10. Sempre *demais* pelo detestável *además*: *D. C.*, 45, 90, 113; *E. e J.*, 11; *Q. B.*, 89; *R. de C. V.*, 12 e 29... No *Q. B.* encontro *ao demás*: 330.

“– Tenho umas compras *que fazer*”, diz José Dias, em *D. Casmurro*, 70. Fala-se comumente um português de primeira nos seus livros. O major Siqueira, no *Q. B.*, diz para o Rubião: “– Sabe que *tenho* uma grande notícia *que* lhe dar?” E assim sempre, nunca o *a* tomando, em casos tais, o lugar do *que*.

23 ∞ Heráclito Graça, *Fatos da Linguagem*, Rio, 1904, pp. 183-6.

Empregou o *entre si* = *consigo mesmo*, com os seus botões. Já vem no *A Mão e a Luva*, 31: “Estêvão, que a maior parte do tempo ficara a ouvi-la, observava *entre si* que as maneiras da moça não lhe eram desnaturais”. Nas *Poesias*, 240: “Dizia acaso/*Entre si* mesma uma oração...”

Gostava muito de, à maneira clássica, pôr o verbo no modo indicativo nas frases onde aparecem conjunções concessivas, ou advérbios de dúvida antepostos ao verbo: “... *posto que...* era demasiado comprido...” (*D. C.*, 107); “... *posto que* a farda de aspirante foi a primeira coisa...” (*Q. B.*, 73); “... e *ainda que* a composição era extensa...” (*Crítica*, 30); “*Talvez* esta circunstância lhe *diminua* um pouco da graça virginal” (*B. C.*, 97); “*Talvez* abuso um pouco das reminiscências escolares...” (*D. C.*, 105); “*Talvez* alguma lhe *pareceu* “boa figura e bonita de corpo” (*Q. B.*, 171)...

Usou sempre corretamente o infinito. Seguindo boa lição, costumava deixar no singular o verbo estando o sujeito no plural, sempre que concorriam dois ou mais verbos, o último dos quais, na forma infinitiva, com sujeito diferente: “viu *passar muitas coisas*” (*Q. B.*, 274); “deixava *cair as pálpebras*” (*B. C.*, 183); “A mãe via *partir* sem pranto os *filhos*” (*Poes.*, 18); “As estrelas, quando *viam subir*, através da noite, *muitos vaga-lumes* côr de leite...” (*H. sem D.*, 213); “O povo queria ver *entrar as grandes senhoras*” (*Q. B.*, 9); “Até fazer *calar as suspeitas*” (*R. de C. V.*, 71); “Também eu, sonhador, que *vi correr meus dias*...” (*Poes.*, 91)... Até com o verbo na forma infinitiva posposto ao sujeito – do que, aliás, Carlos Góis²⁴ dá bons exemplos: “*Vi as tribos fugir, ceder* a custo” (*Poes.*, 250).

Raimundo, um criado de Rubião, diz, à p. 348 do *Q. B.*, referindo-se ao cachorro: “Eu tranquei ele no quarto, para não fugir. Já não chora.” Até esse criado, que faz do *ele* objeto direto, não emprega o *mais* em lugar do *já*, não diz “não chora mais”, como é tão nosso. Por aí se vê quanto é lusitana a sintaxe de Machado. Não encontrei nunca, nos livros seus que li, senão o *já*, em casos assim: “... e um homem de

24  Carlos Góis, *Sintaxe de Concordância*, Rio.

quarenta e quatro ou quarenta e seis (anos), que *já não tinha* que roer”. (*Q. B.*, 44); exemplos semelhantes: *Id.*, 86, 89; *D. C.*, 14, 24, 32, 94; *Esauí e Jacó*, II; *R. de C. V.*, 9...

“Um silêncio de morte entrou no seio *às selvas*” (*Poes.*, 41); “mas eu não hei de trocar as datas *à* minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas” (*D. C.*, 7); “tomava o pulso *à* doente” (*Id.*, 38); “Tinham esquecido de fechar os olhos *ao* cadáver” (*V. H.*, 204) ... Usa e abusa do dativo pelo genitivo.

Dispensava a preposição *a*, em expressões como *rua a fora*: “... seguir a vizinha *corredor fora*”, lê-se à p. 120 de *D. Casmurro*. No mesmo livro, 39: “Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, *pela boca fora*.” Semelhantemente em: *Q. B.*, 42, e 289 (“pelo corredor dentro”); *V. H.*, 8...

Começar de encontramos várias vezes em seus livros. Para só dar quatro exemplos, v. *Esauí e Jacó*, 10; *Pág. Rec.*, 146; *Rel. de Casa Velha*, 9; *Hist. sem Data*, 223.

Até José Dias (aliás o agregado tinha as suas letras) usa corretamente o verbo *avisar*: “— Já, já, não, mas eu hei de *avisar você* para tossir” (*D. Casm.*). Entretanto, no *Q. B.*, 270, Machado escreveu: “*Avisou a um barbeiro e cabeleireiro que o mandasse barbear.*” A preposição passa, admite-se aí um caso de objeto direto esporadicamente preposicional; mas esse *avisar que mandasse barbear* não soa muito bem...

Quase nunca, ou nunca, emprega o verbo *pegar* como transitivo direto: é sempre *pegar em*, ou *pegar de*. Numerosíssimos os exemplos em todos os seus livros.

Costuma reger da preposição *de* os verbos *sacar*, *puxar*, e até *travar*, o que é muito estranho. O *travar de* vem, por exemplo, nas *Poesias*, 105: “*Trava da lira* e invoca o deus inspirador.”; em *Brás Cubas*, 103: “*Travou de conversa comigo*” (aqui o emprego é mais estranho ainda); *Id.*, 211...

Muitos casos de emprego de verbos intransitivos com a forma transitiva, e vice-versa, serão estudados na parte relativa ao estilo.

Gostava muito de usar *de* em lugar de *por*, à maneira clássica: “tocado do vento”, “levado *de* um ímpeto irresistível”, “castigados *do* céu por seus pecados”, “não lhe quero mal *do* furto nem *dos* nomes” – isto se lê, respectivamente, em *D. C.*, 117; *Q. B.*, 124; *Poes.*, 274, e *Mem. de Aires*, 167.

Empregou, indiferentemente, regido ou não da preposição *a*, o verbo *chamar*, no sentido de apelidar, porque sabia serem corretas ambas as sintaxes.

“Eu nada achei extraordinário” (*D. Casm.*, 96); “descontemos o que há nele ruim” (*V. H.*, 28): em casos semelhantes dispensava, ordinariamente, a preposição *de*.

Contrariando alguns puristas mais realistas que o rei, omitia muitas vezes o *de* na regência de certos verbos ou locuções verbais, como, entre numerosíssimos outros, nestes exemplos colhidos nas *Hist. da Meia-Noite*: “Lembrou-se, porém, *que* Santa Luzia...” (p. 15); “Lembrou-se *que* o seu procedimento...” (p. 12). “Admirava-se *que* muitas destas fossem as mesmas: – lê-se à p. 392 de *D. Casmurro*.²⁵

Sempre usava o infinito preposicionado pelo gerúndio, mesmo nos diálogos. É certo que D. Glória diz, à p. 8 do *D. Casmurro*: “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos *brincando*, e nunca vi nada que faça desconfiar.” Mas o comum, em casos assim, é *a brincar*...

O gerúndio posposto ao sujeito, que usa – caso raro – em *Quincas Borba*, 296 – “porque *a chuva continuando* a cair, o céu e o mar estavam ainda unidos pela mesma cerração – empregaram-no escritores modelares pela correção.

“... *a velha nem Rubião* entenderam o grito” (*Q. B.*, 264). Não são muito raros os casos em que, como neste, não repete a disjuntiva *nem*.

Empregou o particípio passivo do futuro, como lhe chama Leoni²⁶ – do qual há poucos exemplos de uso corrente, segundo obser-

25  V. Sotero dos Reis, *Postilas de Gramática Geral*, 2.^a ed., Maranhão, 1868, pp. 110-II.

26  Leoni, *Gênio da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1858, vol. I, p. 248.

va Sousa da Silveira, – no seguinte passo, citado por este autor: “... guarda alvas capelas/De não-murchandas e cheirosas flores” (*Poes.*, 198).

Gostava das formas verbais depoentes, formas passivas, mas de significação ativa: “Depois de ajoelhados, rezados, persignados, e levantados...” (*H. sem D.*, 15); “ia para lá às 6 da madrugada, jantado e digerido” (*Id.*, 73); “Almoçado, descia a passo lento...” (*Iaiá Garcia*, 4).

Apesar de ter colocado muitas vezes mal os pronomes, na maioria dos casos é certo que os colocou muito bem – sempre à lusitana... Até em diálogos encontramos o pronome do caso oblíquo anteposto à negativa, como em *D. Casmurro*, 35, 79, 84, 140, 279. Raramente fazia o pronome do caso reto atrair a variação, como é da índole da língua cá pelo Brasil. Nunca usa a variação em começo de frase. Quando é facultativa a próclise ou a ênclise, tem sempre a arte de usar a que, pela harmonia, melhor convém ao período, se alguma convém melhor. Nunca emprega a sínquise, salvo, uma vez que outra, na poesia: “Sabes *se te eu* amei...” (*Poes.*, 47) (aqui por necessidade de métrica); “Vendo que o pássaro entendia/As perguntas *que lhe eu* fazia...” (*Id.*, 302); e neste passo, em que quase produz ambigüidade a colocação do *as* pleonástico: “Pulseiras de finas contas/*Todas as* veio a romper” (210). Nunca usa os gostosos brasileirismos de colocação de pronomes, como *Elle* está *se* fazendo *de besta*, *Eu não* quero *me* alongar... – em que João Ribeiro enxerga um delicado matiz da nossa fala que o português da Europa não possui. “Camilo *ia-se* dispondo a sair.” (*H. da M.-N.*, 16). Ou o hífen ligando o pronome ao verbo auxiliar, ou aquele anteposto a este.

Usa o *a miúdo*, que Fig. condena e Heráclito Graça defende, com carradas de razão. O seu purismo não o levou a evitar o *se* como índice ou símbolo de indeterminação do sujeito em trechos como este, nas *Rel. de Casa Velha*, 39: “Matava-se, gritava-se, vencia-se; em pouco ficamos senhores do campo.” E andou muito acertado.

Como Camões (“Agora, *tu*, Calíope, me *ensina*”), antepôs o pronome ao verbo em orações no modo imperativo: “*Tu, escolhe a outra*” (*R. de C. V.*, 63).

Não desdenhava o *outro* por *diferente*: tão *outro* se mostrava do que fora até então...” (*Res.*, 188).

Nada comum o emprego do *mais* no seguinte passo: “... nem por isso deixaria de ir *mais* à janela” (*D. C.*, 223).

Estranho, também, o uso de *perguntar* (lembra o *demandar* francês essa confusão) no trecho que se segue, de *D. C.*, 186: “Estive quase a *perguntar* a José Dias *que me explicasse* a alegria de Capitu...”

Seguindo a melhor tradição clássica, usa sempre a flexão do plural para os nomes próprios, como no *Quincas Borba*, 83: “*Os dois Quincas Borbas.*”

É mais inclinado a deixar no singular que a levar ao plural o verbo nas orações em que a este se pospõe o sujeito composto com o primeiro elemento, pelo menos, no singular. Em *D. Casmurro*, 190, encontra-se: “Relendo o capítulo passado, *acode-me uma idéia e um escrípulo.*” Semelhantemente em: *Q. B.*, 195; *Novas Relíquias*, 31; *R. de C. V.*, 25; *Cr.*, I, 30. — Mário Barreto defende esta sintaxe, e chega a afirmar: “... quando o verbo precede vários sujeitos, concorda de ordinário com o primeiro.”²⁷ Carlos Góis acha-a mais de acordo com a índole da nossa língua.²⁸

Também costuma fazer o adjetivo concordar com o substantivo mais próximo, quando na frase ocorre mais de um: “Galga o *espaço e o tempo perdido*” (*Q. B.*, 42).

Pratica largamente a concordância por atração. Vejamos: “Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por *toda* a solidariedade humana” (*H. sem D.*, 9); “Ele ficou a olhar para ela, e ela para ele, tão *fixos* e tão *profundos*...” (*Q. B.*, 348-9); “*meia caída* para trás”

27  Mário Barreto, *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.º milh., Rio, 1913, p. 333.

28  Carlos Góis, *op. cit.*

(*Id.*, 299); “a cabeça do Rubião *meia inclinada*” (*Id.*, 67); “casou *meia defunta*” (*V. H.*, 97); “Eu não, que já sou *meia moça*” (*D. C.*, 112). – Apesar do que diz Silva Túlio²⁹, querendo estabelecer distinção entre *casa meia feita* e *meio feita*, Machado, como os clássicos em geral, não cuidou dessa distinção. Fez a concordância por atração, pura anomalia sintática, como reconhece Sousa da Silveira.³⁰ E contra Silva Túlio estão, além do autor das *Lições de Português*, Heráclito Graça³¹, Mário Barreto³², Epifânio Dias³³ e muitos mais.

Exemplos de silepse encontramos vários em sua obra – quase sempre silepse de pessoa: “Quando *andávamos os três*” (*Q. B.*, 3); “Dizem que os *cariocas* somos pouco dados aos jardins públicos” (*Crít.*, 140) ...

Nunca emprega *dentro em*, *parece serem*; sempre *parecem ser*, *dentro de*.

Nas orações interrogativas usa, indiferentemente, *que* ou *o que*, este, porém, com menor freqüência. – Figueiredo levou a vida a combater o *o que* interrogativo, que Heráclito Graça³⁴ e Said Ali³⁵ defendem valentemente.

Todo, no sentido de *cada*, ou *qualquer*, usa-o ora acompanhado de artigo, ora não. *Tudo* também aparece com o pronome *o* ou sem ele.

São constantes, em seus escritos, os casos de cruzamento ou contaminação sintática, fenômeno a que alguns gramáticos chamam de quiasma. “*Lembra-me de o ver erguer-se*” – está na p. 140 de *Brás Cubas*. (O cruzamento de dois tipos sintáticos – *lembro-me de ver* e *lembra-me ver* – produziu um terceiro, que participa dos dois outros.) Assim: “*Costumavam de nascer*” (*Poes.*, 209) – de *costumavam nascer* e *tinham o costume de*

29 ∞ Silva Túlio, *Estudinbos*, p. 19, in *Aprendei a língua vernácula*, já citado.

30 ∞ Sousa da Silveira, *op. cit.*, p. 129.

31 ∞ Heráclito Graça, *op. cit.*, pp. 346-50.

32 ∞ Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Port.*, 2.^a ed., Rio, 1921, p. 262 e segs.

33 ∞ Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, 1933, p. 65.

34 ∞ Heráclito Graça, *op. cit.*, pp. 367-83.

35 ∞ Said Ali, *Dificuldades da Língua Port.*, 2.^a ed., Rio, 1919, pp. 16-28.

nascer; “Os que a vêem naquela mágoa/Nem ousam de a consolar” (*Id.*, 213), etc.

Usa *quanto* seguido de *que* depois de *tanto mais*. Mário Barreto³⁶, que não acha rigorosamente correta a construção, procura explicá-la por dois motivos, um dos quais é a influência da locução *tanto mais que*. Aos exemplos citados pelo filólogo aduzirei dois outros, colhidos em *Novas Relíquias*, pp. 39 e 62: “*Tanto mais* insuspeito *quanto que* é um dos crentes” e “O desfecho é *tanto mais* precipitado *quanto que* a ação só começa no terceiro ato.” – Do cruzamento de *tanto mais quanto* e *tanto mais que* resultou, pois, o tipo sintático empregado por Machado de Assis.

O quiasma é um efeito da analogia. Esta leva o escritor, não raro, a criar palavras e expressões. Veja-se este caso: “Deixava-se ir ao curso e *recurso* dos sucessos e dos dias” (*B. C.*, 137) – em que a influência de *fluxo* e *refluxo* parece ter originado a locução *curso* e *recurso*, cuja última palavra não encontrei em nenhum dicionário em tal acepção. Também: “A meia rua” (*Q. B.*, 355), de *a meio caminho*; “ao perto” (*Poes.*, 191), de *ao longe*... – Não me lembra haver visto em outro autor estas expressões.

Entre os seus lusitanismos – já aponte os de colocação de pronomes – figura o *a modo que* (*D. C.*, 56), “Já lá vão dias” (*M. de A.*, 235), e o que se acha nesta passagem, à p. 357 do *Quincas Borba*: “Foi a comadre de Rubião que o agasalhou, *e mais ao cachorro*” (Só faltou escrever – *e mailo cachorro*...). O *a modo que*, desusado na nossa linguagem culta, é, contudo, de emprego comum entre a gente ignorante – pelo menos a do Nordeste –, corrompido em *mode que*.

Nos casos de sincretismo vocabular, apegam-se, às vezes, a uma das formas, e quase não se utiliza de outra. Escreve sempre *pintoresco*, e parece-me que nunca *pinturesco* ou *pitoresco*.

Tem uma simpatia mórbida por certas expressões, que o faz esquecer outras, sinônimas, e empobrece-lhe um pouco o vocabulário. Isto

36  Mário Barreto, *Novíssimos Estudos*, pp. 150-2.

se dá, por exemplo, com o *posto que*: muito raramente o *ainda que*; mais raro o *embora* e o *apesar de*. Vê-se por aí, mais uma vez, a sua preferência pelas formas ao gosto clássico.

O mesmo em relação à frase *ao pé de*: contam-se pelos dedos – poder-se-á dizer com algum exagero – os casos de *junto*, *perto de*. Atentei bem nesse fato.

No capítulo relativo ao estilo será isso estudado mais detidamente.

Personagem aparece ora no masculino, ora no feminino. Masculino: *Q. B.*, 204; *B. C.*, 225; *V. H.*, 101; *P. A.*, 19; *C. F.*, 143; *A Semana*, 26. Feminino: *A Mão e a Luva*, 118; *N. R.*, 67.

É ordinariamente correto no empregar a crase. Não a usa nas expressões *a distância* (sem complemento) e *a casa* (quando se trata da casa do indivíduo que é sujeito da oração). São muitíssimos os exemplos. A erro de revisão atribuo a crase que aparece algumas vezes na última locução, como em *Helena*, 49: *H. sem D.*, 136; *Q. B.*, 10; *R. de C. V.*, 51.

Muito pessoal a sua pontuação. Abusa do ponto-e-vírgula, que não raro substitui os dois-pontos, como neste trecho: “Tenho uma pena; é ser obrigado a viver separado de minha mãe” (*R. de C. V.*, 65). Comumente usa, também, a vírgula por dois pontos; os exemplos contam-se às centenas.

Nada obstante a sua preocupação de escrever correto – preocupação que veio a fazer dele um dos clássicos da língua portuguesa – era natural cometesse numerosos deslizes, que pouco avultam, entretanto, na extensa obra do escritor.

Até nos seus livros mais recentes se encontram pronomes mal colocados. Em *Q. B.*, 231: “Nota *que tratava-se* justamente de um crédito...” É num diálogo, mas de um homem culto. E Machado, como já fiz ver, era sempre correto nos diálogos. Há na mesma obra, p. 277: “Sucedeu *que as caras encontraram-se* no ar”; em *D. Casmurro*, 218-219: “Até *que tio Cosme ergueu-se*”; em *Esau e Jacó*, 23: “Tanto *que a pessoa pediu-lhes* que falasse cada um por sua vez”; em *H. sem D.*, 165: “Sonhei *que o Diabo*

lia-me o Evangelho”; em *H. sem D.*, 207: “Não havia dúvida que o marido *demorava-se* fora”...

“Não se livrou dos solecismos. Vejam esta concordância, fruto de um descuido, por certo, descuido muito freqüente entre os escritores menos avisados, que confundem o sujeito com o seu complemento: “A vista das graças da esposa novamente o *comoveram*” (*R. de C. V.*, 27). Note-se que é em um dos seus últimos livros.

Em *Ressurreição*, 97 – obra antiga – encontra-se uma regência defeituosa: “Sentia *morder-lhe* um piedoso remorso.” Em *H. da M.-N.*, 55: Muitas festas *têm havido*...”

Empregou *onde* por *aonde*, e vice-versa. Já Silva Túlio³⁷ dizia que “*onde* e *aonde* são vocábulos diversos”, criticando a confusão feita por alguns clássicos. Naturalmente a leitura assídua destes levou Machado à prática incorreta. Desculpar-se-ia, decerto: errava com os mestres... A verdade é que lemos nas *Poesias*: “*Onde* vás (*sic*) tu?” (I60); “Mas *aonde* te vás (*sic*) agora,/ *Onde* vás, esposo meu” (207); “Morrem dele nas florestas/ *Aonde* habita o jaguar” (205); “Quem assim se morre de amores/ *Aonde* habita o jaguar” (213). No segundo exemplo citado, emprega, num verso, corretamente, *aonde*, e logo no outro, *onde*. Fê-lo propositadamente, está claro. E em *Teatro* se lê, à p. I66: “*Onde* vão?”.

Fez, contra a boa praxe lingüística, a preposição reger frase algumas vezes. Lê-se em *A Mão e a Luva*, 31: “São horas *da baronesa dar* o seu passeio pela chácara.” Mas não só neste livro: à p. 210 de *Poesias*: “Os que outrora a desejavam/ *Antes dela* mal *haver*.” E *passim*.

Empregou freqüentemente *há* por *havia*: “A imagem de Capitu ia comigo, e a minha imaginação, assim como *lhe* atribuíra lágrimas, *há* pouco, assim *lhe* encheu a boca de risos agora” (*D. C.*, 89); “Certo que ele suspirava *há* muito” (*Q. B.*, I02); “Que diabo de teima por causa de um chapéu que o marido usara *há* tantos anos?” (*H. sem D.*, 89).

37  Silva Túlio, *Estudinhos*, p. 38.

“Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, à rua da Alfândega, sob a firma Palha e Comp.^a”; “... simples aluna-professora no colégio de uma tia do nosso estudante, à rua dos Inválidos.” – É condenado por muitos o emprego da preposição *a* para reger os verbos *morar*, *residir*, *situar* (que se subentende nos casos apontados), etc.

Encontro pluralizado o *haver* impessoal, em *Contos Fluminenses*, 62: “... que morrera *haviam* dez anos.” Será caso único, talvez.

Não acho jeito nesse *entre... até* que se lê na p. 211 do *Q. B.*: “Há um abismo *entre* a primeira frase de que Rubião era co-autor *até* a autoria de todas as obras lidas por ele.”

Não sei como justificar-se o infinito pessoal neste passo, p. 58, do *M. de A.*: “São capazes de me *roubarem* a sobrinha, e ela de se deixar roubar por eles.”

Nos seus diálogos, é freqüente a falta de uniformidade no tratamento: “... *Vocês* vão ser amigos. *Sua* mãe padecerá no outro mundo... Peço pouco: a *vossa* vida custou-me muito... *Anda*, Pedro, *anda*. Paulo, *jurem* que serão amigos.” (O *anda* tem uma explicação especial; mas este artigo já vai muito longo.)

Empregou *diz*, no imperativo, por *dize*, como neste passo do *Q. B.*, um diálogo, mas pouco importa: “Escolhe, e *diz* no nosso primeiro encontro” (p. 228).

Usou as formas oblíquas *si*, *consigo*, referindo-se à segunda pessoa. Em carta a José Veríssimo (*Correspondência de Machado de Assis*, coligida e anotada por Fernando Néri): “Abraços a todos, e *para si* também.” Noutra, a Mário de Alencar: “Abraços para as crianças e *para si*.” (*Id.*, *ibid.*, 185). Em outra, ainda, ao mesmo, na página seguinte, vem o *para si*. Do *consigo* temos, entre outros exemplos, este, colhido em *Crítica*, 48: “V. Ex^a... já os apreciou *consigo*.”

Mau-estar, em vez de *mal-estar*, aparece em *Brás Cubas*, 231. No vol. I das *Crônicas*, 10, *enzinhavrado* por *azinhavrado* (confusão do *a* inicial da

forma correta com um prefixo). São numerosas as suas cacografias: não espanta, pois nenhum clássico, talvez, deixou de as cometer, e sabe-se que Camilo – para não citar mais que um exemplo – escrevia *alfange*, *ilucidar*, e outras muitas belezas assim. Já que estamos com a mão na massa, fiquem aqui registrados alguns dos erros de grafia do velho mestre, espalhados por toda a sua obra: *exforço*, *expetáculo*, *explêndido*, *expontâneo*, *impertigar-se*, *vás* (seg. pess. sing. pres. ind.), em lugar de *vais*.



A nota lusitana tem uma grande predominância na linguagem de Machado de Assis. Sempre correta, deixando transparecer, a cada momento, profunda influência dos clássicos, os brasileirismos, relativamente mui raros, que nela se nos deparam, quase não lhe diminuem o caráter nitidamente português, antes o fazem ressaltar, por contraste. De ordinário bastante simples, no seu reduzido vocabulário – de que soube tirar tanto efeito, como veremos no outro capítulo – e na sua sintaxe pouco retorcida, a essa linguagem falta, contudo, um cheiro vivo e um vivo sabor do nosso meio. Cheira um tanto a arquivo, e tem mais um gosto de sal ático...

Poderia ter sido muito mais brasileira, mesmo sem sacrifício da correção. Bastava que Machado houvesse cedido menos à tentação de mostrar a sua intimidade com os puristas de além-mar. E que tivesse o espírito mais sensível à influência da terra, da natureza, do meio cósmico, e, em parte, do social.

Tudo isto, porém, iria de encontro a alguma coisa de fundamental em seu temperamento: o orgulho de escrever à portuguesa não abandonaria o moleque do morro do Livramento, o enteado ingrato da preta Maria Inês; não poderiam estar muito abertos ao influxo do ambiente físico, nem mesmo do social, os poros do espírito de uma criatura que tanto desprezou o homem e odiou a natureza.

II – Estilo

A ninguém melhor do que a Machado de Assis se ajustará a conhecida sentença de Buffon a respeito do estilo. Sentença que Remy de Gourmont modifica na forma sem alterar na essência, pois é depois de afirmar – “Le signe de l’homme dans l’œuvre intellectuelle, c’est la pensée. La pensée est l’homme même” – que conclui: “Le style est la pensée mesme.”³⁸ Por uma fácil dedução silogística chega-se à evidência de que há perfeita identidade entre este último conceito e o citadíssimo “o estilo é o homem”, de Buffon.

Não sei de escritor em quem o estilo seja mais vivo reflexo da personalidade do que nesse estranho, nesse raro criador do *D. Casmurro*, sobre o qual se tem dito, nos últimos tempos, tanta verdade e tantíssimas heresias. Procurando auscultá-lo através de sua obra, sentiremos, a cada passo, o tímido, o indeciso, o hesitante, o descrente, o sem arrebatamentos que ele foi, o seu receio de afirmar, a sua dúvida, a sua inquietação, o seu desencanto dos homens e das coisas. Os livros constituem-lhe o retrato em tamanho natural, o retrato perfeito – mais do que a simples fotografia –, o retrato que, como escritor, ele, inconscientemente talvez, levou a vida a compor e retocar, até oferecê-lo nítido e impecável no *Memorial de Aires*, e que, no entanto, como homem, obstinadamente se recusou a fornecer à curiosidade mesmo dos mais íntimos. São dele estas palavras, à página 190 do *Memorial*: “Como esses, referiu Aguiar outros hábitos caseiros da consorte, que ouvi com agrado. Não seriam grandemente interessantes, mas eu tenho a alma feita em maneira que dou apreço ao mínimo, uma vez que seja sincero. Não diria isto a ninguém cara a cara, mas a ti, papel, a ti que me recebes com paciência, e alguma vez com satisfação, a ti, amigo velho, a ti digo e direi, ainda que me custe, e não me custa nada.” O Conselheiro Aires é admirável intérprete de Machado de Assis...

38 ∞ Remy de Gourmont, *Le Problème du Style*, Paris, 1907, p. 154.

Além do retrato psicológico, a sua obra nos apresenta, por assim dizer, retratos autobiográficos, de várias fases, uns superpondo-se aos outros, até o definitivo, o da última etapa, que, com ser o mais fiel, e aquele cuja similitude com o original é mais facilmente comprovável, não impede – tal como se dá com relação aos palimpsestos – que à custa de esforço se distingam, esbatidos embora, os retratos anteriores.

Admira, por tudo isso, que só muito recentemente se tenha começado a conhecer de maneira segura o homem, e principalmente a vida, quando Machado de Assis uma e outro fixou nas páginas de seus livros. É que foi necessária a ação do tempo para fazer-se a história dessa existência e completar a análise dessa alma. Agora, que Machado principia a distanciar-se de nós, é que tal história se vai fazendo, com precisão sempre crescente, e vai-se aperfeiçoando tal análise. À visão das gerações de hoje revelam-se fatos, verdades, que escaparam, por motivos diversos, aos contemporâneos do mestre. Falou-se longamente de Machado de Assis como de um enigma; trataram-no, até há pouco, como um tímido desencantado, de psicologia impenetrável nos seus pormenores, e de origem obscura, indecifrável, não confessada de viva voz, nem pela palavra escrita. Ninguém queria ver na obra do esquisitão o seu grande confessionário; acreditava-se que muito pouco do autor estava nela. Quase tudo seria imaginação; aquele homem fechado e difícil não iria andar-se expondo assim... E, deixando de parte a vida, considerada quase um capítulo em branco, e evitando largas sondagens no campo incerto da alma, os estudiosos de Machado voltavam-se para o seu *humour*, e algumas vezes para o seu purismo.

D. Lúcia Miguel Pereira foi o primeiro olhar agudo que, graças a minucioso estudo da obra machadiana, conseguiu, de maneira tão nítida quanto possível, vislumbrar, sob retratos mais recentes, os mais antigos, até chegar ao primeiro, e, tomando esse ponto de partida, reconstituir, pacientemente, e com rara intuição, a misteriosa existência

de Joaquim Maria. E transmitiu-nos, também, curiosas revelações do seu retrato psicológico.

Depois veio o ensaio de Augusto Meyer, a interpretação mais profunda que ainda se fez do grande escritor. Também deve ser aqui citado o interessantíssimo estudo do Sr. Peregrino Júnior, que encarou Machado de Assis do ângulo da endocrinologia.

E Machado de Assis continua a oferecer campo vastíssimo para estudos e pesquisas. A sua singular individualidade desperta cada dia maior interesse da parte dos nossos ensaístas.

Se é certo, como diz Remy de Gourmont,³⁹ que “o estilo é um produto fisiológico, e um dos mais constantes”, teremos na doença de Machado, na sua organização mórbida – nem há novidade nesta conclusão – a explicação, principal, pelo menos, das qualidades personalíssimas que o situam num lugar à parte em nossas letras. Daí o não condenar eu, como tanto se tem feito por aqui, tachando-o de desumano e irreverente, o trabalho do Sr. Peregrino Júnior sobre a doença e constituição do escritor. Dando de barato que haja – e há – algum exagero na afirmação do grande prosador francês, nem por isso deixa ela de ter seu fundo de verdade. E tratando-se de um caso como o de Machado de Assis, nada mais interessante do que buscar no estudo acurado da moléstia a razão de muitas das suas virtudes e defeitos como homem de letras. “Não podemos hoje compreender uma obra ou um estilo, sem lhe sondarmos as raízes psicológicas no temperamento e na constituição mental.”⁴⁰

Frio, sereno, sem arrebatamentos, era ele um impassível diante dos assuntos. O estilo, impregnado de uma viva marca, inexcedivelmente viva, de sua personalidade, não se modificava ao influxo do tema. Para Machado, como que não existia a classificação de estilos

39  *Id., ibid.*, p. 19.

40  Almir de Andrade, “Livros”, in *Revista do Brasil*, n.º 2, agosto de 1938, p. 219.

feita pelos velhos retóricos – que todavia tanto deveria ler – em estilo simples, temperado e sublime, ao sabor dos assuntos. Nada disso. Escrevendo cartas, romances, ou discursos, era sempre aquele escritor simples e correto, “desnudo, gracioso, maravilhosamente límpido”⁴¹, de uma sobriedade quase frugal – quase, porque não excluía os tons mais quentes, as cores mais vivas, certas ousadias, algumas vezes. Estilo vegetariano, poder-se-ia dizer; mas de um vegetarianismo com leite e ovos.

Se não vibrava diante dos acontecimentos, se a vida não lhe oferecia aspectos dignos do seu entusiasmo, da sua paixão, era natural que o estilo se comportasse sempre com essa imperturbável serenidade. (As exceções serão raríssimas, e delas daremos exemplos no correr deste estudo.) Não podia haver excesso de claridade numa casa cujas portas não se abriam ao largo sol. Nela se sentiria por vezes o cheiro de mofo próprio das habitações fechadas se a luz do espírito machadiano não se lhe irradiasse por todas as dependências. Luz intensa, mas muito velada, que não dói na vista, como em obediência ao desejo polido do escritor de não incomodar a ninguém... Luz de um espírito em que há “uma letargia indefinível, a sonolência do homem trancado em si mesmo, incapaz de reagir contra o espetáculo da sua vontade paralisada, gozando até com lucidez a própria agonia”⁴².

Curioso o contraste, o vivo contraste, entre os estilos de Machado e Flaubert, ambos epiléticos: enquanto o primeiro é tão disciplinado, medido, exato, tendo sabido reagir contra os excessos do romantismo, ele que nasceu dentro do romantismo – do segundo afirma o Dr. Jean Fretet: “La même mesure manque à son style; agressivement errupée (*sic*) ou laborieusement poétique, sa phrase ne traduit jamais qu’un seul goût: celui de l’excès. (...) La manière dé-

41  Aníbal Machado, in “Machado de Assis”, *Diário de Notícias*, 25 de junho de 1939.

42  Augusto Meyer, *Machado de Assis*, Porto Alegre, 1935, p. 10.

chaînée, exagérée, gesticulante, qui est la manière romantique répond exactement à ses besoins.”⁴³

Por ser tão homogêneo, tão igual a si mesmo, tão invariavelmente Machado de Assis; por ser bem o oposto do “livre artista”, que, segundo o Sr. Tristão da Cunha, “não se limita a maneira nenhuma, nem mesmo sua”;⁴⁴ o oposto de Bossuet, que emprega o estilo “qui est réclamé par une intime nécessité dans chaque cas particulier”, que “a le style qu’il faut, où il faut e quand il faut”⁴⁵ – por isso é que Machado nos cansa. Podem ser muito amplos os recursos de um escritor: este terminará fatigando o mais encantado leitor, ao cabo de demorada leitura, se tais recursos estão a serviço de um estilo muito fortemente pessoal, imutável, sempre o mesmo ao longo de toda a obra.

Daí, pois, o cansaço que nos provoca Machado de Assis, como Euclides da Cunha. São temperamentos muito extremados, e cada um deles sempre monotonamente muito igual a si próprio – um extremado na ponderação, o outro no arrebatamento. O leitor sai de qualquer dos dois suspirando – se desejar ficar em letras brasileiras – por aquele admirável meio-tom, aquele delicioso clima temperado de um Joaquim Nabuco.

Esse estilo assim ponderado, policiado, friamente medido, posto que a um exame superficial pareça de uma pobreza franciscana, é, na realidade, talvez dos mais ricos do nosso idioma. De vocabulário reduzido Machado soube tirar estranhos efeitos. Não poderá, aliás, ser levado a sério quem confunda riqueza de estilo com riqueza vocabular. Nenhum estilo mais rico, no bom sentido, mais variado, mais numeroso, do que o de Eça de Queirós, em língua portuguesa. E poucos

43 ☞ Dr. Jean Fretet, “Flaubert: l’épilepsie et le style”, in *Europe*, n.º 196, 15 de abril de 1939, p. 466.

44 ☞ Tristão da Cunha, “O Ouro das Horas”, in *Revista do Brasil*, n.º cit., p. 127.

45 ☞ Gabriel Brunet, *apud* Tristão da Cunha, art. cit., p. 126.

com vocabulário tão modesto. Fialho de Almeida, em estudo infeliz acerca do notável romancista, fala na “miséria profunda do vocabulário repisado”. Mas, ainda que fosse tanto assim, que inexcedíveis recursos de expressão soube Eça encontrar, dentro de tal “miséria”! A Camilo chamava ele, ironicamente, “o homem que em Portugal conhece mais palavras do dicionário”.

Há uma falsa riqueza de estilo, riqueza só de encher a vista, riqueza de jóia da *Sloper*, que não resiste ao tempo. Não é precisamente riqueza: é brilho apenas, efêmero, verniz superficial, que mal encobre a triste indigência das idéias. Não se pode falar de estilo rico onde não haja profundidade ou originalidade de pensamento. Já se tem largamente repetido que não há obra bem pensada e mal escrita, ou vice-versa. São realidades que se repelem. “Le style est la pensée même”... Não é simples adorno do pensamento: é a sua roupagem, a sua vestimenta, sem a qual ele não teria forma, e expressão.

Essa idéia do estilo como algo de acessório, espécie de pluma de chapéu, vistosa inutilidade – essa noção estreita prender-se-á, possivelmente, à permanência, em certos indivíduos, de resíduos de concepções comuns às civilizações primitivas, entre as quais, segundo observa Spencer, o supérfluo precede ao útil, os enfeites ao vestuário. Pensa-se, destarte, em colorir, em ornar o pensamento, antes de cuidar em dar-lhe forma, e realidade.

Um estilo, o de Machado, dos mais ricos da língua, dizia eu. Não é um estilo de ossos à mostra. Apesar de dever-se incluir o autor entre os magros, dentro da classificação feita por José Lins do Rego, em velho e excelente artigo de jornal, não lhe falta carne e músculo. Carece de gordura, isto sim – dessa gordura de que se pode garantir, como fazem os fabricantes a respeito de certas manteigas, a existência de 80% em tantos dos nossos escritores...

Essa aparente pobreza escondendo uma riqueza real reflete a “singular conjunção de contrastes” que Machado realizou na obra, como

na vida, segundo a feliz observação de Astrogildo Pereira.⁴⁶ Labieno já dizia que a sua frase era “às vezes notável pela força da expressão, não tanto pela imagem, como pela aliança insólita ou pelo contraste das palavras”.⁴⁷

Tímido, ele sabia decidir-se, em certos momentos, quase sempre nos mais oportunos. E essa decisão levou-o, no terreno da linguagem, à criação de vários neologismos e à ressurreição de arcaísmos não raro tão insolentes como os termos novos; e, no campo do estilo, fê-lo transitivar verbos intransitivos, e vice-versa, praticar largamente a enálage, no sentido amplo que alguns autores dão a esta figura, ou no restrito, de emprego de um modo ou tempo verbal por outro, usar, muitas vezes, com rara originalidade, substantivos, verbos e adjetivos, particularmente os últimos... – dando-lhe tudo isso aquela força de expressão que reconhece Labieno. Sem falar no emprego amplo que fez da metáfora – de ordinário com muito bom gosto, o que não é nada comum – e até no da hipérbole.

Como os namorados tímidos em relação às suas amadas, o autor de *Quincas Borba* hesitava, hesitava, até que se decidisse a tomar certas liberdades com as palavras; mas quando conseguia transpor a barreira da inibição, ia longe, como os namorados tímidos... E, curioso, às vezes pede desculpas ao leitor, da atitude ousada, troça das próprias hipérboles e metáforas; faz, nem sempre com muita sinceridade, um ato de contrição; mas vai andando: o que está escrito, está escrito... Reagia bravamente contra o lugar-comum, censurando-se, freqüentemente, quando, por não encontrar melhor expressão, empregava algum deles.



46  Astrogildo Pereira, “Machado de Assis, Romancista do Segundo Reinado”, in *Revista do Brasil*, n.º 12, junho de 1939, p. 3.

47  Labieno, *Vindiciae*, Rio, 1899, p. 34, *apud* Astrogildo Pereira, art. cit., p. 4.

Usou largamente o adjetivo e o verbo com função de substantivo, e o adjetivo com função adverbial. Em *D. Casmurro*, pp. 22 e 55, respectivamente, lê-se: “o *encardido* do tempo” e “pelo *apertado* dos olhos”. No mesmo livro, à p. 23: “o *acender* das luzes”; à p. 67: “o *trabalhar* para os seus”; à p. 69: “... e o *não interrogar*, *não pedir*, *não hesitar*...” Em *Poesias*, pp. 210 e 270: “um contínuo *morrer*”, e “o *sussurrar*”. Em *D. C.*, pp. 13, 52, 69, 82, 101, 246: “ria *largo*”, “jurava muito e *rijo*”, “Lia *cantado* e *compassado*”, “passou a falar *pausado*”, “Capitu ergueu-se, *rápida*”, “E *rápido* sai”; exemplos semelhantes em *Esau e Jacó*, 15; *Poesias*, 208; *Várias Histórias*, 4, 15...

De maior efeito é o emprego, em certos casos, do substantivo com função adjetiva: “As pernas, há pouco tão *andarilhas*...” (*D. C.*, 38); “X... recebeu-me com o seu grande riso *infante*” (*Relíquias de Casa Velha*, 72); “Não tinha as maneiras súditas, nem as curvas reverentes dos outros rapazes” (*Quincas Borba*, 134); “Quando apareciam as barbas e o par de bigodes longos, uma sobrecasaca bem justa, um peito largo, bengala de unicórnio, e um andar firme e *senhor*, dizia-se logo que era o Rubião, — um ricoço de Minas” (*Id.*, 254). *Infante* e *súdito* como adjetivos figuram em dicionários; mas o uso, de tão raro, chega a ser insólito. Mais insólito é o de *andarilho* e *senhor*, que os léxicos consignam somente como substantivos. Sobretudo o *senhor*. Que arte sutil a desse velho Machado de Assis! Sentia, decerto, que há qualquer coisa de feminino no *senhoril*, algo de gracioso e leve, até na própria contextura do vocábulo, que não se casaria bem à sólida imponência endinheirada do Rubião. “... um andar firme e *senhor*.” Que força! que sensação de completo domínio isto nos deixa!

Uma vez que estamos falando em adjetivos, façamos aqui uma observação. A sobriedade de Machado de Assis levava-o a grande economia de superlativos. O superlativo supõe o exagero, pouco simpático à sua índole. É bem conhecida a sátira a José Dias, que “amava os superlativos”. “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases.” “Um dever amaríssimo!” é mes-

mo o nome do capítulo em que Machado mete a ridículo o mau gosto do agregado. Pois dessa antipatia ao superlativo resultava, não raro, o emprego do mesmo – quando se fazia absolutamente necessário – precedido do adjetivo no grau normal. Dir-se-ia que era um modo seu de não chocar o leitor com a exibição fulminante do superlativo. Ate-nuava o efeito. Alguns exemplos: “Era *certo* e *certíssimo* que Carlos Maria não correspondera às primeiras esperanças” (*Q. B.*, 199); “Não esqueça dizer que, em 1888, uma questão *grave* e *gravíssima* os fez concordar também” (*Esau e Jacó*, 113); “podia ser algum negócio *grave* e *gravíssimo*” (*Várias Histórias*, 17); “... porque era verdade que estava *tonto* e *ton-tíssimo*” (*Outras Relíquias*, 47). Note-se que em nenhum dos exemplos deixa de figurar o conectivo *e*, o que é o seu tanto estranho.

Usa com muita sobriedade o superlativo isolado. Veja-se o que escreve no *Memorial de Aires*, 258-9, depois do *deleitosíssimo*: “... e ouvi mais que a velha e os moços passaram um dia *deleitosíssimo*. Não foi este o próprio vocábulo empregado por ela; já lá disse algures que D. Carmo não possui o estilo enfático.”

Observemos ainda, a propósito de adjetivos, a originalidade com que Machado sabia muita vez usá-los. Originalidade chocante em alguns casos. À p. 129 de *V. H.*: “Era alto e seco, fisionomia *dura* e *gelada*”; à p. 27 de *Papéis Avulsos*: “Edificou-se um romance, umas finezas *namoradas* que o alienista outrora dirigira à prima do Costa”; à p. 88 de *D. C.*: “Foi ele mesmo que me contou e explicou isto, cheio de uma glória *pia* e *risonha*”; à p. 190: “noite *moça*”; à p. 262 de *Memorial de Aires*: “Entrou a dizer de si mesmo, um dizer *calado*, *espraiado* e *fundido*”; à p. 29 de *Crônicas*, I: “uma conversa *árida* e *suada*”. O melhor, porém, é a sua adjetivação de atributos físicos – sobretudo os olhos: “boca *fina* e *interrogativa*” (*V. H.*, 6); “deixava-me agora com os braços *atados* e *medrosos*” (*D. C.*, 53); “as longas barbas grisalhas e *sérias*” (*P. R.*, 171); “feições *duras* e *frias*” (*Helena*, 7); “... e a voz ia saindo *meditada* e *colorida*” (*P. R.*, 175); “João Carneiro estava com a pupila *desvairada*” (*Id.*, 8); “pupilas

vagas e surdas” (*D. C.*, 52); “olhos teimosos” (*V. H.*, 7); “grandes olhos sonsos e agudos” (*Id.*, 15); “olhos cuidadosos” (*Id.*, 62); “olhos derramados” (*Id.*, 87); “olhos meigos e submissos” (*Id.*, 108); “lindos olhos redondos e enamorados” (*Id.*, 194); “Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos” (*Id.*, 222); “os meus olhos longos, constantes” (*D. C.*, 97); “Os olhos de Capitu, quando recebeu o mimo, não se descrevem; não eram *obliquos*, nem de ressaca, eram *direitos*, claros, *lúcidos*.” (*Id.*, 151); “olhos dorminhocos” (*Id.*, 17); “olhos perscrutadores e sagazes” (*Helena*, 7); “Uns olhos tão *lúcidos*...” (*B. C.*, 105); “Os olhos, que eram *travessos*, fizeram-se *murchos*” (*Id.*, 124); “olhos *pedintes*” (*Outras Relíquias*, 21); “olhos *amotinados*” – que maravilha! – (*Q. B.*, 157); “E ficou a rir e a olhar, com *longos* olhos *ávidos* e *felizes*” (*P. R.*, 106); “olhos *senhoris*” (*Poesias*, 31); “olhos *tímidos*” (*E. e J.*, 315); “os dois seguiam com os olhos *espraiados* e a cabeça alta” (*Id.*, 180).

Outras vezes faz um desconcertante casamento de adjetivos, como se vê na p. II de *Outras Relíquias*: “Eram *robustas* e *descaradas*.”

A mesma originalidade se lhe nota quanto ao emprego de certos verbos. Abra-se o *D. C.*, à p. 34: “Uma cigarra que *ensaiava* o estio.” Nas *Histórias sem Data*, 186: “Vivia miseravelmente, *costeando* a fome.” À p. II8 do *B. C.*: “Era agora pouco *buscada* a loja.” Em *O. R.*, 12: “*desamparou* tudo, casa e marido”. Em *D. C.*, 184: “E porque a palavra me estivesse a *pigarrear* na garganta...”

Notemos agora o efeito que dá ao seu estilo o hábito de transitar certos verbos intransitivos: “A verdade não saiu, ficou em casa, no coração de Capitu, *cochilando* o seu *arrependimento*.” (*D. C.*, 144); “... olhando à toa, lendo gazetas ou *cochilando* a *vigília* de uma noite sem cama” (*E. e J.*, 189); “o cão trepava-lhe às pernas para *dormir* a fome” (*Q. B.*, 356); “A filha estava ainda qual a deixamos no capítulo XLIII, com a diferença que os quarenta anos vieram. Quarentona, solteirona. *Gemeu-os* consigo, logo de manhã...” (*Id.*, 150); “A Sandice ainda *gemeu* algumas *súplicas*, *grunhiu* algumas *zangas*” (*B. C.*, 28); “... um pajem que nos deixava *gazear* a

escola” (*Id.*, 47); “... desde o magnífico leito de Cleópatra até o recanto da praia em que o mendigo *tirita o seu sono*.” (*Id.*, 108); “*Íamos a pé, filosofando as cousas*” (*Id.*, 344); “Rufina, no intervalo das ordens que dava, sentava-se horas e horas *bocejando o espírito*” (*H. sem D.*, 34); “Mas que importava a morte, se era doce/*Morrê-la* à sombra deliciosa e amiga/Dos coqueiros da terra...?” (*Poes.*, 256).

Estranho é o uso do verbo *remontar* como transitivo direto na acepção em que se encontra, por exemplo, à p. 102 de *V. H.*: “Em verdade o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender, é preciso *remontar a origem da situação*”, e à p. 162 de *D. C.*: “Como isto me faz *remontar os anos da minha mocidade!*”

Uma das razões por que, como observei atrás, buscava evitar o superlativo absoluto sintético seria, naturalmente, a sua pouca simpatia aos proparoxítonos. Usava-os Machado com muita moderação. De tal modo que, lendo-o, desperta a nossa atenção o emprego relativamente freqüente de três palavras esdrúxulas: os adjetivos *lêpido*, *plácido* e *cálido*. *Lêpido* aparece, por exemplo, em *D. C.*, 13; *Q. B.*, 240; *B. C.*, 49, 226; *M. de A.*, 13; *V. H.*, 56; *H. sem D.*, 218; *E. e J.*, 178, 185; *O. R.*, 211... *Cálido*: *E. e J.*, 16, 146; *D. C.*, 101, 283; *B. C.*, 41; *V. H.*, 6, 54... *Plácido*: *Poes.*, 215; *Q. B.*, 48, 96, 131, 140, 271... *D. Plácida* chama-se uma personagem do *Brás Cubas*; há um *Plácido* no *Esau e Jacó*, o herói do conto *Viagem à roda de Mim Mesmo*, de *Outras Relíquias*, tem o nome de *Plácido*. Interessante notar que os três vocábulos são todos trissílabos, contêm um *l* e terminam em *ido*. Mas não quero tirar conclusões...

É notório o apego de Machado a certas palavras e expressões. Vejamos outras provas. *Alcançar* no sentido de *conseguir*, *obter*, emprega-o com tanta freqüência, que é, relativamente, raríssimo encontrar-se em seus livros um destes últimos verbos. Na p. 12 de *Relíquias de Casa Velha* aparece três vezes: “... não *alcançando* mais que a ordem de mudança” (linha 16); “Tia Mônica teve arte de *alcançar* aposento para os três” (linhas 19-20); “... e acabasse *alcançando* algum meio seguro e regular de

obter dinheiro” (linha 26). Três vezes em II linhas! Diante disto nem interessam outros exemplos, como no mesmo livro, 16; em *D. C.*, 67, 79, 96, 160; *B. C.*, 348; *Q. B.*, 345; *V. H.*, 112; *H. sem D.*, 41; *M. de A.*, 31; *P. A.*, I, 64... *Metido em si mesmo*: só em *Q. B.* vem às pp. 72, 150, 347, e outras. *Advertir*, na acepção de *notar*; *ao pé de, posto que, dar por si, pegar em si* – são outros tantos lugares-comuns de Machado de Assis...

Por falar em lugar-comum: já foi dito que Machado desprezava esse cômodo recurso. Em *B. C.*, 51, lê-se: “Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dois meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno.” Já compreendia o ridículo das citações de coisas da mitologia, de que tanto se fez praça aqui até há tão pouco tempo...

O leitor há de ter notado a metáfora contida no trecho acima. As metáforas e as imagens são numerosas na obra de Machado. Numerosíssimas – sem hipérbole. Abramos o *D. C.*: “Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos” (p. 4); “Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado, deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão” (pp. 11-12); “teimava em esconder os saldos da juventude” (p. 20); “Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amor; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres” (p. 42); “depois a conversa entrou a cochilar e dormir” (p. 55); “Pádua roía a tocha amargamente” (p. 89); “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser

arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me” (p. 97); “Podiam ser mentira ou ilusão. Sendo verdade, eram os ossos da verdade, não era a carne e o sangue dela” (p. 104); “Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua ibera; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre” (p. 122); “Tinha os olhos úmidos deveras; levava a cara dos desenganados, como quem empregou em um só bilhete todas as suas economias e esperanças, e vê sair branco o maldito número – um número tão bonito!” (p. 156); “Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até ao fundo do quintal. A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres ou paços suntuosos.” (p. 170); e *passim*. – Na p. 89, depois de – para significar o desespero de Pádua, que, acompanhando o Santíssimo, levava uma tocha em vez de vara, como desejaria – empregar a metáfora – “Pádua roía a tocha amargamente” – pede desculpa: “É uma metáfora, não acho outra forma mais viva de dizer a dor e a humilhação do meu vizinho.” E à p. 22, depois de comparar a sua imaginação a uma grande égua ibera, Bentiinho diz, pela pena de Machado: “... mas deixemos metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos.” – Passemos ao *B. C.*: “A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo, e desvendou a pupila fulva e penetrante” (p. 70); “Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada; mas a restituição da meia dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as consciências! não vos digo mais nada” (p. 147); “Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo re-

gular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...” Vamos ao *Q. B.*: “Herdeiro já era muito; mas universal... Esta palavra inchava as bochechas à herança” (p. 25); “Sofia não interveio, porém, na conversa; afrouxou a rédea aos olhos, que se deixaram ir ao sabor de si mesmos” (p. 35); “A alma do Rubião bracejava debaixo deste aguaceiro de palavras; mas estava num beco sem saída por um lado nem por outro. Tudo muralhas. Nenhuma porta aberta, nenhum corredor, e a chuva a cair. ... escutava, e o major chovia a cântaros.” (p. 55); “Os olhos... não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com o Palha, e eles iam sublinhando a conversação... Agora, parecem mais negros, e já não sublinham nada; compõem logo as cousas por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros” (p. 56); “Para as despesas da vaidade, bastavam-lhe os olhos, que eram ridentes, inquietos, convidativos, e só convitativos: podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes. A lanterna fazia parar toda a gente, tal era a lindeza da cor, e a originalidade dos emblemas; parava, olhava e andava. Para que escancarar as janelas?” (p. 58); “Oh! esse olhar foi como um bilhete de visita trocado entre as duas consciências. Nenhuma disse o seu segredo, mas viram os nomes no cartão, e cumprimentaram-se” (pp. 108-9); “Cada gloriuzinha oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima do Rubião” (p. 125); “o capital precisava do regímen do bom juízo e alguma poupança, a ver se recobrava as cores e as carnes primitivas” (p. 132); “Viu de memória a sala, os homens, as mulheres, os leques impacientes, os bigodes despeitados, e estirou-se todo num banho de inveja e admiração” (p. 144); “Nenhum revés, nenhum malogro, nenhuma pobreza; – vida plácida, cosida de gozo, com rendas de supérfluo” (p. 271); “Na boca, um riso azul-claro” (*Id.*); Freitas... corteja-o agora rasgadamente, com grandes

aleluias íntimas” (p. 47). Em *Páginas Recolhidas* encontramos, à p. 105: “uma algazarra infinita de cousas.” Em *V. H.*, p. 116: “Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa o corpo todo, deixando um bagaço de ossos.” Em *Papéis Avulsos*, p. 18: “Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspecção até o pescoço”; outros exemplos às pp. 24-5, 26, 34, 199. À p. 201 de *H. sem D.*: “Com efeito, há vidas que só têm prólogo; mas toda a gente fala do grande livro que se lhe segue, e o autor morre com as folhas em branco.”...

Evitando, sempre que possível, a hipérbole, às vezes, quando a emprega, procura justificar-se. Vejam-se os dois trechos seguintes: “Destá maneira pudemos ouvir palpitar o coração aos dois, – hipérbole permitida para dizer que em ambos nós, em mim, ao menos, repercutia a felicidade daqueles vinte e cinco anos de paz e consolação” (*M. de A.*, 19); “Gostava de música, e mais do piano que do canto. Ao piano, entregue a si mesma, era capaz de não comer um dia inteiro. Há aí o seu tanto de exagerado, mas a hipérbole é deste mundo, e as orelhas da gente andam já tão entupidas que só à força de muita retórica se pode meter por elas um sopro de verdade” (*E. e J.*, 96).

“Guacuru dói-lhe no peito/Tristeza de envergonhar” (*Poes.*, 212). Como este, muitos exemplos de anacoluto oferece-nos a obra de Machado. Inclusive do anacoluto pleonástico, que usa com frequência maior, e de que me limitarei a um exemplo: “Teu arco de guerreiro, / Em que deserta praia o abandonaste?” (*Id.*, 201). Mais um caso do não pleonástico: “Mas tu, cantor da América, roubado/Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube/Na terra em que primeiro houveste o lume/Do nosso sol, achar o último leito!” (*Id.*, 255).

É sobretudo nas *Poes.* que faz uso do hipérbaton: “Ângela os lindos braços sobre os ombros/Trava do austero pai” (p. 239); “... e a filha da floresta/Há de a história guardar das velhas tabas” (p. 259); “Na noite entrou dos imortais pesares” (p. 282).

São em grande número os exemplos de elipse que seus livros nos fornecem. Bastam os seguintes: “... e eis me surge o passado” (*B. C.*, 122); “nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes” (*D. C.*, 186); “... especialmente o coche de Sua Majestade, vastas proporções, fortes molas, finas e velhas pinturas” (*Q. B.*, 154); “... E repetir aos namorados ecos/Quanto vive e reluz no pensamento” (*Poes.*, 258); “galerias cheias que não cabia um alfinete” (*Q. B.*, 106).

Por outro lado, usou do expletivo: “Bentinho quase *que* não sai de lá” (*D. C.*, 8); “Era quase *que* exclusivamente nossa” (*Id.*, 38); “Que lindos *que* são!” (*Id.*, 155); “Que abismo *que* há entre o espírito e o coração!” (*Q. B.*, 2); “Que suplício *que* foi o jantar!” (*B. C.*, 250); “Chega-se à pobre *da* moça” (*Poes.*, 211).

Alguns casos de assíndeton: “Sr. Brás Cubas, a rejuvenescência está na sala, nos cristais, nas luzes, nas sedas, — enfim, nos outros” (*B. C.*, 332); “Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel” (*Id.*, 22); “Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura” (*V. H.*, 8).

Outros, mais numerosos, de polissíndeton: “Esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, *e* o corpo fazia-se-me planta, *e* pedra, *e* lodo, *e* cousa nenhuma” (*B. C.*, 3); “... *e* o homem a cingia ao peito, *e* então ela ria, como um escárnio, *e* sumia-se, como uma ilusão” (*Id.*, 25); “E aí vieram as palavras mais doces que jamais disseram lábios de homem nem de mulher, *e* as mais ardentes também, *e* as mudas, *e* as tresloucadas, *e* as expirantes, *e* as de ciúme, *e* as de perdão” (*V. H.*, 196); “Eu... sinto a dor mal sofrida/Da saudade que punge *e* do amor que lacera/E palpita *e* soluça *e* sangra *e* desespera” (*Poes.*, 46); “*E* zumbia, *e* voava, *e* voava, *e* zumbia” (*Id.*, 314).

Se uma ou outra vez incorreu no eco — o pior exemplo é o desta frase de p. 43 de *Crônicas*, I: “O capitão em questão lá está nessa labutação” —

quase sempre, parecendo cometê-lo, o que na realidade fazia era usar, conscientemente, o homeotelêuton, de que tanto gostava Eça de Queirós. Vejamos: “Subindo os degraus com os seus sapatinhos de cetim, breves e leves” (*Q. B.*, 55); “era obra de um egoísmo idoso e melindroso” (*Id.*, 120); “Já agora tinha a alma tão *confusa* e *difusa* como o espetáculo exterior.” (*Id.*, 297-8); “... não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo *manhoso* e *teimoso*” (*B. C.*, 51); “Era uma criaturinha *leve* e *breve*” (*E. e J.*, 4); “... e eis-te de novo *namorado*, *confiado* e *arriscado*” (*Ressurreição*, 59); “... para abençoar o casamento de duas pessoas *lustrosas* e *vistosas*” (*M. de A.*, 253); “mulher *feita*, *refeita* e *perfeita*” (*C. F.*, 2); “*Fusão*, *transfusão*, *difusão*, *confusão* e *profusão* de seres e de cousas” (*H. sem D.*, 196).

Por eufonia, usa a apócope no seguinte passo, à p. 29 de *Brás Cubas*: Virgília foi o meu *grão* pecado da juventude.”

Adotando, de preferência, a ordem direta, sabe, no entanto, alterná-la de maneira admirável com a construção inversa. Foram citados atrás alguns exemplos de hipérbaton. Veja-se a força de frases como estas: “Longa foi a agonia, longa e cruel” (*B. C.*, 78); “Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração.” (*Id.*, 22).

A placidez do seu estilo é golpeada, às vezes, por expressões, frases, períodos, de rara energia, de uma vivacidade impressionante. A conjunção dos contrastes... “Soprava um triste vento, que parecia faca, e dava arrepios aos dois vagabundos.” – lê-se na p. 359 do *Quincas Borba*. Se o leitor sentiu, através deste livro, a desgraça do Rubião; se o viu, no silêncio da noite alta, pelas ruas de Barbacena, acompanhado do cão, no seu vagamundear sem destino, devorado da fome e tiritando de frio – nunca mais esquecerá esse período. A combinação das vogais – o *a* de *soprava* e *faca*, e o *i* de *triste*, *parecia* e *arrepios*; a adjetivação dada ao vento, e a anteposição do adjetivo; o tom chocante da segunda oração – “que parecia faca” – com essa sílaba *fa* surgindo, incisiva, como que de repente, como o próprio puxar instantâneo de uma faca – tudo isso faz que ele nos dei-

xe uma impressão eterna. De mim, confesso que não me sairá jamais da memória. — Observemos como nos fala de uma bela e silenciosa noite de luar: “Estava deliciosamente bela, os morros palejavam de luar e o espaço morria de silêncio” (*D. C.*, 191). Vamos à p. 78 de *B. C.*: “A dor suspenhou por um pouco as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca.” O capítulo *O Delírio*, do mesmo livro, é quase todo ele de uma eloqüência, de uma vida, de um movimento, de uma vibração, de um arrebatamento, por vezes, que há de espantar a quem faz de Machado a idéia de um escritor sempre “plácido e igual, uniforme e compassado”, escritor que, “correto e maneiroso, não é vivace, nem rútilo, nem grandioso, nem eloqüente” — como afirma Sílvio Romero.⁴⁸ Encontro dificuldade na escolha de trecho para citar. Vai este (pp. 24-5): “Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que ora mordía a víscera, ora mordía o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedía alguma vez, mas cedía à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das cousas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apañar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.”

48  Sílvio Romero, *Machado de Assis*, Rio, 1897, p. 82.

Nem falta poesia a algumas de suas páginas. O tímido, o fechado, o esquisitão, tem os seus momentos de poético abandono. Fiel ao seu feitio, tenta explicar-se, às vezes, como se vê no seguinte trecho: “Voltou mais vezes. Só as casas, que eram as mesmas, pareciam reconhecê-lo, e algumas quase que lhe falavam. *Não é poesia*. O ex-andador sentia necessidade de ser conhecido das pedras, ouvir-se admirar delas, contar-lhes a vida, obrigá-las a comparar o modesto de outrora com o garrido de hoje, e escutar-lhes as palavras mudas: ‘Vejam, manas, é ele mesmo.’ Passava por elas, fitava-as, interrogava-as, quase ria, quase as tocava para sacudi-las com força: ‘Falem, diabos, falem!’ Não confiaria de homem aquele passado, mas às paredes mudas, às grades velhas, às portas gretadas, aos lampiões antigos, se os havia ainda, tudo o que fosse discreto, a tudo quisera dar olhos, ouvidos e boca, uma boca que só ele escutasse, e que proclamasse a prosperidade daquele velho andador” (*E. e J.*, 233).

Sélvio Romero censura a falta de naturalidade nos diálogos de Machado de Assis. Há neles, realmente, um pouco de artifício. Mas, por exceção, entre eles se encontram coisas assim: “Lá avivar-lhe a memória, não, que eu não trabalho para a desgraça dos outros; mas também, pedir outra cousa, não peço. Se ela me consultasse, bem; se ela me dissesse: ‘Prima Justina, você que acha?’ a minha resposta era: ‘Prima Glória, eu penso que, se ele gosta de ser padre, pode ir; mas, se não gosta, o melhor é ficar.’ É o que eu diria e direi se ela me consultar algum dia. Agora, ir falar-lhe sem ser chamada, não faço” (*D. C.*, 66); “Mas nunca esperei que um homem tão pacato, tão não sei como, se tirasse dos seus cuidados para vir dizer-me cousas esquisitas...” (*Q. B.*, 90).

“Não me pude ter. As pernas desceram-me os três degraus que davam para a chácara, e caminharam para o quintal vizinho. Era costume delas, às tardes, e às manhãs também. Que as pernas também são pessoas, apenas inferiores aos braços, e valem de si mesmas, quando a cabeça não as rege por meio de idéias. As minhas chegaram ao pé do muro”

(*D. C.*, 37). – Esse automatismo de movimentos daria grande efeito ao estilo, se não fosse muito repetido, se não constituísse, como tantos outros recursos de Machado, um *processo*, um lugar-comum do escritor, por assim dizer. Infelizmente não me é possível dar muitos exemplos; mas vão alguns mais: “As pernas tinham feito tudo; elas é que o levaram por si mesmas, direitas, lúcidas, sem tropeço, para que ficasse à cabeça tão-somente a tarefa de pensar. Boas pernas! pernas amigas! muletas naturais do espírito!” (*Q. B.*, 152). E logo no parágrafo seguinte: “Santas pernas! Elas o levaram ainda ao canapé, estenderam-se com ele, devagarinho, enquanto o espírito trabalhava a idéia do casamento.” O capítulo LXVI de *B. C.* (p. 185) tem mesmo por título *As pernas*: “Ora, enquanto eu pensava naquela gente, iam-me as pernas levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente me achei à porta do hotel Pharoux. De costume jantava aí; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da ação me cabe, e sim às pernas, que a fizeram. Abençoadas pernas!” ... Em *V. H.*, 13-14: “A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar...” Em *Q. B.*, 81, lemos: “Foi aqui que o pé direito de Rubião descreveu uma curva na direção exterior, obedecendo a um sentimento de regresso; mas o esquerdo, tomado de sentimento contrário, deixou-se estar; lutaram alguns instantes...” Vamos à p. 41 de *D. C.*: “Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se.”

Em *Q. B.*, 183, as mãos não agem, hesitam: “As mãos hesitavam, reproduzindo o estado da consciência.”

É muito de Machado de Assis o insistir em certos termos, metáforas e assuntos. Lúcia Miguel Pereira observa com razão que são frequentes, “no monólogo caprichoso que é o maior encanto dos seus livros, essas voltas ao mesmo tema; levava anos a trabalhar a mesma idéia.”⁴⁹ Dá diversos exemplos, como o faz também – mais largamen-

49  Lúcia Miguel Pereira, *Machado de Assis*, 2.^a ed., São Paulo, 1939, p. 228.

te, por assim convir à natureza do seu estudo – o Sr. Peregrino Júnior, a cuja obra pertence o seguinte trecho: “Machado de Assis parecia descrever movimentos concêntricos, interminavelmente, em volta de certos assuntos, certas imagens, certas palavras...”⁵⁰

Fruto de sua gliscroidia, como observam os dois autores, essa tendência se reflete, no estilo, em inúmeras repetições, intencionais ou viciosas. O Sr. Peregrino Júnior⁵¹ apresenta dezenas de casos, quase todos de viciosas, mais abundantes que as primeiras. Vamos a estas. Abram os *Q. B.*, à p. 359: “Não senhor; ele pegou em *nada*, levantou *nada* e cingiu *nada*.” No *D. C.*, p. 50, lemos: “– Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que *roemos*, nem escolhemos o que *roemos*, nem amamos ou detestamos o que *roemos*; nós *roemos*.” E logo à página seguinte: “Talvez este discreto silêncio sobre os textos *roídos* fosse ainda um modo de *roer* o *roído*.” No mesmo livro, p. 72: “Eu, posto não avaliasse todo o valor deste outro *elogio*, gostava do *elogio*; era um *elogio*.” Ainda no mesmo, p. 153: “Mas a vocação eras *tu*, a investidura eras *tu*.” Em *Q. B.*, 57-8: “decotava a mulher sempre que *podia*, e até onde não *podia*, para mostrar aos outros as suas venturas particulares.” *Id.*, 59: “Rico era ainda muito mais do que ela *pedia*; não *pedia* riquezas, *pedia* um esposo.” *Id.*, 273: “... e escanhou à vontade, *lentamente*, *amigamente*, *aborrecidamente*”. Em *Poes.*, 301, a repetição existe não só na forma como no sentido, pois o pleonasma, usado no trecho, supõe a repetição de idéia: “Mas o silêncio amplo e *calado*/*Calado* fica; a quietação *quieta*.” À p. 16 de *P. A.*: “Homem de *ciência*, e só de *ciência*, nada o consternava fora da *ciência*.” Em *E. e J.*, 233: “A igreja era a mesma; *aqui* estão os altares, *aqui* está a solidão, *aqui* está o silêncio.” Em *V. H.*, 35: “Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda *girando*, *girando*, *girando*.” À p. 6 de *H. sem D.*:

50 ☞ Peregrino Júnior, *Doença e Constituição de Machado de Assis*, Rio, 1938, p. 118.

51 ☞ *Id.*, *ibid.*, pp. 116-18.

“... e eu vos darei *tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...*” Em *B. C.*, pp. 19-20: “Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de *neve*, com uma ou outra montanha de *neve*, vegetação de *neve*, e vários animais grandes e de *neve*. Tudo *neve*; chegava a gelar-nos um sol de *neve*.”

Estudando o *ritmo de repetição* em Machado de Assis, adverte o Sr. Peregrino que era tal ritmo em geral binário nos livros da primeira fase, sendo ternário nas obras posteriores. Dá vários exemplos do último, silenciando discretamente quanto ao primeiro, para, ao fim, aventar a hipótese de que esse ritmo ternário “simbolizaria talvez as três fases típicas da crise epiléptica: a aura, o íctus, a convulsão.”⁵² Não quero dar palpite em assunto tão elevado; mas desejaria lembrar o seguinte: se, como afirma o próprio Sr. Peregrino,⁵³ alguns autores dividem a crise epiléptica “em quatro etapas”, não ficará prejudicada a interpretação do ilustre escritor? Depois, é ele mesmo quem fala do ritmo binário, de que, como disse, não deu exemplos, já, talvez, no seu sôfrego interesse de chegar à explicação científica, que, felizmente, reconhece que não basta. Não basta, só?

Não me parece acertado que o ritmo binário seja peculiar, apenas, às obras da primeira fase. A cada página se encontram, nas outras, exemplos de tal ritmo. A cada página, e, não raro, muitas vezes na mesma página. Abro as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e logo à p. 1 se me deparam os seguintes: “*pelo princípio ou pelo fim*”; “*o meu nascimento ou a minha morte*”; “*mais galante e mais novo*”; “*não a pôs no intróito, mas ao cabo*”. À p. 2: “*rijos e prósperos*”; “*crua e má*”; “*bom e fiel*”, “*não, não me arrependo...*”; “*não houve cartas, nem anúncios*”; “*E foi assim que cheguei...; foi assim que me encaminhei...*”; “*sem as ânsias nem as dúvidas*”; “*pausado e trôpego*” ... Passemos à p. 3: “*Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse ro-*

52  *Id.*, *ibid.*, p. 146.

53  *Id.*, *ibid.*, p. 146, nota.

lar pelo chão, convulsa.”; “com os olhos estúpidos, a boca entreaberta”; “Morto! Morto!”; “quero morrer tranqüilamente, metodicamente”. À p. 4: “Morri de uma *pneumonia*; mas se lhe disser que foi menos a *pneumonia*...”; “*grandiosa e útil*”. (Esta página só tem 6 linhas.) À p. 5: “deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas”; “*decifra-me ou devoro-te*”; “*um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco*”; “*de tamanhos e tão profundos efeitos*”. À p. 6: “*uma virada para o público, a outra para mim*”; “*De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada*”, “*o militar e o cônego*”. Vamos ao *Dom Casmurro*: “... que eu conheço *de vista e de chapéu*”; “*falou da lua e dos ministros*”; “*A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus*”; “*três ou quatro vezes*”; “tanto bastou para que ele *interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso*”; “*Vi-lhe fazer um gesto...*, mas não passou do gesto” (p. 1); “*reclusos e calados*”; “*homem calado e metido consigo*” (p. 2). No *Quincas Borba* lê-se: “*Que era há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista*”; “... e tudo... tudo entra na mesma sensação de propriedade” (p. 1): “*o espírito e o coração*”; “*arrepiou caminho, buscou outro assunto*”; “*Que lhe importa a canoa nem o canoeiro...?*”; “*um filho ou uma filha...*”; “*Prata, ouro, eram os metais que amava do coração*”; “*um Mefistófeles e um Fausto*” (p. 2); “*primor de argenteria, execução fina e acabada.*”; *teso e sério*”; “... são os ombros... *Que ombros!*”; “*tão lisos! tão brancos!*”; “*Os braços também; oh! os braços!*” (p. 3).

Quarenta e seis exemplos em 11 páginas! O difícil é encontrar página em que só haja um caso de ritmo binário, nesses como nos outros livros da segunda fase de Machado de Assis. O ternário será menos freqüente... Repito que não quero meter-me em assuntos tão elevados; mas, uma pergunta: ao Sr. Peregrino Júnior, que tão bem estuda a ambivalência no velho escritor, não lhe parece que, bem pesadas as coisas, esteja, em parte, nessa ambivalência a origem do ritmo binário – que, na realidade, é mais freqüente do que o outro?

Da hesitação no estilo de Machado de Assis, resultado da ambivalência, darei aqui alguns exemplos: “Não havia lua; mas a nossa amiga

aborrencia a lua, – não se sabe bem por quê, – ou porque brilha de empréstimo, ou porque toda a gente a admira, e pode ser que por ambas as razões” (*V. H.*, I33); “A moça não era formosa, talvez não tivesse graça”; “Capitu obedecia e jogava com facilidade, com atenção, não sei se diga com amor”; “Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse... Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que...” (*D. C.*, pp. 89, 92 e 95); “... e deu por si beijando o papel, – digo mal, beijando o nome”; “A luz do fósforo deu à cara do major uma expressão de escárnio, ou de outra cousa menos dura, mas não menos adversa”; “Achara-lhe um modo esquisito; mas lembrava-se que sorriu, – pouco, mas sorriu”; “Rente com ele, passou uma mulher, não bonita, nem singela sem elegância, antes pobre que remediada, mas fresca de feições; contaria vinte e cinco anos” (*Q. B.*, 53, 69, II7 e I65); “mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas cousas”; “a cousa é divertida e vale a pena, – talvez monótona – mas vale a pena”; “muita preguiça e alguma devoção, – devoção, ou talvez medo; creio que medo”; “parecia resignado aos golpes da fortuna, e não sei até se contente. Talvez contente. Com certeza, impassível” (*B. C.*, I9, 25, 9I, I66). – Dessa hesitação constante vem o abuso de certas palavras e expressões – *mas, ou, nem, se, não, talvez, pode ser, creio que, se é que, etc.*

É tal hesitação uma das causas mais importantes da sensação de monotonia que às vezes nos dá a leitura de Machado. São tantos avanços e recuos, tantas paradas, tantos tropeços, que a gente nota que o mestre não exagerou muito comparando o seu próprio estilo ao caminhar dos ébrios. Sílvio Romero acha “que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra”,⁵⁴ atribuindo a outrem a expressão, hoje célebre, sobre a gaguez do romancista. Curioso é que o Sr. Alcides Maia, discordando, indiretamente, do crítico

sergipano, que leva o defeito à conta de deficiência de vocabulário e de frases, aponta-lhe uma causa voluntária: “É um meio seguro, diz, de conduzir a ação cômica.”⁵⁵ A explicação é bem pouco razoável...

A título de curiosidade, transcrevo aqui, de *B. C.*, 196, um período que dá a idéia mais exata possível da gagueira: “Olhai: daqui a setenta anos, um sujeito magro, amarelo, grisalho, que não ama nenhuma outra coisa além dos livros, inclina-se sobre a página anterior, a ver se lhe descobre o despropósito; lê, relê, treslê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra a luz, espanteja-as, esfrega-as no joelho, lava-as, e nada; não acha o despropósito.”

Há muitos outros períodos assim na obra de Machado de Assis. Estudando-a, tive o cuidado de observar, na frase, a proporção dos elementos. Estes, quase sempre muito curtos, têm, na maioria dos casos, dimensões bastante aproximadas entre si, iguais, até, diversas vezes. Donde a existência, em certos trechos seus, de vários versos seguidos – como já se notou, por exemplo, em *Eça de Queirós*. O período seguinte (*B. C.*, 18) contém nada menos de seis septissílabos e um hexassílabo: “Primeiramente tomei/a figura de um barbeiro/chinês, bojudo, destro,/escanhoando um mandarim,/que me pagava o trabalho/com beliscões e confeitos:/caprichos de mandarim.” Este outro (*Id.*, 48) é formado de cinco pentassílabos: “Ao cabo, era um lindo/garção, lindo e audaz,/que entrava na vida/de botas e esporas,/chicote na mão/e sangue nas veias...” Vejamos agora outros períodos: “Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo” (*D. C.*, 92); “Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios afeitos à reza, iam rezando; mas a alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro” (*V. H.*, 29); “E ia ficando e

55 ∞ Alcides Maia, *Machado de Assis*, Rio, 1912, p. 117.

olhando, sem pensar, sem deduzir, metida em si mesma, dolente e muda” (*Q. B.*, 347). Constitui exceção a existência de um ou mais elementos muito longos, em flagrante desproporção com os outros, como neste passo, colhido à p. 207 de *Brás Cubas*: “A intensidade do amor era a mesma; a diferença é que a chama perdera o tresloucado dos primeiros dias para constituir-se um simples feixe de raios, tranqüilo e constante, como nos casamentos.” Mesmo com a vírgula respiratória que se há de pôr na palavra *dias*, o segundo elemento, assim reduzido, ainda destoará sensivelmente dos outros.

Machado de Assis gaguejava, hesitava, duvidava muito. E negava também. É muito do seu estilo o começar período com a negativa repetida: “*Não, não* se descreve a consternação...” (*H. sem D.*, 57); “*Não, não* reproduzo este telegrama” (*A Semana*, 6); “*Não, não* direi que assisti às alvoradas do romantismo” (*B. C.*, 75). Frequentemente emprega o *nada* por *alguma coisa*, *qualquer coisa*, expressões, estas, de que pouco se utiliza, como não se utiliza quase nunca de *coisa alguma*, cujo uso corrente, no sentido negativo, é, aliás, condenado por certos puristas: “Era incapaz de inventar *nada*” (*Q. B.*, 68); “... antes de me recitar *nada*...” (*B. C.*, 56); “... *Nenhum* por *algum, qualquer*: “... esquecido de lhe dizer *nada* ou de fazer *nenhum* gesto” (*Id.*, 14); “proibia receber *nenhum* salário” (*H. sem D.*, 9). Nas *Poes.*, 263: “E entra no mundo que *jamais não* mente.” Arcaico, o emprego desse *jamais* seguido de *não*. *Nunca jamais* lê-se, por exemplo, em *B. C.*, 53, 73, 79. E à p. 91 de *H. sem D.*: “*Nunca jamais ninguém* acreditará que o sangue de rato...” Mas o melhor é o *nunca jamais ninguém não*, claramente intencional: “Como pode ser assim... se *nunca jamais ninguém não* viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz?” (*B. C.*, 141). Não satisfeito com os recursos de negar que a língua lhe oferecia, Machado criou locuções negativas. Não sei de outro escritor que – pelo menos antes dele – tenha feito uso de *nunca dos nunca* e *nada dos nada*. Ambas se encontram no *D. C.*, à p. 189: “*Nunca dos nunca* poderás saber a energia e obstinação que empreguei em fechar

os olhos, apertá-los bem, esquecer tudo para dormir, mas não dormia.”; “... mas então nem peraltas, nem bilhetes de loteria, nem sortes grandes ou pequenas, — *nada dos nada*s veio ter comigo.”



Muitos dos mesmos acusadores de Machado de Assis reconhecem-lhe a grandeza do estilista. Para Sílvio Romero, talvez de todos o mais violento, é ele “mestre em estilo”, “artista da frase média, cadenciada, medida, onde a palavra é catada com peculiar interesse, o qualificativo esmerilhado com especial apuro”.⁵⁶

É simples, sem ser vulgar. Talvez justamente por não ser vulgar. “L’homme banal et vulgaire — escreve Remy de Gourmont — n’est jamais simple; s’il l’était, on ne verrait pas sa banalité; on la voit, donc il se guinde.”⁵⁷

Escritor consciente de sua arte, em quem o talento literário se juntava ao conhecimento perfeito da língua e da técnica do escrever, poderia proclamar, com Paul Valéry: “Quelle honte d’écrire, sans savoir ce que sont langage, verbe, métaphores, changements d’idées, de ton; ni concevoir la *structure* de la durée de l’ouvrage, ni les conditions de sa fin; à peine le pourquoi, et pas du tout le comment! Rougir d’être la Pythie...”⁵⁸

Formou-se de Machado de Assis uma imagem fixa, inalterável: a do tímido, do frio, do caramujo, do homem sem vibrações, da água parada.

Este será, decerto, o aspecto dominante do autor de *Brás Cubas*; o dominante, digo, porque o que mais impressiona à primeira vista. Nele está, sem dúvida, Machado de Assis, mas não todo o Machado de Assis.

56 ∞ Sílvio Romero, *op. cit.*, p. 107.

57 ∞ Remy de Gourmont, *op. cit.*, p. 148.

58 ∞ Paul Valéry, *Littérature*, Paris, 1930, pp. 32-3.

É preciso tratá-lo de mais perto, sondá-lo intimamente, ouvi-lo com paciente vagar e refletida atenção, para conhecer o reverso da medalha. Augusto Meyer quase tem razão: “Estamos familiarizados com um Machado de Assis mais sereno, amigo do equilíbrio e da moderação, céptico atento e amável, quase anatoliano. Mas talvez essa atitude seja uma simples aparência.”⁵⁹

Nem sempre seria mera aparência; mas sê-lo-ia não raro: o tímido se recalca... Se a serenidade não era real, nem por isso deixava de haver sinceridade na atitude, ditada pela timidez. E, sendo o hábito, como é proverbial, uma segunda natureza, o hábito de comportar-se serenamente havia de fazê-lo, algumas vezes, realmente sereno.

A verdade é que, sob essa capa, Machado foi um inquieto. Duvidou, o que é, de origem, uma negação de serenidade. Não há dúvida serena. Outro não é, senão ele, o Camilo da *Cartomante*: “Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em encolher os ombros, e foi andando.”

Sofreria muito de ser assim, de duvidar sempre, de descreer sem poder expandir largamente a descrença. E na arte procurou derivativo a esse silencioso martírio, confessando-se, de maneira indireta, ao longo da sua obra.

Na mansidão dessa água parada, ligeiros estremecimentos da superfície mal acusam a intensa fermentação de vida que se lhe opera no seio. Só perceberemos, quando muito, esse vago arrepesar-se, se nos mantivermos na situação de espectadores distantes. Cumpre mergulhar, misturar-se com a água, deixar-se infiltrar por ela, para observar e sentir a vida que lá dentro palpita, e estua, no seio da massa líquida.

59  Augusto Meyer, *op. cit.*, p. 15.

Hesitava, tateava, duvidava: sofria. Sem poder libertar-se da dúvida, não chegou, todavia, ao desespero: *encolheu os ombros e foi andando*. Era a calma aparente dos resignados, que não deixam transparecer a própria angústia.

Na essência dos seus livros está essa luta interior – a fisionomia moral de Machado de Assis. A face oposta é essa tranqüilidade repoussante do seu estilo. Uma ou outra vez, porém, a agitação íntima anuncia-se, à flor da água, em vagos arrepios.



Temo cair em contradição falando muito de Machado de Assis. É que é sempre perigoso estar a gente a afirmar sobre quem duvidava tanto. Perigoso afirmar – seguir um caminho – acerca de quem levou a vida na encruzilhada, sempre inclinado à negação, mas sem ânimo de negar, e às vezes – quando negava – negando que houvesse negado...

∞ EÇA DE QUEIRÓS

Eça de Queirós



❧ Linguagem e Estilo de Eça de Queirós¹

Aquele menino nascido há cem anos entre os POVERINHOS! MEUS VELHOS PESCADORES! que Antônio Nobre tão enternecidamente cantou, seria o maior romancista português e exerceria na literatura do seu país extraordinária ação renovadora.

A língua destinada a instrumento de sua tarefa vivera, no começo da existência como idioma literário, dias de brilho e graça, na poesia dos trovadores. Adquirira assinalado vigor pictural na prosa de um Fernão Lopes, para ter o seu grande período no século XVI – com um Gil Vicente, um Camões, um João de Barros. Bernardes, Vieira, Luís de Sousa,

I ❧ As obras de Eça de Queirós, e respectivas edições, citadas neste ensaio, são: *Crime do Padre Amaro*, 4.^a ed., 1901; *O Primo Basílio*, ed. de 1944; *Os Maias*, 3.^a ed., s. d.; *A Relíquia*, 8.^a ed., 1924; *A Ilustre Casa de Ramires*, 5.^a ed., 1920; *A Cidade e as Serras*, 9.^a ed., 1924; *O Mandarim*, 7.^a ed., 1919; *A Correspondência de Fradique Mendes*, 12.^a ed., 1944; *Contos*, ed. de 1940; *Prosas Bárbaras*, 3.^a ed., 1917; *A Capital*, 3.^a ed., 1926; *O Conde d'Abranhos*, 2.^a ed., 1926; *Alves & C.^a*, 2.^a ed., 1926; *Notas Contemporâneas*, 2.^a ed., 1913; *Cartas de Inglaterra*, 5.^a ed., 1922; *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, 4.^a ed., 1922; *Ecos de Paris*, ed. de 1944; *O Egito*, 5.^a ed., 1943; *Últimas Páginas*, 4.^a ed., 1923; *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*, 1.^a ed., 1928; *Correspondência*, 2.^a ed., 1926 (todas da Livraria Chardron, depois Lelo & Irmão, Porto); e mais: *Cartas de Eça de Queirós*, 1.^a ed., 1945, e *Crônicas de Londres*, 1.^a ed., 1944 (ambas da Editorial Avis, Lisboa).

Dom Francisco Manuel, sustentaram-na durante a fase seiscentista; mas depois, passando às mãos dos árcades, ela perde em maleabilidade e cor o que ganha em rigidez e afetação. É a França o espantallo que a enclausura, pela ação de Filinto Elísio e seus adeptos, nos moldes do passado, tornando-a impermeável às novas influências de meio e tempo.

Foi essa língua hirta – aliviada, é certo, de tão pesada crosta, graças a Bocage e a outros antifilintistas – que o romantismo herdou.

Castilho, substancialmente um árcade – como lhe chamou Antero de Quental – aferrado aos clássicos, não só portugueses mas gregos e latinos, que passou boa parte da vida a traduzir, comprazia-se na ostentação dos seus saberes lingüísticos, no culto dos velhos moldes, agravando os requintes de purismo.

Herculano, embora mais natural, mais simples, imprimiu à língua um ritmo severo, uma feição algum tanto épica – determinada pelo caráter de sua obra.

Espírito mais aberto, mais ágil, foi Garrett, dos membros da famosa trindade romântica, o que exerceu verdadeiro papel de renovador. Aligeirou o instrumento rude e pesado, alijando-lhe muito da sobrecarga retórica, quebrando a rigidez do preconceito purista. Trouxe para o contacto da vida o idioma empoeirado dos in-fólios, expondo-o largamente ao sol em salutareas viagens pela sua terra. Mas as convenções românticas, de que no ponto alto de sua carreira tantas vezes Garrett caçoa, essas convenções, reveladas no peso da retórica, na adjetivação convencional, nas convencionais descrições da natureza e dos tipos, no tom sentimentalmente vago – aqui e ali faziam sentir o seu influxo no âmbito do fino artista, tolhendo-lhe a ousadia dos passos².

2  Veja-se este período: “As estrelas luziam no céu azul e diáfano, a brisa temperada da primavera suspirava brandamente; na larga solidão e no vasto silêncio do vale distintamente se ouvia o doce murmúrio da voz de Joanhina, claramente se via o vulto da sua figura e da do companheiro que ela levava pela mão e que maquinalmente a seguia como sem vontade própria, obedecendo ao poder de um magnetismo superior e irresistível”. (*Viagens na Minha Terra*, no Volume II das *Obras Completas de Almeida Garrett*, Rio – Lisboa, 1904.)

Eça de Queirós é que terá de exercer a grande renovação.

O desejo consciente de fazê-lo revela-se já nos primeiros trabalhos – os folhetins da *Gazeta de Portugal* – que viriam a constituir as *Prosas Bárbaras*.

Encaminhou-o para essa tarefa a aguda sensibilidade artística, inquieta e original, que, lutando embora com as tendências de um fundo romântico, haviam de afastá-lo dos moldes cediços do romantismo, levando-o bem cedo à escola realista. Teve Eça de aproximar do século, do seu meio social, dos seres de carne e osso, o idioma que andara tão longamente a serviço dos clássicos, a exprimir a fé religiosa, a pintar figuras e emoções de um mundo mitológico, a restaurar costumes e ideais da Idade Média, só tendo através de Garrett, como já se disse, recebido o seu batismo de sol.

Eça precisava de uma língua de maior poder objetivo, arraigada no tumulto da vida corrente; mais viva, mais límpida, mais dúctil, capaz de traduzir em todos os matizes as novas realidades que ele intimamente se sentia chamado a exprimir³. E teria de adaptá-la à expressão de uma característica do seu temperamento a bem dizer inédita em letras portuguesas: a ironia.

A revolução operada por ele no idioma não constitui uma profunda subversão da sintaxe, como a tantos parece⁴. Cumpre tomar com muita reserva a designação, que geralmente se lhe dá, de “escritor incorreto”. A sua concordância e a sua regência não deixam de ser, essencialmente, vernáculas; e os seus lapsos de regime – alguns resultantes

3 ∞ “Não foi por ignorância, nem pelo propósito de escandalizar que Eça renovou a língua portuguesa” – escreve Álvaro Lins. – “Esta renovação... foi uma exigência da sua arte. (*História Literária de Eça de Queirós*, Rio, p. 254.)

4 ∞ “...o que prova que Eça não cometeu atentados mortais é que a língua se modificou tanto depois dele que muitas das suas páginas vão ficando clássicas. Os seus galicismos já parecem muito prudentes e muito puros diante do escândalo dos nossos”. (*Id.*, *ibid.*, p. 252.)

da formação intensamente francesa⁵, do profundo conhecimento do francês, da longa permanência na França, tudo isso aliado a um espírito profundamente assimilador como era o seu⁶ – na realidade são muito poucos, e terminarão, na maioria, por fazer regra.

Dos processos sintáticos, pode-se dizer que apenas um foi largamente afetado por sua ação de renovador: a colocação. Ele trouxe do francês para o português o predomínio intenso da ordem direta – o que não implica um desprezo quase absoluto da ordem inversa na maioria dos casos em que ela era mais conveniente. Essa violação de um tabu é um dos aspectos mais salientes da maneira literária de Eça.

Resultou da necessidade íntima de clareza, que tanto o ligava ao espírito francês. E que a ordem direta constitui uma tendência normal do português pode-se observar mediante a leitura de autores de períodos diversos, e pela considerável influência que esse aspecto – como aliás tantos outros – da ação renovadora de Eça exerceu nas gerações que vieram depois dele, em Portugal e no Brasil. Não seria, aliás, a falta de amplo conhecimento dos clássicos que faria Eça ignorar a preponderância, no velho português, da construção inversa. Foram do seu século Camilo e Castilho, e vários outros, que o romancista sem dúvida leu – continuadores, particularmente o segundo, da tradição clássica.

5  Veja-se o trecho seguinte, do seu artigo *O Francesismo*: “Começou então a minha carreira social em Lisboa. Mas era realmente como se eu habitasse Marselha. Nos teatros – só comédias francesas; nos homens – só livros franceses; nas lojas – só vestidos franceses; nos hotéis – só comidas francesas... Se nesta capital do Reino, resumo de toda a vida portuguesa, um patriota quisesse aplaudir uma comédia de Garrett, ou comer um arroz de forno, ou comprar uma vara de briche – não podia”. (*Últimas Páginas*, p. 369.)

6  “A aguda sensibilidade de Queirós para as formas de expressão, aliada às circunstâncias de ter lido muito francês e vivido longos anos fora da sua pátria, levou-o naturalmente a assimilar muitos *modismos franceses*, traduzindo-os à letra, em lugar de empregar correspondentes portugueses.” (Agostinho de Campos, *Antologia Portuguesa – Eça de Queirós*, II, 1923, p. LVI.)

Se não conhecia bem os autores antigos, não os ignorou de todo, como a tanta gente se afigura – e até nos últimos anos se interessou vivamente por eles. O ter desprezado alguns – “Filinto Elísio, Garção, ou qualquer desses mazorros sensaborões” – não significa desconhecimento: parece mostrar que Eça, lendo-os um pouco na mocidade, os achou enfadonhos – perturbadores, em vez de auxiliares, da obra de renovação que ele queria realizar.

Depois, refletindo bem: não são muito numerosos, no século passado e no atual, em Portugal e no Brasil, os homens de letras notáveis que sejam grandes conhecedores dos clássicos.

Outra coisa que ele trouxe do francês: certas palavras e expressões – transplantadas diretamente ou adaptadas. Umas, decerto, por gosto, pela convicção de que elas eram indispensáveis à tonificação da língua cheia de vocábulos gastos – tanto que muitas vieram a tornar-se usuais; outras, talvez inconscientemente, tão perto estava ele do francês; outras, ainda, para o fim de fixar melhor certos meios sociais onde elas circulam intensamente, certos tipos que muitas vezes por elas se definem.

Foi sobretudo à língua de seu tempo que ele buscou o material básico para a elaboração do seu estilo. E essa língua já se achava tão impregnada do espírito francês, que nenhum dos clássicos – pode-se dizer – escapou à influência do galicismo: o mesmo combate aceso que lhe fazem é prova desse influxo. Assim, Eça fez virtude – menos em alguns casos – daquilo que era geralmente considerado motivo de vergonha. Fugia-se do francês como de elemento perturbador da língua; Eça foi ao encontro dele, tirando-lhe elementos de revitalização para um idioma que se gastara, incapaz de se reerguer por si só, com os seus próprios recursos.

Estes, o escritor procurou utilizá-los da maneira mais inteligente, deles extraindo novos efeitos, realizando, com palavras simples, combinações novas, graças à sua maneira pessoal de construir, ao casamen-

to estranho de certos adjetivos com certos substantivos, à valorização de vícios de linguagem, etc.

Dentro dos moldes dessa arte útil e fina, visou desde cedo a um estilo original. A princípio amando quase só a forma pela Forma⁷, mostrou-se cheio de extravagâncias; com o tempo eliminou os excessos, mas nunca perdeu de vista a originalidade: queria em prosa “alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que só por si, plasticamente, realizasse uma absoluta beleza – e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados de alma...” (*A Correspondência de Fradique Mendes*, pp. 124-125.)

Para a criação de tal estilo seria necessário, naturalmente, um sensível poder de fantasia. Como afirma Vossler⁸, “só o artista de intensa fantasia é capaz de criar a expressão que traduza, sem falseá-la, a originalidade de sua “menção” psíquica. Por isto se emancipa, quando necessário, de sua comunidade lingüística; passa por cima ou por baixo das palavras, mediante notas, melodias, cores, linhas, imagens, gestos, danças, etc.”.

Pois essa qualidade, poucos artistas a possuíram tão viva e tão alta como Eça de Queirós. Com razão se refere Moniz Barreto⁹ à “fantasia dolorosa e radiante” dos folhetins ecianos da *Gazeta de Portugal*, e aponta como uma das duas feições fundamentais do temperamento literário de Eça “a imaginação desenfreada até à fantasia”. E até – ao con-

7  “De resto, exatamente como Ponce de Leon, eu só procurava, em Literatura e Poesia, *algo nuevo que mirar*. E para um meridional de vinte anos, amando sobretudo a Cor e o Som na plenitude da sua riqueza, que poderia ser esse *algo nuevo* senão o luxo novo das formas novas? A forma, a beleza inédita e rara da Forma, eis realmente, nesses tempos de delicado sensualismo, todo o meu interesse e todo o meu cuidado!” (*A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 11.)

8  *Filosofía del lenguaje*, trad. e notas de Amado Alonso e Raimundo Lida, com a colaboração do autor, Buenos Aires, 1943, p. 174.

9  *Ensaio de Crítica*, Lisboa, 1944, pp. 215, 238 e 241.

trário de certa corrente que vê no grande romancista um poderoso observador, pobre de imaginação, Moniz Barreto louva-lhe o sacrifício — feito em favor do realismo — das “qualidades brilhantes da sua imaginação à experimentação desinteressada das coisas”.

As qualidades aqui apontadas, e outras da linguagem e do estilo de Eça de Queirós, serão examinadas nos capítulos seguintes, embora, por se tratar de um artigo, sem a demora e minúcia necessária.

LINGUAGEM

I — Galicismos

“... o Purista, ... com a cabeleira sórdida a que ainda estão pegados bocados de palha, as meias engelhadas nos pernis escanifradados, o capelo cor de vinho com o cabeção erguido, a face chupada pelas ansiedades da prosódia, os óculos de aro de latão na ponta do nariz, bem bicudo para picar os galicismos, os braços atravancados de in-fólios clássicos e de dicionários, e nas ventas, ainda, a grossa pitada de simonte que ele respeitosa-mente colheu na caixa de Curvo Semedo!” (*Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, p. 42.)

“Folheia (o Purista) um grande e largo livro de História, e ignorando mesmo se a História é a de Portugal ou a da China, põe o dedo, ao fim de longa investigação, sobre uma página, e dá este resumo final, numa voz cavernosa: “— “*Massacre* em vez de *matança* — “livro funesto!” (*Ibid.*, p. 44).

Talvez a censura maior e mais freqüente a Eça de Queirós é pelo abuso dos galicismos, embora deles, como já foi dito, nenhum clássico

tenha escapado¹⁰. Até um escritor como Fialho de Almeida¹¹, cuja prosa é rica dos mais disparatados francesismos, critica os de Eça, falando em “língua grossa da regurgitação francesa, indigerida”.

Uma dessas recriminações foi assim comentada pelo romancista: “O Carlos Valbom acusa-me de escrever à francesa, e com *galicismos que o arrepiam*. E diz isto em períodos absolutamente construídos à francesa, e metendo em cada dez palavras cinco galicismos!” (Carta a Fialho de Almeida, *Revista de História*, n.º 9, 1914 – *apud* Agostinho de Campos, *Eça de Queirós*, II, cit., p. 14.) E aludindo a outra, em carta a Mariano Pina: “Eu não conheço esse rapaz [Abel Botelho], mas inquestionavelmente o *patriotismo* dele é simpático e o seu grito em pró da língua portuguesa muito justo. Sómente, o que é curioso, é que esse patriota que pede com violência que se não escrevam *estrangeirices* – escreve ele próprio, a julgar pela carta, não em bom português, mas em mau francês! É das coisas mais cômicas que eu tenho visto”. (*Correspondência*, p. 93.)

É, pois, com justa razão que, em estudo sobre *A Prosa de Eça de Queirós*¹² – aliás abundante em restrições –, diz o Sr. Vasco Botelho de Amaral: “A respeito da linguagem de Eça, e de outros escritores afrancesados, se exagera por vezes a crítica a algumas formas e construções que se imaginam galicismos, e, na verdade, não são tal.”

Parece-me desnecessário fazer aqui novas considerações gerais sobre o assunto. Vejamos, portanto, alguns dos galicismos de Eça criti-

10  “Com todo o seu purismo, Filinto Elísio deles não se livrou. Garrett incorreu em muitos, entre os quais *esquissa, deboche, ter lugar, breve* (= “enfim, em suma”), e, até, *cheffe-d’obra*. Em livro que pouco adiante será citado, o Sr. A. Tenório de Albuquerque reuniu e comentou uns 60 de Camilo – e lá não figura, por exemplo, *tige* (em vez de “haste”), que se encontra na p. 45 do *Amor de Salvação* (2.ª ed., Porto, 1874): “As mãos destes dous meninos, entrevistos e amados com o inocente atrativo do beijo aéreo na flor a desatar-se e a enrubescer na *tige*, tinham sido condiscípulos na educação dum convento.” (O grifo é meu.)

11  *Figuras de Destaque*, 5.º milhar, Lisboa, 1923, p. 143.

12  *A bem da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1943, p. 203.

cados por três autores: Rui Barbosa, Agostinho de Campos e Antônio Cabral. Verificar-se-á melhor, então, quanto é por vezes exagerado o zelo dos puristas – desses puristas que o escritor soube caricaturar com tanta graça.

Os francesismos de construção ficam para o capítulo relativo ao estilo.



No seu livro *Glória e Sombras de Eça de Queirós*¹³ o Sr. Antônio Cabral arrola “galicismos e frases de tom francês” encontrados na obra do grande escritor: “Amostras de nódoas caídas em riquíssimo pano.” Desse extenso rol de “crimes”, poucos verdadeiramente o serão: “gôchê” (*Os Maias*, I, 33, 264), no sentido de “desajeitado”, “canhestro”; o “abrir *toda larga* a janela” (*O Mandarim*, p. 35), “fazia *longas conversações* com Mariana” (*O Primo Basílio*, p. 501 – cap. XIV e não XVI), como se lê no Sr. Cabral; “*debuté*”, por “estréia”, coisa realmente abominável; “pintando com *fuga*”, em vez de “pintando com *ardor*, ou com *entusiasmo*”; “*grande ar*”, por “ar livre” (*Os Maias*, I, 187); “*grande idade*”, em lugar de “idade avançada”; “*unido*”, por “liso”; e poucos outros. Quanto ao resto, vejamos.

“TODO UM PIPO”, “TODO UM ANHO” (*A Ilustre Casa de Ramires*, p. 31). – “Medonhas frases afrancesadas”, assim lhes chama o Sr. Cabral. Pois no seu ensaio ainda há pouco mencionado o Sr. Vasco Botelho de Amaral, depois de transcrever, do volume *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*, p. 75, o trecho – “*toda uma* mocidade triste e enervada, *toda uma* primavera sagrada!” –, escreve: “Galicismo o *toda uma*? Não, como já demonstrei no *Dicionário de Dificuldades*, p. 369, II vol.”¹⁴

13 ∞ Lisboa, s. d., pp. 215 e segs.

14 ∞ *A bem da Língua Portuguesa*, cit., p. 230.

“E QUE ME *SUBAM* AO QUARTO ÁGUA QUENTE” (*Ibid.*, p. 333). – “Inda mais bárbara” que as duas anteriores parece esta frase ao Sr. Cabral. “Barbaridades” semelhantes podem também ser encontradas nas pp. 30 e 35 do mesmo livro: “Arrastava os passos no corredor, para gritar ao Bento ou a Rosa que lhe *subissem* uma limonada”; “E esse animal do Bento que me *suba* água quente!”. Poder-se-ia recorrer, se preciso, ao argumento de que esse emprego de *subir*, causa do arrepio do censor, Eça o põe na boca de Gonçalo Ramires – diretamente no primeiro e no último caso, e indiretamente no segundo, como se vê; e o erro ficaria então por conta da personagem. Mas para quê? Não existe erro ali. *Subir* está por “transportar a um lugar mais alto, fazer subir”. Veja-se esta acepção no dicionário de Laudelino Freire e J. L. de Campos¹⁵ e no de Francisco Fernandes¹⁶, acompanhada de uma abonação de Camões: “Do céu a terra enfim desceu [Jesus] por *subir* os mortais da terra ao céu” (*Os Lusíadas*, I, 65) e outra de Vieira: “Para *subir* esta pedra ao mesmo lugar do monte donde tinha descido” (*Sermões*, VI, 160). É necessário mais?

“SUBÍAMOS, AO TROTE NOBRE DAS SUAS ÉGUAS” (*A Cidade e as Serras*, p. 54). – Por mais que dê tratos à bola, não descobro aí galicismo nem qualquer outro vício de linguagem.

“DETALHE”. – Já a 4.^a edição do dicionário de Moraes (1831), “reformada, emendada, e muito acrescentada pelo mesmo autor: posta em ordem, correta, e enriquecida de grande número de artigos novos e dos sinônimos por Teotônio José de Oliveira Velho”, consigna a palavra, como “termo novo”: “Narração circunstaciada, individual, ou por miúdo de alguma ação ou sucesso; “fazer o – de um cerco, de uma batalha, etc.” § *Detalhes* plur. as particularidades, circunstâncias, minudências e individuações de um caso, negócio ou assunto: “esperam-se

15  *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio, s. d. (cerca de 1940).

16  *Dicionário de Verbos e Regimes*, 3.^a ed., Porto Alegre, 1943.

as particularidades no correio seguinte” *Vieira*. (Hoje se diria “os detalhes”). “Hoje se diria...” E continuou-se a dizer, de modo que já no tempo de Eça o termo era de uso amplo e o foi sendo cada vez mais. O *Vocabulário da Academia de Lisboa* enxotou-o sem dó; mas o da nossa deu-lhe sensata acolhida – como a *detalbar* – como “adaptações” das respectivas formas francesas. Frei Francisco de São Luís, incluindo-os no seu *Glossário*, refere-se à extensão do emprego desses vocábulos, que já apareciam em alvará de 7 de janeiro de 1797, e aponta-lhes a analogia com outros, correntes, da língua: *talba, talbo, retalbar, retalbo, entalbe, entalbo, entalbar...* Como termo de técnica militar, de pintura, de arquitetura, *detalhe* é insubstituível. Nem vale a pena aqui transcrever os exemplos – e menos adicionar-lhes outros – de Garrett, Latino Coelho e mais alguns, citados por Heráclito Graça¹⁷, na defesa que faz daquelas duas palavras. “Pois não é despropositado ciúme” – escreve José Oiticica – “condenar termos como *agir, detalhe, abandonar, adiar, afrontar, aguerrido, aléia, avalanche*, e centenas de outros indispensáveis ou belíssimos? Que desfalque lamentável na língua se fôramos aspar todos os termos condenados pelos puristas!”¹⁸. Censurável será – isto sim – que Eça não tenha quase utilizado sinônimos daqueles termos, que os tem tantos e tão bons; só por acaso lhe encontramos um *pormenor*, como nos *Maias* (I, 128, e II, 313).

“COSTUME” (em lugar de *fato*). – Abramos o dicionário de Morais, artigo *fato*: “Os bens móveis, como roupas, e outros. § Os vestidos, e roupas do corpo”. O de Aulete: “roupa de vestir exteriormente”. O de Figueiredo: “Roupa (não sendo roupa branca); vestuário”. Agora, *costume*: Morais, 2.^a ed.: “Uso no trajar”. A 4.^a ed., refundida por Teotônio Velho, abona essa definição com o seguinte exemplo: “ele corteção parece pelo *costume dos trajos*” *Ulissipo*, 2. c.l. (é a comédia *Ulissipo*, de

17 ∞ *Fatos da Linguagem*, Rio, 1904, pp. 225-228.

18 ∞ *Manual de Estilo*, 2.^a ed., Rio, 1933, p. 17.

Jorge Ferreira de Vasconcelos, escrita aproximadamente em 1550)¹⁹, e a ela acrescenta a seguinte: “roupas que pola lei devem trazer certos oficiais, com feição e feitio próprios, v. g. uniforme militar, beca, capa e volta, etc. [Manuel] Severim [de Faria], *Discursos Políticos*, 4.” (obra aparecida em 1624). Vamos a Aulete: repete a primeira acepção de Morais – sob a forma “moda, uso”; dá outra, que não é mais que a segunda do nosso velho lexicógrafo, com certa ampliação de sentido: “Modo de vestir; trajo próprio ou característico: *Costume* de baile.”, explicando que é acepção “moderna e mal aceita pelos puristas”. Figueiredo, esse dá, timidamente: “Moda”. E assim fazem Augusto Moreno, Jaime de Séguier e os dicionaristas portugueses modernos, em geral. Ou a acepção desenvolvida da que já registrou Morais – 4.^a ed. – caiu de uso em Portugal, ou o purismo dos lexicógrafos a desterrou dos léxicos. Dos modernos, só os nossos a consignam. *O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*²⁰, além de “moda”, traz: “roupa (duas peças: calça e paletó); vestuário de teatro; fantasia (vestimenta)”. No de Laudelino Freire, além de “moda”, lê-se: “Trajo adequado ou característico: *Costume* de baile”... Vestuário de homem, composto de paletó, calça e, às vezes, colete... Vestuário de mulher composto de casaco e saia.” Estes últimos significados coincidem, em parte, com aquele de Morais, e quase de todo com o sentido da palavra francesa *costume* (ver o *Petit Larousse Illustré*). Dessa aproximação virá o horror: galicismo! Entretanto, a julgar pela antiguidade dos exemplos recolhidos por Morais (de 1550 e 1624), o galicismo seria tão velho que nem sei como se pode censurá-lo. A antiguidade do termo na língua e amplitude do seu emprego – pelo menos entre nós – parecem mostrar que o que se deu foi um caso normal de evolução semântica: de

19  Ver Aubrey Bell – *A Literatura Portuguesa* (trad. de Agostinho de Campos e J. C. de Barros e Cunha), Coimbra, 1931, p. 222.

20  5.^a ed., Rio, 1944.

“moda, uso no trajar” (“*manière de se vêtir*” – *Petit Larousse*), *costume* teria vindo a significar “o trajo” – a princípio o “trajo próprio ou característico”, a roupa “com feição e feitios próprios, conforme o *costume*, o uso do tempo, do lugar (“*habillement suivant les lieux, les temps*” – *Petit Larousse*) e do ofício: “vestuário de teatro; fantasia” (fr.: “*habit de théâtre, de déguisement*”). Daí para o vestuário moderno de homem, ou o vestuário de mulher constituído de duas peças – é um pulo. Além do mais, vê-se, de tudo isto, que não é coisa sempre normal empregar *fato* por *costume*, como quer o zelo do Sr. Cabral. Também Rui Barbosa²¹ condenou em Eça o *costume* (*Os Maias*, I, 384), observando que o escritor “bem conhece e, até, emprega o seu sucedâneo português *fato*”; e menciona três lugares daquele romance onde se vê esta palavra: I, 385, 386, 419 (poderia ter ainda citado I, 361 e 384; II, 489). Mas, veja-se. Primeiro, uma personagem fala em “*fato* de máscara”. Aqui o complemento especifica a natureza do *fato*: um *fato* “de máscara” é, naturalmente, um *fato* típico, uma fantasia, um *costume*. Três linhas adiante, lê-se: “O Matos, aquele animal, só na véspera lhe dera o *costume* para o baile”. (*Fato* para o baile não indicaria de maneira precisa um traje característico.) E nas duas páginas seguintes, falando desse traje, diz uma das figuras: “Veja V. Ex.^a isto, um *sabre* da guarda municipal! E é [o Matos] quem faz aí os *fatos* para todos os teatros!” – e depois outra: “O *costumier* com um *fato* do século XIV manda um *sabre* da guarda municipal!”. À p. 419: “o *fato* de Satanás”. O complemento – “de Satanás” – frisa a natureza da veste. Finalmente, no volume II, referindo-se Eça a uma roupa comum: “Aquele aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a ele na pele e no *fato*.”

“ADRESSE”. – Termo encontradiço em Eça de Queirós talvez sobretudo nos *Maias*. Que hoje um autor o empregue é coisa estranhável, pois *endereço* é palavra nossa, e corrente, enquanto a outra não tem a jus-

21  *Réplica*, Rio, 1904, p. 559.

tificá-la nem a necessidade nem o prestígio do uso. Mas no tempo de Eça de Queirós *adresse* deveria ter largo emprego. Basta ver que a 4.^a ed. do dicionário de Moraes (1831) ainda não registra *endereço*, e Constâncio (5.^a ed., 1854), consignando-o, faz a seguinte observação: “É pouco usado, e merece sê-lo, porque não temos outra equivalente para o francês *adresse*, neste sentido.” Também o dá como “pouco usado” Lacerda (5.^a ed., 1878), embora não faça tal observação Frei Domingos Vieira (1873). Para evitar-se o *adresse*, o Sr. Cabral lembra *endereço* ou *direção*. Pois *direção*, que não encontro neste sentido em nenhum dicionário, e é de uso restrito, não tem um cheiro forte de espanholismo? No juízo deste Sr. Cabral, as palavras e frases já mencionadas “são, em matéria de linguagem, verdadeiros crimes de mão cortada”.

Vamos a novos “galicismos” por ele apontados:

“QUANTAS VEZES ANTERO ME *CONTAVA* DESSA PIEDOSA E SUAVE CIDADE, E DO LONGO APETITE QUE ELA REPENTINAMENTE LHE DERA DE QUIETAÇÃO ETERNA!” (*Notas Contemporâneas*, p. 391). — É na regência que ele vê o novo “crime”. Pois lá está ela no dicionário de Laudelino Freire e no *Dicionário de Verbos e Regimes*, com abonações de Camilo e Herculano. A passagem deste foi transcrita do *Bobô*: “Não vos *contei* ainda *de* uma profecia que há tempos me fez mestre Guedelha, o físico judeu?” (II^a ed., p. 200).

“NO MUNDO A MELHOR OCUPAÇÃO, A ÚNICA QUE NÃO RESULTA EM LOGRO, CONSISTE EM *PLANTAR* QUIETAS *SALADAS* NUM MURADO E FRONDOSO QUINTAL” (*Notas Contemporâneas*, p. 387). — Escreve o censor, muito fino: “A alface, o pepino e a batata, se soubessem, protestariam... E protestariam também a lagosta e o camarão, que, em saladas, são de comer e chorar por mais...” “Realmente, *plantar saladas* é de estarrecer!... Plantam-se alfaces, plantam-se agriões, plantam-se chicórias; mas plantar tudo isto, já temperado com sal, azeite, vinagre e pimenta, é que me não entra cá...” Ora, *salada* também é “qualquer planta, de que se faz *salada*: *plantar um canteiro de saladas*” (dicio-

nário de Jaime de Séguier). Como esta acepção é comum ao francês, e não muito corrente, logo o Sr. Cabral fisgou o *plantar saladas* como um belo galicismo. Mas – observe-se – Figueiredo até define assim o termo: “Planta ou plantas hortenses, que, depois de migadas, se temperam com sal e outras especiarias e se comem cruas. *Prov.* O mesmo que *alface*”; e a definição dada por Augusto Moreno não inclui o provincianismo, porém no mais é bem semelhante à de Figueiredo. Nenhum dos dois chega a registrar o sentido mais vulgar, apenas dando margem a que se possa deduzi-lo. A quem trata de linguagem é recomendável maior contacto com a língua do seu tempo e freqüência mais assídua aos dicionários.

“VERVE” (em vez de *graça*). – Antes de tudo, *verve* não é propriamente “*graça*”; é “vivacidade de imaginação que anima o orador, o conversador, etc.”; a *graça*, a elegância do estilo, será conseqüência disto. E justamente porque o vocábulo *graça* é, no caso, incompleto e impreciso, e vivacidade, que seria melhor, também não serve bem, é que se recorre a *verve*, e será talvez impossível banir esse ótimo francesismo.

“VERMINA” (por *bicharia*). – Com a forma recomendada desde Gonçalves Viana – *vérmína* – esta palavra figura em quase todos os léxicos modernos, como adaptação do francês *vermine*, e não como simples galicismo – tendo vindo do latim *vermina*, segundo alguns. O *Vocabulário da Academia de Lisboa*, tão cheio de pudores, registra-a sem considerá-la francesismo. *Bicharia* é vago, é impreciso. Diz-se, geralmente, *vérmína* ou *verminose*.

“MASSACRE”. – Banido do *Vocabulário da Academia de Lisboa*, *massacre* mereceu acolhida no da nossa Academia, embora com a declaração de que é francês. Forte, rude, algo onomatopéico, o termo, embora tenha ótimos sinônimos, bastante usados – *matança*, *morticínio*, *carnificina*, etc. –, parece que pegou para sempre em nossa língua. Um clássico em favor dele? Camilo: “Nem a história cruelíssima dos *massacres sediosos*, nem as graves razões da parcialidade política” (*Dispersos de*

Camilo, I, 351)²². Outro clássico em abono de *massacrar*? Herculano: “Repetirão o que o imortal marido de Lady Byron dizia de nós, a propósito de uns cachações com que o *massacraram* certa noite” (*Lendas e Narrativas*, II, 189).

“DE RESTO”. – Embora recebida imediatamente do francês – observa Heráclito *Graça*²³ –, esta locução é perfeitamente justificável pelo latim *de reliquo*, “empregado especialmente por Cícero, na acepção de *quanto ao mais, quanto ao resto, demais*. Dispensamo-me de repetir os argumentos daquele filólogo. Das abonações que ele dá para a expressão – copiadas de Herculano, Camilo e outros – transcrevo aqui apenas a de Herculano, retificando-lhe um descuido: “De resto, tratavam-se com *aparente cordialidade*” (*Lendas e Narrativas*, II, 252). (Nos *Fatos da Linguagem* está: “*com oportunidade*”). Um exemplo de Machado de Assis pode-se ver em *D. Casmurro*, p. 89. Neste caso, como em tantos outros, o lastimável é o abuso, em Eça, de uma expressão tão rica de sinônimos.

“CHOCAR” (por *desagradar*, ou *ferir*). – Esta acepção do verbo *chocar* existe no português há mais de um século: a 4.^a edição de Morais registra-a como de “moderno uso”. Daí por diante ela aparece quase em todos os dicionários (dos vários que consultei, só em João de Deus não a vi) e apenas os de Constâncio e Augusto Moreno a dão como galicismo. O fenômeno semântico de que se originou para o verbo aquele sentido francês é coisa normalíssima. Cito aqui a definição de Morais: “ferir, fazer impressão, ofender *como choque das bolas*”).

“CONFECÇÃO” (por *vestuário*, ou *roupa*). – Em primeiro lugar, *confeção* (mais usado no plural) não é o que diz o Sr. Cabral, mas sim – “peça ou peças de vestuário que não foram feitas por medida”. O termo não tem outro que o substitua com precisão, e seu uso é larguíssimo; não há desespero de purista que consiga matá-lo. Vejam-se no li-

22  Apud A. Tenório de Albuquerque, *A Linguagem Camiliana – Galicismos*, Rio, p. 183.

23  *Fatos da Linguagem*, cit., p. 184.

vro do Sr. A. Tenório de Albuquerque²⁴ exemplos colhidos em Camilo, de *confecção* naquele sentido, e no de “organização”, “elaboração”, que é também do francês.

“NO FUNDO” (por *em suma*, ou *resumidamente*). – Engano: *no fundo* significa “na substância, na essência, na realidade”. Laudelino Freire registra a expressão sem a dar como galicismo. Ainda agora, remeto o leitor para os *Fatos de Linguagem*, de Heráclito Graça (pp. 363-366), que a defende magistralmente.

“RASTACUERO” (por *estrangeiro duvidosamente rico*). – Não é galicismo; é espanholismo. De *rastacuero* (ou *rastracuero*) é que o francês tirou o seu *rastaquouère*. É esta forma, e não aquela, que encontro em Eça de Queirós (*Os Maias*, II, pp. 117, 218, 418; *Cartas Familiares*, 116 (duas vezes) – também *rastaquouérismo*, na mesma página, duas vezes). Aqui no Brasil, até antes do último dos numerosos decretos sobre ortografia, usava-se a forma francesa ou *rastacuero* e *rastacuera* (como se vê no dicionário de Laudelino Freire, editado há cerca de quatro anos); o atual *Vocabulário da Academia* só admite *rastaquêra*. O da Academia das Ciências de Lisboa não toma conhecimento da palavra; no próprio Dicionário da Academia Espanhola ela não teve acolhida. *Rastaquêra* ou *rastaquêro* não é bem o que diz o Sr. Cabral; é o indivíduo (estrangeiro ou não) que tem a preocupação de ostentar luxo (sendo duvidosa, ou não, a sua riqueza). Ainda que a definição do Sr. Cabral servisse com justeza, imagine-se que maçada seria ter-se de recorrer àquele circunlóquio para enunciar uma idéia tão expressivamente enunciável num vocábulo só, de circulação internacional. Se já no tempo de Eça de Queirós ele sentia a necessidade do termo, como hoje, que este se espalhou extraordinariamente, e se aportuguesou, aparece alguém para propor-lhe a eliminação e censurar o escritor pelo seu uso? De tal jeito a palavra pegou em nossa língua, que dela já temos vários derivados –

24 ∞ *A Linguagem Camiliana – Galicismos*, cit., pp. 58-59.

rastaqüerismo, *rastaqüeresco*, *rastaqüérico*, *rastaqüerar*, *rastaqüeramente* – dos quais talvez só alguns o espanhol possua. *Rastaqüeresco* tem a seu favor a autoridade de Rui Barbosa.

“BOUDOIR” (por *toucador*). – Já Rui Barbosa²⁵ se refere com censura ao *boudoir*, “cuja equivalência portuguesa, *toucador*, o próprio Eça várias vezes utiliza”. Cita, dos *Maias*, uma só página em que figura o francesismo, a 56 do I vol. Podem-se mencionar várias outras, do II vol.: 65, 121, 122, 126, 127, 445, 447... De *toucador* aponta quatro casos (I, 88, 89, 393; II, 482). Encontro mais um: II, 472. De uma e outra palavra deve haver outros exemplos, ao longo das obras de Eça. Rui não quis observar que o grande romancista as empregou em sentidos diferentes. *Boudoir* está sempre na acepção francesa: “pequeno salão ou quarto de senhora ornado com elegância”; e *toucador* no sentido correspondente ao do vocábulo brasileiro *penteadeira* ou a um dos sentidos do francês *toilette*, também muito usado em Portugal e no Brasil. E verifica-se a tendência geral ao emprego de *boudoir* para designar o aposento, reservando-se *toucador*, *toilette* ou, no Brasil, *penteadeira*, para o móvel. Inutilmente o zelo purista de muitos bate-se pela extensão do uso de *toucador* ao primeiro caso: a realidade da língua, demonstrada nas páginas de Eça, mal se acomoda a isto. Bem raras pessoas dirão ou escreverão *toucador* referindo-se ao aposento. Se não disserem *boudoir*, empregarão *quarto de vestir*, *vestiário*, *antecâmara* – que aliás não são rigorosamente a mesma coisa. Por isso Camilo, com todo o classicismo, espalhou o *boudoir* por tantas de suas obras.

“FAZER O CONHECIMENTO” (em vez de *travar relações*). – Outra censura transportada da *Réplica*. Não é justa. A frase, realmente contrária à índole do português, e sem a força que vem do uso, é posta por Eça na boca de personagens suas (*Os Maias*, I, 217, e II, 213). Nada mais natural que o galicismo na conversa de pessoas destas – um tipo de ras-

25  *Réplica*, cit., p. 560.

taçiera como Castro Gomes e o ignorante mas afetado Conde de Gouvarinho. Se para ser bastante vivo, falando a linguagem do seu tempo, corrente nos meios que fixou – embora, é certo, em grande parte por influência de leituras –, serviu-se de tantas palavras e expressões francesas ou afrancesadas, por conta própria, é natural que o faça mais largamente nos diálogos, onde um tique de fala, a preferência por determinadas expressões, o gosto do estrangeirismo, põem às vezes melhor de pé um tipo do que uma longa descrição à maneira antiga. É impossível, em princípio, censurar um autor pela linguagem dos diálogos de seus romances. Sobretudo um autor como Eça, em que ela é uma das marcas mais vivas da sua maneira de ficcionista.

“ELANCE” (por *ímpeto*). – A palavra, que talvez Eça tenha sido o primeiro a usar, foi empregada depois por outros autores – Alencar, Afrânio Peixoto... – e já figura em dicionários modernos.

“SEM CONTAR QUE” (em lugar de *além disto*). – Embora desnecessária, é expressão corrente, que promete resistir às investidas dos puristas.

“NÃO É TUDO” (por *mas há mais*). – Creio não ter ainda ouvido de brasileiro esse *mas há mais*, que, pronunciado à nossa maneira, se confunde com a expressão *de mais a mais*. Aqui se diz [*mas*] *ainda há mais*, ou, com maior frequência, *não é só isto, ainda não disse tudo*, e – até – *não é tudo...* (mas comumente precedido da conjunção *e*). Não me parece que a expressão tenha vindo do francês.

“ATRAVÉS” (por *através de*). – Na *Ilustre Casa de Ramires*, fim da p. 432, escreve Eça: “*através* ultrajes imundos”. E logo no começo da p. 434: “*através do mato*”. São relativamente muito poucos os casos de *através*. Ao já citado acrescentarei este, colhido nas *Cartas Familiares* (p. 189), e censurado pelo Sr. Agostinho de Campos²⁶: “*Através* a folhagem copada... não logrei perceber”. Pois no mesmo artigo – acerca das *Festas Russas* – de que o Sr. Campos tira o exemplo, encontra-se, à p. 175,

26 ∞ *Antologia Portuguesa – Eça de Queirós*, II, cit., p. LIX.

através de. E também no mesmo livro, às pp. 9, 23, 43, 75, 124, 192, 201, 212, 215... Nos *Maias*, folheando ao acaso o vol. II, vejo *através de* às pp. 215, 491, 496 – e nem um simples *através*. Mostrando o emprego exagerado e, ao seu ver, muitas vezes impróprio, que faz Eça daquela expressão, Vasco Botelho de Amaral²⁷ cita passagens tiradas das pp. 3, 5, 9 (duas vezes), 11, 15, 18, 20, 23, 38, 70, 100 (duas vezes), 101, 107 e 146 das *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*. Ela ainda aparece nas pp. 150, 253, 288 – e naturalmente em outras, pois não percorri demoradamente para este fim o volume inteiro. Desses dezenove casos, note-se – nem um é de *através* sem o *de*. É tão comum no autor a forma correta, que até se poderia atribuir a erro de revisão, ou perdoável descuido, a presença da outra forma.

“ANCESTRAL” (por *avoengo* ou *avito*). – O termo já é usadíssimo, está em todos os dicionários modernos e nos Vocabulários da Academia Portuguesa e da Brasileira; estes e alguns daqueles não o dão como galicismo. Segundo Augusto Moreno, ele veio ao francês pela forma inglesa homônima. A respeito de *ancestral*, leia-se o que diz José Oiticica: “Os puristas condenam a palavra. Gonçalves Viana julga-a barbarismo e de adoção *absurda*. É todavia indispensável para designar acidentados evolutivos que vão além da espécie: uma forma *ancestral*, os antropóides *ancestrais*, os *ancestrais* do cavalo tinham cascos tripartidos. Por extensão de sentido passou a designar *antepassados* e *antiquíssimo*.”²⁸

“ABANDONADO DO COMÉRCIO” (em vez de *abandonado pelo comércio*). – O emprego da preposição *de* em casos destes é corretíssimo; embora menos comum, no português atual, que o da preposição *por*. Alguns exemplos, antigos e modernos, que poderiam ser indefinidamente multiplicados: “mas é *vencida*. Do doce ardor, que não obedece a rogo” (Antônio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Coleção de Clássicos Sá da Costa,

27  *A bem da Língua Portuguesa*, cit.

28  *Apud Dicionário* de Laudelino Freire, cit.

Lisboa, p. 8); “terra fresca e fértil, *talhada de* muitos rios” (Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, ed. Rolandiana, Lisboa, 1857, tomo I, p. 192); “*perseguida de* velhas conselheiras” (Camilo, *Amor de Salvação*, 2.^a ed., Porto, 1874, p. 68); “*tocado do* vento” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 117); “*castigados do* céu por seus pecados” (Id., *Poesias*, 274); “não pudera fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memória, rude e pesada, e como *toldada de* espessa nuvem” (João Francisco Lisboa, *Obras*, São Luís do Maranhão, 1865, vol. IV, p. 10).

“PARTAGER” (em lugar de *compartir*). – Quase todos os galicismos da lista do Sr. Antônio Cabral – não sei se o disse antes – já os apontara Rui Barbosa na *Réplica*. Com o *partager* parece ter-se dado um caso curioso: Rui, mencionando os francesismos de Eça, escreve, a certa altura: “ora o *partager*, mal disfarçado em *partilbar*, com a significação, que o nosso idioma lhe recusa, de *participar, compartilhar*” – e cita algumas páginas: I, 207; II, 92 e 427. O Sr. Cabral viu *partager*, não atentou bem no resto, e, na sua ansiada pressa de filólogo improvisado, juntou o vocábulo ao seu rol. Enganou-se; e Rui também se enganou condenando o *partilbar*: guiou-se por Figueiredo – guia muito inseguro – como inexplicavelmente tantas vezes o faz. Em todos os dicionários, a partir do de Aulete, encontro a palavra com a acepção que condenam Rui e Figueiredo; só no dicionário deste autor é que leio, depois de: “Tomar parte em” – a observação: “Esta última acepção é rejeitada pelos mestres, que a substituem por *participar de*.” Rejeitada pelos mestres? Veja o leitor no *Dicionário de Verbos e Regimes* exemplos de Garrett, Camilo, e Machado de Assis, além dos de Garrett e Latino Coelho nos *Fatos da Linguagem* (pp. 388-392) – livro para o qual ainda uma vez o remeto, evitando repetir as excelentes razões de Heráclito Graça em favor de *partilbar*.

“FAZEMOS ARMAS” (em vez de *jogamos as armas*). – Embora não inclua esta frase no seu grupo dos galicismos, é naturalmente nele que o Sr. Cabral pretende metê-la, chamando-a “horrrível”. O *faire des armes*

perturbou o crítico. Tem a palavra Morais: “Fazer armas, ter duelo, justa, ou batalha. *Palm.* [*Palmeirim de Inglaterra*] P. 2, c. 134 e 129, que fizesses sobre isso armas: daqui se entende a *Ordem.* [*Ordenação Filipina*], L. 2. T. 26. § 2. *Item*, dar lugar a *se fazerem armas de jogo* (são justas, torneios, correr canas por jogo, e divertimento...)”.

Isto no artigo *fazer*. Agora no verbete *arma*: “Fazer armas: militar. Cron. J. I. I. c. 96. *para lhe dar licença de irem fazer armas por Reinos estranhos. it. Justar.*” E depois de remeter o leitor para *fazer*, quase repete o que aí está e cita de Azurara, *Tomada de Ceuta*, c. 96: “irem a França *fazer armas*”, além de mencionar várias outras fontes. Figueiredo, posto que tão aceso no seu antifrancesismo, registra, como “desusado”: “Fazer armas, ter duelos”, sem dar a expressão por afrancesada. Assim também Laudelino Freire – menos a observação quanto ao desuso. *Armas* tem, nessa frase, o sentido de “façanhas militares, combates” – de origem latina, – em que aparece no tão conhecido primeiro verso dos *Lusíadas*.

Na sua *Antologia* de Eça de Queirós, já citada, Agostinho de Campos menciona uns galicismos do escritor da *Relíquia*, os quais, declara, “já tinham invadido a língua antes de Queirós a estragar”: *avenida*, por “alameda”; *chaminé*, por “fogão”; *chocar*, por “impressionar desagradavelmente”; *conduta*, por “procedimento”; *detalhe*, por “minúcia, pormenor”; *um guia* (de viajante), por “uma guia”; *legendária*, por “lendária”; *obra* (de um escritor), por “obras, produção”; *somente*, com sentido ad-versativo; *vermina*, por bicharia, pulguedo”. (II. LV).

De *chocar*, *detalhe*, *vermina*, já me ocupei atrás. Quanto às outras palavras, parecem-me desnecessárias quaisquer considerações, em virtude da própria declaração do Sr. Agostinho de Campos. Se já eram galicismos aceitos e correntes antes de Eça, que fazer contra eles?

Outros dos galicismos também apontados por esse lingüista vêm na série do Sr. Cabral: *senhora de grande idade*, *elance*, *não é tudo*, *através o*, *sem contar que*, *de resto*, *grande ar*. Os dois últimos figuram também na

coleção de Rui Barbosa. Deles já tratei, como se viu. Há outros ainda; vejamos alguns.

“SENTI UM IMENSO DESPREZO PELA VIDA” (*O Mistério da Estrada de Sintra*). – Sabe-se que a tradição da língua é em favor da preposição *de*, ou *a*, e não *por*, para reger palavras como *desprezo*, *ódio*, *amor*, *amizade*, etc. – e da preposição *a* quando tais palavras vêm precedidas de um verbo como *ter* ou *sentir*. Mas a tendência já de há muito observada é para o uso também, nestes casos, de *por*. Para não me alongar, citarei aqui apenas um exemplo, mas de boa fonte: O *amor* cego del-rei D. Fernando *pela* mulher de João Lourenço da Cunha... havia muito que era o pasto saboroso da maledicência do povo” (Herculano, *Lendas e Narrativas*, 13.^a ed., 1918, I, pp. 63-64). E Antenor Nascentes²⁹ abona a regência *por* para *amor*, *amizade*, *desprezo*, sem lhe fazer nenhuma censura. Ao contrário, ocupa-se do fato, justificando-o plenamente, no prefácio do seu livro.

“ABUSO DO PRONOME PESSOAL SUJEITO”. – Dos três exemplos desse defeito apontados por Agostinho de Campos ponho apenas o último sob os olhos do leitor: “Vem para junto de mim. Eu sou completo. Correspondo a todos os teus instintos luminosos, ou sagrados, ou materiais, ou lascivos. Eu dou-te o pão, o calor, a fortaleza, dou-te as visões que são a poesia do movimento na alma, dou-te a sensualidade sonolenta que exala amor, dou-te a serenidade que dispõe para a contemplação, e a força que prepara para o trabalho. Eu sou a cura, inteligente e boa, do mal natural. Eu alumio-te nas vigílias dolorosas. Quando estás entorpecido na doença, eu, pequenino e encolhido, tremo ao pé de ti. Quando morres e a tua alma vai partir, eu alumio-lhe o caminho de Deus. Eu cerco Cristo nos altares para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, eu sou junto das praias o grito de luz que te chama” (*Prosas Bárbaras*, p. 170.) Ora, a repetição, aqui, é de excelente

29 ∞ *O Problema da Regência*, Rio, 1944.

efeito, e a ausência dela é que seria lamentável³⁰. Observe-se o caráter eloqüente do trecho, que pertence à fantasia *O Lume*. O lume fala ao homem, mostrando-lhe todos os serviços que lhe presta; e é clara, assim, a importância desse *eu* repetido. Tanto mais quanto, logo a seguir, ele põe em relevo o contraste, perguntando ao homem: “E o que fazes tu em paga deste amor que se dá, que cria, e que purifica? Esmagas-me. Fazes-me o escravo das máquinas...” Caso semelhante a este é – para referir apenas um – da aquela invocação que faz o poeta dos *Lusíadas*, no princípio do seu poema ao rei D. Sebastião: “E vós, ó bem nascida segurança da Lusitana antiga liberdade... Vós, ó novo temor da Maura lança... Vós, tenro e novo ramo florescente... Vós, poderoso Rei, cujo alto império o Sol logo em nascendo vê primeiro: Vós, que esperamos jugo, e vitupério...”

“ABUSO DO INDEFINIDO ‘UM’”. – Cita Agostinho de Campos, entre outras, condenando-as todas, a seguinte passagem de Eça de Queirós: “Mas uma tarde... saindo Adão e Eva da espessura de um bosque, um urso enorme, o Pai dos Ursos...” (*Contos*, p. 180). Não me parece fácil evitar aqui os indefinidos, a não ser o primeiro, que se poderia substituir por certa, gerando-se porém, assim, um detestável parequema; a menos que se sacrifique a naturalidade ou o próprio conteúdo da expressão. Demais, por que tão vivo horror ao indefinido? Transcrevo um soneto de Camões, citado por Sousa da Silveira³¹ em abono do uso amplo daquele artigo em certos casos. Ei-lo, menos o último terceto:

“*Um* mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê; *um* riso brando e honesto,
Quase forçado; *um* doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;

30  É o tipo de repetição a que os velhos retóricos chamam *anáfora*.

31  *Lições de Português*, 3.^a ed., Rio, 1937, pp. 253-254.

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravíssimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
 Indício da alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar; *uma* brandura;
Um medo sem ter culpa, *um* ar sereno;
Um longo e obediente sofrimento.”³²

Poder-se-iam acrescentar inúmeros exemplos, que, porém, alongariam demasiado, e sem grande vantagem, as proporções deste trabalho. Encerro, pois, este comentário com a seguinte observação, importante, daquele filólogo: “O artigo salienta com maior vigor, individua mais energicamente aquilo que o substantivo designa, e que fica sendo uma coisa mais vaga, mais desbotada e mais abstrata quando falta o artigo. Na edição de 1877 das *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano lê-se, a páginas 110 do tomo II: “Dizei-lhe isto, e vereis esse engenho, que credes moribundo, atirar-se, *como tigre*, ao meio dos juizes.” Há aí uma simples e apagada comparação. Mas, na edição de 1859, está, segundo me informa Said Ali, “atirar-se como um tigre”³³, expressão de muito mais força evocativa, porque o espírito como que vê, concretamente, um tigre que se atira com toda a sua ferocidade, e com esse tigre, assim destacado dos mais pelo artigo, é que se faz a comparação”³⁴.



32 ∞ Transcrevo da edição crítica da *Lírica de Camões* por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira. Na transcrição de Sousa da Silveira há ligeiras diferenças de pontuação e está *despeito* em vez de *despejo*.

33 ∞ Assim também na 13.^a ed., cit. II, 114.

34 ∞ *Lições de Português*, cit., p. 254.

Não há espaço para tratar de outros “galicismos”, de que Eça é acusado pelo Sr. Cabral, por Agostinho de Campos ou pelos dois; por exemplo: *em amizade* (a que o Sr. Cabral contrapõe *com amizade*³⁵, mas que é corretíssimo); o abuso do possessivo (muito menor do que parece a Campos, pois incontáveis são as vezes em que Eça elegantemente o omite ou o substitui pela variação pronominal) e o emprego do *mesmo* como advérbio (= “até”), que, embora censurado por ambos, é português de lei, dele se encontrando exemplos em Camões, Dom Francisco Manuel de Melo, Bocage, Castilho Antônio e Camilo Castelo Branco.

Agora os

2 – Solecismos

Examinemos alguns dos apontados por Agostinho de Campos³⁶:

“ADORMECE NA IMENSA PAZ DE DEUS” – DE DEUS QUE ELE NUNCA SE CANSOU EM COMENTAR, NEM SEQUER EM NEGAR” (*Contos*, p. 193). – Pensa o juiz que Eça devia ter empregado *de*, ou *a*, e não *em*. Pois nos dicionários de Constâncio, Laudelino Freire e Francisco Fernandes se encontra a regência condenada – nos dois últimos com abonações de João Francisco Lisboa e Vieira, respectivamente.

“PREPARAVA-SE A REPELIR O CARLINHOS” (*Os Maias*, I, III). – O certo é *preparar para*, diz não só Agostinho de Campos como o Sr. Cabral. Pois o regime usado por Eça de Queirós conta exemplos de Filinto Elísio e de Garrett (ver o *Dicionário* de Laudelino Freire).

Passo agora a comentar alguns dos “golpes despedidos” por Eça “contra a gramática”, que o Sr. Cabral enfileira no seu livro.

35  Eça também se utiliza desta expressão: “explicou *com amizade*, com bonomia” (*Os Maias*, II, 329). Na p. 302 põe na boca de João da Ega, diretamente, *em amizade*, e linhas depois, na boca de Palma Cavalão, indiretamente, a outra forma.

36  *Antologia Portuguesa – Eça de Queirós*, II, cit., pp. LVIII e segs.

Encontram-se nas *Últimas Páginas* os seguintes:

“NA LINDA FACE QUE O SOL E O AR DA SERRA CRESTARA.”

“E SÓ COM A EMPURRAR, DERRUBARA A TORRE CONSTRUÍDA PELO DIABO PARA ROBERTO DA NORMANDIA.”

Quanto à primeira destas frases, diz o crítico: “*Crestaram* é que deve ser, ou *haviam crestado*”. Ora, Eça de Queirós não podia ignorar que geralmente o sujeito composto leva o verbo ao plural. Mas também de certo não ignorava que, quando o sujeito composto é formado de palavras sinônimas, ou das quais a idéia de uma ou algumas se inclui noutra, ou com outra tem relação de semelhança, pode o verbo ficar no singular. Às vezes, até, basta que o autor empreste maior significação à palavra mais próxima de verbo, para se fazer, sem erro, a concordância menos comum.

Quem não conhece aqueles versos do Canto V, estrofe XXXVIII, dos *Lusíadas*: “Ó Potestade, disse, sublimada!/Que ameaço divino ou que segredo/Este clima e este mar nos apresenta,/Que mor cousa parece que tormenta?” É, bem se vê, um caso perfeitamente análogo ao da frase de Eça. Mais um exemplo, e este de João de Barros: “*A cobiça e desordem dos romãos destruiu Roma e deu dela vingança ao mundo*” (*Panegíricos*, Coleção de Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1937, p. 143). Agora, um clássico moderno: “*A saudade, a memória de Joaquina, suavemente impressa no mais puro e no mais santo da sua alma, resplandecia no meio de todas as sombras que lha obscurecessem, sobreluzia no meio de qualquer fogo que lha alumiasse*” (Garrett, *Viagens na Minha Terra*, cit., p. 207). Pode-se ver outro exemplo em João Francisco Lisboa (*Obras*, cit., IV, p. 11), outro mais em João Ribeiro (*Páginas de Estética*, Lisboa, 1905, p. 117).

Na segunda daquelas frases o Sr. Antônio Cabral sublinha *com a empurrar*. Errado? Mas por quê?

Está na *Cidade e as Serras* (p. 56) este “golpe”:

“UMA FUGA ARDENTE DAS ÉGUAS, A QUEM A LENTIDÃO SOPEADA...”.
 – “As éguas... a quem!?” – exclama o juiz. A razão única de certa surpresa

seria, em autor de linguagem tão moderna, o antiquado desse uso; nunca, porém, a incorreção dele, que incorreto não é. É corretíssimo, e, com ser antiquado, não lhe faltam abonações de autores modernos. Principie-mos pelos antigos: “Dos *olhos* por *quem* perdi a liberdade...” (Diogo Bernardes, *Rimas Várias, Flores do Lima*, Lisboa, 1770, p. 3); “*Olhos* por *quem* mais claro nasce o dia,/Por *quem* são os meus olhos tão ditosos/Que de chorar por vós lhes coube em sorte!” (Antônio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Coleção de Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1939, I, p. 17); “& foi Braga ua das *ciudades* do Reino em *quem* a peste menos crueza executou” (Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, cit., I, 1857); “Grande cousa é liberdade/Ter pouco, mas sem contenda,/Que arrenego da *fazenda*,/Por *quem* se vende a vontade” (Rodrigues Lobo, *Éclogas*, Coimbra, 1928, p. 63.). Agora os modernos: “Não era a *embriaguez quem* lhe tornava tardo e vacilante o andar” (Herculano, *O Monge de Cister*, 2.^a ed., 1859, II, 361); “Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um *alão* a *quem* muito queria” (*Id.*, *Lendas e Narrativas*, cit., II, 12).

ESTILO

“ – Enfim, exclamei, uma prosa como não pode haver!

“ – Não, gritou Fradique, uma prosa como ainda não há!

(*A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 125).

Com a mais dura das injustiças, escreve Fialho de Almeida³⁷ a respeito do estilo de Eça de Queirós: “Comparando trabalhos de maturidade, com os primeiros ensaios da *Gazeta de Portugal*, e edição primitiva do *Padre Amaro*, sente-se que o escritor, neste campo, declinou, ou melhor talvez, não progrediu, e que a abundância e finura dos motivos pittorescos, realçados nestes primeiros escritos, não foram supridas, à

37  *Figuras de Destaque*, cit., p. 140.

proporção que iam murchando, por nenhuma dessas outras qualidades de fatura que traz a prática de escrever, lapidadora da forma, variadora infinita das cadências, que enriquece o ritmo, areja e precisa, nas suas arestas de rosa, a jóia do vocábulo.”

Não é possível maior exemplo de má-fé ou de incompreensão. Eça levou a vida a trabalhar o seu estilo, desde os escritos que hoje figuram nas *Prosas Bárbaras*, onde por vezes se sucedem períodos empolados, e os adjetivos se amontoam, repetindo-se muitos deles com uma constância desorientadora³⁸, até às obras da última fase, em que, já senhor dos recursos da língua – ainda que sem renegar a maioria das características da sua maneira, que tinham para ele o valor de princípios – quase alcança a perfeição³⁹.

Do que foi o seu esforço neste sentido pode-se julgar por esta declaração, em carta a Ramalho⁴⁰: “Das *Farpas* verá que fui forçado a limpar, catar, e endireitar muito o estilo. Você nasceu com um estilo feito e escrevia tão bem há vinte anos, como escreve hoje; daí o poder reimprimir os seus artigos sem lhes tocar. Eu tive de fazer o meu estilo à custa de esforços e de *tâtonnements*. No tempo das *Farpas* estava ainda no período bárbaro da forma.”

Já hoje se sabe que Eça de Queirós escrevia sem torturas, sobretudo já pelo fim da vida. Como acontecia a Balzac, o seu grande trabalho era por ocasião das provas, quando, relendo-se, a ânsia do perfeito o levava a emendas que martirizavam os tipógrafos. E esse labor parece que ele o teve durante toda a carreira. Em outra carta, a Luís de Magalhães, datada de 18 de setembro de 1891⁴¹, e a respeito de um conto que pretende remeter para a *Revista de Portu-*

38 ∞ Não obstante, já nesses trabalhos estão nitidamente lançados os fundamentos da prosa eciana.

39 ∞ O que não exclui, porém, certa pobreza de calor de algumas páginas das suas vidas de santos – onde há, por outro lado, tantas maravilhas.

40 ∞ *Cartas de Eça de Queirós*, p. 279.

41 ∞ *Cartas de Eça de Queirós*, pp. 305-306.

gal, Eça, depois de explicar que não pôde fazê-lo mais curto – “Cada vez posuo menos aquela *arte de concisão* que caracteriza o verdadeiro escritor. Para dizer bons-dias preciso volumes.” – Escreve: “Não receie as provas. Eu já não emendo tão atormentadamente. Nas cartas de *Fradique*, as provas vão sempre limpas.” Mas é lícito pôr em dúvida esta declaração em face do que ele diz, cerca de um mês depois, a respeito do mesmo trabalho⁴²: “Tenho andado a rever o Conto – operação que é sempre para mim longa e laboriosa. É quase uma recomposição. Espero poder remeter amanhã, se Deus quiser, a primeira parte.”

Num de seus livros⁴³, Albino Forjaz de Sampaio faz um cotejo entre as diferentes maneiras como a figura do Cônego Dias vem descrita, em cada uma das três primeiras edições do *Crime do Padre Amaro* – livro de que, como se sabe, Eça de Queirós só considerou definitiva a 3.^a edição. Transcrevo aqui as diferentes versões de outra passagem:

I.^a ed. (na *Revista Ocidental*, I.^o ano, tomos I e II, 1875):

“Amélia, em cima, no seu quarto, não dormia também; tinha apagado a luz, e de costas, as mãos cruzadas por trás da cabeça, entregava-se a uma grande abstração viva, feita de idéias, de recordações, de planos, de sensibilidades. O quarto era pequeno: a mãe tinha cedido os seus quartos embaixo ao padre Amaro e dormia, ao pé dela num colchão, no chão, num largo coxim acamado sobre esteiras. Em cima da cômoda, dentro duma bacia, estava a lamparina, e a luz monótona e velada um pouco do espelho reluzia, com tons de aço. O quarto da idiota era ao pé e atrás da porta cerrada; Amélia sentia o seu ressonar catarroso, e grandes tosses que tinha, dormindo, e que terminavam

42  *Cartas de Eça de Queirós*, pp. 311-312.

43  *Crônicas Imorais*, 5.^a ed., Lisboa, s. d., pp. 259-260.

num arquejar prolongado, e cheio de cansaço. A lamparina estava a extinguir-se, e o quarto estava numa penumbra, abafada e espessa: brancuras de saias caídas no chão, destacavam; o espelho tinha um vago reflexo lívido, e na sua cama, a corpulência da S. Joaneira, com o seu lenço branco amarrado, punha na roupa um grande relevo. O quarto era pequeno, e com a respiração, o ar espessava-se: estava espalhado um vago cheiro de morrão de azeite; os móveis, as roupas, as saias e vestidos pendurados, faziam calor e abafavam.

“Amélia não podia adormecer. A mãe, ao pé, ressonava roncando, e Amélia olhava abstratamente uma claridade redonda, que no teto, por cima da lamparina, tremia violentamente. O gato, que ficava no quarto às vezes, caminhava, com as suas passadas moles e fofas, e fazia ver, na escuridão do chão, os seus olhos luzindo com uma claridade fosfórica e esverdeada” (Tomo I, p. 209).

2.^a ed. (Lisboa, 1876):

“Nessa noite Amélia, em cima, deitada, não dormia também. O quarto era pequeno; a mãe tinha a sua cama ao pé dela num colchão, sobre esteiras, no soalho. Em cima da cômoda, dentro de uma bacia, a lamparina extinguia-se, dava um mau cheiro de morrão de azeite; havia uma penumbra abafada e espessa; brancuras de saias caídas no chão destacavam; o espelho tinha um vago reflexo lívido; e o gato, que ficava no quarto às vezes, caminhava com as suas passadas moles e fofas, e na escuridão os seus olhos luziam com uma claridade fosfórica e esverdeada” (p. 71).

3.^a ed. (Porto e Braga, 1880):

“Ela, em cima, não dormia também. Sobre a cômoda, dentro de uma bacia, a lamparina extinguia-se, com um mau cheiro de morrão de

azeite; brancuras de saias caídas no chão destacavam; e os olhos do gato, que não sossegava, reluziam pela escuridão do quarto com uma claridade fosfórica e verde” (p. 83).

Não há espaço para mais comentários. Compare-se a extraordinária evolução estilística revelada nessas variantes de um mesmo trecho – e veja-se a monstruosidade da acusação de Fialho.



As qualidades dominantes do estilo de Eça parecem-me o resultado destes três fatores: uma requintadíssima percepção sensorial, que ia quase à volúpia; um agudo senso do pitoresco; e a ironia.

O requinte de sensibilidade, se por um lado lhe aguçava o dom de observação, poderia, extremando-se em sensualidade, favorecer ao extremo o pendor para o sonho, que lhe estava na raiz do temperamento inquieto e inconformado; mas este perigo era conjurado pela ironia, que, junta à primeira das qualidades apontadas, encaminhava Eça para o pitoresco. Assim, o pitoresco é o centro, a linha média dos outros fatores. E eis a razão por que a ironia eciana poucas vezes se mostra cruel. Ela representa apenas um meio de defesa, para que a sensibilidade não degenera em fuga ao real ou em sentimentalismo.

Quando, ao pintar uma figura cômica de sujeito muito gordo e vermelho, Eça nos fala da “massa rotunda e rubicunda do Pimentinha”, sentimos, através do intenso pitoresco da frase – acusado sobretudo no efeito musical da rima e da aliteração –, a ironia do escritor, mas ironia que é antes mal dissimulada ternura. Ele é um homem que absorve o mundo num vivo prazer de todos os sentidos, e, como receando que esse prazer o conduza a um excesso de sensibilidade – numa espécie de gratidão ao mundo que lho proporcionou –, exercita a sua visão crítica para temperar os desmandos do sentimento.



VOCABULÁRIO

“As palavras são, como se diz em pintura, *valores*: para produzir, pois, um certo efeito de força ou de graça, o caso não está em ter *muitos valores*, mas em saber agrupar bem os três ou quatro que são necessários.

“Só os termos simples, usuais, banais, correspondendo às coisas, ao sentimento, à modalidade simples, não envelhecem. O homem, mentalmente, pensa, em resumo e com simplicidade, nos termos mais banais e usuais. Termos complicados são já um esforço de literatura – e quanto menos literatura se puser numa obra de arte, mais ela durará, por isso mesmo que a linguagem literária envelhece e só a humana perdura.”

(*Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, pp. 52-55)

Eis aí, definido por ele próprio, um ponto fundamental da estética de Eça de Queirós. Assim respondeu ele aos que, como Fialho, lhe censuravam “a miséria profunda do vocabulário repisado”. Saber agrupar bem os poucos valores é que foi a sua grande arte. Para que muitos valores? “Bem-aventurados os pobres de léxicon, porque deles é o reino da Glória!” Saber usá-los com oportunidade, isto sim; desvendar-lhes até as mínimas cambiantes de luz e som que eles encerram, e que tantas vezes escapam aos capitalistas do vocabulário. Essa a verdadeira riqueza – a qualitativa – sob a aparência de pobreza: caso perfeitamente idêntico ao de Machado de Assis.

O que, ainda assim, não equivale a dizer que, mesmo sob o aspecto quantitativo, o vocabulário de Eça de Queirós seja miserável. Não. Será pequeno em relação ao de um Camilo ou ao de um Fialho, vaidosos latifundiários de palavras. Mas, de um modo absoluto, não o era tanto. Além de ter sido suficiente para exprimir com a máxima justeza as mais variadas noções da vida exterior e interior, desde os tons mais positivos e fortes até – sobretudo – os mais vagos e fugidios, as mais diluídas meias-tintas, esse vocabulário (que no fim da vida do es-

critor se viria a mostrar até muito abundante, com a incorporação de numerosos termos arcaicos ou antiquados) apresenta diversas criações do próprio Eça, diversos termos que através dele é que vieram a ser incorporados à língua⁴⁴.



Da grande valorização que Eça fazia da palavra terá vindo a sua relativa indiferença à repetição. Ele não queria sacrificar, em nome de uma falsa, inútil riqueza de vocabulário – o termo natural e preciso, que melhor correspondesse ao seu pensamento e ao seu sentir, embora procurasse conciliar sempre esse empenho com as fundas exigências – mais do que isto: com a sua íntima e profunda necessidade – de ritmo⁴⁵.

Seria indispensável buscar compreender as estranhezas de sensibilidade desse escritor, a feminilidade do seu temperamento⁴⁶, a sua in-

44  Cito aqui alguns deles – uns consignados pela primeira vez no dicionário de Figueiredo ou no de Laudelino Freire; outros de uso corrente, mas não no sentido em que Eça os empregou; outros, afinal, ainda não dicionarizados: *apilbar* (“empilbar”) – (*Últimas Páginas*, p. 374); *bigodoso* (*A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 146); *blagueador* (*Últimas Páginas*, p. 375), *cuspilbar* (*O Mandarim*, p. 32); *conselheirífero* (*Fradique Mendes*, p. 149); *chuvoso* (*Os Maias*, I, 205); *emprateirar* (*O Primo Basílio*, p. 152); *fendilbado* (*Fradique Mendes*, p. 223); *fragmental* (*Ibid.*, p. 132); *iconografista* (*Ibid.*, p. 250); *lexiconista* (*Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, p. 51); *pacientar* (*Ibid.*, p. 109, e *Cartas de Eça de Queirós*, p. 84); *pensadouro* (*Fradique Mendes*, p. 143); *reumatizante* (*Ibid.*, p. 222).

45  Escrevendo acerca de Eça nos seus primeiros tempos, diz Jaime Batalha Reis que ele “sentia muitas vezes a necessidade de metrificar, – quase o mesmo gênero de necessidade de som e ritmo que o fazia com freqüência cantarolar, em voz baixa, pequenas frases musicais, sempre erradas, sempre fora de tom, mas sempre impregnadas das mais patéticas inflexões” (Introdução das *Prosas Bárbaras*, p. L).

46  Na revista *Brotéria* – número de novembro de 1939 –, João Mendes, *apud* Manuel de Paiva Boléo, “Notas breves sobre alguns processos estilísticos de Eça de Queirós”, em *Novidades*, Lisboa, ano III, 31.3.1940, escreve: “Não seria a primeira vez que se diria ser feminina a sensibilidade imaginativa de Eça de Queirós”, falando no caráter “extraordinariamente atraente e sedutor, *feminino*, digamos”, do seu estilo.

tensa vida sensitiva⁴⁷, a sua sensualidade⁴⁸, as suas superstições⁴⁹, o seu dandismo⁵⁰, estudar-lhe a organização doentia, mórbida⁵¹, a sua natureza essencialmente de artista⁵², para julgar melhor de certos fenômenos do seu estilo.

Um destes, e dos mais curiosos, o amor a certas palavras. *Grande, imenso, doce, doçura, branco, brancura, resplandecente, resplandecer, escarlate, claro, negro, lívido, lânguido, pálido, pesado, mole, macio, dormente, vago, lento, silêncio,*

47 ☞ O caso de Eça parece justificar a doutrina do sensualismo: tem-se a impressão de uma profunda, decisiva influência dos sentidos na formação das suas idéias.

48 ☞ Página vivamente característica desse aspecto é, entre várias outras, *O Banho Turco*, de que se pode ter uma idéia – embora ainda não muito precisa – pelo trecho adiante reproduzido. Leia-se a descrição na íntegra. Mais de um crítico, aliás, se refere à sensibilidade de Eça.

49 ☞ Bastante conhecidas, já. Batalha Reis conta que Eça de Queirós só entrava no quarto com o pé direito, só podia escrever em certo almaço que ele próprio comprava, e temia as correntes de ar: “É a pneumonia, a congestão pulmonar fulminante, – a morte, menino!” (Introdução às *Prosas Bárbaras*, p. XV).

50 ☞ Não haverá novidade em afirmar-se que há no estilo de Eça um reflexo do seu dandismo: caso idêntico ao de Garrett.

51 ☞ É muito sabido que Eça foi um doente. Em carta sua a Ramalho Ortigão, escrita aos 37 anos, há esta passagem: “O que não vai bem, ... é a saúde. A nevrose está comigo, creio eu. O tempo chegou em que a vida para mim, a não ser que eu a queira estragar de todo, deve ter um regime: e você sabe, ou presente, quanto é triste entrar-se tarde dentro de um regime. Enfim, esta questão de saúde é longa, e eu não tenho tempo para queixumes. O que me incomoda mais é uma falta de alegria, de espaço e de ar diante de mim, e aquela atmosfera de esperança e desejo que azula o futuro; vejo tudo pardo, má condição para trabalhar. Enfim, a vontade é um grande instrumento, e possa Deus conservar-mo forte e firme na mão” (*Cartas de Eça de Queirós*, pp. 101-102).

52 ☞ “Se... fosse necessário distingui-lo por uma dessas designações que, se não definem, pelo menos restringem, poderíamos chamar-lhe artista.” (Moniz Barreto, *Ensaio de Crítica*, cit., p. 237.) – Aliás, sente-se que a denominação é grata a Eça de Queirós; “artista” chama-se ele a si próprio, várias vezes. “Como artista, desejaria que V. lhe arranjasse (à Holanda) outro final”. (*Correspondência*, p. 110); “Se houvesse aí um homem que quisesse salvar a tranqüilidade de um homem de bem e a paz de um artista – esse homem faria uma boa ação – ganhando 6 ou 7 por cento” (*Cartas de Eça de Queirós*, p. 33); “vá lá, dizendo... que estou pobre, que mereço auxílio como cônsul e como artista” (*Ibid.*, 41).

ouro, louro, azul, eram termos vitais para Eça. Não seria preciso, se quisesse evitar o abuso deles, mais que a ação do dicionário para arranjar-lhes sinônimos. Parece pouco provável que ao seu labor de revisão escapasse a notável repetição daqueles vocábulos. Não. É que Eça lhes tinha particular estima, um quase apego; eles deveriam corresponder excelentemente a determinadas exigências do seu fino sentir. Preferências de gosto, tendências voluptuosas, mal disfarçado pendor para o sinistro, acusam-se, nítidos, em seu vocabulário.

ADJETIVAÇÃO

Um dos segredos mais impressionantes do estilo queirosiano reside, como se sabe, no uso do adjetivo. Esse fato decorre, necessariamente, do vivo senso do pitoresco, já assinalado, desse escritor. À sua intensa percepção sensorial não escapavam aspectos dos homens ou das coisas: assim, teria a sua adjetivação de ser abundante; e para que não fosse vulgar, sem relevo, Eça, com a sua paixão e natural instinto da originalidade, foi levado àquele manejo tão pessoal, tão característico, do qualificativo. Considerado o conjunto de sua obra, pode-se dizer que, quando os empregou em grupo, raramente estes eram de mais de três; talvez se possa dizer – de mais de dois. Em escritos da primeira fase, sim, isto é comum. Basta ver, nas *Prosas Bárbaras*, de entre numerosos exemplos, os seguintes: “carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora” (p. 5); “serenos, fecundos, consoladores e purificados” (p. 64); “negros, sagrados, luminosos, bestiais, divinos” (p. 65). Em *Uma Campanha Alegre*: “Oficial, constitucional, burguês, doutrinário e grave” (I, 5). E no *Egito*: “Rugoso, altivo, selvagem, ardente, aquilino” (p. 205). Mas a partir do *Crime do Padre Amaro* o fato torna-se relativamente raro. Numa das *Crônicas de Londres* (p. 88), datada de 1877, vejo: “Aventureira, turbulenta, ávida e viciosa.”

Outro exemplo, de um dos *Ecos de Paris*, escrito em 1894: “Afável, caritativo, leal, clemente, cultivado” (p. 240). E nos *Contos*: “Asseado, moço, fresco, flexível e tenro” (p. 9).

É muito da maneira eciana colocar dois adjetivos num fim de frase, separados por uma vírgula do resto do período; assim: “Um candeeiro de latão ficou dando a sua luzinha de capela, *fumarenta e mortal*” (*A Relíquia*, p. 4); “curvada sobre a costura, vestida de preto, *recolhida e séria*” (*Contos*, pp. 59-60); “E a manifestação dos vinte mil operários já vem na rua, *imensa e clamorosa*” (*Ecos de Paris*, p. 155).

Sabe tirar vivo efeito da aliança de um adjetivo com um particípio passado ou com outro adjetivo de natureza diversa: “Jazia um velho pilar de granito, *tombado e musgoso*” (*Contos*, p. 122); “a sua cantiga *costumada e dolente*” (*Ibid.*). Veja-se, particularmente no primeiro caso, a originalidade dessa junção. Normalmente se diria: “Jazia *tombado* um velho e *musgoso* pilar de granito.”

Também é muito inclinado a juntar, com o melhor resultado, um ou mais adjetivos a uma locução ou oração adjetiva, ou a uma oração qualquer, e até mais de uma: “*literária, pachorrenta, erudita, requintada e toda cheia de musas*” (*Contos*, p. 17); “*seios rijos, perfeitos e de ébano*” (*A Relíquia*, p. 116); “*cuspiam-lhe injúrias em árabe, rudes e chocando-se como calhaus que se despenham num vale*”. Note-se, no segundo caso, o efeito da transposição daquele de *ébano*; o comum seria: “*Seios de ébano, rijos e perfeitos*.” O último caso é de uma originalidade impressionante. Não tanto, porém, como este, colhido na mesma obra (p. 95): “E sobre o seio a cruz pesou, *ciumenta e de ferro*.” Aqui, a combinação é um extraordinário achado de estilo; o *de ferro* deslocado junto da palavra *cruz* para o fim do período, torna este de uma força e ritmo invulgares. De *Alves & C.*: “*Voz mordente, decidida, que vibrava*” (p. 103).

A adjetivação audaciosa, inesperada, é também característica do estilo de Eça: “*Agonia flamejante*” (*Prosas Bárbaras*, p. 16); “*alegrias alumiadas e sonoras*” (*Ibid.*, p. 64); “*inverno escuro e pessimista*” (*A Cidade e as Serras*, p.

164); “*escuridão aparatosa*” (*Contos*, p. 2); “o *côncavo silêncio noturno*” (*Ibid.*); “*cabelos violentos*” (*Ibid.*, p. 8); “*amplidão paçudada*” (*Ibid.*, p. 45); “*curiosidade divertida e arregalada*” (*Ecos de Paris*, p. 39); “*voz rotunda*” (*Os Maias*, I, p. 214); “*luzinhas sedentárias*” (*A Capital*, p. 21).

Essa ousadia resulta muitas vezes da transposição da qualidade de uma pessoa para uma coisa, ou vice-versa. É a figura chamada *hipálage*: fenômeno lingüístico já encontrado entre os latinos, mas ao qual, como observa um crítico, Eça de Queirós “deu vida nova”. Veja-se na *Relíquia* (p. 22): “Fumava um *cigarro lânguido*”; à p. 99 da *Cidade e as Serras*: “Nos silenciosos corredores, onde me era doce fumar um *pensativo cigarro*”; nos *Ecos de Paris*: “Puxou risonhamente a charuteira e acendeu um *paciente charuto*” (p. 121). Comentando a segunda destas passagens, escreve o Sr. Manuel de Paiva Boléu⁵³: “A frase ‘fumar um pensativo cigarro’, na qual se transmite a este a atitude de espírito do fumador, pode ser ilógica, mas é mais concentrada e expressiva do que estoura que lhe corresponde na linguagem intelectual: “F. fumava pensativo (ou pensativamente) um cigarro.” Ainda outros exemplos: “*As moles condescendências*” (*O Conde d’Abranhos*, p. 52); “*pança ricaça*” (*Uma Campanha Alegre*, I, p. 97); “Do outro lado do tabique sentíamos ranger as camas dos eclesiásticos, o *raspar espavorido* de fósforos” (*A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 9); “*voz faminta*” (*Contos*, p. 55); “*olhar necessitado*” (*O Primo Basílio*, p. 32); “o *suor ansiado* que o alagava” (*A Ilustre Casa de Ramires*, p. 28); “*empertigadas sobrecasacas*” (*A Cidade e as Serras*, p. 351).

Algumas vezes Eça desloca o adjetivo, fazendo-o, transformado em advérbio, modificar outra palavra, como neste passo dos *Contos*: “O monstro, *plantado enormemente* a uma esquina, recebe em silêncio o copo” (pp. 57-58). Normalmente se escreveria: “O *monstro enorme*, plantado a uma esquina.”

53  O Realismo de Eça de Queirós e a Sua Expressão Artística, Coimbra, 1942, p. 34.

Novo aspecto da sua adjetivação: o tom irônico ou satírico. Eça usa qualificativos os mais sérios, mais graves, para escarnecer de alguém ou de alguma coisa. Nos *Ecoss de Paris*: “O criado voltou, convencido e digno: – Droga muito medíocre...” (p. 216); “Não! nas entranhas do digno capataz decerto havia melhor misericórdia” (*A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 181); “ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror à maçonaria, e outros princípios sólidos” (*Ibid.*, p. 15); “Estendi-lhe a certidão do frade franciscano, garantindo como autêntica e sem mistura a água do rio baptismal. Ele saboreou o venerando papel” (*A Relíquia*, p. 306).

O estudo da adjetivação de Eça daria, só por si, um longo ensaio.

SUBSTANTIVOS E VERBOS

Também no uso de substantivos e verbos – elementos igualmente importantes, fundamentais até da oração, Eça de Queirós apresenta muitas vezes o toque vivo de sua personalidade, e sempre uma precisão, uma segurança de mestre. Veja-se com que propriedade e força ele usa não só essas duas categorias gramaticais (muito principalmente o verbo), como também o adjetivo, na seguinte passagem do *Egito*, livro ainda de mocidade, desprezado pelo autor: “Ali o vapor d’água aumenta; o calor é forte, uma transpiração abundante cobre o corpo: parece que aquele meio quente, amolecedor, dissolvente, liquidificante, derrete a iniciativa e a individualidade, e que a nossa vontade, o nosso eu, o nosso ser, se desfazem no vapor espesso e aromático. Não se tem a consciência de ser livre, perde-se o sentimento dos contornos nítidos; parece que o corpo se dissipa, se dilui, se atenua, se torna semelhante àquele vago torpor, dando-nos uma transparência azulada” (p. 261).

Essa mestria atinge o ponto culminante em trechos como o da *Ilustre Casa de Ramires* (pp. 163-164) citado pouco além.

CONSTRUÇÃO

A construção de Eça de Queirós é, como já foi visto, uma das suas marcas mais vivas de renovador, um aspecto dos mais característicos do seu estilo: razão por que dela se trata aqui, e não da parte referente à linguagem.

É comum dizer-se que ele abusou da ordem direta. Mas, sem dúvida, conseguiu com isto novos efeitos. Veja-se como a vida quotidiana de uma quinta, a sucessão invariável dos fatos e afazeres de cada dia, estão admiravelmente pintados neste período: “De madrugada os galos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a moça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao ombro, a fila dos jornaleiros mete-se à terra – e o trabalho principia, esse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansável, porque é todo feito a cantar” (*A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 224).

Qualquer desvio dessa ordem gramatical equivaleria a uma quebra da ordem em que se realizam os acontecimentos entre os quais decorre essa existência igual, inacidada, despida de imprevistos. A construção direta exprime com a mais nítida justeza a sucessão normal e sem pressa dos fatos. Sendo a mais natural, a mais simples, traduz melhor, por isso mesmo, a serena simplicidade desses costumes. Tudo caminha natural para um fim, no labor da quinta como no período que a descreve: não há, neste, pressa nem inversões, como naquele não há “nem dureza nem arranque”.

Observe-se ainda: “*Um grito estrugiu, desesperado*” (*A Relíquia*, p. 184); “*um silêncio caiu*, tão atento, que se ouviam as buzinas tocando ao longe na Torre Mariana” (*Ibid.*, p. 200); “*E um embaraçado silêncio, pesou* – como se entre eles surgisse a imagem entristecida da antiga quinta” (*A Ilustre Casa de Ramires*, p. 237).

Quem dirá que – “*pesou um embaraçado silêncio*”, “*caiu um silêncio*”, “*estrugiu um grito*” – teriam a mesma intensidade? Com o verbo posposto, o fato por ele indicado ganha consideravelmente em relevo,

sem que todavia o sujeito se dilua; pelo contrário, essa posposição, como que anima, personifica o sujeito.

Mais: “E *fios de lágrimas corriam-lhe pelo rosto*” (*O Primo Basílio*, p. 514). A ordem inversa não faria sentir tão bem o correr das lágrimas.



É necessário frisar que Eça de Queirós soube também, inúmeras vezes, magistralmente, usar da ordem inversa, ou isolada, ou combinada com a ordem direta, conseguindo resultados esplêndidos, como nos seguintes passos: “E através desta imensa desgraça do mundo que de certo ia findar, sempre pelos vales assolados, em longas filas, com os chuços altos, as fêmeas fortes e brancas apinhadas nos carros estridentes, os molossos latindo, – hirsutos, fétidos, os trapos em sangue, passavam e repassavam os Bárbaros” (*Notas Contemporâneas*, pp. 329-330); “Cruéis e cheios de presságios caíam os seus brados do alto das rochas: e, retardado pelos passos lentos da égua, Tópsius encolhia-se na capa, como sob uma saraiva inclemente” (*A Relíquia*, p. 143); “Prodigiosa foi então a minha atividade devota! Ia a matinas, ia a vésperas. Jamais falhei a igreja ou ermida onde se fizesse a adoração ao Sagrado Coração de Jesus. Em todas as exposições do Santíssimo eu lá estava, de rojo. Partilhava sofregamente de todos os desagravos ao Sacramento. Novenas em que eu rezei contam-se pelos lumes do céu. E o Setenário das Dores era um dos meus doces cuidados”⁵⁴ (*Ibid.*, p. 44). “Lentamente caminhei pelo pátio, procurando, como num templo, fazer mais submisso e respeitoso o ruído das minhas solas. Um grande silêncio caía do céu rutilante⁵⁵: só, por vezes, rompia do lado dos jar-

54 ∞ Este trecho serve também para mostrar que Eça tinha a ciência perfeita do período curto.

55 ∞ É para notar-se, ainda aqui, a força da construção direta. O mesmo adiante: “negros dormitavam”.

dins, áspero e triste, o gritar dos pavões. Estendidos no chão, junto à balaustrada do claustro, negros dormitavam com a barriga⁵⁶ ao sol. Uma velha contava moedas de cobre, acocorada diante do seu gigo de fruta. Em andaimes, postos contra uma coluna, havia trabalhadores compondo o telhado. E crianças, a um canto, jogavam com discos de ferro que tinham de leve nas lajes” (*Ibid.*, p. 178); “Mas depois rebrilhava, em marroquins claros, a estante amável dos Poetas. Como um repouso para o espírito esfalfado de todo aquele saber positivo, Jacinto aconchegara aí um recanto, com um divã e uma mesa de limoeiro, mais lustrosa que um fino esmalte, coberta de charutos, de cigarros do Oriente, de tabaqueiras do século XVIII. Sobre um cofre de madeira lisa pousava ainda, esquecido, um prato de damascos secos do Japão. Cedi à sedução das almofadas” (*A Cidade e as Serras*, p. 35).

Na realidade, Eça de Queirós, desprezando em parte a ordem inversa, soube usar dela com a mesma segurança de mão com que utilizou a ordem direta.

VÍCIOS E VIRTUDES ESTILÍSTICAS

A despeito da sua fina percepção auditiva, Eça incorreu em numerosos parequemas e cacofonias: “pela lama” (*Os Maias*, I, p. 68), “mundo duro” (*O Mandarim*, p. 105), “mascarado d’urso” (*A Relíquia*, p. 3), “pouco curvada” (*Contos*, p. 70), “titi tinha” (*A Relíquia*, p. 62), “branca cabeça” (*Ecos de Paris*, p. 153), “toca a cabra” (*Notas Contemporâneas*, p. 369), “idêntica àquela” (*Fradique Mendes*, p. 198); em hiatos: “aí incessantemente” (*O Mandarim*, p. 105); em aliterações viciosas: “Tinham passado para o polido padre Gusmão” (*O Crime do Padre Amaro*, p. 2);

56  Note-se como Eça não receava o emprego de termos como este, que ainda hoje muita gente considera indignos da linguagem literária.

em ecos: “Não deu *atenção à escrituração*” (*Contos*, p. 13), “de pé, numa *aclamação*, como nos dias patéticos da *Convenção*” (*Ecos de Paris*, p. 30), “atravessando lentamente com as minhas sebatas na *algibeira* o Largo da *Feira*” (*Notas Contemporâneas*, p. 366).

Entretanto, como poucos, ele soube de alguns desses vícios fazer virtudes. Não raro empregou o eco intencionalmente, como elemento de valor artístico. Eis alguns desses exemplos de homeoteleuto: “Apenas entrei no hotel, *gelado e estremunbado*, corri ao vasto fogão do peristilo” (*Contos*, pp. 41-42); “No *terror e esplendor* da emoção” (*Ibid.*, p. 120); “na tão *famosa e verbosa* questão Coimbrã” (*Notas Contemporâneas*, p. 379); “um homem *barbudo, carrancudo*, alto e rústico como um campanário” (*Ibid.*, p. 385); “o corpo *escorregava, engelbado, chupado, esvaziado*” (*A Ilustre Casa de Ramires*, p. 436). Outros casos, de mais interesse, em que se verifica a intenção irônica ou burlesca: “O Ministro, esse, dá pelo nome *cavalheiresco e espanbolesco* de Álvarez” (*Ecos de Paris*, p. 150); “E a massa *rotunda e rubicunda* do Pimentinha *dominava, atulhava* a região” (*A Cidade e as Serras*, p. 198); “Persuadido que era um dever *espiritual e doutoral*, ... medir os monumentos da antiguidade” (*A Relíquia*, p. 72), “eu pusera-lhe o nome *galante e cacarejante* de Maricoquinas” (*Ibid.*, p. 79); “*Pigarreou, cuspihou, balbuciu*” (*O Mandarim*, p. 32).

Da aliteração tirou, em várias passagens, os melhores resultados: “Um *longo, lento, lânguido* banho” (*A Relíquia*, p. 110); “um céu de poente *revolto e rubro*” (*Os Maias*, I, p. 14). Com ela conseguiu excelentes efeitos de harmonia imitativa: “Um *rude trovão rolou, atroou* a noite negra” (*Ibid.*, p. 327) “A água sobe onde o torrão tem sede, e corre para lá, *gralhando e refulgindo*” (*Fradique Mendes*, pp. 224-225); “Rostabal *rompeu* de entre a *sarça* por uma *brecha*” (*Contos*, p. 125); “Espertos *regatinhos* fugiam, rindo com os seixos...; *grossos ribeiros açodados* saltavam com *fragor de pedra em pedra*” (*A Cidade e as Serras*, p. 199); “e, *rápido, recomeçou* a rolar *retumbante*” (*Ibid.*, p. 353).

O poder da harmonia imitativa, em Eça, permitiu-lhe alcançar a grandeza máxima de uma página como esta, que nos recorda a energia épica de um Fernão Lopes: “Através da grossa poeirada e do alevanto zunem os garruchões, as rudes balas de barro despedidas das fundas. Almogaves de Santa Irenéia, almogaves da Hoste Real, em turmas ligeiras, carregam, topam, com baralhado arremesso, de ascumas que se partem, de dardos que se cravam; e ambas logo refogem, refluem – enquanto, no chão, revolto, algum malferido estrebucha aos urros, e os atordoados cambaleando buscam, sob o abrigo do arvoredor, a fresqui-dão do riacho. Ao meio, no embate mais nobre da peleja, por cima dos corcéis que se empinam, arfando ao peso das coberturas de malha, as lisas pranchas dos montantes lampejam, retinem, embebidas nas chapas de broquéis: – e já, dos altos arções de couro vermelho, desaba algum hirto e chapeado senhor, com um baque de ferragens sobre a terra mole” (*A Ilustre Casa de Ramires*, p. 134).

NOTAS SOLTAS

ORIGINALIDADE. – Curiosa manifestação de originalidade de Eça de Queirós está no seu jeito humorístico de dar nova forma a certos provérbios, certas frases muito repetidas. Vejam-se estes dois exemplos:

O conceito “A história se repete”, ele o transforma nisto: “A História é uma velhota que se repete sem cessar” (*Cartas de Inglaterra*, p. 5). De “O homem põe e Deus dispõe”, faz: “O homem propõe e a ocasião dispõe” (*Correspondência*, p. 41).

DRAMATICIDADE. – Tem-se falado acerca do poder dramático do autor dos *Maias*. Um exemplo típico se vê na *Relíquia* (p. 50), quando Teodorico diz haver contado à titi a situação de um seu imaginário colega, muito pobre, em perigo de vida: “E outra vez, ... estirei a carga dum condiscípulo sobre a podridão duma enxerga.”



DIÁLOGO. – Exemplo do seu poder de dialogador, da sua ciência da expressão viva, natural, própria da linguagem falada: um trecho da conversa entre Eça e Dâmaso, quando aquele vai, em nome de Carlos da Maia, desafiar o outro para um duelo:

“– Em resumo, Dâmaso, desdiz-se ou bate-se?”

“– Desdizer-me? tartamudeou o outro, empertigando-se num penoso esforço de dignidade, a tremer todo. E de quê? Ora essa! É boa! Eu sou lá homem que me desdiga!

“– Perfeitamente, então bate-se...”

“– Dâmaso cambaleou para trás, desvairado:

“– Qual bater-me! Eu sou lá homem que me bata! Eu cá é a soco. Que venha para cá, não tenho medo dele, arrombo-o...” (*Os Maias*, II, p. 322).

Às vezes, numa curta fala, de meia dúzia de palavras, põe de pé um tipo. É o caso da conhecida frase do Alencar, o poeta romântico, nos *Maias*: “Por uma dourada tarde de outono...” (I, p. 34). Ou a do Conselheiro Acácio, referindo-se à morte de Luísa: “Que profundo desgosto de família!” (*O Primo Basílio*, p. 525)

A ESCOLHA DAS VOGAIS. – Em muitos dos trechos de Eça já transcritos pode-se observar uma das qualidades mais preciosas do estilo desse escritor: a sua mestria na escolha das vogais, a maneira como repete algumas para traduzir uma mesma impressão, ou como as varia, jogando com todos os seus timbres, às vezes agrupando-as em ditongos, para efeitos de contraste. Seria fácil reunir aqui muitos exemplos, tanto de um como de outro caso; mas darei apenas um, do segundo: “Estava de seda cor de trigo, com duas rosas amarelas e uma espiga nas tranças, opalas sobre o colo e nos braços; e estes tons de seara madura batida do sol, fundindo-se com o ouro dos cabelos, iluminando-lhe a carnação ebúrnea, banhando as suas formas de estátua, davam-lhe o esplendor duma Ceres” (*Os Maias*, I, p. 39).

POESIA. – Era profundo em Eça o instinto poético. Seus livros estão cheios de páginas que o atestam. Veja-se isto: “Não pode agora

um honesto melro gorjear pacificamente as suas reflexões da alvorada, sem que o venha interromper uma velha caleche a trote” (*Ecos de Paris*, p. 24). E agora, esta passagem, da mais fina poesia, pela intensa musicalidade, pela morte-cor das palavras que sugerem prodigiosamente, no seu imponderável, na sua fluidez lírica, uma atmosfera de sonho e de quase misticismo: “Caminha-se numa luz ligeira, de um dourado triste, de um enternecimento quase magoado; o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado e adormecido sob as grandes ramagens das árvores seculares e aristocráticas, solenes, isoladas, imóveis num recolhimento religioso, leva a alma insensivelmente para alguma coisa de muito alto e muito puro: há um silêncio de extraordinária limpidez, como o que deve haver por sobre as nuvens, um silêncio que não existe na paisagem dos climas quentes, onde o labor incessante das seivas muito forte parece fazer um vago rumorido, um silêncio que pousa no espírito com a influência de uma carícia” (*Cartas de Inglaterra*, p. 32).

OS SENTIDOS NO ESTILO DE EÇA. – Encontro na *Relíquia* um trecho dos que melhor podem documentar o raro poder descritivo de Eça, a sua acuidade sensitiva, a força extraordinária no transmitir-nos em cheio a realidade do espetáculo que o impressionou. Em poucas linhas ele faz sentir a presença de nada menos de três sentidos: a vista, o olfato e o ouvido – e os dois primeiros sob tão diversos aspectos: “Através deste zumbido científico [a saudação que faz ao Egito o sábio Tópsius] eu sentia-me envolvido num bafo morno como o duma estufa, amolecendoramente tocado de aromas de sândalo e rosa. No cais faiscante, entre fardos de lã, estirava-se, banal e sujo, o barracão da Alfândega. Mas além as pombas brancas voavam em torno aos minaretes brancos; o céu deslumbrava. Cercado de severas palmeiras, um lânguido palácio dormia à beira d’água; e ao longe perdiam-se os areais da antiga Líbia, esbatidos numa poeirada quente, livre, e da cor dum leão” (pp. 71-72).

Observe-se enquanto os *ouvidos* de Teodorico são impressionados com o “zumbido científico” de Tópsius, chega-lhe a impressão *olfativa* – de sensualidade – transmitida em palavras e expressões do mais intenso conteúdo sensual: “envolvido”, “bafo morno”, “estufa”, “amolecendoramente”, “aromas de sândalo e rosa”. Logo a seguir, em contraste, a nota *visual*, cruamente prosaica: “cais”, “fardos de lã”, “o barracão da Alfândega”. Para completá-la, os qualificativos: “faiscante” (que sugere a idéia de luz); “banal e sujo” (que reforçam admiravelmente o efeito do contraste com a impressão deliciosa – a olfativa – do período anterior. O próprio “faiscante”, que em si não traduz idéia prosaica, serve também, aí, para realçar este efeito: a luz intensa faz ver melhor a sujeira. Depois, o contraste desta visão desagradável com uma visão poética, que vem prolongar a atmosfera de encantamento do primeiro período: “pombas”, o vôo, “minaretas”, “o céu”, e a brancura, e o deslumbramento, e o “além” (pureza, distância, sonho). Impressão que se prolonga até o outro período – o último, todo ele também de aspectos visuais: as “palmeiras”, o “palácio”, a “água” (impressões suaves); “os areais”, “a Líbia”, a “poeirada” (impressões fortes); a severidade das “palmeiras”, para melhor pôr em relevo a “languidez” *sonhadora* do palácio; “dormia” (sono: indolência, sonho); “ao longe”, “perdiam-se” (fuga, distância no espaço); “antiga” (fuga, distância no tempo); “esbatido” (impressão de coisa que se dissipa, que foge – transição da realidade para o sonho); a “poeirada” (nota realista, mas que atenua o efeito, ainda mais rude, dos areais da antiga Líbia).

Observe-se ainda como há em tudo uma atmosfera de sugestão: a “poeirada quente”, que logo sugere o clima da região; “livre”, que reforça a idéia de extensão do deserto, já sugerida pelo verbo – “perdiam-se”: a poeirada corre livre, porque a região é deserta, não lhe oferece obstáculos; “da cor dum leão”, que logo evoca o leão africano. Ainda mais, para intensificação desse poder de tudo traduzir indireta-

mente: escrevendo “poeirada livre”, Eça transfere, modificando-a, a adjetivação que daria a “deserto” – palavra inexistente no período – para “poeirada”: normalmente se diria: “deserto *vasto* (ou *imenso*); em vez disso: “poeirada *livre*”, que sugere a mesma coisa com originalidade e maior vigor. Apresenta-nos o escritor a qualidade de um objeto como efeito de outra qualidade de outro objeto. Assim também, com o “da cor de leão”, ele, além de sugerir-nos a presença do animal, evita a monotonia de muitos adjetivos enfileirados.

Escreve Eça, depois: “Amei logo esta terra de indolência, de sonho e de luz” (p. 72). São precisamente estas as impressões que o trecho nos comunica. A impressão de sujeira e vulgaridade, produzida pelo barracão da Alfândega, não é para sobrepor-se ou acrescentar-se àquelas outras. Não: é uma decorrência e prolongamento das duas primeiras – indolência e sonho; e a última – luz – serve, como já se viu, para colocar melhor em evidência a vulgaridade e a sordidez. As coisas reais, práticas, como a Alfândega, não merecem cuidado nem apreço onde há indolência e sonho: são, pois, banais e sujas. E note-se como o período fica no centro – o sujo e o banal cercados e anulados pela mole sensualidade que se destila do primeiro período e da primeira parte do quarto (*indolência*), pelo sol faiscante, o céu deslumbrante (*luz*), pelo vôo das pombas brancas, além, em torno dos minaretes brancos, e os areais ao longe (*distância, sonho*).

Quero ainda citar da *Relíquia* outra passagem na qual se observa esse mesmo vigor descritivo, igual capacidade de associação de várias impressões. Quase vinte anos decorreram sobre a minha primeira leitura daquele romance – e a impressão do trecho nunca me saiu da memória. É ele prova eloqüente da aguda sensibilidade de artista que, unida ao “seu dom de percepção da realidade”, faz que, na observação de um crítico⁵⁷ – aliás, talvez, não original – “muitas das cenas que Eça des-

57  Manuel de Paiva Boléu – em *Novidades*, cit.

creve podem ser facilmente *imaginadas*, isto é, representadas ao vivo no nosso espírito. Prova da verdade daquela afirmação de Remy de Gourmont – que “il y a des hommes en qui tout mot suscite une vision et qui n’ont jamais rédigé la plus imaginaire description sans en avoir le modèle exact sous leur regard intérieur”⁵⁸.

“Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, açaçapada entre muralhas cor de lodo, e fedendo sob o sol ao badalar dos sinos tristes” (p. VII).

Aí se casam três impressões sensoriais: a visual, a olfativa e a auditiva. De todas se deduz a miséria: da visual indicada naquele “vielas andrajosas” e nas “muralhas cor de lodo”; da olfativa, traduzida no “fedendo”, reforçado pelo contraste de “sob o sol”; e, depois, aquele inesquecível “badalar de sinos tristes”. A síntese do período e a escolha e disposição das palavras dão-lhe um vigor pictural dificilmente igualável.

ARTENA DISPOSIÇÃO DAS PALAVRAS. – Nessa disposição das palavras está um dos segredos mais finos do estilo queirosiano. Ele sabe, como raros escritores, colocar os termos ou expressões mais significativas nos pontos em que ocorrem as pausas – principais ou secundárias – do período, os acentos ou subacentos oracionais. As palavras ou frases de mais importância, representativas de idéias destinadas a fixar-se mais ao vivo na memória do leitor, aquelas de maior conteúdo pictórico, costuma Eça deixá-las exatamente onde se fazem os estacionamentos, mais ou menos longos, do discurso.

Os exemplos da *Relíquia* são, também sob esse aspecto, bem significativos. Vejamos outros, de passagens mais longas, em que se possa melhor apreciar o fato descrito. Graças a essa qualidade do estilo de Eça, junta ao seu inseparável senso melódico, à sua sábia combinação de ritmos, até os períodos muito compridos, muito cortados de inci-

58 ∞ *Le Problème du Style*, 9.^a ed., Paris, s. d., p. 44.

dentos, geralmente nada têm de cansativos, não raro são do mais singular encanto. Começemos por um trecho das *Prosas Bárbaras*: “Os que morreram sobre as *águas do mar*,/ desfazem-se entre as *verdes profundidades*,/ entre as *areias*,/ os *corais*,/ as *conchas*,/ os *rochedos*,/ e vêm depois,/ sob a forma de *ondas*,/ embalar-se serenos *ao sol*,/ ou de noite *estirar-se*// ao peso da moleza// que escorre dos *astros*,/ ou de *madrugada*,/ cantando com barbaridades de *rainhas*// e doçuras de *santas*,/ acalentar o povo dos *pescadores*,/ *silencioso*, *trigueiro*” (p. 64).

Pus em itálico os vocábulos ou locuções que coincidem com o acento ou o subacento oracional, indicando o primeiro por um traço oblíquo e o segundo por dois. (Naturalmente os subacentos podem ocorrer em pontos diversos, segundo a maneira de ler de cada um; ou podem deixar de existir: o que não importa.)

Veja-se agora este retrato de mulher: “Era alta, muito pálida, sobretudo às luzes, delicada de saúde, com um quebranto nos olhos pisados, uma infinita languidez em toda a sua pessoa, um ar de romance e de lírio meio murcho. A sua maior beleza estava nos cabelos magnificamente negros, ondedados, muito pesados, rebeldes aos ganchos, e que ela deixava habilmente cair, numa massa meia solta sobre as costas, como num desalinho de nudez” (*Os Maías*, I, pp. 196-197).

Agora, a maravilha do período com que se inicia a lenda de São Cristóvão: “Um dia, numa floresta, ao entardecer, quando por sob as frondes ressoavam as buzinas dos porquinhos, e lentamente na copa alta dos carvalhos se calavam as gralhas, um lenhador, um servo, de surrão de estamena, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a machada ao cinto de couro, e, com a sua égua carregada de lenha, recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castelo do seu Senhor” (*Últimas Páginas*, p. 3).

Finalmente, observe-se esta apresentação das três personagens do conto *O Tesouro*: “Os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rosta-

bal, eram então, em todo o Reino das Astúrias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados” (*Contos*, p. 119).

O primeiro acento oracional cai na palavra *Medranbos* – e já nos fica na memória o nome dos Paços onde viviam os fidalgos arruinados. Depois: a série – *Rui*, *Guanes* e *Rostabal* (note-se, aqui, como é feliz a escolha dos nomes e a sucessão deles – o monossilábico, com o ditongo tão expressivo; o dissilábico, paroxítono, com a vogal tônica nasal e o *s* final, elemento reforçador; e o trissilábico, com os *aa* – sobretudo o último, bem claro, bem aberto, e de efeito intensificado pelo *l* seguinte). Terceiro acento: *então* (e fixa-se o tempo). No quarto acento fixa-se o lugar. No subacento está a palavra *famintos*, tanto mais expressiva quanto forma com *fidalgos* uma aliteração, e cujo efeito se completa com o da outra, no fim do período: *remendados*. Observe-se também, aliás, a arte da repetição do *os*: “Os fidalgos mais famintos e os mais remendados.” Essa repetição traz melhor ao espírito a idéia de *fidalgos*, já enunciada. Exatamente porque não é muito normal, serve para salientar mais vivamente o resultado que o escritor procurou atingir.

TAMBÉM NO *TESOIRO*. – Poder-se-á incluir no seu processo de estilista a maneira como, em alguns casos, Eça evita falar de determinada figura ou coisa, referindo-se apenas a seres ou atributos com ela relacionados, até dado momento, em que acontece um fato culminante relativo a ela. Veja-se, por exemplo, no mesmo conto (pp. 124-125):

Emboscados, Rui e Rostabal esperam que de Retortilho volte Guanés, cuja morte já têm premeditada. Não aparece a palavra “Guanés”, então. Rostabal pensa nos empadões e no vinho que “o outro” trazia. “Enfim! Alerta!”. Ouvem “a cantiga dolente e rouca, atirada aos ramos” (é a cantiga de Guanés). “Rui murmurou: ‘– Na ilharga!’ – O chouto da égua bateu o cascalho, uma pluma num *sombbrero* vermelhejou por sobre a ponta das silvas” (a pluma é do *sombbrero* de Guanés). Rostabal sai do esconderijo, fere o irmão. Então é que volta o nome de Guanés.

AINDA NO *TESOIRO*. — Outro fato de interesse: certo uso do mais-que-perfeito depois do perfeito a fim de precipitar, com maior vantagem, a ação central. Depois de referida esta (no perfeito) é que se menciona o fato secundário (no mais-que-perfeito). Note-se, também, no *Tesoiro*:

Rostabal, deixando o esconderijo, lançou a estocada. Guanes voltou-se na sela, e a lâmina da espada se enterrou na sua ilharga. Esta a ordem normal dos fatos. Pois Eça a inverte, para mais vivo efeito: “Rostabal rompeu de entre a sarça por uma brecha, atirou o braço, a longa espada; — e toda a lâmina se *embebeu* molemente na ilharga de Guanes, quando ao rumor, bruscamente, ele se *virara* na sela.” O fato central vem narrado antes do incidente. Com isto o escritor dá mais vida à narração, evitando a monotonia de muitas orações sucessivas num só tempo verbal. Ainda mais: se as duas últimas orações estivessem invertidas — ligadas por subordinação, como ali se acham, ou por coordenação — a palavra *Guanes* não apareceria na oração que registra o fato culminante: a morte do rapaz. A última sentença teria a seguinte feição: “Toda a lâmina [ou: ‘e toda a lâmina’] se embebeu na sua ilharga.” — O termo *Guanes* ficaria na oração anterior, em que é contado o fato secundário. O que seria um desastre para o período, tirando-lhe muito da energia que o anima.

NO *TESOIRO*, MAIS UMA VEZ. — A estocada é contada num jacto, em uma única oração de linha e meia, sem vírgula — coisa não muito frequente no autor: “E toda a lâmina se embebeu molemente na ilharga de Guanes.” O *molemente* não vem entre vírgulas, com o que melhor se sugere a rapidez da ação.

Agora, o contrário, na cena da morte de Rostabal. A ação é demorada, cautelosa. O período é todo picado de vírgulas. Aqui, o advérbio — lentamente — não as dispensa. Poderia o autor haver escrito: “Então, Rui tirou do cinto, lentamente, a sua larga navalha”, evitando assim uma das vírgulas. Porém, no caso, quanto maior o número de pausas,

tanto melhor: “Então, Rui tirou, lentamente, do cinto, a sua larga navalha.” O período subsequente – “Sem um rumor na relva espessa, deslizou até Rostabal, que resfolgava, com as longas barbas pingando.” – É ainda muito cortado de vírgulas – embora menos que o anterior: o ritmo da ação acelerou-se um pouco. Mas chega o momento decisivo; há um ligeiro retardamento de ritmo: cautela. Desfere o golpe: “E, serenamente”... Enquanto a navalha faz o trajeto, Eça faz uma comparação, já num andamento mais célere: “Como se pregasse uma estaca num canteiro”; por fim, o ponto máximo da ação, numa oração bem larga, de andamento mais apressado ainda: “Enterrou a folha toda no largo dorso dobrado.” Aqui está o período inteiro, sem interrupções: “E, serenamente, como se pregasse uma estaca num canteiro, enterrou a folha toda no largo dorso dobrado, certa sobre o coração.”

CASO ESTRANHO DE REGÊNCIA. – Curiosa anomalia de regência produz, em certo trecho de Eça de Queirós (*O Mandarim*, p. 154), um dos mais admiráveis espécimes de linguagem psicológica. Nota-se aí um fato semelhante àqueles apontados por Vossler⁵⁹, que conduzem ao relaxamento da construção oracional e ao abandono da gramática. Conseqüência do estilo impressionista, no qual – diz Vossler – o escritor “se envolve no seu objeto, e como cronista de uma casa de doentes, se torna ele também uma alma doente” (p. 155). Eis o período em que figura tal regência:

“Então invadiu-me a alma uma melancolia, que o silêncio daquelas alturas, envolvendo Pequim, tornava dum vago mais desolado: era como uma saudade de mim mesmo, um longo pesar de me sentir ali isolado, absorvido naquele mundo duro e bárbaro: *lembrei-me*, com os olhos umedecidos, *da* minha aldeia do Minho, *do* seu adro assombreado de carvalheiras, *a* venda com um ramo de louro à porta, o alpendre do ferrador, e *os* ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos...”

59  *Filosofía del Lenguaje*, cit., pp. 154-156.

Lembrei-me aparece, aí, primeiro regido de preposição: “da minha aldeia”, “do seu adro”. Normalmente essa preposição deveria repetir-se nos casos seguintes. Não é normal a omissão dela, como seria se se tratasse de *com*, por exemplo. Inclino-me a crer que não foi o desejo de evitar a repetição que levou Eça de Queirós a omiti-la nos três últimos casos; se ele repetia tanto palavras de outras categorias, como substantivos, adjetivos e verbos, não se interessaria em calar uma preposição monossilábica. Foi, antes, a necessidade íntima – inconsciente talvez – de, satisfeita a princípio a lógica da gramática, fugir-lhe em seguida, guiando-se mais pelo poder da evocação, que punha aos olhos de Teodorico, encarnado na pessoa de Eça, todas aquelas coisas remotas e tão gratas ao coração. As evocações vão-se fazendo cada vez mais vivas, de modo que as coisas principiam a mostrar-se por si mesmas, desprendidas de qualquer conectivo; surgem diretas, com as expressões por que outrora eram tratadas: “a venda”, “o alpendre do ferrador”, “os ribeiros frescos”. Repare-se em que as primeiras coisas lembradas, aquelas a que se antepõe o *de*, estão modificadas pelo possessivo: “a minha aldeia”, “o seu adro” (poderia, aliás, ser dispensado o artigo). Há o possessivo para determinar esses substantivos, que, portanto, já aparecem com uma relação de dependência; a esta soma-se a outra, indicada pela preposição. É de notar que em começo a memória vai incidindo sobre as coisas mais gerais; são lembranças, por assim dizer, em bruto: primeiro, a aldeia (todo o conjunto); depois o adro (ponto de convergência da população); depois, Teodoro vai-se engolfando no passado, fugindo ao mundo circunstante, vivendo só para a evocação – e a memória entra a particularizar miudamente as coisas, desenterrando as mais pequenas e escondidas; e quando chega à venda, e o alpendre, e os ribeiros, já esse processo de evasão vai tão adiantado, que se perdeu a consciência do presente e da gramática... Esse hiato da vida de relação implica, naturalmente, a quebra da própria relação gramatical.

Atente-se no começo do período: a melancolia torna-se vaga e pungente; “era como uma saudade de mim mesmo, um longo pesar de me sentir ali isolado”. O pesar do isolamento, de estar “absorvido naquele mundo duro e bárbaro, leva Teodorico a refugiar-se a todo o transe nas recordações. Os olhos umedecem-se-lhe; e ele perde a consciência da lembrança; já não *se lembra* das coisas; *vê as* coisas. É um estado de transporte: retorna ao seu mundo perdido, tem ante os olhos “a venda com um ramo de louro à porta, o alpendre do ferrador e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos...”.

Nesse tipo de linguagem a rigidez sintática se afrouxa para atender determinados estados de fluidez, de abandono, de sonho. Não é isso um traço de super-realismo?

 SIMÕES LOPES NETO



Simões Lopes Neto

☞ *Linguagem e Estilo de Simões Lopes Neto*

PINTURA, E NÃO FOTOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Característica fundamental da língua de Simões Lopes Neto, já salientada por Augusto Meyer,¹ é a feliz combinação da maneira literária com a linguagem oral – a fala espontânea e viva dos seus heróis. O comum entre escritores regionalistas é portarem-se ante o homem do povo como o espectador fino e sutil que se delicia com as “tolices” do linguajar errado, caprichando ele o máximo na sua linguagem – como para guardar distância. Ele observa o pitoresco, lá da platéia; mas longe de querer para si mesmo alguma coisa daquele pitoresco; nada de confundir-se com o ator.

Uma observação de Mário de Andrade a respeito de Castro Alves fornece-nos um símile perfeito para o caso: em sua poesia social, Castro Alves, segundo Mário,² não procurou elevar o negro, o escravo, até onde se achava ele, o branco; o que fez foi “descer” até o irmão inferior.

1 ☞ Ver o seu Prefácio a J. Simões Lopes Neto – *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição crítica. I.^a ed., I.^a impressão, Porto Alegre, Editora Globo S.A.

2 ☞ *Aspectos da Literatura Brasileira*, p. 148.

Parece-me este, exatamente, o caso de tais regionalistas. Estropiam sem dó nem piedade os vocábulos, no falar caipira, a pretexto de caracterizá-lo bem nitidamente; guindam-se a valer, capricham à larga na correção sintática, no retorcido da frase, quando estão com a palavra.

Essa contínua e violenta desigualdade de nível, quebrando a unidade da composição literária, choca-nos. O excessivo caipirismo revelado na transcrição servil da fala matuta não parece de boa praxe. Prende-se a um conceito fotográfico de arte, inaceitável. Admite-se que, para assinalar bem um tipo, em uma ou algumas frases breves se lhe reproduza a fala com todas as deformações; mas o abuso desta prática desperta uma incômoda sensação de antiliterário.

Note-se que Afonso Arinos não fazia assim. Ele mais sugeria do que reproduzia; retratava, não como fotógrafo, mas como pintor, bom pintor, que realiza uma interpretação psicológica do modelo. Vejam este passo do *Joaquim Mironga*, história, aliás, posta na boca do próprio matuto:

“O sol estava querendo sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sela e amarrei no moirão o ruço pedrês – bicho malcriado, reparador, mas de espírito. No lombo desse pagão eu comia doze léguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, pus a mira no alpendre e não vi ninguém. – Uai, Joaquim, aí tem cousa! – Entrei bem sutil, reparando duma banda e outra.

“Patrão velho, na hora em que eu estava arreando o pedrês, tinha chegado perto de mim, dizendo: – Olha lá, Mironga, não me vás sair um perrengue!

– Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê há de ver, com o favor de Deus.”³

Aí temos a fala do nosso homem do campo admiravelmente fixada – todavia não há uma deturpação gráfica, nem sequer sintática. O tom da narrativa, o seu andamento, a escolha das palavras, aquele “bicho

3  Afonso Arinos – *Pelo Sertão*, p. 159.

malcriado, reparador, mas de espírito”, aquele “Uai, Joaquim...”, aquele “patrão velho”, denunciam perfeitamente o falar caipira. Por outro lado, quando Arinos fala por conta própria, tira excelente efeito da fusão da linguagem culta com esse tom popular, salvo quando se lembra muito de que é autor e brilha de mais, como em algumas páginas do seu no entanto admirável *Assombramento*.

Dos bons regionalistas modernos, no conto e no romance, raros são aqueles que procedem de outro modo. É certo que um Jorge Amado costuma reproduzir fotograficamente a fala de suas personagens, tornando por vezes quase impossível, de tediosa, a leitura. Mas por outro lado temos – maioria – um Monteiro Lobato, um José Lins do Rego, uma Raquel de Queirós, um Luís Jardim, um José Américo de Almeida, um Guimarães Rosa, que mantêm a verdade essencial da fala de seus tipos sem descer ao servilismo da fotografia. Também o faz Graciliano Ramos; mas – defeito oposto – às vezes o grande escritor não foge a certa rigidez de correção sintática, a certo apuro excessivo – e o tabaréu Alexandre das suas *Histórias* tem, assim, muito de Alexandre Herculano.

Na ânsia de copiar com a máxima fidelidade a linguagem dos ignorantes, caem certos autores em excessos deploráveis. Não se restringem a alterar a grafia das palavras naquilo em que a pronúncia caipira diverge da pronúncia culta; vão além: alteram-na ainda quando tal divergência não existe. Não contentes de fazer do linguajar inculto uma caricatura do falar civilizado, ainda por cima fazem uma caricatura dessa caricatura. Basta citar aqui um exemplo:

“É, ocês pensa qu’a genti não tem mais qui fazê sinão andá atrás du chêro dí saia, cumu cachorru nu rastu di cutia. Aminhã, cedinho, si Deus quisé, tô no *Cabuçu* vendo umas rês nova...”⁴

Por que razão isso de *genti*, *quí*, *cumu*, *cachorru*, *nu rastu*, *di*? Acaso uma pessoa culta – a não ser em certos lugares do Brasil, e em certas classes,

4 🌿 Coelho Neto – *Sertão*, p. 259.

por afetação — deixa de dar ao *e* e o postônicos finais, respectivamente, valores mais ou menos iguais aos de *i* e de *u*? É a boa norma; veja-se o dicionário de Aulete, ou outro prosódico. Apenas, o ignorante fará sentir mais nítidos o *i* e o *u*.⁵

E *cheiro*, por que sem o *i*? Esse fenômeno de redução do ditongo, em certos casos, é comum às classes instruídas; só pessoas muito cuidadosas no falar, ou afetadas, fazem sentir bem nitidamente aquele *i*.⁶ Poetas nossos, e portugueses, dos melhores, rimam, por exemplo, *beijo* com *desejo*.⁷ O velho português oferece muitos exemplos dessa redução.⁸

5  Da identidade, absoluta ou quase absoluta, entre a pronúncia do *e* e a do *i*, bem como do *e* do *u*, átonos, é prova a grande oscilação na grafia de tantas palavras onde ocorrem os sons representados por aquelas vogais. Oscilação muito mais viva, é certo, na língua antiga: *menino* e *minino*, *pequeno* e *piqueno*, *direito* e *dereito*, *inveja* e *enveja*, *vizinbo* e *vezinbo*, *melhor* e *milbor*, *mulher* e *molher*, *sujeito* e *sojeito*, *costume* e *custume*, *fugir* e *fogir*, mas que está longe de haver desaparecido. Em Camões se lê *reguroso* (*Os Lusíadas*, c. III, f. 60, v.). *Piqueno*, até autores modernos teimam em escrever; assim está, por exemplo, nos *Versos de Afonso Lopes Vieira*, muitas vezes. Os fabricantes de sistemas ortográficos andaram, ou ainda andam, às voltas com a fixação de escritas dubitativas, como *tilintar* ou *telintar*, *tijuco* ou *tejuco*, *curumba* ou *corumba*. Os vocabulários da Academia de Lisboa (1940) e da Brasileira (1943) mandam escrever *burburinbo*, forma dantes inteiramente desconhecida. O primeiro dá *caboré* e *caburé*; o segundo só aceita *caburé*. Na prosódia popular subsistem inúmeras formas, de bom uso clássico: *dereito*, *deferente*...

6  No capítulo “A língua portuguesa no Brasil”, das suas *Lições de Português*, nota Sousa da Silveira: “Não lemos *âi* [como os portugueses] o ditongo que se escreve *ei*: *beijo* (e também *bêjo*), e não *báijo*.”

7  Em João de Deus: “Que custa um *beijo*? / Não tenha *pejo*” (*Campo de Flores*, I, 24). Até em parnasianos encontramos rimas assim; haja vista Bilac: *beijo* com *desejo* (*Poesias*, p. 119); com *pejo* e *desejo* (*Ibid.*, p. 173). Também se acha em João de Deus *fecham* rimando com *deixam* (*Ibid.*, I, 27).

8  *Abaxar* escreve Bernardim Ribeiro (*Menina e Moça*, II, 118). Em Camões encontra-se *baxo* (*Os Lusíadas*, c. III, est. 139; IV, 54; X, 22, 23, 128, 154); *abaxar* (*Ibid.*, IV, 56; VI, 63; VIII, 11, e quatro vezes no c.X); *debaxo* (*Ibid.*, II, 77, e noutros lugares); *pexe* (*Ibid.*, I, 42; VI, 24; X, 147). *Baxo* pode-se ainda ler em Vieira (*Sermões*, II, 15); e *pexe* nos *Diálogos* de Amador Arrais, p. 13. “Levou Menalca os *quejos* a vender” está nas *Éclogas* de Rodrigues Lobo, p. 236.

Ainda: por que razão aquele *tô*, sem o *u*? É tão raro ouvir-se o *u* do ditongo *ou*, que Antenor Nascentes,⁹ enumerando os ditongos do português do Brasil, não inclui entre eles o *ou*, “porque no Brasil este conjunto de fonemas soa como o fechado”. E, desprezando casos em que se verificou muito remotamente a queda desse *u* na escrita, podemos verificar essa queda em autores até do século XVIII.¹⁰

As próprias grafias *fazê*, *andá*, *quisé*, não configuram particularmente a prosódia matuta, nem sequer popular, mas a de grande parte das pessoas cultas de muitas regiões do Nordeste – pelo menos – com exceção das mais caprichosas na dição.¹¹

Assim, ou o escritor, por fidelidade – direi mesmo: por honestidade – representa sempre (com sacrifício do bom gosto, é claro) a pronúncia exata de suas personagens, sejam elas de que classe fo-

9 ∞ *O Idioma Nacional*, p. 175.

10 ∞ Filinto Elísio, por exemplo: numa seleção de *Poesias* suas encontro *chopos*, em vez de *choupos* (p. 171); também Amador Arrais: *locuras* (*Diálogos*, p. 12). Por outro lado, *apouento* em lugar de *aposeno* (Camões, *Os Lusíadas*, c. I, est. 41, 60, 72). Em João de Deus (*Campo de Flores*, I, 25) rimam *doce* e *trouxe*. Augusto dos Anjos rima *douda* com *toda* (*Eu*, p. 108).

11 ∞ Alguns autores chegam ao ponto de escrever *nóis*, *arrôis*, para indicar a pronúncia inculta. Exagero. Estudando as características da língua portuguesa no Brasil, escreve Sousa da Silveira: “Alargamos em ditongo, por meio da adjunção do *i*, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*: *capaz* (capais), *pés* (péis), *giz* (gíis), *feroz* (feróis), *luz* (luis), bem como a terminação *-ãs*: *irmãs* (irmãis), *alemãs* (alemãis), etc. E depois de citar dois exemplos da rima de *luz* com *azuís* (um deles o de Casimiro de Abreu, acima referido), lembra a rima de *vãs* e *mães* em Castro Alves (*Navio Negreiro*) e *jamaís* e *voraz* em Gonçalves Dias (*Lições de Português*, p. 350). Convém notar que o fato se prende ao antigo português: *péis* encontra-se, por exemplo, em Diogo do Couto (*O Soldado Prático*, p. 128), em Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação*, I, 65, I56, e *passim*): é uma evolução do hiato *ee* de *pees* para ditongo; pode-se ler *dões* no mesmo Couto (*Ibid.*, p. 191), em Antônio Ferreira (*Poemas Lusitanos*, I, 80, I09, I10), em Amador Arrais (*Diálogos*, pp. 9, 12), em Frei Heitor Pinto (*Imagem da Vida Cristã*, IV, I25), em Rodrigues Lobo (*Éclogas*, p. 20), etc.; em Garcia de Resende deparamos com *vintêis* (*Crônica de D. João II*, p. 89, duas vezes).

rem,¹² ou então, sensato, abstém-se desse luxo de gosto duvidoso, fugindo a atribuir aos analfabetos hábitos prosódicos – e de outra natureza – extensivos a classes letradas.

É interessante, isto sim, a indicação gráfica – sem insistência, porém – de algumas formas verdadeiramente características do homem ignorante, a maioria delas com raízes na boa antiga língua portuguesa – arcaísmos que desapareceram de Portugal, ou são lá hoje regionalismos, e persistem em meios incultos do Brasil. O registro dessas formas, em vez de me parecer defeito, até se me afigura maneira útil de documentar a resistência de muitas variantes antigas que possivelmente em futuro próximo estarão mortas, com a crescente alfabetização, a mais fácil aproximação dos centros cultos, a disseminação do rádio, e outros fatores.

O *aminbã*, do exemplo citado de Coelho Neto, está nesse caso. Constitui alteração de *amenbã*, forma esta de uso antigo ao lado de *menbã*, nos melhores autores portugueses,¹³ e de largo curso entre a gente do povo. Outros muitos casos: *inté*, *entonce* (ou *entonces*), *despois*, *saluço*, *premeiro*, *dereito*, *proguntar*, *malenconia*, *malino*, *sino-samão* (“signo-salomão”), *sugígar*, *Anrique*, *escuitar*, *contino*, *corgo*, *espiritual* (“hospital”), *ingrês* (donde *ingresia*), *fermoso* ou *fremoso*, *fruta*, *frol*, *ingüento*, *maginar*, *malmente* (“malamente”), *piadade*, *polo* (“pelo”), *sururgião*, *treição*, *trouve* (“trouxe”), etc.

Ao lado de tais formas, outras, com raízes antigas ou não, são aceitáveis. Assim, o caso das variantes prostéticas (*arreceber*, *arruído*), epenéticas (*barandão*), aferéticas (*té*, *'tou*, *'tava* – tão comuns, mesmo as duas últimas, na linguagem culta descuidada), sincopadas (*croa*, *tramela*) –

12  Essa honestidade levaria o escritor a fazer, geralmente, um nordestino pronunciar *sôldado*, *sêrvigo*, um paulista dizer *Pinbar*, um gaúcho *sule*, etc.

13  “Quando eu vejo surgir a *menbã* clara” (Antônio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, I, 41). Mais exemplos do mesmo autor (*Ibid.*, I, 157, 158, 204) e em numerosos outros.

para não falar em casos de assimilação ou dissimilação, como tantos dos apontados na lista anterior.

Também certas pronúncias populares, nas quais a deslocação do acento tem sua razão de ser na tradição da língua: *benção, livel, pantano*.¹⁴

Igualmente – sempre sem insistência, apenas uma vez ou outra – prosódias como *leis, reis, filbós*, e os respectivos plurais: *leses, reses, filhoses*.¹⁵

Quanto à sintaxe, parece-me necessária maior fidelidade em sua fixação: ela caracteriza o próprio modo de pensar do homem. Não só a sintaxe, mas a índole do estilo, os cacoetes mais típicos.

Valdomiro Silveira realiza, até certo ponto, este ideal em matéria de registro da linguagem matuta. Acontece, porém, que a sua preocupação erudita se revela a cada instante – por exemplo, num excessivo cuidado em encher de apóstrofes palavras de seus personagens, sempre que nelas se opera uma desnasalação normal, como no caso de *nuve* por *nuvem*,¹⁶ uma aférese – *garrei* por *agarrei* – uma síncope – *experiente* por *experiente* – etc. Parece temer que o leitor suponha tratar-se de erro seu. Ora, uma vez que tais fenômenos se operaram em tantas palavras da língua – tendo-se verificado antigamente em muitas daquelas que Valdomiro enfeita com o apóstrofo – e constituem fato corrente no

14 ∞ Comentando a pronúncia *pantano* (paroxítono), de uma das personagens de *Inocência*, Visconde de Taunay observa que no interior a palavra é grave e não esdrúxula, “mais conforme assim com a etimologia” (*Inocência*, p. II).

15 ∞ A forma *filbós*, consignada, como popular, em vários dicionários, creio que a partir do de Cândido de Figueiredo, não foi admitida pelo Vocabulário da nossa Academia, mas o foi, inteligentemente, pelo da de Lisboa. *Filhoses*, no plural, está em Filinto Elísio: “Um dia de comadres, sem *filhoses!*” (*Poesias*, p. 185).

16 ∞ Dois dos lugares onde se vê *nuve*: p. 248 das *Obras* de Domingos dos Reis Quita, I, e p. 187 das *Obras* de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, II. Em Filinto Elísio (*Poesias*): *language* (p. 90), *folhage* (p. 174).

linguajar caipira e até no de muitas pessoas alfabetizadas, não há motivo para indicá-las por meio daquele sinal.¹⁷

Por outro lado, um travo de rigidez clássica da sua prosa aviva muito o contraste com a fala das personagens. Há nele um bem-feito excessivo, um aparato de estilo que logo à primeira vista se acusa, em flagrante desacordo com a fala relativamente simples dos seus heróis. Relativamente simples, note-se bem: porque a simplicidade verdadeira não era da natureza do autor dos *Caboclos*.

Ora, exatamente nesse aspecto, em que estará porventura a maior falha de Valdomiro Silveira, é que talvez resida a maior força e encanto do estilo de Simões Lopes. Sua prosa realiza o mais feliz dos compromissos entre o à-vontade da fala do homem do campo e a melhor maneira literária. O seu conhecimento da língua, que, não sendo, certamente, tão seguro quanto o de um Valdomiro, era, pelo menos, bastante razoável – ao contrário do que pode parecer a observadores apressados – raramente o leva a arrepiar-se num estudado rigor de correção e brilho de encontro ao qual se choque a singeleza

17  Nessa ânsia de fixar um marco bem nítido entre o falar dos civilizados e o do caipira, Valdomiro Silveira cai por vezes em erros que brigam com os seus conhecimentos da língua: escreve *ante'*, *dante'*, com apóstrofo a indicar a omissão do *s*, como quem não admite a persistência, na fala popular, da velha forma etimológica *ante*, ainda subsistente em certas palavras compostas, como *antediluviano*, e no provérbio português – “Em janeiro mete obreiro, mês meante, que não *ante'*”; grafia *re'posta*, como esquecido de que *reposta* é excelente forma antiga (do lat. *reposita*), que está em todos os dicionários, definindo-a o de Figueiredo como “o mesmo ou melhor que *resposta*”. O autor de *Misungos* penso que enxergava sempre nas formas populares alterações da pronúncia atual culta, e nunca sobrevivências de formas do velho português, muitas com o melhor apoio etimológico. E note-se que os exemplos apontados foram colhidos em *Leréias* “histórias contadas por eles mesmos”, isto é, pelos próprios caipiras. Ainda: se o escritor paulista se empenhava de tal maneira em assinalar as supressões, reais ou supostas, de fonemas, por que não adotava, então, um sinal indicativo de acréscimos, trocas ou transposições? É estranho ver-se, ao lado de *arage'*, *arv'e*, um *assucedeu*, um *adimira*, um *munarca*, um *troceu*.

da conversa da sua gente. O senhor da fazenda não vai, metido nas suas roupas finas, conversar com o negro na calçada, com ares mal dissimulados de certos democratas em vésperas de eleição. Ele ignora essa familiaridade que ouve o “inferior”, fingindo prestar-lhe muita atenção, mas ferindo-o pelo agressivo contraste das roupas e das maneiras, sem trazê-lo para a sala de visitas. Não. Simões Lopes Neto recebe no melhor aposento de sua casa de campo o gaúcho simplório, e, vestido quase como ele, conversam familiarmente os dois. Na palestra, esquece quase de todo certas construções arresgadas e algum termo mais endomingado que lhe veio da leitura fresca de um Coelho Neto, a quem tanto admirava,¹⁸ e vai adotando muita coisa da linguagem do seu interlocutor. Lá uma vez ou outra, com muito jeito, aventura uma correção, que de bom grado o campeiro aceita, porque ela não violenta a índole do seu falar. Resíduos de helenismos que lhe dançavam na memória, fogem-lhe de pronto. Com pouco, lá está o homem “lido e corrido”, o capitão João Simões Lopes Neto, irmanado com aquele homem sem letras que, cheio de um respeito sem constrangimento, vai contando os seus “causos”, entre boas tragadas de um baio crioulo, de naco bem acochado; vai desdobrando as suas recordações, como quem “estende ao sol, para arejar, roupas guardadas no fundo de uma arca”.

18 ∞ Curioso: Simões Lopes admirava largamente Coelho Neto, que era por então o paxá literário do Brasil. Dedicou-lhe *O Negrinho do Pastoreio* e nas LENDAS DO SUL transcreve-lhe duas cartas a propósito desse conto e da *Mboitatá*. Entretanto soube manter-se, na sua ficção, impermeável a essa influência. Já Alcides Maia, este, não escapou a certa inchação de estilo bem netiana – o que me parece acaso a maior fraqueza da sua obra.

LINGUAGEM

Vocabulário

O primeiro aspecto, aquele que a um simples lance de vista ressalta, no vocabulário de Simões Lopes Neto, é certamente a contribuição espanhola, de um modo geral, e, mais particularmente, platina. Um das palavras e expressões ainda conservam intacta a vestimenta originária, estranha ao nosso idioma e a ele dificilmente adaptável, ferindo-nos a vista com um jeito impertinente de intrusas. É o caso do *arreglar*, do *eb-pucha*, de *a la fresca*, *a la cria*, *à plata*, *bueno*, *miles* e mais umas poucas. Outras — *pajonal*, *cajetilba...* — têm certo ar de gente do nosso meio, e, embora os glossários nos informem de que são pronunciadas à castelhana, já figuram em dicionários nossos, criando-se a natural tendência para uma adaptação delas às nossas exigências fonéticas. Outras ainda, guardando embora uma fisionomia de gauchismos ainda meio xucros — é o caso de *empeçar* — são na realidade da língua portuguesa: regionalismos de Portugal, vindos pela correspondente forma espanhola, e cujo uso no Rio Grande do Sul é resultado da influência platina. Com uma delas — *eguarizo* — dá-se este fato: Simões Lopes, desnecessariamente, grafa-a, uma vez, à moda espanhola (*eguarizo*), quando a palavra está nos dicionários, tendo vindo diretamente do latim, e não através do castelhano.

A maioria delas, entretanto, pelas suas fáceis possibilidades gráficas e fonéticas de livre curso em português, graças à profunda semelhança da língua através da qual as recebemos, e — quase sempre — ao fundo latino comum, passeiam livremente pelos textos, tranqüilas de seu, sem que a gente se lembre de lhes pedir carteira de identidade: *envite*, *baragano*, *maleva*, *oigalé*, *entrevero*, *peleia*, *pulperia*, *sofrenação*, *sonar*, *alce...* Ainda quando os dicionários não tenham acolhido algumas, a similitude com os naturais da terra é tão grande que não será pelo aspecto em si, mas pela raridade da sua presença, que alguém — de outras regiões do Brasil — poderá desconfiar.

Das que se adaptaram para conseguir naturalização, uma das mais curiosas é *d'espacito*. É espanhol puro – *despacito*; mas como o seu sentido se relaciona com o da palavra *espaço* (esp. *espacio*), e o sufixo *-ito* é tão espanhol como da nossa língua – além do que existe em português a locução *de espaço* – a palavra conformou-se à índole do português, e já pelo menos um dicionário – o de Laudelino Freire – a registra, sob a forma *de espacito*.¹⁹

Ainda outras vezes, a prosa de Simões Lopes nos oferece espanholismos que possuem a forma correspondente portuguesa quase igual, mas com os quais facilmente nos habituamos. Uns deles até já andam pelos dicionários: *sofrenar*, por exemplo (português *sofrear*). Outros – como *sonar* (português *soar*) – ainda não foram aceitos.²⁰

Caso de particular interesse é o da palavra *mui*. Esta forma apocada de *muito* foi, outrora, talvez pelo menos tão usada quanto a forma integral; mas o seu uso hoje é, relativamente, pequeno. Daí deduzir-se, sem dificuldade, que a freqüência com que o *mui* aparece em Simões Lopes, relegando o *muito* a segundo plano, é influxo do espanhol.

Desse influxo provém igualmente, sem dúvida, o abuso do sufixo *-ito*, relativamente raro no português, sobretudo no português do Brasil. Nas páginas dos CONTOS GAUCHESCOS e das LENDAS DO SUL o *-ito* desbanca ostensivamente o *-inho*, tão mais do nosso gosto: *alceçito*, *arrolhadito*, *solito*, *de manbãzita*. Também é de fundo espanhol o intenso emprego do sufixo *-aço*, em nossa língua usado com muita parcimônia: *buenação*, *lindaço*...

Cumprе também registrar, neste capítulo, o largo consumo do *le*, vindo por influência espanhola, embora seja forma arcaica de nossa

19 ∞ No glossário do livro *No Galpão*, de Darci Azambuja, também ela aparece, grafada *d'espacito*, com um inexplicável *s* em vez do *c*.

20 ∞ *Sonar* está na *Crônica da Ordem dos Frades Menores*, II, 268: “Os quaaes em huua concordia, avida primeiramente madura deliberaçam sobre as ditas cousas, reprova-rom alguas dellas, asy como peligrassas e que *sonavam* maall.”

língua e, ainda hoje, a pronúncia corrente do *lbe* entre incultos, e até entre muitas pessoas de certa cultura, seja *le* (caso de despalatalização).

Haurido fundamentalmente nas camadas populares, o vocabulário de Simões Lopes Neto não podia deixar de, a cada passo, apresentar palavras e expressões de sabor antiquado, tamanho é o parentesco entre a linguagem do povo e a língua antiga, falada e mesmo escrita.

Ora se trata de simples variantes, como *bautizar*, *escuitar*, *sancristão*, *somente* (uma única vez), *Jesu-Cristo*, *estruemento*, *surgião*, *alimal*, *pro via de* (“por via de”), todas arraigadas no velho português.²¹

Ora são termos ou acepções de uso quase unicamente literário. É o caso de *à sorrelfa*, ou *sobre* no sentido de “após”.

Notam-se-lhe ainda, de quando em quando, locuções de uso antigo, com sobrecarga de preposições, e que só em poucas regiões serão empregadas, mesmo entre o povo. Esse fato apresenta vários aspectos:

I. Expressões como *a cavalo*, *a pé*, cruzam-se com outras — *de cavalo*, *de pé* — e produzem *de a cavalo* (*Os Cabelos da China*, *O Anjo da Vitória*, *A Salamanca do Jarau*), *de a pé* (*No Manantial*, *O Boi Velho*).

O fato pode explicar-se por influência do espanhol, ou será de origem portuguesa. Em espanhol, usa-se *a pie* — com os verbos *andar*, *viajar* — no sentido de “por seus próprios pés; não a cavalo ou em qualquer veículo” (em português: *a pé*); *de pie* — e também *de pies* ou *en pies* — com os verbos *andar*, *estar*, com referência à pessoa que se levantou da cama, restabelecida de uma doença, ou que não está de cama por causa dela (em português: *de pé* ou *a pé*); e emprega-se *de a pie* para designar os soldados, guardas, monteiros, etc., que para o desempenho de suas obrigações não usam cavalo, em contraposição aos que usam (em portu-

21  Qualquer delas, menos *alimal*, se encontra abundantemente nos textos antigos; a mais rara é *somentes*, que se pode ver em Bernardim Ribeiro, *Obras*, II. *Alimal*, dicionarizada apenas como popular, deve também ter existido antigamente: cf. *alimária* < *animalia*.

guês: *de pé* ou, também, *de a pé*). Destas duas expressões sinônimas, de nossa língua, só a primeira está dicionarizada. Vejamo-la em Morais: “Homem de pé, gente de pé; oposta à que vai, ou anda a cavalo, ou embarcada.”²² Um exemplo do seu emprego: “A mãe, & o Silau com que era casada, ajuntando secretamente alguns dos que eram da sua parte, que segundo se conta foram trinta de cavalo & oitenta de pé, deram ua noite nas casas onde o Turbão estava” (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, II, 3-4). A segunda locução – *de a pé* – não registrada nos léxicos, encontra-se, contudo, nos autores, embora com menor frequência que a outra. Veja-se este passo de Vieira: “Tanto coche, tanta liteira, tanto cavalo (que os *de apé* não fazem conto; nem deles se faz conta)” (*apud* Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 183).

Por aí se vê que tanto existe em castelhano *de a pie*, quanto no português *de a pé*. Assim, o uso da expressão *de a pé* no Rio Grande do Sul pode ser devido ao influxo de qualquer dos dois idiomas. No Rio Grande, e talvez em São Paulo, onde existe na linguagem matuta: “A eigreja é perto; bamo lá *de apé*” (Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 183). Mas em Goiás também existe a locução. Encontro-a nos *Ermos e Gerais*, “contos goianos” de Bernardo Élis: “Viajava *de a pé*, com mais dez companheiros, armados até a alma, comendo paçoca de carne-seca com rapadura” (p. 13).

Caso mais ou menos igual ocorre com a locução *de a cavalo*. O seu uso pode ter vindo ao Rio Grande por via espanhola (*de a caballo*) ou ser de fundo unicamente português. Em Garrett (*Obras*, I, 669) encontra-se a expressão: “Senhor, senhor... um porteiro *d’acavalo* que chega do paço, e vem a toda a pressa...” Mário Barreto²³ cita a passagem, e vê no caso um cruzamento sintático do complemento *a cavalo* (“ia a cavalo”)

22 ∞ *Dicionário da Língua Portuguesa*.

23 ∞ *Novíssimos Estudos*, pp. 143-147. – Na citação de Mário Barreto está “de a cavalo”. Preferi transcrever de acordo com o original da edição que consultei. Note-se que no trecho de Vieira, atrás citado, está “de apé”.

com as expressões *homem de pé, de cavalo*. E depois de alguns comentários menciona a explicação que Diez dá para o fato. Uma preposição, segundo este filólogo, “pode considerar-se como formando com o nome que a acompanha uma expressão única, que é então suscetível de ser regida no seu conjunto como se fora uma palavra isolada”. Claro, a explicação também serve para *de a pé*.

Note-se que nos exemplos de Vieira e Garrett o cruzamento produziu a locução adjetiva: “os [homens] de a pé”, “um porteiro de a cavalo”. Em ambos os casos a expressão modifica um substantivo – *homens, porteiro*. Nada mais natural, porém, do que vir da adjetiva a adverbial. Em Simões Lopes Neto, o *de a cavalo* e o *de a pé* estão quase sempre como locuções adverbiais; assim:

“Foi então que, sem saber como, já *de a cavalo*, os olhos se me plantaram sobre o tordilho salino...” (*Anjo*).

“ouvimos então a gritaria das mulheres, que tinham vindo *de a pé*” (*Manantial*).²⁴

Só uma vez uma daquelas expressões é adjetiva:

“Um [homem, sujeito] *de a cavalo* atravessou-o no lombilho e fomos retirando, tiroteando sempre” (*Cabelos*).

2. Em certos casos uma locução adverbial cruzando-se com um advérbio produz outra locução que participa da natureza dos dois; por exemplo: *de novamente* (*Penar de Velhos, A Salamanca do Jarau*), onde concorrem *de novo* e *novamente*.

3. Ou o cruzamento é de duas locuções, numa das quais a segunda palavra é cognata da segunda palavra da outra; assim, *por segurança + de seguro* dão *por de seguro*.

24  Lembre-se que no exemplo caipira registrado por Amadeu Amaral a expressão é adverbial também.

Neste último caso se vê que prevaleceu, em relação ao cruzamento, o adjetivo (*seguro*), enquanto no caso anterior predominou o advérbio (*novamente*).

4. Ainda acontece que é uma expressão – *em cheio, em pêlo* – à qual, por influência de outras onde se vê a preposição *de*, se agrega esta partícula; donde *de em cheio* (*Melancia – Coco Verde*), *de em pêlo* (*Manantial, Correr Eguada, Melancia, O Negrinho do Pastoreio*).

Coisa semelhante não falta na linguagem do povo. Lembre-se *de com força*, de uso popular, pelo menos em grande parte do Brasil, e que Amando Mendes registra em seu *Vocabulário Amazônico*, e aparece em José Américo de Almeida na fala de uma personagem da *Bagaceira*: “Arrochei-lhe a goela *de com força*” (p. 80). Aqui se podem cruzar *com força* e outra qualquer locução iniciada por *de*, talvez até *de força*. Também na língua culta se vêem reforços assim. Haja vista o estranho *ao para cima* que Miguel Torga emprega na página 47 do seu *Diário, I*: “Vejam lá se há compositor sem guedelha, apóstolo sem barbas, bispo sem mitra, palhaço sem uma sobranceira *ao para cima!*” Naturalmente entram nessa composição *para cima* e *ao alto*.

5. Sucede também, uma ou outra vez, que um advérbio se transforma em locução adverbial por efeito de outras congêneres. Assim: *neste entrementes* (*Manantial*) e *por esse entrementes* (*Duelo de Farrapos*), expressões formadas à semelhança de *nesse ínterim* e *por esse tempo*.

Parecido com isso é o *por entretanto*, onde ao *entre* já ligado ao segundo elemento se associa o *por*: “Aceito a repreensão, *por entretanto*, que vos não trago à memória as befas da Itália” (D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*, p. 321).

6. Outras vezes, um advérbio ou preposição, por influxo de uma locução adverbial ou prepositiva, recebe desta a preposição que a in-

troduz, gerando-se desta maneira nova locução. Um caso destes: *em antes* (*Contrabandista*).

Em antes é expressão conhecida tanto em Portugal como no Brasil. Mário Barreto,²⁵ ocupando-se dela, cita exemplos do seu uso, não muito comum, no *Romanceiro* de Garrett, em Júlio Dinis e nos *Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero. Para o autor dos *Novos Estudos*, o *em* supérfluo explica-se pela existência de muitas frases relativas a tempo nas quais ele figura: *em se pondo o Sol, em saindo a Lua, em poucos dias, em um momento*. Efeito da analogia. Lembre-se, porém, de que há no espanhol *enantes*, forma antiga, mas ainda de uso popular.

Nas páginas de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, vemos não só o *em antes* (22, 53, 63, 71, 302, 318), como também *de em antes* (41, 95), cruzamento de *dantes* (“de antes”) com *em antes*.

7. Dá-se, finalmente, algumas vezes, que uma preposição já incorporada num advérbio se repete, produzindo locução adverbial: *a arriba* (*Penar de Velbos*). Pleonasma cru, mas facilmente explicável: perdeu-se a consciência da partícula aglutinada, como no caso de *comigo, contigo, conosco*, etc., onde o *com* está duplicado, em vez dos simples e primitivos *migo, tigo, nosco*, tão assíduos nos cancioneiros: “Amigo, se ben ajades,/rogo-vos que mi digades:/por que non vivedes *migo*,/meu conselho e meu amigo:/por que non vivedes *migo*?”²⁶

Essa tendência para o reforço de advérbios e preposições é muito da velha língua portuguesa e ainda está particularmente viva na fala do povo. Algumas das locuções assim formadas – como *ao depois, no entanto, por sem dúvida* – são de uso bastante generalizado; outras são menos conhecidas, mais ou menos privativas de certos autores. Alguns, Frei Luís de Sousa em plano de relevo, fazem dessa prática uma das ca-

25  *Fatos da Língua Portuguesa*, pp. 96-99.

26  Ver José Joaquim Nunes, *Cantigas d'Amigo*, II, 114. – Nem é preciso lembrar casos como o de “o Alcorão”, onde o o já está representado na sílaba *Al*.

racterísticas, já por mais de um salientadas, do seu estilo. Veja-se este período, transcrito nos *Anais de D. João III*, I, 13: “Tal era o desejo de ver a obra feita, que lhe fez esquecer todo o cuidado de procurar edificio grandioso, que na verdade também não convinha *pera em* charneca.” E mais este: “Não há dúvida que foi isto *pera em* tal tempo muito descuido ou mais confiança do necessário” (*Ibid.*, I, 93). *Pera entre* lê-se na *História de São Domingos* (I, 6), do mesmo autor. “Soube-o na véspera do dia, como tu, e eu resolvi-me, *de à noite para pela manhã*, porque ela era virtuosa, trabalhadeira, e pura como as estrelas do céu.” – escreve Camilo no *Coração, Cabeça e Estômago* (*apud* Mário Barreto, *Novíssimos Estudos*, p. 146). Na fala popular encontra-se até um *em desde*, corrente pelo menos em Minas Gerais, pois aparece, mais de uma vez, em *Sagarana*: pp. 26, 207, 335.²⁷

Aliás, no que diz respeito a advérbios, preposições e conjunções a linguagem de Simões Lopes Neto oferece margem a muitos comentários. Além dos já feitos, vejamos mais. Transcrevamos algumas frases suas:

“Mas *como* chegaram, cada um despiu a farda” (*Duelo*).

“Mas *como* eu ia, ele tornava a alcançar-me” (*Trezentas Onças*).

“e como chegou, atropelou-a” (*Manantial*).

Vemos aí o *como* no sentido, clássico, de “quando, logo que”, já um pouco antiquado em português, mas ainda vigente no espanhol, donde terá passado ao Rio Grande do Sul. O mesmo sentido em que o encontramos nos seguintes exemplos, que seria bem fácil multiplicar: “Porém *como* a luz crástica chegada,/Ao mundo for, em minhas almadias,/Eu irei visitar a forte armada,/Que ver tanto desejo, há tantos dias” (*Os Lusíadas*, c. II, p. 33, v.); “A agudeza do engenho, tornou o lionês, bota-se, e desponta-se com qualquer cousa, como carece do lume da graça” (Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, I, 46); “*Como* a cousa não se estima,/Não podes dela prezar-te” (Rodrigues Lobo, *Élogos*, p. 14).

27 ☞ Em Sá de Miranda: “por de fora” (*Obras Completas*, II, 18).

Mais curiosa é a acepção de “cerca de” em que, noutros passos, Simões Lopes usa o *como*, acepção não registrada ainda em nenhum dicionário – pelo menos dos muitos que consultei – embora não seja estranha à linguagem corrente e se encontre em alguns clássicos:²⁸

“andei *como* três léguas” (*Trezentas Onças*).

“mais para baixo, *como* umas três quadras, há uns olhos-d’água” (*Manantial*).

“*como* umas oito ou dez” (*Deve um Queijo!...*).

“Havia *como* dez mil baguais” (*Correr Eguada*).

“arranjou tirar para ele e para os filhos *como* quatro sesmarias de campo” (*Melancia*).

“tinha-se conseguido tocar *como* umas pra mais de três reses” (*Penar*).

Apresenta particular interesse este último exemplo, pelo seu carácter pleonástico e ilógico: a idéia de indeterminação da quantidade, já traduzida pelo “como”, reforça-se no “umas” e, ainda, no “pra mais”, sendo que esta locução não indica, aí, indeterminação absoluta; se não determina a quantidade exata das reses, mostra que não seriam mais de três. O “pra mais” anula o “como” e o “umas”, os quais dão uma idéia aproximada para mais ou para menos.

Tal acepção do *como* também existe no castelhano, embora o Dicionário da Academia Espanhola dela não tome conhecimento. Está, por exemplo, nesta passagem de Alarcón: “*Como* a unos mil pasos de ella [la ciudad], y en la orilla misma del Francolí, se paró Manuel” (*Historietas Nacionales*, p. 83).

Também é muito do gosto de Simões Lopes Neto o uso do *conforme* no sentido de “logo que”:

“Chegamos *como* um pé-de-vento, e *conforme* boleamos a perna, vimos o mesmo que os negros contavam” (*Manantial*).

28  Frei Pantaleão de Aveiro, por exemplo: “Haverá na Cidade *como* dous mil Judeus, pela maior parte Portugueses” (*Itinerário da Terra Santa*, p. 531).

“conforme chegar, carrego” (*Cabelos*).

“E conforme apeou-se, da mesma vereda mandou amarrar o negrinho” (*Negrinho*).

Nenhum léxico registra o advérbio conjuntivo *conforme* neste sentido. Mas pela acepção de “segundo, como”, e pelas outras acepções, todas elas reveladoras da idéia de “harmonia”, “acordo”, “identidade”, “concordância”, chega-se, sem violenta translação semântica, à idéia de “simultaneidade”, ou “quase simultaneidade”, contida na acepção em que está o *conforme* nos exemplos de Simões Lopes Neto. Encontra-se nos dicionários *segundo* como sinônimo de *conforme*, e um dos sentidos de *segundo* é “à medida que, ao passo que”: *Ele dava explicações, “segundo” os alunos iam lendo*. Há neste caso uma concordância entre o tempo em que se vai realizando uma e outra ação – a explicação e a leitura. Apenas, a leitura vai-se desenrolando, e as explicações se sucedem. A ação aqui é prolongada, repetida – enquanto naqueles períodos de Simões Lopes é rápida, e não se repete. A única diferença reside na *instantaneidade* existente nas frases do escritor gaúcho, em oposição ao *prolongamento* da ação verificado no exemplo que formulei.²⁹

Outro desses cacoetes é o *mal que*, expressão onde o *que* exerce função expletiva. É um caso de que há exemplos numerosos na língua, embora de feição um pouco antiquada. Lembre-se o “*Mal que* passe!”, que, no *Tesoiro*, de Eça de Queirós, Rui murmura para Rostabal (*Contos*, p. 125). E em João de Deus: “Quando eu nasci o sol cobriu o rosto, / *Mal que* eu o vi” (*Campo de Flores*, I, 226).

Do *mal que* encontram-se vários exemplos em Simões Lopes:

“*mal que* os miúdos davam com eles” (*Boi*).

29 ∞ Os dicionários são ainda muito incompletos no registro dos significados de certas palavras e locuções. Nenhum deles dá, por exemplo, *assim como* no sentido de “à medida que”, qual se vê nesta passagem do *Crisfal*: “Isto que Crisfal dizia / *assi como* o contava / ãa ninfa o escrevia / num Álemo que ali estava” (Bernardim Ribeiro e Cris-tóvão Falcão, *Obras*, II, 293).

“E *mal que* apertou os pelegos, montou” (*Melancia*).

“E *mal que* cerrou o rodeio a gente mudou de cavalos” (*Penar*).

“e *mal que* respirava um descanso... pegava a contar” (*Salamanca*).

Obra de é expressão de sabor clássico, ainda de largo uso entre o povo e pouco empregada nas outras classes. Encontra-se algumas vezes em Simões Lopes; exemplos:

“*obra de* duas léguas...” (*O Mate do João Cardoso*).

“*obra de* um quarto de légua” (*Manantial*).

Em um dos livros de Mário Barreto³⁰ encontram-se várias abonações clássicas dessa locução.

Também é muito grata ao escritor a expressão *uns quantos*:

“*umas quantas* vezes (*Trezentas Onças*).

“*uns quantos* vinham de balandrau enfiado” (*Ibid.*).

“*uns quantos* ligares” (*Correr Eguada*).

“Havia *uns quantos* cantadores” (*Melancia*).

Nunca vi em nenhum outro autor, nem vejo consignada em nenhum dicionário, a locução *o quanto-quanto*, cujo sentido equivale ao de “mais ou menos”, “o quanto baste”:

“no lusco-fusco da madrugada, com uma cerraçãozita *o quanto-quanto*” (*Anjo*).

“um olho-d’água, que saía em toalha e corria em riachinho, pipocando *o quanto-quanto* sobre areão solto” (*Salamanca*).

Deixando para o capítulo relativo ao estilo o registro e comentário das numerosas expressões vivas, graciosas, pitorescas, tiradas quase sempre à língua do povo, que matizam a maneira literária de Simões Lopes Neto, quero ainda, no terreno do vocabulário, apontar vários termos que não encontro em nossos léxicos, e alguns dos quais parecem criações do autor:

arroucado (*Manantial*).

30  *Fatos da Língua Portuguesa*, pp. 222-223.

carretame (*Anjo*).

caturritar (*O Negro Bonifácio*).

cernoso (*Apresentação de Blau Nunes*).

coletaria (*Contrabandista*). – Não é espanholismo; em espanhol diz-se *colecturía*.

cuidadeira (*Mãe do Ouro*).

espumento (*Boi*).

fala-verdade (*Jogo do Osso*).

frentear (*Manantial*).

guasqueio (*Manantial*).

imperadorice (*Chasque do Imperador*).

nuvear (*Ibid.*).

retrovir (*Apresentação de Blau*).

roubada (*Melancia*).

solferim (*Contrabandista*). – A forma dicionarizada é *solferino*.

E diversos outros, que vão consignados no Glossário.

Às vezes trata-se de palavras ou locuções conhecidas, mas ainda não averbadas em nenhum dicionário. Assim:

num vá

num vu

num redepente.³¹

Formas populares sem apoio, ou quase sem apoio, na língua antiga, usa-as muito raro: *ansim*, *ermão*, *inté*, *hospe*, *bobage*. Às vezes emprega certas formas sincopadas: *acoc'rar*, *of'recer*, *sup'riores*. São traços vivos e rápidos com que o autor sugere a realidade da pronúncia de sua gente. Apenas sugere; parece estar com o simbolista: “Pas la couleur...”

31 ∞ No Glossário a definição de muitas destas palavras e locuções vem seguida de comentário.

Gênero

Caso muito comum é dar-se o gênero masculino a palavras femininas quando com elas se designa o indivíduo que exerce determinadas funções. É uma das modalidades da sinédoque: *o corneta*, por “aquele que toca corneta”, é um exemplo.

Com a palavra *ordenança* verifica-se o mesmo fenômeno – pelo menos no Brasil. Diz-se geralmente, entre nós, “o ordenança”, para significar o soldado que está sob as ordens de um superior. Simões Lopes Neto em mais de um de seus contos emprega “o ordenança” (*Duelo e Anjo*). Não encontro nos dicionários a palavra neste gênero – embora ele seja de uso geral.

Mais interessante é o caso de “o confiança”. É este o gênero em que se acha o vocábulo, no *Melancia*. Nada mais normal: trata-se do *homem* que é o empregado de confiança. Os léxicos, porém, não registram a palavra, neste sentido, em gênero nenhum. Em *No Galpão*, de Darci Azambuja, lê-se “a confiança” (p. 20) e “o confiança” (p. 157).

Já *sentinela*, dicionarizado apenas como feminino, mas hoje muito usado no outro gênero, é no feminino que o emprega o escritor, nos *Cabelos da China*.³²

Encontro a palavra *pampa* no feminino:

“Estes campos eram meio sem dono, era *uma pampa* aberta” (*Manantial*).

Influência do espanhol: em português se diz, geralmente, “o pampa”, e assim está não só, por exemplo, em Alencar, como nos próprios escritores gaúchos – Alcides Maia, Darci Azambuja, Clemenciano Barnasque, etc. No Glossário deste ensaio acham-se alguns exemplos do vocábulo no gênero feminino.

32  Ver Mário Barreto (*Últimos Estudos*, p. 213), que abona o gênero masculino do vocábulo com um exemplo de Camilo.

Crase

Nas páginas de *CONTOS GAUCHESCOS* e *LENDAS DO SUL* observa-se, quanto ao uso da crase, grande oscilação. Em circunstâncias idênticas, ou muito semelhantes, ora se vê o acento sobre o *a*, ora não figura o acento. Mas, levando-se em conta o predomínio da forma correta e, por outro lado, o fato de não ser boa a revisão daqueles dois livros, sobretudo a do primeiro, torna-se difícil afirmar categoricamente a existência de erro por parte do autor nessa matéria. E a afirmação será tanto mais perigosa quanto mais serenamente considerarmos o conhecimento da língua que Simões Lopes Neto revela em coisas bem mais complexas. Além de tudo, afora os casos onde se verifica a oscilação, outros se nos deparam em que o escritor sempre acerta. Vejamos:

Duas vezes se lê “à meia rédea” (*Trezentas Onças e Contrabandistas*); porém cinco vezes “a meia rédea”, corretamente (*Negro, No Manantial*, duas vezes na *Melancia, Correr Eguada*). E com exceção de “à meia cara” (*Salamanca*), expressões semelhantes estão sempre certas, sem a crase, como “a meia costela” (*Correr Eguada*), “a meia espalda” (*Melancia, Negrinho*).

Se encontramos quatorze casos de “as vezes” (*Trezentas Onças, Mate, Boi* – duas vezes –, *Correr Eguada* – duas vezes –, *Cabelos, Anjo, Contrabandistas* – três vezes –, *Jogo, Penar, Mãe do Ouro*), a locução aparece com o seu *a* acentuado nada menos de onze vezes (*Negro, Deve um Queijo!...*, *Cabelos* – duas vezes –, *Melancia, Anjo, Salamanca* – cinco vezes). Observe-se que nas *LENDAS DO SUL*, livro, como já disse, mais bem revisto que o outro, a expressão vem cinco vezes correta (*Salamanca*) e só uma sem o acento no *a* (*Mãe do Ouro*).

“À toda” está no *Manantial*; mas “a toda pressa” em *Melancia*.

No *Deve um Queijo!...* lê-se “às cansadas” e “às talhaditas”, com o *a* craseado. No *Chasque* e em *Trezentas Onças*: “a esquerda”; porém na *Salamanca*: “à direita”.

“Uma à uma”, que se acha na *Salamanca*, faz contraponto a “de uma a uma”, encontrável no mesmo conto, pouco antes da forma incorreta.

Um arrepiante “de à pé” anula-se com um certíssimo “de a pé”, com três “de a cavalo”, e ainda mais com “de a dois”, “de a três”.

Que vale um “à relho” em face de “a cabresto”, “a cavalo”, “a galope”, “a galopito”, “a passo”, “a pino”, “a trote”, e desta frase inteira – “a gritos, a tiro e a cachorro”?

A que fica reduzido um “à valer”, ou “à riscar”, quando lhes opomos “a apartar”, “a cair”, “a contradançar”, “a levantar”, “a morrer”, “a reunir”?

Num mesmo conto, *O Negrinho*, encontramos em duas páginas seguidas: “à um palanque”; mas na página imediata: “a um palanque”.

Para “à algum dito”, temos “a um cupim”, “a ninguém”, “a esse”, “a dentro”, “a vancê”.

É certo que “à patadas”, “parada à parada”, “cara à cara”, “à bem boas assisti”, não apresentam expressões corretas iguais ou semelhantes que lhes sirvam de contraste, a não ser, talvez só, “frente a frente”; mas ainda assim, diante do que se tem visto, parece-me arriscado afirmar que tais descuidos tenham saído da pena do autor. E mesmo que tenham, é coisa de importância mínima, não só ante o número de casos já indicados em que o escritor acerta no uso da crase, como – entre outros – ante os seguintes, aos quais não se podem contrapor exemplos semelhantes em que se observe incorreção: “chegava às janelas”, “chegou à reboleira”, “chegando à barranca”, “chegavam-lhe à boca caramujos estrambóticos”, “foi-se à panela”, “foram-se à ramada”, “veio à fala”, “veio à porta”, “vinha à estância”, “pedir à mãe” uma tigela de coalhada”, “dando lance à carga”, “todo dado à teiniaguá”, “fazendo visitas às formigas”, “chorei uma lágrima de adeus à teiniaguá”, “com os arreios às costas”, “da paleta à virilha”.

Mas – tire-se da revisão a culpa dos erros de crase apontados; dê-se a responsabilidade de todos eles a Simões Lopes Neto. Ainda assim,

isto não bastaria para se lhe passar atestado de ignorância da língua, quando ele em tantas outras mostra conhecê-la bem regularmente. Erros de crase, cometeu-os Gonçalves Dias em abundância, e nem por isso deixa de ser tido, e com toda a razão, como autoridade em matéria de correção de linguagem. Vejam:

Num seu diário de viagem lê-se “à bordo”, e nas suas poesias encontram-se vários *aa* indebitamente acentuados, ou sem o acento a que têm direito. Abramos a edição crítica de suas *Obras Poéticas* feita por Manuel Bandeira: “A aqueles pobres, *seus filhos*,/Em vida seus bens legou!” (I, 444); “à cujas gotas” (II, 224); “à medo” (II, 263 – duas vezes); “à jeito”, “à espaço” (II, 292), “à par” (II, 308), “à prumo” (II, 317). Por outro lado: “*as vezes*” (I, 34, 154, 260, 265); “Minha alma, além dos sóis voando afoita,/Irá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,/ /E a luz do teu fulgor, do teu conspecto/Derramar-se queixosa e aflita...” (I, 115); “Se tento *as gentes* redizer seu nome” (I, 155); “Sentei-me *a* sombra das florestas virgens” (I, 244); “O modesto pastor que a dura calma/Passou *a* sombra da frondosa copa” (I, 263); “Vai com ele a lisonja *a* sepultura” (I, 263); “Estranhos *a* existência já vivida” (I, 321); “De um regato sentada *a* branda margem” (II, 174); “D’encontro *as* alas densas” (II, 211); “bate *as* portas do infinito” (II, 222); “junto *a* corrente/Do regato” (II, 275); “Não ministro cauíam *as* vossas festas” (II, 293). Aponto ainda os seguintes lugares, entre mais outros: I, 360, 407; II, 210, 211, 290, 332.³³

Concordância

A sintaxe do autor dos CONTOS GAUCHESCOS ora obedece à tradição portuguesa – fruto, em parte, das suas leituras, dos seus co-

33 ∞ Manuel Bandeira faz sempre a correção, e em comentários, no fim de cada poema, indica a forma do original.

nhcimentos — ora se filia às tendências brasileiras que com o tempo e o poder do uso foram conquistando terreno e se impuseram ou se vão impondo com força de lei. A fusão da linguagem literária com a linguagem oral, característica dominante — já apontado — de seu estilo, permite que as duas correntes se harmonizem de sorte que nenhuma delas, em geral, nos cause estranheza ou choque. Certas construções que à primeira vista, naqueles que estejam menos em casa com os fatos lingüísticos, poderiam acender vivos arrepios, são, à luz da boa gramática, perfeitamente explicáveis. E as situações em que ele joga com os dois tipos de construção, o fato de não raro ser o escolhido o preferível, é mais um argumento para a minha crença de que não andaria nisso apenas o dedo do instinto, mas, servindo a este de alicerce, um regular conhecimento da língua.

Vejamos primeiramente a concordância.

I. “Uns *coriscos tirante a roxo*” — leio em *Trezentas Onças*.

Aí se há de subentender, depois de “coriscos”, as palavras *de cor*, e “tirante” concordará com esta última. Caso de eclipse, semelhante a muitos outros.

No *Contrabandista* lê-se:

“foi *um dos que peleou* na batalha de Ituzaingo.”

A segunda edição, indebitamente, corrigiu para “pelearam”. A concordância, que já tem feito correr muita tinta, é plenamente justificável. Embora a lógica rigorosa a estranhe à primeira vista, e autores como João Ribeiro a repilam, tem a seu favor a maioria dos bons filólogos e a tradição clássica. A explicação é sabida: se no espírito de quem fala, e de acordo com a natureza do contexto, a idéia do plural, do grupo, predomina sobre a do indivíduo, então o verbo irá obrigatoriamente para o plural: *foi um dos que pelearam*; se, porém, está bem viva e predominante a idéia do indivíduo, do *um*, então se prefere o singular. Essa concordância terá nascido do cruzamento de duas outras, normais:

aquela em que se põe o verbo no plural e aquela em que, a rigor, ele deve estar no singular. Exemplo: *Ele é um dos homens que pelejaram com muita bravura* (= “Dos homens que pelejaram com muita bravura ele é um”) e, por outro lado: *Ele é um dos homens, que pelejou com muita bravura* (= “Dos homens, ele é um que pelejou com muita bravura”). Naturalmente, por cruzamento sintático, dessas duas construções, indiscutivelmente corretas e normais, nasceu uma terceira: *Ele é um dos que pelejou com muita bravura*, chocante sem dúvida à primeira vista, mas de todo aceitável pela maneira viva como põe em relevo a ação de um indivíduo em meio à de muitos outros.

A frase é exatamente do tipo daquela bem conhecida de Frei Luís de Sousa: “Esta cidade foi *ua das que mais se corrompeu* de heregia” (*Vida do Arcebispo*, I, 191).

Rui Barbosa,³⁴ depois de citar numerosos exemplos de tal construção, de salientar que os franceses a conhecem e condenar a opinião de Carneiro Ribeiro de que nestas circunstâncias se põe o verbo “no singular ou no plural, segundo a ação exprimida pelo verbo é feita por um só indivíduo ou por muitos”, escreve: “Essas construções, a meu sentir, o que exprimem é, sob outro aspecto, mas com iguais característicos, o fenômeno da atração do verbo de uma sentença pelo sujeito de outra. Repare-se, *verbi gratia*, nestes dois tópicos de Alexandre Herculano: ‘Fui eu o primeiro *que falei*’ (*O Monást.*, v. II, p. 29). ‘Ah, sois vós, nobre herdeira dos Bravais, vós *a que não tendes* nenhum préstimo de minhas mãos! Sois vós *a que recusais* obedecer-me!’ (*O Bobo*, p. 174) No primeiro, o verbo falar, devendo concordar regularmente com um sujeito da terceira pessoa do singular, assume a primeira, obedecendo ao agente da oração principal. No segundo, fato análogo se dá, no plural, com os verbos de recusar. Pois a irregularidade que aí se manifesta com o verbo da subordinada, quando se liga à principal mediante a ex-

34 ∞ *Réplica*, pp. 247-248.

pressão que, naqueles outros casos, igualmente se opera com o verbo da cláusula regida, quando se liga à regente pelas expressões *um dos que*, ou *uma das que*. E se numa hipótese não se contesta a legitimidade a essa forma, como se há de contestar na outra?”

E o próprio João Ribeiro, que, como já disse, condenou a expressão, veio a justificá-la depois, em sua *Seleção Clássica*, página 195, comentando um passo de Vieira – “uma das cousas que se vê”. Reconhecendo embora que o plural é mais comum, confessa: “Contra a opinião de Cândido de Figueiredo (e minha também, *Gram.* II.ª ed. pg. 151), mostra excelentemente Heráclito Graça³⁵ que as duas sintaxes são perfeitamente autorizadas.”

2. Do *Contrabandista*:

“ainda que *chovesse reíunos acolberados* ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau”.

Curiosa concordância. Normalmente, ou se empregaria o verbo no plural, com o sentido de “cair em abundância”, sendo “reíunos” então o sujeito, ou, deixando-o no singular, se lhe daria outro sujeito (o céu, por exemplo). Mas não se poderá admitir a elipse deste? Se o verbo, usado intransitivamente, tem um agente elíptico, indeterminado, nada impede que continue indeterminado esse agente quando o verbo se torna transitivo. O verbo no plural – observe-se – toma a acepção figurada, enquanto no singular pinta a chuva mesma. “Chovessem reíunos” faria antes pensar em reíunos a cair em grande quantidade, do alto, *à maneira de chuva*; “chovesse reíunos” precisa de modo perfeito a idéia *da própria chuva*. Nem é outra a idéia do autor: veja-se, no mesmo período, o “ventasse”. Seria impossível, ali, a coexistência do sentido direto de um dos verbos com o sentido figurado do outro.

35  Nos *Fatos da Linguagem*, pp. 318-326.

Pode-se dar ao fato ainda outra explicação: como o sujeito vem posposto ao verbo, admitir-se-á – à maneira do que faz Sousa da Silveira em casos semelhantes – que o verbo fica no singular por não se ter ainda pensado em que número se vai dizer o sujeito. Como o prova o mesmo autor com vários exemplos, essa concordância irregular, freqüente no português arcaico, ainda se observa na língua moderna: “É de ver *as festas*” (Castilho, *As Geórgicas*, apud Sousa da Silveira, *loc. cit.*); “Foi um dilúvio de água;/E o furacão que fez,/Emília! até dá mágoa/*Tantos estragos: vês?*” (João de Deus, *Campo de Flores*, apud S. da S., *loc. cit.*). O autor das *Lições de Português* estuda também o fenômeno em sua edição das *Obras de Casimiro de Abreu*, pp. 327-329, a propósito de “falta à lira cordas”, desse poeta. Depois de agudíssima explicação de tal concordância, cita três novos exemplos de João de Deus, e conclui: “Quem trata com os bons textos da língua sabe que a concordância do verbo com o sujeito é uma regra que o comum das pessoas deve respeitar, para evitar os efeitos do mau gosto, mas não é um preceito intangível. Os poetas como Casimiro de Abreu e João de Deus conhecem perfeitamente quando podem infringi-la.” Também o conhecem os escritores como Simões Lopes Neto. Aos diversos exemplos de Sousa da Silveira poderíamos acrescentar este, de escritor do período medieval: “E *acabado os quinze dias* o gado todo se levou” (Garcia de Resende, *Crônica del-Rei Dom João II*, p. 164); estes outros, de seiscentistas: “E lembrando-me muitas obrigações, *veio* a minha notícia *os muitos trabalhos* com que Deus (meus portugueses) foi servido de vos humilhar” (Frei Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, I, XXVII); “não lhe *vinha recados*” (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial dos Cavaleiros da Távola Redonda*, p. 19); e ainda este, de um poeta do século passado: “Ledo caminha o festival Timbira,/A quem do sacrificio *cabe as honras*” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, 21.)

3. “E *era* terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains, tudo amigo, de puro medo” (*Mboitatá*).

Esse “era”, no singular, causará talvez espanto; quando empregado como impessoal, assim, o verbo *ser* concorda obrigatoriamente com o predicativo. Isto dizem gramáticos, entre os quais Epifânio Dias. O caso, porém, merece particular atenção. Antes de tudo, o singular, ali, poderia explicar-se por uma razão semelhante à invocada por Sousa da Silveira para casos como o da frase anteriormente comentada: admitir-se-á, então, que, ao enunciar o verbo, a pessoa ainda não pensou em que número vai usar o complemento predicativo. Mas é preciso atentar bem no período para ver que o predicativo não é representado, aí, por “terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains”, mas por tudo isso e o restante: “tudo amigo, de puro medo”. O interesse central do período não está, propriamente, nos animais, mas no fato de, por efeito do medo, todos eles se tornarem amigos. O “era” equivale, aí, a “via-se”; o pensamento não é este: “viam-se terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains”; mas o seguinte: “via-se [isto, este fato:] terneiros e pumas, tourada e potrilhos, tudo amigo, de puro medo”. A concordância com o verbo no plural terá, a meu ver, apenas a vantagem de ser mais eufônica; mas a de Simões Lopes se ajusta melhor à realidade do pensamento.

4. O problema da subjetividade ou não subjetividade do *se* tem queimado as pestanas a muita gente. A impossibilidade de admitir o pronome como partícula apassivante em frases como *Só se é feliz quando Deus quer* levou alguns puristas exaltados a recusarem a vernaculidade delas, enquanto outros, aceitando-as, admitiram, aí, um sujeito indeterminado, ao *se* reservando-se o papel de índice de tal indeterminação. Mas, por outro lado, há os que admitem esta em todos os casos, isto é, também naqueles em que a maioria se apega ao “ídolo a que chamam *se* apassivante”, na expressão de Said Ali. Num importantíssimo estudo

sobre o assunto,³⁶ para o qual remeto o leitor, esse grande lingüista, depois de, entre muitas outras coisas, afirmar que “em *compra-se o palácio, morre-se de fome*, o pronome *se* sugere, na consciência de todo o mundo, a idéia de alguém que compra, de alguém que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear”,³⁷ e que em “se soa os grandes feitos”, dos *Lusíadas*, temos um caso de “oração sem sujeito gramatical”, formula quatro “regras práticas”, das quais as duas primeiras são estas: “1.^a Quando não queremos ou não podemos mencionar quem pratica a ação, servimo-nos do verbo na forma reflexiva, colocando-o no princípio da oração. 2.^a O verbo é usado na 3.^a pessoa do singular, quer esteja acompanhado de objeto indireto, quer de objeto direto precedido da preposição *a*. Se porém o régimen direto não tiver preposição e se achar no plural, o verbo irá igualmente para o plural, por falsa concordância.”

Ora, temos essa falsa concordância nas seguintes passagens de Simões Lopes Neto:

“armava umas *carreiritas* que *se corriam* numa cancha dumas três quadras” (*Jogo*).

“Já *se apostavam aperos*” (*Negrinbo*).

Porém a que ele usa bem mais freqüentemente é a outra, a verdadeira:

“só *se ouvia os soluços* da mãe do Chicão” (*Manantial*).

“*arrematava-se três, quatro, cinco fletes*” (*Correr Eguada*).

“*Adelgaçava-se os fletes* com água a meia costela” (*Ibid.*).

“*ouviu-se cornetas e clarins e rufos* de caixa...” (*Anjo*).

“*ouve-se ruídos, pancadas, gemidos...*” (*Lenda*).

“*tinha de ser como martelada, que não se dá duas ao mesmo tempo*” (*Salamanca*).

36 ∞ Ver *Dificuldades da Língua Portuguesa*, pp. 141-167.

37 ∞ “Decerto” – diz ele – “não posso admitir como sujeito da primeira frase *o palácio*, quando na segunda brigaria com a gramática o sujeito *de fome*, forçando-me a uma série de subterfúgios. A incongruência seria flagrante”.

“uma tora, *dessas* que não *se tira* duas vezes entre os mesmos ferros...”
(*Duelo*).

“nem o céu nem *as barras* do dia *se enxergava*” (*Negrinho*).

Como se sabe, é precisamente essa concordância verdadeira que a gramática tem por falsa, muito embora dela não falem exemplos de bons autores – entre eles os clássicos – e haja entre os modernos escritores brasileiros uma viva tendência para segui-la. Além do exemplo de Camões, referido há pouco,³⁸ e de mais três de João de Barros, também apontados por Said Ali, vejamos outros em Sousa da Silveira,³⁹ e ainda mais: “Que *estes desprezos* que vemos/Do bom saber, da boa arte,/Não *se usa* em toda a parte,/Que é na terra aonde nacemos” (Rodrigues Lobo, *Élogos*, p. 19); “seria preciso colhê-lo desapercibido, para *se apreciar* devidamente os *tesouros encobertos* daquela vasta erudição e os prodígios de uma memória em verdade rara” (Rebello da Silva, *Contos e Lendas*, p. 16); “– Come-se ou *joga-se os sisudos?*” (Camillo, *Memórias do Cárcere*, II, 139); “Correu logo por todas as bocas o *estar-se* fazendo *roupinhas e saíotes*” (*Id.*, *Amor de Salvação*, p. 53); “onde bem longe *se escuta*/As vozes que vão cantando!” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, I, 136); “*Entreve-se os vestidos* luzentes” (*Id.*, *ibid.*, I, 234); “teu irmão e eu fizemos melhor negócio e é que sabemos como *se há de levar os homens*” (João Ribeiro, *Crepúsculo dos Deuses*, p. 143);⁴⁰ “Empregados a

38  Citemo-lo mais desenvolvidamente: “E como por toda África *se soa*,/Lhe diz, os *grandes feitos* que fizeram./Quando nela ganharam a coroa/Do Reino, onde as Hespéridas viveram” (*Os Lusíadas*, c. II, f. 36). Na sua edição do poema, assim comenta Epifânio Dias essa concordância: “ser soada, soar-se uma cousa” por “ser celebrada, ter fama” é do português antigo. Em “se soa... os grandes feitos” por “se soam” há rigorosamente incorreção de concordância; mas” – e aqui vem a explicação psicológica – “Cam pensou que poderia dizer assim, como se em vez de “os grandes feitos que fizeram”, estivesse “o terem feito grandes feitos” (I, 122-123).

39  *Lições de Português*, p. 283.

40  Esse exemplo está na fala de uma personagem; mas a linguagem desta, como a de todas as personagens dos contos do *Crepúsculo*, é sempre corretíssima. Note-se, aliás, como é bem mais expressivo, aí, o singular do que o seria o plural.

quem *se dá gorjetas*/Nem sequer se atreviam a tossir...” (José Régio, *Biografia*, p. 29); “Não sou *dos* que *se aceita*... a não ser mortos” (*Id., ibid.*, p. 72).

Para os que admitem o *se* como partícula apassivadora, podia-se invocar, em favor da segunda concordância usada por Simões Lopes Neto – salvo, está claro, nos dois últimos passos – aquela mesma explicação de Sousa da Silveira, lembrada a propósito de “chovesse reíunos”.

Seja como for, o certo é que o autor das LENDAS DO SUL conhecia, como se viu nos exemplos do primeiro grupo, a sintaxe exigida pela gramática; e se não a usou sempre, foi porque, falando pela boca de Blau Nunes, aqui e ali julgou melhor não intervir na fala do contador de casos quando viu que ela representava uma tendência muito caracterizada da fala geral, com fácil explicação psicológica. No compromisso entre a linguagem de um e a do outro, é natural que por vezes se verifiquem tais flutuações. *Isto se diz assim*, Blau – emenda agora o escritor; mas Blau Nunes vai falando, vai falando, e o seu falar é tão vivo, tão espontâneo, tão comum até entre os chamados bem-falantes, que Simões Lopes Neto nem se lembra da disciplina gramatical.⁴¹

Regência

Assim como na concordância, também na regência do grande contista prevalece a obediência aos modelos tradicionais da língua. Por vezes até se lhe observa um pendor para construções cujas raízes mergulham no uso clássico, de que tão freqüentemente se aproxima a fala popular. Acontece, como em outros casos já vimos, que em situações idênticas adota ele o padrão sintático lusitano ou o brasileiro. Aliás, aquele a que chamamos brasileiro não é raro seja português de lei, arraizado em Portugal e sobrevivente aqui.

41  Vejam-se outros casos de concordância na parte relativa ao estilo.

I. “E *a* bem boas *assisti*” – lê-se no *Chasque*.

No Brasil verifica-se nas próprias classes cultas, na linguagem falada como na escrita, irrefreável tendência para transitivar o verbo *assistir*. Fenômeno facilmente explicável: *assistir*, no caso, equivale a “ver, presenciar, observar”, verbos transitivos todos estes.⁴² Mas Simões Lopes usou a sintaxe lusitana. Observe-se, de passagem, como fica bem na frase aquele *a*.

2. Simões Lopes Neto revela, por vezes, grande segurança no uso das preposições. Assim, no *Deve um Queijo!...* escreve:

“Quando *ia a entrar* na venda, saiu-lhe o castelhano, pelo lado de laçar...”

E no *Juca*:

“e entreparado, [o touro] baixou a cabeça, retesando o cogote largo e *ia a levantar* a guampada, quando, meio maneado no laço e ladeado por um sofrenação de pulso, o bagual planchou-se...”

Embora gramáticas e dicionários digam todos que se pode “também”, em casos assim, usar a preposição, parece-me que ela comunica ao período um matiz especial, precisando melhor a idéia de que se acha em início de execução, e não apenas em pensamento, a ação expressa pelo verbo. Certo que em circunstâncias comuns o uso da partícula é perfeitamente facultativo; mas em casos como os que citei, a coisa talvez muda de figura. Quem “vai entrar” pode ainda estar do lado de fora, longe da calçada até, pode mesmo deixar de entrar; quem “vai *a* entrar” – em frases como aquela – já tem o pé na soleira da porta. “*Ia* levantar a guampada” poderia indicar simplesmente que o touro se preparava para a ação; “*ia a* levantar a guampada” pinta-nos mais precisamente a ação em começo. Atendendo-se bem, não será porventura exagerado admitir que o infini-

42  Ver adiante caso idêntico em relação a outros verbos.



tivo regido da preposição *está* empregado, aí, pelo gerúndio, como em frases do tipo *João está a brincar* = “João está brincando”. Então, se entenderá, nos dois períodos mencionados, “ia entrando” e “ia levantando a guampada”. Penso que ainda não se fez um estudo sobre isto.

3. Com o verbo *chegar*, Simões Lopes Neto usa sempre a regência *a*, e só uma vez *em*: Se lemos em *Trezentas Onças*:

“*chegando à estância*”;

em *Melancia*:

“o capataz da estância *chegou à porta*”;

no *Penar*:

“quando ele *chegou ao rincão*”;

na *Salamanca*:

“*chegava às janelas*”,

“ia eu *chegando à barranca do Uruguai*”,

“*chegavam-lhe à boca*”,

“*Chegou ao posto*”,

“*chegou à reboleira*”;

no *Negrinho* encontramos:

“quando *chegou no alto da coxilha*”.

Também com o verbo *ir*:

“*foi ao povo*” (*Manantial*)

“já não *ia ao rodeio*” (*Penar*)

“*foi ao oratório*” (*Negrinho*).

E por outro lado:

“*vai direito lá em casa*” (*Melancia*).

Este último exemplo, porém, pertence à fala de outra personagem, não à de Blau Nunes.

Com o verbo *vir*, só a regência *a*:

“*vinha à estância*” (*Melancia*).

Numa mesma frase vê-se – no *Contrabandista* – o verbo *mandar* regido das preposições *a* e *em*:

“*mandavam ao* outro lado, *nos* espanhóis, buscar pólvora e balas”.

Muita gente ainda faz um cavalo de batalha em torno do fato de a preposição *em* reger verbos de movimento. “Brasileirismo” imperdoável! Engano. Quem abrir à p. 76 do 2.º vol. o *Gênio da Língua Portuguesa*, de Leoni, terá ocasião de ler que “A preposição portuguesa *em* provém da latina *in*, que denota *tendência a um ponto interior*; idéia que equivale à de – *movimento de fora para dentro*; de que se tira a de – *direção a um ponto*, – que dá a de – *lugar para onde*, – e esta a de – *destinação, para, a fim*. A idéia de tendência a um ponto interior traz a desse mesmo ponto; daqui – *situação interior, dentro*, – e – *lugar onde*.” Do *em* com o sentido de “movimento de fora para dentro” cita Leoni, entre vários outros, este exemplo de Francisco de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*: “Sendo já alongado da cidade de Londres, *foi ter em* um vale despovoado.” Da mesma preposição com a idéia de “direção a um ponto” dá meia dúzia de exemplos, entre os quais este, de Fernão Mendes Pinto: “costeamos a terra com ventos ponteiros *de um bordo no outro*” (*Peregrinação*, I, 176), e este outro, de Frei Luís de Sousa: “fazendo-lhe sinal com uma mão e com outra *apontando em* uma mulher” (*Vida do Arcebispo*, II, 153). E a significação de “lugar para onde”, exemplifica-a Leoni com o seguinte passo de Camões, entre alguns outros de outros autores: “Bem como Alfeu de Arcádia *em* Sira-
ca/Vai buscar os abraços de Aretusa” (*Os Lusíadas*, c. IV, f. 74).⁴³

43  Vejam-se novos exemplos em Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, p. 42. – Parece-me excessivo aditar a tantas abonações ainda outras, numerosas, de minha colheita; no entanto, vão aqui algumas. De Azurara: “E *viindo em* Castela, houve navios e mais gente da que trazia” (*Guiné*, p. 347); de Sá de Miranda: “*de pastores em pastores*” (*Obras Completas*, I, 179); de João de Barros: “*de mal em pior*” (*Panegíricos*, p. 55); de Jorge de Vasconcelos: “segundo se mostra per outros versos que estavam cortados no grosso tronco de uma faia: que crescendo pretendia *sobi-los nas nuvens*” (*Memorial*, p. 91). Tanto na linguagem falada como na escrita, são comuníssimas – e não tidas por incorretas – expressões como *de porta em porta*, *de casa em casa*, etc.

Tratando do caso, Júlio Moreira⁴⁴ escreve que o lugar “para onde”, em português, se exprime ou pelas preposições *a* e *para*, segundo uma corrente, ou, segundo outra, pela preposição *em*. Cita numerosas passagens em que se vê esta última regência; entre elas uma de Camões, transcrita do argumento de *Filodemo*: “*indo dar em uma fonte*”, e mais uma do mesmo poeta e outra de Camilo, nas quais figura a construção *tornar em si*. Acrescenta que, se o primeiro desses tipos regenciais prevaleceu em Portugal, tanto na língua literária como na do povo, o segundo “permanece no português do Brasil, que diz, por exemplo, “*ir em casa*””.⁴⁵ E documenta esta afirmação com diversos trechos dos *Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero.

Observe-se o espírito científico admirável com que o ilustre filólogo estuda o fenômeno, explicando-o historicamente, sem nenhuma preocupação de dar por mais correta que a nossa a sintaxe hoje de uso geral em seu país.

Entre os nossos escritores que timbram em seguir rigorosamente a sintaxe portuguesa será bem difícil encontrar o regime *em* com os verbos *ir*, *vir* e alguns outros, salvo em expressões como *ir* ou *vir de casa em casa*, etc.; mas com o verbo *chegar* a dificuldade é bem menor. Baste aqui um exemplo: “*Chega na beira da praia...*” (Vicente de Carvalho, *Poemas e Canções*, p. 87).

44 ☞ *Estudos da Língua Portuguesa*, pp. 129-132.

45 ☞ Enquanto Júlio Moreira vê neste uso do *em* a continuação do emprego do *in* latino para exprimir o termo do movimento, na opinião de Epifânio Dias o termo do movimento, em casos assim, “designa-se não como tal, mas como lugar *onde*, sendo que se considera prolepticamente, não o *movimento*”, a que se referem os verbos regidos pelo *em*, “mas o estado que se segue àquele *movimento*” (*Sintaxe Histórica Portuguesa*, p. 143). Como Epifânio pensa Antenor Nascentes, para quem “O caso se explica do seguinte modo: o verbo indica o ponto terminal deste movimento, ficando subentendida a direção” (*O Linguajar Carioca*, pp. 81-82).

O poeta paulista, conhecedor seguro do português, conhece bem a outra regência, e dela se serve, por exemplo, a pp. 199 e 201 da mesma obra: “*Chegando à casa atrasado*”, “*Para chegar à costeira*”; mas, como Simões Lopes, não desprezou a construção que sentia bem mais natural, mais própria do seu meio, e que possivelmente ambos sabiam ser, afinal, tão correta quanto a outra.

4. Elipse da preposição *a* emprega Simões Lopes Neto nos *Cabelos da China*:

“disparou *mato dentro*”.

“e lá íamos, *mato dentro*”.

A omissão do *pele* é, para nós, mais ou menos normal; não assim a do *a*, tão lusitana, e entre brasileiros pode-se dizer que só de uso – e não muito freqüente – na linguagem escrita. “Corredor dentro”, “corredor fora”, “pela boca fora” – construções assim são uma das características do meio-lusitanismo sintático de Machado de Assis.

No mesmo conto lê-se:

“tocou *picada fora*”.

Nem sempre, porém, o autor omite a preposição *a*, nem a contração, em casos tais; assim, no *Manantial* escreve:

“entrava *pela morte a dentro*”.

Já na expressão *campo fora* Simões Lopes creio que segue uma tendência muito generalizada no Rio Grande do Sul. Deve tratar-se, lá, de expressão feita. Sempre assim – e não “campo afora” – é que se lê no autor dos CONTOS GAUCHESCOS, como em Alcides Maia, Darci Azambuja, Ciro Martins e outros.

5. Mais estranho, em nossos dias, é este

“chega afogar-se”

– que aparece na *Uiara*.

Os conhecimentos lingüísticos do autor não nos autorizam a admitir a hipótese de uma elipse involuntária, em virtude da elisão da preposição *a* por efeito da ligação dela com os outros dois *aa*. Pode-se pensar em erro de revisão. Mas é também possível que a construção tenha saído da pena de Simões Lopes; e não faltam autores que a abonem. Um destes é Bernardim Ribeiro: “*tornava ele dizer-lhe outra*” (*Obras*, II, I23). Outro é Sá de Miranda: “Rei de muitos reis, se um dia,/se ua hora só, mal *me atrevo/ocupar-vos, mal faria*” (*Obras Completas*, II, 29). Jorge de Vasconcelos é outro: “*correram encontrar-se*” (*Memorial*, I17). Também Damião de Góis: “*são forçados saírem*” (*Crônica de D. João*, p. 30). E mais o seiscentista Rodrigues Lobo (*Poesias*, p. 95): “Um pastor de terra estranha/Ventureiro/*Se atreveu ser o primeiro/A falar de seus louvores*”; e José Régio, autor ainda vivo (*Fado*, p. 33): “E o meu gosto de a sondar/*Chegava fazer-me mal.*”

Na última abonação vê-se o mesmo verbo *chegar* do exemplo de Simões Lopes Neto.

6. O

“daí dois anos”

que se lê no *Duelo* não é coisa estranha ao uso popular e está na tradição da língua. “Daí um pouco” – escreveu Bernardim Ribeiro (*Obras*, II, I18). E Azurara: “mandou fazer aa sua honra ua mui devota casa de oraçom, ua légua de Lixboa” (*Guiné*, p. 31).

Aliás, tratando da preposição *a*, escreve Leoni⁴⁶ que ela “pode elegantemente suprimir-se” quando denota distância. A distância, naturalmente, pode ser – como nos passos apontados – no tempo ou no espaço; às vezes as duas relações se confundem, o que se vê neste exemplo de Manuel Godinho, citado, juntamente com dois mais de outros autores, por Leoni: “Três dias de jornada de Ispaã fica um alto monte chamado Albecoura.”

46 ∞ *Gênio da Língua Portuguesa*, II, 9.

7. Não ignorando o matiz de significação que traz a verbos como *puxar* a partícula *de*, com a qual se precisa a utilização daquilo que se puxa, escreve no *Boi Velbo*:

“*puxou da faca*”.

A mesma regência com os verbos *pegar* e *agarrar*, na *Salamanca*:

“o maldoso *pegou do condão mágico*”.

“foi o quanto *agarrrei dela* [a guampa] e enchi-a na lagoa”.

8. “*devia de estar um gambelo*”.

Isto se vê no *Chasque*.

E no *Negro*:

“os lábios da morocha *deviam de ser* macios como treval”.

Aí se nota a preposição *de* indicando probabilidade.

Mas, em circunstância idêntica, sem o *de*:

“Trazia para o brigadeiro uma carta que *devia ser* de gente pesada”.

Essa flutuação, observável na linguagem popular, já passou à língua literária. Também para indicar obrigação, inevitabilidade, caso em que é de rigor a ausência da preposição, ela aparece em alguns autores. “O uso dela está caindo” – diz Antenor Nascentes.⁴⁷ Mas entre o povo, pelo menos aqui no Brasil – afora no Nordeste e em algumas outras regiões talvez – ouve-se freqüentemente a partícula.

9. Em

“*não vale a pena de falar* nestes chicos pleitos de namoriscos” (*Manantial*)

– temos um caso de cruzamento sintático: *não vale a pena falar nestes chicos pleitos* e *estes chicos pleitos não valem a pena de se falar neles* produziram a frase de Simões Lopes Neto. Coisas semelhantes são freqüentísimas e aparecem não raro na língua dos nossos dias. Quem desconhece o “Se não *temera de* chamar senhora/A vil Paraguaçu”, que está no episódio

47  O Problema da Regência, p. 164.

da morte de Moema, do *Caramuru*, de Santa Rita Durão? E o “Não teme da morte” da *Canção do Tamoio*, de Gonçalves Dias? Veja-se também, de Gil Vicente: “pois te dou molher tam forte/que te castigue de sorte/que nam ouses de falar” (*Obras Completas*, f. XXXV); e de Machado de Assis: “Os que a vêem naquela mágoa/Nem ousam de a consolar” (*Poesias*, pp. 213 e 210).⁴⁸

10. Ocorre ainda a contaminação sintática nesta passagem das *Trentas Onças*:

“*esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino*”.

Cruzaram-se *esqueci-me de dizer-lhe* com *esqueci dizer-lhe*. O mesmo caso deste verso de Alphonsus de Guimaraens: “Certo, o coração *de tudo esquece*” (*Poesias*, p. 7), e disto de Monteiro Lobato: “*esqueceu de levar consigo aquele isolador de fios telefônicos...*” (*Cidades Mortas*, p. 12). Exemplos análogos de cruzamento de *esquecer*, como de *lembrar*, copiados de Frei Luís de Sousa, Garrett, Camilo e Machado de Assis, podem-se ver em Mário Barreto⁴⁹ e Cândido Jucá Filho.⁵⁰ Coteje-se ainda com o de Simões Lopes este passo de João Ribeiro: “*Resolvi*, pois, como aquele doente que muda de travesseiro, *a concatená-las em livro*” (*Páginas de Estética*, Prólogo).

II. Vemos nos *Cabelos*:

“*eu tive e me servi* muito tempo *dum buçalete*”.

E na *Salamanca*:

“*onde entrava e saía*”

48 ☞ Cf. Mário Barreto, *Novíssimos Estudos*, pp. 203-210, 244-246, e outros lugares, e também *Fatos da Língua Portuguesa*, pp. 105-106. No primeiro dos lugares apontados encontra-se, entre vários exemplos, o seguinte, de Garrett: “Senhor Luís de Mello, eu tenbo por princípio de me não intrrometer...”

49 ☞ *Novíssimos Estudos*, pp. 231-232.

50 ☞ *O Pensamento e a Expressão em Machado de Assis*, pp. 31-32.

Construções como estas, em que uma mesma preposição rege verbos que têm regimes diversos, estão quase geralmente aceitas, e não há combatê-las. Elas ganham em concisão e vigor o que perdem em correção lógica. Leia-se, a respeito do assunto, Mário Barreto.⁵¹ Aos inúmeros exemplos de clássicos antigos e modernos que ele cita parece-me desnecessário acrescentar outros. Em todo caso, vá um, de Vieira: “Porque o não poderá sofrer sem a maior de todas as dores, que é o ver-se preferido no lugar, quem *merecia*, ou *aspirava ao primeiro*.” (*Sermões*, III, 86, I.^a col.).

12. Dentro da mais rigorosa sintaxe, geralmente não deixa a preposição contrair-se com o artigo quando ela rege não um substantivo mas uma frase.

Assim, no *Penar*:

“E quando foi a hora *de o corpo cair* na cova.”

Na *Salamanca*:

“e a terra tremeu, sacudida, tanto, *de as árvores desprenderem* seus frutos, *de os animais estaquearem-se* medrosos, e *de os homens caírem* de cóc’ras”.

No *Duelo*, porém, está:

“Se era linda a beldade!... Sim, senhor, *dum gaúcho* de gosto *alçar* na garupa e depois jurar que era Deus na terra!...”

De mim, preferia que o escritor não tivesse cedido aos rigores gramaticais, salvo, talvez, no caso da *Salamanca*, pelo tom especial deste conto, coisa de que mais tarde se tratará. O preceito da não contração em casos tais é um dos mais desmentidos não só pelo uso corrente, mas também pela prática de escritores dos mais autorizados: “antes *dela entrar* na Cidade” (Garcia de Resende, *Crônica del-Rei Dom João II*, p. 169); “antes *da Igreja se acabar*” (*Id.*, *ibid.*, p. 235); “antes *dele ser* mui arriscado cavaleiro” (Damião de Góis, *Crônica de Dom João*, p. II); “a sos-

51  *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, pp. 233-241.

peita, que alguns tinham *da Infanta Dona Joana não ser sua filha*” (*Id., ibid.*, p. 83). Mais exemplos deste último autor às pp. 88, 100, 210. E de Bernardim Ribeiro: “Que é tempo *do gado ir a água*” (*Obras*, II, 193). De Cristóvão Falcão: “antes *da vida perder*” (*Ibid.*, II, 280); “ora julga se é *rezão/das minbas lágrimas serem/menos* daquestas que são” (*Ibid.*, II, 284). De Rodrigues Lobo: “Não estava a cousa *nos epítetos serem* próprios ou necessários” (*Corte na Aldeia*, p. 55). Outros exemplos em: Camilo, *Memórias do Cárcere*, II, 125; João de Deus, *Campo de Flores*, I, 204; Machado de Assis, *Poesias*, p. 210.

13. Usa *através de*, corretamente, na *Apresentação de Blau Nunes*; mas emprega *através*, sem o *de*, três vezes, em *Zaoris*.

14. “Depois é que *vim ao conhecimento que* aquela figurona tinha vindo de emissária” (*Duelo*).

Ainda hoje há quem brade contra a falta da preposição *de*, que, em casos assim, deveria, logicamente, preceder o *que* integrante. Mas que adianta o brado dos caturras? Estamos ante um fato de linguagem, muito bem tratado por Heráclito Graça⁵² e Mário Barreto.⁵³ Às dezenas de exemplos que dão estes autores poderão juntar-se muitos e muitos outros; estes penso que bastam: “O filósofo Filípides, quando se determinou a servir a el-rei Lisímaco, foi com *condição que* lhe não descobriria segredo algum” (Diogo do Couto, *O Soldado Prático*, p. 10); “Todavia andando o tempo *se veo a persuadir que* lhe estaria bem fazer com ele amizade e pazes” (Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, I, 96); “*Admirava-se que* muitas destas fossem as mesmas” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 392); “Deste poeta tiro a *lição que* se tivermos de esperar pela morte de todos os rumores e estrondos, nada mais igual à complicação do que a simplicidade” (João Ribeiro, *Cartas De-*

52 ∞ *Fatos da Linguagem*, pp. 105-117.

53 ∞ *Novíssimos Estudos*, pp. 74-77.

volvidas, p. 10). Pode-se ver ainda: “lembrar-se que”, “ser ameaçado que”, “ficar certo que”, “persuadir-se que” – respectivamente em Diogo do Couto (*O Soldado Prático*, p. 18); Frei Luís de Sousa (*História de São Domingos*, I, 4); D. Francisco Manuel de Melo (*Cartas Familiares*, p. 183); Latino Coelho (*Tipos Nacionais*, pp. 33, 253).

15. O mesmo caso pode-se admitir que seja o destas construções: “*repararam que* só estava amarrado um cavalo” (*Manantial*).

“bem *reparei que* volta e meia o cusco parava-se na estrada” (*Trezentas Onças*).

Estará elíptica, aí, a preposição *em*. Mas, segundo observa Francisco Fernandes, no seu *Dicionário de Verbos e Regimes*, depois de transcrever dois exemplos semelhantes, não é preciso em tais casos subentender a partícula: “O complemento verbal é francamente direto, e *reparar* aí vale o mesmo que *ver, notar, observar, atentar em*.” E após submeter ao confronto do leitor passagens de vários autores, cita duas de Vieira, que lhe parecem – e com razão – decisivas: “Coisa é muito digna de *reparar*, que tendo Castela há poucos anos dois infantes varões, hoje não tem nenhum”, “Mas é muito de *reparar* o tempo e a circunstância em que Cristo efetivamente socorreu aos Apóstolos”.

16. Também expressões como

“ao *tempo que* dava as boas-tardes” (*Trezentas Onças*).

– estão perfeitamente dentro do gênio da língua e têm a seu favor, além do uso comum, o dos melhores escritores de todos os tempos. A preposição *em*, que aí “denota tempo e ocasião em que alguma coisa se faz etc.” – declara Leoni – “permite a língua que possa elegantemente suprimir-se”, e o uso em muitos casos até requer “que se omita” aquela partícula; “como quando dizemos: *este ano, quinta-feira, domingo passado*, etc. em que fora solecismo exprimir a preposição”.⁵⁴

54  *Gênio da Língua Portuguesa*, II, 91.

Às abonações que se encontram em Leoni juntem-se aqui algumas. Começemos pelo rei trovador D. Dinis: “*Bon dia vi amigo,/pois seu mandado ei migo,/louçãa*” (J. J. Nunes, *Cantigas d’Amigo*, II, 16). Vamos depois a Bernardim Ribeiro (*Obras*, II, 175): “*O dia que ali ficou / com seu gado e com seu fato / com tudo se agasalhou / em ua bicada de um mato.*” A Camões (*Lírica*, p. 342): “*Era no tempo que a fresca verdu-ra / Aos campos torna.*” A Frei Luís de Sousa (*Vida do Arcebispo*, I, 75): “*Desde o dia que o Arcebispo se viu encarregado das obrigações de Pastor desejou trazer sempre diante dos olhos um retrato de algu perfeito Prelado.*” Dando um grande pulo, passemos a João Francisco Lisboa: “*E um dia que, ajoelhado ante a sua imagem, a implorava em fervorosa oração, de repente sentiu como um estalo*” (*Obras*, IV, 10). “*A vez primeira que eu fitei Teresa*” – assim começa uma das poesias de Castro Alves (*Obras Completas*, I, 83).

Aliás, nem sempre em casos assim omite Simões Lopes a preposição. No *Manantial* lê-se:

“boiava a rosa que se soltara dos cabelos da cobiçada no momento em que ela entrava pela morte a dentro, dentro do lodaçal...”

17. No trecho seguinte a sua regência se apresenta artisticamente variada, passando a relativo o verbo *saber*, primeiro usado como transitivo:

“pela gente da casa *soube a nova* do casamento, *do dia certo, dos preparos* da jantarola, enfim, *de tudo, tudo*, pelo miúdo” (*Melancia*).

18. Não está dicionarizado, embora seja de uso comum, o *aquentar* intransitivo que se vê nesta passagem, em lugar de “*aquentar-se*”:

“Pertinho, outro fogão, também com churrasco, uma chaleira *aquentando* e uma panela cozinhando algum fervido...” (*Cabelos*).

19. Um tanto insólito é este emprego do verbo *dar* como intransitivo em vez de pronominal:

“E *deu* o caso que os quatro embeixados também vieram” (*Negro*).

“E *deu* o caso, que quando eu pousei, foi justo pelas vésperas do casamento” (*Melancia*).

Insólito é, sem dúvida; mas não injustificável. Há franca tendência para intransitar os verbos pronominais. Veja-se o caso de *sumir*. Segundo a tradição portuguesa, o seu uso é apenas como transitivo ou pronominal. Pois no Brasil ele talvez nunca se usa como transitivo, e como pronominal só é empregado lá para as bandas do Norte. No Sul e pelo menos em parte do Centro, toda a gente diz e muita vez escreve: *Ele sumiu*, e não *Ele sumiu-se*. E está certíssimo, como certíssimo está o *reunir* (*A assembleia reuniu*) dos portugueses, de que nós aqui não nos servimos.

Por outro lado, não é coisa rara pronominares-se verbos intransitivos; e no mesmo sentido daquele *dar* vê-se em Heitor Pinto o verbo *acontecer* como pronominal: “*Acontece-se* às vezes que a virtude dum justo atrai a si um vicioso” (*Imagem*, III, 118-119).

O *dar* intransitivo pode-se ler também num dos contos de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, narrado não em primeira, mas em terceira pessoa: “Mas, nesse depois, *deu* que um dia Cassiano, surgindo nas Traíras, escutou conversa de que o outro estava na Vista Alegre” (p. 140).⁵⁵

20. Já neste

“o Menino Jesus *acordou-se*” (*Mãe Mulata*).

– vemos o brasileiríssimo *acordar-se*, de uso porventura mais generalizado que o daquele *dar*. O *acordar-se* que se ouve de Norte a Sul, e tanto se lê no gaúcho Simões Lopes Neto como no paraibano José Lins

55  Aliás, cf. o emprego, já registrado em dicionários, do verbo *dar* em frases como “*deu* a peste na cidade”, “*deu-lhe* a maleita”, onde ele tem a acepção de “sobrevir, manifestar-se, acontecer”. Esta acepção é, aproximadamente, a mesma em que se vê o *dar* nos trechos citados de Simões Lopes e Guimarães Rosa. A diferença, tão facilmente explicável, é que nestes autores o verbo aparece como intransitivo, e não relativo, como nos outros casos.

do Rego: “Dormia no meu quarto, quando pela manhã *me acordei* com um enorme barulho na casa toda” (*Menino de Engenho*, p. 9), ou no pernambucano Luís Jardim: “*Acordei-me* com o barulho de pancadas enormes na minha porta” (*Maria Perigosa*, p. 99). Que, não figurando (em tal sentido, é evidente) em nenhum dicionário da língua, e sendo um brasileirismo, na realidade é português de primeira, tanto quanto o *desmaiar-se* que se lê em portugueses como Rebelo da Silva e no *Solau do Desamado*, poema de nosso clássico Manuel Bandeira: “E o meu olhar se *desmaia*/Transido de te buscar.”⁵⁶

21. Com objeto direto

– “nas *cousas que carecia*”

– aparece, a dada altura da *Salamanca*, o verbo *carecer*, que os dicionários registram unicamente como relativo.

Muito natural. *Carecer* tem, ali, o sentido de “precisar, necessitar”, verbos esses que tanto podem ser relativos como transitivos. É fato comum este de um verbo assumir o regime de outro de que é sinônimo. Lembre-se a observação de Francisco Fernandes a respeito de *reparar*. Também *visar*, na acepção de “mirar, propender; propor-se”, é de regra regido da preposição *a*; e no entanto mestres como José Oiticica e Otoniel Mota empregam-no como transitivo.⁵⁷

22. Lê-se isto no *Manantial*:

“quando sentiu a desgraceira, *ganbou no paiol*”.

No *Jogo*:

“E a gente foi *ganbando na venda*.”

O comum é usar-se o *ganbar*, em casos assim, com objeto direto; mas não há razão para se rejeitar esse regime do *em*, naturalmente de

56 ∞ *Poesias Completas*, p. 41.

57 ∞ Ver os exemplos, juntamente com outros, de outros autores, no *Dicionário* de Francisco Fernandes.

fonte popular. Em vez de “chegar a, atingir”, como dizem os dicionários, em frases tais o verbo *ganbar* tem, aproximadamente, o sentido de “entrar”, ou, melhor, “abrigar-se, refugiar-se”, e pode, assim, assumir a regência destes verbos. E não deve ter sido senão pelo sentimento, embora obscuro, desta verdade, que se deu ao *ganbar* aquela preposição, do que ainda não tomaram conhecimento os léxicos.⁵⁸

Colocação

Observemos agora alguns aspectos da colocação em Simões Lopes Neto.

I. Não é raro o escritor iniciar períodos com o *porém*, como nestes casos: “*Porém* o outro já dava de rédea, resolvido à retirada” (*Mate*).

“*Porém* logo outra força acalmou tudo” (*Salamanca*).

Há quem se tenha levantado contra semelhante uso. Porém injustamente, sem a menor razão: a prática de todos os autores, dos mais antigos aos mais modernos, e a língua falada, fulminam a condenação.

Parece-me ocioso gastar muito espaço e tempo com o assunto; consulte-se a *Réplica*,⁵⁹ onde Rui Barbosa, contrariando a fantasia de Cândido de Figueiredo, de que não é “bem portuguesa” a colocação do *porém* no começo de uma oração, cita ou indica cerca de centena e meia de exemplos dos melhores autores, de D. Duarte a Alexandre Herculano.

Podem ser aqui indicados alguns outros autores, e respectivos lugares, em que se vê a construção injustificadamente repelida: Joam Roiz de Castel Branco, in *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, III, I22; Azurara, *Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, 3, 38, 70, 80; Afonso

58  Ver adiante, na parte referente ao estilo, outros casos de regência.

59  Pp. 592-593. E os *Fatos da Linguagem*, de Heráclito Graça, pp. 85-92.

de Albuquerque, *Cartas para El-Rei D. Manuel*, p. 37; Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, p. 93; *Poesias*, pp. 39, 96; *Éclogas*, pp. 11, 37, 84, 119; D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos*, p. 400; *Cartas Familiares*, p. 166; Frei Antônio das Chagas, *Cartas Espirituais*, pp. 30, 95; João Francisco Lisboa, *Obras*, III, 19; Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, 14.

E quem quiser abonações de bons autores fora do mundo fechado dos clássicos, poderá ir a Antero de Quental (“*Porém* o coração, feito valente”, do soneto *Solemnia Verba*), a Guimarães Passos (“*Porém*, ó minha vívida quimera”, do conhecidíssimo *Teu Lenço*), ao *Campo de Flores*, de João de Deus, ao *Diário*, de Miguel Torga, e a numerosos outros poetas e prosadores.⁶⁰

2. Quanto aos pronomes, Simões Lopes Neto ora obedece, na colocação deles, à ditadura da gramática portuguesa, ora os situa de acordo com o uso brasileiro, como sempre aqui se fez até perto do fim do século passado, antes que viessem de além-mar umas camisas-de-força a que a maioria docilmente se submeteu.

Não muito raro emprega portuguesmente a próclise:

“Depois *que* o furriel *se foi*” (*Manantial*).

“*que não me palpitava confessar*” (*A Salamanca*).

“*que se encrespava*” (*Ibid.*).

Em qualquer destes exemplos a exigência gramatical e a naturalidade brasileira da expressão se conciliam perfeitamente, e entre nós como em Portugal se colocaria o pronome assim com a maior naturalidade.

Mas a ênclise é da preferência do autor, em casos tais:

“das [cousas] *que eram-lhe vedadas* ao singelo entendimento” (*Apresentação de Blau Nunes*).

“bem reparei *que volta e meia* o cusco *parava-se* na estrada” (*Trezentas Onças*).

60 ∞ Ver ainda Vasco Botelho de Amaral, *Novo Dicionário de Dificuldades*, p. 722.

“é que sucedeu-me uma desgraça” (*Ibid.*).

“que caía-lhe em cima” (*Penar de Velhos*).

“que o vento assobiava-lhe nas crinas” (*Negrinho*).

“de forma que a sua forma saiu-lhe do corpo” (*O Anjo da Vitória*).

“quando no rancho do Chico Triste botei-lhe os versos...” (*Manantial*).

“quando a força apresentou-se” (*Chasque*).

“quando inteirou-se de tudo” (*Melancia*).

“E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar” (*Trezentas Onças*).

“já o velho apresentava-lhe outra fatia” (*Deve um Queijo!...*).

“os negociantes nada compravam-lhe” (*A Salamanca*).

Talvez Simões Lopes Neto não ignorasse que a tradição da língua de Portugal não é lá muito favorável ao rigor dos gramáticos lusitanos.

Muito já se tem escrito a respeito da colocação dos pronomes, tanto em Portugal como no Brasil. Filólogos nossos, dos maiores – entre eles um Said Ali, um João Ribeiro – mostraram que, não existindo aqui as razões de ordem fonética determinantes da topologia pronominal lusitana, é natural se respeite a nossa tendência na matéria. Tendência tão respeitável quanto a portuguesa.

Estudando o assunto,⁶¹ lembra Said Ali que em Portugal os pronomes são átonos, mal se ouvindo, de tão abafado, o *e* final em *me, te, se*, enquanto no Brasil é costume dar certa acentuação ao pronome quando anteposto ao verbo, pronunciando-se, mais ou menos, *mi, ti, si*. “Em Portugal” – diz ele – “fala-se mais depressa, a ligação das palavras é fato muito comum; no Brasil pronuncia-se mais pausada e mais claramente. Em suma, a fonética brasileira é em geral diversa da fonética lusitana”. Declara não ser errada a nossa maneira de colocar os pronomes, “forçosamente diversa da de Portugal”; “salvo” – acrescenta – “se a gramática, depois de anunciar que observa e registra fatos, depois de reconhecer que os fenômenos lingüísticos têm o seu histórico, a sua

61  Nas *Dificuldades da Língua Portuguesa*, pp. 49-84.

evolução, ainda se julga com o direito de atirar, ciosa e receosa da mutabilidade, por cima do nosso idioma, a túnica de Néssus das regras arbitrárias e inflexíveis”. Salientando que, por influência do meio, o nosso falar é, e há de ser, em muitos pontos, diverso da linguagem lusitana, escreve ainda: “Muitas são já as diferenças atuais, que passam despercebidas por não haver um estudo feito neste sentido. Não é caso para eternamente nos julgarmos inferiores aos nossos ‘maiores’. De raciocínio em raciocínio chegaríamos ao absurdo de considerar extraordinário conhecedor da nossa língua, e mais profundo do que o mais culto brasileiro, o camponês analfabeto que, tendo tido a fortuna de nascer na Beira ou em Trás-os-Montes, pronuncia átonos os pronomes e, conseqüentemente, os coloca bem à portuguesa.” E insiste em que é tão correta em Portugal a regularidade lusitana quanto é correta no Brasil a liberdade de colocação, já “sancionada na linguagem literária pelos escritores brasileiros”.

E essa mesma regularidade lusitana – como o próprio Said Ali demonstra, fazendo-o também Sousa da Silveira – não passa de uma tendência, muito forte, é certo, porém muitas vezes violada pelos próprios lusitanos. Vão aqui várias dezenas de exemplos – só da ênclise pela próclise, os mais encontrados e os que mais interessam no caso. Pouco mais de meia dúzia deles se encontra já nos dois lingüistas citados.

De D. João de Meneses: “*que* quem morre de cuidado/*é-lhe* vida suspirar” (*in* Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, I, 9).

De Luís da Silveira: “Eu já *dou-vos* um conselho” (*Ibid.*, IV, 361).

De Dom Duarte: “*porque* os amigos *amam-se* incrinados per razom e boo juízo de entender” (*Leal Conselheiro*, p. 188).

De Gil Vicente: “Eu vos direi, é ele tal,/*que* a filha de Janafonso/*foi-lhe* pedir um responso,/*e* ele falava-lhe em al” (*Obras Completas*, ed. fac-similada, f. XXIX); “Digo *que* *benza-vos* Deus” (*Ibid.*, f. CCXV); “Ledicina,/*corregge* essas crenchas filha/*e* viste-te essoitra fraldilha/*que* essa *vem-te* pequenina” (*Ibid.*, f. CCXL); “Fica-te, *qu’eu*

quero-me ir” (*Ibid.*, f. CCXLII, v.); “*que o mundo quer-se finar/ e não há i quem no chore.*” (*Ibid.*, f. CCXLIII, v.); “*Ora escutade lá/seredes João de Tomar/que depois de morto já/diz que punha-se a mijar?*” (*Ibid.*, f. CCXLVII); “*Porque vai-se-me aas figueiras,/e come verde e maduro*” (*Ibid.*, f. XXXV); “*Porque ela nunca bradou/nem dixeme “tirai-vos d’i”*” (*Obras Completas*, ed. Sá da Costa, VI, 134).

De Bernardim Ribeiro: “*que isto vai assi como quem é doente de ua peçonha e cura-se com outra*” (*Obras*, II, 19); “*aqui calou-se como muito maravilhada*” (*Ibid.*, p. 82); “*despois ali estiverõ ambos u grande pedaço de tempo, que Bimarder contou-lhe todo o começo*” (*Ibid.*, II, 100); “*que conta-se que atee no estar andar infim em tôdolos outros autos a tinha tam suavemente posta que bem parecia que naquele lugar estava soo*” (*Ibid.*, II, 118); “*não posso falar contigo/que a mim pesa-me comigo/comigo quero pesares*” (*Ibid.*, II, 201); “*que a mim pôs-se-me o sol/onde eu soo temia a noute*” (*Ibid.*, II, 253); “*porque os paços de Lamentor acabarõ-se*” (*Ibid.*, II, 104); “*Vendo-a Franco alvorçou-se/e foi correndo ao cão/que nos pees alevantou-se/e deu-lhe a fruta na mão/e após aquilo espojou-se*” (*Ibid.*, II, 189); “*Jano em vendo-a foi pasmado*” (*Ibid.*, II, 175); “*já agora quero-lhe mal/por me ter em tal estado*” (*Ibid.*, II, 312). Veja-se ainda, no mesmo volume, pp. 135, 225, 169.

De Sá de Miranda: “*e os meus [olhos], que já também punham-se a monte*” (*Obras Completas*, I, 248); “*ordenam o que faça antes que vão-se*” (*Ibid.*, I, 261); “*restituí-me a mim,/antes do fim, que o sol vai-se e trasmonta*” (*Ibid.*, II, 3); “*Enfim vê-o no fogo*” (*Ibid.*, II, 11).

De Jorge de Vasconcelos: “*& agora acha-se direito para poder roubar, & fazer tudo o que a vontade requere aos poderosos*” (*Eufrosina*, p. 152); “*que ele enfeita-se, & escova-se muito quando a vai ver*” (*Ibid.*, p. 168).

De Antônio Ferreira: “*Ó olhos, onde Amor se esconde, e prega/As almas, e em pregando-as, se retira!*” (*Poemas Lusitanos*, I, 17); “*Achei, onde perdi-me, o meu tesouro*” (*Ibid.*, I, 43).

De Frei Heitor Pinto: “*porque os anos vão-se*” (*Imagem da Vida Cristã*, II, 4); “*porque os franceses virtuosos são-no por amor de Deus*” (*Ibid.*, II, 275). Outros exemplos: *Ibid.*, I, 313; IV, 57.

De Francisco Rodrigues Lobo: “Se eu, que *em vendo-a* ceguei, pude ainda ver,/Uma cor vi” (*Poesias*, p. 78).

De Vieira: “*que os dous primeiros escusaram-se*” (*Sermões*, III, 222, 2.^a col. – 2 vezes); “*de sorte que o nemo refere-se ao formabuntur*” (*Ibid.*, III, 295, 2.^a col.).

De Frei Antônio das Chagas: “e *assim resolve-se* V. M. a levar bem tudo o que lhe vier de mal” (*Cartas Espirituais*, p. 120).

De Antônio Pereira de Figueiredo: “*Se mostrar-me* inocente, ele me convencerá de culpado” (*Bíblia Sagrada*, Velho Testamento, p. 575).

De Filinto Elísio: “E a voz *ali desmaia-lhe*” (*Poesias*, p. 226).

De Antônio Feliciano de Castilho: “*Aqui morreu-lhe* a voz” (*A Noite do Castelo*, p. 104).

De Alexandre Herculano: “*boje contam-se* noventa e cinco anos” (*Lendas e Narrativas*, II, 81); “com a diferença, porém, de *que* o período de renovação do gênero humano *conta-se* por anos” (*O Monge de Cister*, I, VI); “Isto era dito com tanta brandura e unção, *que* o moço cisterciense *atirou-se* a chorar aos braços de Fr. Lourenço” (*Ibid.*, I, 109); “Era *que* o céu *ia-se* afogueando já com os primeiros fulgores de uma bela madrugada” (*Ibid.*, I, 248). Veja-se ainda: *Lendas*, II, 274; *O Monge*, I, 265.

De Rebelo da Silva: “o pacto, que ali firmou, foi tão negro, *que* a lua *tomou-se* cor de sangue” (*Contos e Lendas*, p. 26); “Que motivo demorava pois o mancebo, *quando* o amor *estava-o* chamando tão meigo e desejado?” (*Ibid.*, p. 35); “um vulto surgiu, *que tomou-lhe* as rédeas” (*Ibid.*, p. 164).

De Camilo Castelo Branco: “tão engenhosamente o fizeram, *que* o fidalgo *achou-os* a eles proprietários” (*Estrelas Propícias*, p. 14); “Além de *que* a felicidade, como história, *escreve-se* em poucas páginas” (*Amor de Salvação*, p. 8); “No começo nada era; mas bem sabes *que* a gente *zanga-se*, e perde a cabeça” (*O Romance dum Rapaz Pobre – apud* Mário Barre-



to, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, p. 364). Ver também: *Amor de Salvação*, pp. 97, 146.

De Latino Coelho: “de modo *que* nas igrejas, na semana santa, *ama-se* o próximo como num baile” (*Tipos Nacionais*, p. 251).

De João de Deus: “A boca é tão vermelha *que* em te rindo/*Lembra-me* uma romã aberta ao meio/*Quando* já de madura está caindo!” (*Campo de Flores*, I, 262).

De Eça de Queirós: “*porque* a doença *deixara-lhe* um vago medo dos pesadelos da febre” (*O Primo Basílio*, pp. 288-289); “A sua voz tinha tanta angústia *que* Juliana *calou-se*” (*Ibid.*, p. 316); “atirava-lhe ditos tão cruéis – *que* o dândi, embrulhado na tempestade, *sumia-se* como um diabo de mágica” (*Notas Contemporâneas*, p. 36); “e o curioso é *que* você *tornou-se* brigadeiro com as intenções mais belas e mais generosas” (*Ibid.*, p. 65); “Apresentava-se tão grave, tão triste, *que* no Chiado *afirmava-se* ser um personagem da história romana – empalhado!” (*Uma Campanha Alegre*, I, 55). Ver ainda: *O Primo Basílio*, p. 431; *Notas Contemporâneas*, p. 218; *Crônicas de Londres*, pp. 53, 71.

De Fialho de Almeida: “*quando* uma noite Ferraz de Macedo *entra-me* em casa” (*Figuras de Destaque*, p. 179); “*onde dir-se-ia* já noctiluzir, como um pirilampo na sombra, o ziguezague da mania ou da loucura” (*Lisboa Galante*, p. 33); “*que dir-se-iam* peneiradas d’alto” (*O País das Uvas*, p. 32); “tudo isto *que dir-se-ia* casual” (*Aves Migradoras*, p. 180). Outros exemplos de “*que dir-se-ia*”: em *O País das Uvas*, p. 81, e *Lisboa Galante*, p. 17.

De M. Teixeira Gomes: “É *que* eu *chamo-me* Celestino...” (*Gente Singular*, p. 124).

De Raul Brandão: “até *que* uma noite a mulher *viu-o* entrar” (*Os Pobres*, p. 47). “O pior foi *que* ele *botou-me* ao desprezo” (*Ibid.*, p. 58).

De Fernando Pessoa: “Ia eu dizendo *que* ao menos *escrevem-se* ver-sos...” (*Poesias Completas*, II, 276).

De José Régio: “Quase *que* *vou-me* a dizê-la” (*Fado*, p. 49).

De José Rodrigues Miguéis: “*Que* a verdade *deve-se* dizer: para a boa chaça inglesa, ainda não há como os irlandeses!” (*Onde a Noite Se Acaba*, p. 25).

De João Gaspar Simões: “Deus era para mim uma realidade tão completa e absorvente *que*, ao pensar nele, *sentia-me* suspenso no espaço e no tempo” (*A Unha Quebrada*, p. 253).

De Miguel Torga: “Olha *que* eu *atiro-te* o cesto ao focinho!” (*Novos Contos da Montanha*, p. 56); “Não *que* ele *custou-me* a parir e a criar!...” (*Ibid.*, p. 93); “estou de tal maneira *que* as pernas *pesam-me* arrobas” (*Diário*, I, 82); “*Aqui sonba-se!*” (*Ibid.*, I, 95). Ver também: *Ibid.*, I, 35, 183; II, 176.

De Manuel da Fonseca: “– Tem graça *que* hoje meu marido *disse-me* que há muito o não vê” (*Aldeia Nova*, p. 110).

De Antônio Pedro: “Deixá-las, deixá-las/*Que* eu *fico-me* assim...” (*apud* Cecília Meireles, *Poetas Novos de Portugal*, p. 244).

De Jorge de Sena: “– *é que* eu *conheço-me* e adivinho os outros” (*apud* Cecília Meireles, *ibid.*, p. 296).

Aí está perto de uma centena de exemplos de autores portugueses de todas as épocas, desde a fase arcaica ao século XX. A maioria dos grandes clássicos da língua, antigos e modernos, aí figura – alguns deles com a sua dezena, ou pelo menos a sua meia dúzia, de construções em que aparece a variação pronominal “erroneamente” colocada, “à brasileira”. Ao lado deles, notáveis prosadores e poetas, vários dos quais na realidade mais importantes, mais vivos do que alguns daqueles “mestres consagrados” – de Eça de Queirós e João de Deus, tão bem conhecidos, até esse extraordinário Fernando Pessoa, esse admirável José Régio, e Miguel Torga, excelente poeta e talvez o maior prosador vivo de Portugal, e um Antônio Pedro e um Jorge de Sena, vozes das mais significativas da moderna poesia portuguesa.

Podem-se ver ainda, nos livros, já citados, de Sousa da Silveira e Said Ali, muitos outros exemplos dessa colocação irregular. Exem-

plos ou de autores mencionados aqui – Vieira, Filinto,⁶² Castilho, Herculano, Eça – ou de outros, como Bernardes, Coelho de Carvalho, Júlio Dinis.

O mais curioso, porém, é que os próprios filólogos portugueses, e dos mais autorizados, dão a sua contribuição para o caso.

Se correremos a vista pela p. 13 da *Gramática Histórica Portuguesa* de Epifânio Dias, lá encontraremos: “Afora essa [troca], é frequente a resultante de dissimilação, sobre a qual veja-se § 49” (*apud* Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, p. 47). Indo à p. 234, toparemos com isto: “Note-se ainda que por vezes *deu-se* até confusão entre *-ão* e *-om*”.

Comentando uma das *Cantigas d’Amor dos Trovadores Galeco-Portugueses*, diz a certa altura José Joaquim Nunes: “lição que excede a medida e parece-me não satisfazer ao sentido” (p. 9).

Agora vamos a Leite de Vasconcelos. Nos seus *Textos Arcaicos*, p. 97, lê-se: “Pois que o pensamento *suspende-se* depois de Moniz.”

Rodrigues Lapa, esse, interpretando um verso das *Obras Completas de Sá de Miranda*, p. 41, escreve o seguinte: “Que um vento propício *leva-me* a dizer mais.” E numa de suas notas aos *Anais de D. João III*, de Frei Luís de Sousa: “É que primitivamente, antes de ‘Esteve’ *lia-se* logo ‘20 de outubro’” (II, 143).⁶³

62  Deste, cerca de uma dúzia de citações.

63  Parece-me dispensável citar exemplos de autores brasileiros, tão conhecida e proclamada é a nossa tendência para colocar “mal” os pronomes. Mesmo em nossos dias, quando já se acham tão divulgadas as “leis” lusitanas neste sentido, às quais tantos se apegam com unhas e dentes, não faltam, entre os maiores escritores, alguns que conscientemente as desrespeitam. É o caso de um Gilberto Freire – para não falar dos extremados, como sejam Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado e alguns outros. Os estudiosos da língua, os professores, até esses nem sempre levam a sério as tais leis. João Ribeiro, filólogo e escritor admirável, escreve: “Se os portugueses *dão-lhe* agora de preferência o sentido de – *entreve* – nem sempre significou colisão ou choque” (*A Língua Nacional*, p. 34). E coisa idêntica na p. 9 das *Curiosidades Verbais* e à p. 113 das *Páginas de Estética*. “Sabemos desde o curso primário que os vocábulos acentuados na última sílaba *chamam-se* átonos”; está no *Idioma Nacional*, de Antenor Nascentes (p. 158).

As regras que se tem procurado formular a respeito de colocação de pronomes são em boa parte tão sujeitas a exceções que se pode dizer não existem. Muitos dos autores advertem que as conjunções *porque* (causal) e *que* (integrante e consecutiva) não “atraem” obrigatoriamente o pronome, sobretudo se entre a conjunção e este se acha intercalada uma ou mais palavras. Entre as palavras com as quais, para Sousa da Silveira,⁶⁴ “é, gramaticalmente, arbitrária a próclise ou a ênclise, estão os indefinidos *cada, tudo* (e conseqüentemente *todo, toda, todos, todas*), o advérbio de lugar *aqui* (e, portanto, *ali, acolá*, etc.)”. Antenor Nascen-tes⁶⁵ vai mais longe: “Os pronomes pessoais oblíquos colocam-se onde o escritor quiser, antes ou depois do verbo.” “Não há colocações erradas, exceto as que raiarem pelo absurdo. Há colocações elegantes ou deselegantes, conforme o critério de cada um.” E Silva Ramos,⁶⁶ sempre tão lúcido, assim se refere ao assunto: “Estou convencido de que existem dois únicos princípios iniludíveis, em que não podem deixar de estar de acordo o Brasil e Portugal: 1.º – É necessário que aqueles elementos [os pronomes átonos] se achem dispostos por maneira que não resulte obscuridade no sentido. 2.º – Quando figurarem na oração os dois pronomes direto e indireto, devem vir ambos sempre conjugados, antecedendo este àquele deste modo: *mo, to, lbo, no-lo, vo-lo*.” E acrescenta que em tudo mais a colocação depende “exclusivamente da modulação da frase, muito diferente no português de aquém e no de além-mar”.

Curioso lembrar que Figueiredo, no seu livro sobre colocação de pronomes, cita como erros de construção que os jornais vulgarizam a cada passo os seguintes trechos:

“*Todos os eleitores juntaram-se às portas da igreja.*”

64 ∞ *Lições de Português*, pp. 324-325.

65 ∞ *O Idioma Nacional – Gramática para as quatro séries ginásiais* – pp. 151-152.

66 ∞ *Apud* Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, p. 152.

“Alguém murmurou e *dirigiu-se* ao chefe.”

“E *logo envolveram-se* em desordem.”

Já vimos que Sousa da Silveira julga facultativa a próclise ou a ênclise depois de *tudo* (e, pois, de *todo*, etc.). E, provando-o, dá um exemplo de Herculano, que transcrevo aqui, reduzido: “E *tudo isto vê-se* para se ter mais fome.”

Se não é de rigor a próclise para o pronome indefinido *tudo*, por que será para *alguém*? Depois, veja-se que, além de estar razoavelmente longe do *alguém*, o *se* pertence a outra oração.

Finalmente: que maior força “atrativa” do que o *logo* poderá ter o *agora*, ou o *já*? Entretanto, na primeira das passagens que citei de Jorge de Vasconcelos está: “agora acha-se”; numa das de Bernardim Ribeiro: “já quero-lhe mal”; e na de Luís da Silveira: “já dou-vos”.

Claro que não será difícil argumentar mais fortemente contra o falso filólogo lusitano; mas o que fica dito por último, junto à soma de exemplos e opiniões sobre o assunto, parece mais que bastante para mostrar a inanidade das suas afirmações. Porém há mais.

Figueiredo cita como expressões que, “pela má colocação dos pronomes, não têm construção portuguesa”, as seguintes:

“a quinta de Vila Velha do Ródão, *que*, segundo ele dizia, *fazia-lhe* muita conta”.

“duas escrituras, a primeira *das quais lavrou-se* em 25 de junho de 1773”.

Aliás, neste julgamento ele tem por companheiro um filólogo de verdade: nada menos que Gonçalves Viana. Comentando, ao lado de outras duas, a construção “O homem que viu-me”, escreve este:⁶⁷ “No português do reino essas construções são piores que defeituosas; são inauditas, incompreensíveis: toda a discussão a tal respeito seria fútil, e desperdiçado o papel que se gastasse com ela, porque não há pessoa al-

67  *Palestras Filológicas*, pp. 131-132.

guma em Portugal e nas suas atuais dependências, que construa de semelhante modo aquelas frases, seja ela o mais boçal analfabeto, ou o mais primoroso escritor. Essas construções sintáticas não são nem foram nunca portuguesas; são crioulas.”

Ora, aí está. O julgamento é severo demais, e errado e falho na sua severidade. Nem o mais boçal analfabeto português praticaria a ênclise em orações do relativo; isso é coisa de crioulos. No entanto, as duas frases apresentadas por Figueiredo não são de um crioulo, mas de “um publicista [português], muito ilustrado, e bem conceituado”, como declara o próprio Figueiredo. E – o que é mais – também não são de crioulos, mas de “primorosos escritores”, o “*que nos pés alevantou-se*” (Bernardim Ribeiro), o “*que já também punham-se*” (Sá de Miranda) e o “*que tomou-lhe as rédeas*” (Rebello da Silva), coisas que figuram nas transcrições desses autores feitas um pouco atrás. Veja-se mais entre os exemplos apontados de Fialho de Almeida. Releia-se também o “sobre a qual veja-se”, de um mestre da língua, Epifânio Dias.

Observe-se, ainda, em Sousa da Silveira, perto de uma dezena de trechos de Filinto Elísio, “primoroso escritor”, nos quais aparece a ênclise em orações do relativo: “que negavam-lhe”, “que compadecia-se”, etc. E ainda lá se verão exemplos da mesma coisa em Coelho de Carvalho (“que busca-lhe”) e Teófilo Braga (“que determinaram-lhe”).

São todos, como se vê, exemplos não de crioulos, mas de escritores mais ou menos “primorosos”; talvez só entre “os mais boçais analfabetos” é que não se encontre, em Portugal, a malsinada construção.⁶⁸

A rigor, a questão da colocação de pronomes tem de ser estudada antes como questão de estilo que de gramática. A esta não compete se-

68 ∞ De um modo geral” – isto se lê em Said Ali – “pode-se dizer que o pronome relativo e a conjunção subordinativa determinam a deslocação do pronome átono; mas” – acrescenta – “não se devem desprezar os casos particulares em que na linguagem lusitana, quer literária, quer popular, a regra deixa de ser aplicada” (*Dificuldades da Língua Portuguesa*, p. 50).

não apontar as tendências para o uso mais freqüente da próclise ou da ênclise nestes ou naqueles casos; e não formular regras que, pretendendo simplificar o assunto, vêm a torná-lo — com as numerosas exceções colhidas no uso dos bons autores, muitas delas dignas de serem interpretadas psicologicamente — vêm a torná-lo muito mais complicado.

Outro ponto de interesse, neste assunto, é a colocação do pronome entre dois verbos no caso da conjugação perifrástica. É coisa de origem bem portuguesa, sabe-se,⁶⁹ mas, como hoje não se usa em Portugal, muita gente se encheu de horror contra ela. Entretanto, constitui um fato da língua portuguesa falada e escrita no Brasil, e tem de ser respeitado. Ainda depois de se ter espalhado entre nós a mania da imitação portuguesa em matéria de sinclitismo pronominal, prosadores e poetas nossos, dos melhores, submetendo-se — sempre ou quase sempre — às normas lusitanas nos outros casos, continuaram a deixar, pelo menos algumas vezes, o seu pronome solto entre dois verbos, bem de acordo com os nossos hábitos.

Veja-se Alberto de Oliveira: “Posso a ti *me entregar*, doce Poesia” (*Poesias*, III, 52); “*Vou me sentindo* mais forte” (*Ibid.*, I, II6); outros exemplos em *Poesias*, I, 22, 147, 356. Veja-se Raimundo Correia: “Por trás da serra, *ia se erguendo* a lua ...” (*Poesias*, p. 110). Veja-se Gilberto Freire: “*Estava se acabando* de fraca” (*Casa-Grande & Senzala*, II, 527); outros casos às pp. 524 e 577. E Otávio Tarquínio de Sousa: “Já *vinha*, porém, *se esboçando*, desde o começo do século XVIII, a reação contra esse estado de coisas” (*José Bonifácio*, p. 22); outro caso à p. 28. E Carlos Drummond de Andrade: “Os elementos *acabam se impondo* ao leitor” (*Confissões de Minas*, p. 70). E Álvaro Lins: “não *podéria me manifestar*” (*Jornal de Crítica*, 5.ª série, p. 305). Seria fácil acrescentar centenas de exemplos.

Esta construção é bastante freqüente em Simões Lopes Neto:

“os lotes de eguariços *iam se encontrando*” (*Correr Eguada*).

69  Ver Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, p. 47.

“Esteve muito tempo *me olhando*” (*Cabelos*).

“Uma negra que *havia lhe dado* de mamar” (*Melancia*).

“*não quis se desmoralizar*” (*Ibid.*).

E ainda uma vez neste último conto; e no *Anjo*, na *Mboitatá*, na *Salamanca*...

Mas a construção portuguesa:

“Tudo *se foi arreglando* em ordem” (*Negro*)

“*Vou mostrar-lhe*” (*Manantial*)

“Parecia que nada *se havia dado*” (*Ibid.*)

“*E foram-se estendendo* e alargando campos sem fim”

– aparece muito mais nas páginas dos CONTOS e das LENDAS.

Por aí se vê que Simões Lopes conhecia bem a sintaxe portuguesa,⁷⁰ e se dela se afastava, neste como em tantos outros pontos, era de propósito, muito consciente do que fazia. Se alguma coisa há que lamentar – também nesta matéria – é que ele não se haja inclinado ainda mais à tendência brasileira, compreendendo ainda melhor, com João Ribeiro, que “não podemos, sem mentira e sem mutilação perniciosa, sacrificar a consciência das nossas próprias expressões. Corrigi-las pode ser um abuso que afete e comprometa a sensibilidade imanente a todas elas”.⁷¹

Um traço da influência gauchesca bem vivo na colocação de Simões Lopes: o uso do demonstrativo posposto ao substantivo – vindo este precedido de artigo:

70 ∞ Tanto a conhecia, que põe na boca de Blau Nunes, no fim do *Penar de Velhos*, um “*lhe não*”, nada brasileiro: “Que sumanta o guri *lhe* não havia de encostar!...” E na *Salamanca* (mas convém recordar o caso especial deste conto) vê-se nada menos que uma sínquise pronominal: “*E me bem trataste* pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.”

71 ∞ *A Língua Nacional*, p. 10. – Na mesma página desse livro: “– Não quero me alongar... – Perdão! Não ‘me’ quero alongar, ou então, não quero alongar-‘me’. – Não há dúvida; mas eu digo por um terceiro modo, e, quem sabe, se não estou a criar uma utilidade nova e um delicado matiz que a língua européia não possui! Expressões diferentes envolvem ou traduzem estados d’alma diversos.”

“Pois para a *carreira essa*, tinha acudido um povaréu imenso” (*Negro*).

“o *praça aquele* teve baixa” (*Batendo Orelba!*...).

“encravou então no novo corpo da encantada *a pedra, aquela*, que era o *condão, aquele*” (*Salamanca*).

Essa construção é própria do espanhol; Andrés Bello e Rufino Cuervo⁷² a ela se referem, abonando-a com um exemplo de Quintana: “*El pajarrillo aquel que dulcemente/Canta y lascivo vuela.*” Encontro-a nas *Historietas Nacionales*, de Alarcón, posta na boca de uma personagem: “En fin, *el polaco aquél* servía a las órdenes de Napoleón” (p. 67); e várias vezes em *El Espejo de la Muerte*, de Unamuno.⁷³

Observações diversas

Deve-se notar, como atestado do seu conhecimento da língua, entre outras coisas, o fato de não incorrer em certos erros de sintaxe muito comuns.

Deixa, corretamente, o verbo *fazer* no singular nesta passagem da *Salamanca*:

“*Faz duzentos anos* que aqui estou.”

É de notar-se a propriedade do uso da preposição *a* no seguinte trecho, da *Apresentação de Blau Nunes*:

“dos fogões *a* que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou”.

E também a maneira correta como rege o *preferir*:

“*Prefiro* a minha pobreza dantes *à* riqueza desta onça” (*Salamanca*).

Sabe fugir a ambigüidades resultantes de má colocação, como se vê neste passo:

“Agora, qual dos dois, *pra disfarçar dos caramurus o chasque*, mandou, em vez dum homem aquela vivaracha, qual dos dois foi, não pude sondar.”

72  *Gramática de la Lengua Castellana*, p. 230.

73  Outros casos de colocação podem-se ver adiante, na parte relativa ao estilo.

Um escritor menos experiente poderia, usando a ordem direta, ter posto ali *pra disfarçar o chasque dos caramurus* – quando, na realidade, aquele não está em missão destes.

Já se tem visto que Simões Lopes Neto oscila entre a correção rigorosa e o desprezo ou alheamento a certas exigências gramaticais. Quero insistir em que deve na realidade existir desprezo, e não ignorância, nos casos – ou pelo menos na maioria deles – em que o escritor deixa de obedecer à chamada “língua dos nossos maiores”.

Citemos algumas passagens suas, começando por uma do *Boi Velho*:

“já os bois, *havia* muito tempo que *estavam* encostados no cabeçalho”.

Agora, de *Melancia*:

“andava campeando umas tambeiras... e uma vaca mocha, que não apareciam no gado manso, *havia* dois dias!...”

E de *Mboitatá*:

“*havia* já muitas mãos de luas, *dormia* quieta”.

Ora, aí está o respeito a uma norma que, fundada embora na lógica, tem sido, não raro, infringida por autores dos melhores, inclusive diversos apontados como clássicos. Mas já em outros passos, muito menos numerosos, em casos idênticos, Simões Lopes Neto, atendendo à influência do uso comum, na língua falada, emprega *há*:

“*Há* que tempo eu não *chorava!*...” (*Trezentas Onças*).

Nada mais fácil que a explicação do caso. A homofonia entre o *há* e a preposição *a* determinou uma estereotipação daquela linguagem verbal; tanto assim que, empregando no mesmo sentido o verbo *fazer*, ninguém diria “faz” por “fazia”.

A verdade é que temos aqui um fato de linguagem, e se o autor dos CONTOS GAUCHESCOS merece alguma censura, seria antes por se ter inclinado mais ao uso gramaticalíssimo do *havia*. O *há* encontra-se em Garrett: “E ainda havia de escapar desta crise, como tinha escapado das outras que *há seis meses se tinham repetido* tão frequentes” (*Obras Completas*, II, 127); “correu a chamar o capelão que

há muito estava de sobreaviso” (*Ibid.*, II, 133). Vê-se em Camilo: “O morgado *caíra* em extrema pobreza *há dois anos*” (*Memórias do Cárcere*, II, 45); “*Há poucos anos* que ela *vivia* numa cidade do Minho” (*Ibid.*, 182); também no *Amor de Salvação*, p. 68. Está em Machado de Assis, nas *Histórias sem Data*, p. 89: “Que diabo de teima por causa de um chapéu que o marido *usara há tantos anos?*”; no *Dom Casmurro*, p. 89: “A imagem de Capitu ia comigo, e a minha imaginação, assim como lhe *atribuíra* lágrimas, *há pouco*, assim lhe encheu a boca de risos agora”; no *Quincas Borba*, p. 102: “Certo que ele *suspirava há muito*”. Não é pouco freqüente em Eça de Queirós: consulte-se *O Crime do Padre Amaro*, p. 296; *Os Maias*, I, 128, 266, e II, 80, 438; *Ecos de Paris*, p. 99, III; *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, p. 269; *Crônicas de Londres*, p. 74; etc. Vê-se em Raimundo Correia: *Versos e Versões*, p. 53. Em Aquilino Ribeiro, no prefácio da sua edição das *Cartas do Cavaleiro de Oliveira*, lá está o *há* por *havia*: “O Cavaleiro faleceu em Londres a dezoito de outubro de 1783 de doença que *padecia há anos*” (p. XXXI). Para que multiplicar citações ou indicações? O *há* se encontra, em lugar de *havia*, até em gramáticos e filólogos; leia-se este período de Antenor Nascentes: “Foi depois a Moçambique, donde voltou a Portugal que *há dezesseis anos não via*” (*O Idioma Nacional – Gramática para o Colégio*, p. 123).

Tom brasileiro

Mais de uma vez já se terá notado, aqui, o tom brasileiro da linguagem de Simões Lopes Neto. Brasileiro substancialmente; porque não há no autor dos CONTOS GAUCHESCOS apenas aquela “nacionalidade de vocabulário e nada mais”, de que fala Machado de Assis.⁷⁴ Um brasileiro, o seu, que não é só de vocabulário e de sintaxe, mas

74  *Crítica*, p. 23.

de características mais fundas, pois que resulta de uma íntima identificação do escritor com o meio. De modo que ele é tão brasileiro quando aceita certos fatos da linguagem do povo, como quando se opõe a outros, reconhecendo que “a influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão”.⁷⁵

Vejamos agora outros pontos em que a sua linguagem revela influência da fala de nossa gente, embora essa fala, por sua vez, tenha raízes lusitanas:

I. “O meu bicharazito enchia-se de vento, e voava, batia aberto, *que nem* uma bandeira cinzenta...” (*Anjo*).

Esse *que nem*, que aí se vê, e também aparece na *Mboitatá*, tem sabor deliciosamente popular, embora esteja longe de ser um plebéismo brasileiro, como pensam alguns requintados. É coisa portuguesa, e não é plebéismo. Está, por exemplo, em Rebelo da Silva, *Contos e Lendas*, p. 27; em Camilo, *Memórias do Cárcere*, I, 83; e no P.^o M. Alves Correia, tradutor de Homero, à p. XXXV do seu Prefácio à *Imagem da Vida Cristã*, de Frei Heitor Pinto.

2. No *Boi Velbo* encontra-se:

“*tinha* um sarandizal”.

Nos *Cabelos da China*:

“*aí tem* outra sentinela”.

“*tem* é que dobrei a prenda”.

Em *Melancia – Coco Verde*:

“*tem*, é que não atavam nem desatavam...”

75 ∞ *Ibid.*, p. 126.

No *Negro*:

“Um cajetilha da cidade botou-lhe uns versos mui lindos – pro caso que *tinha* um que dizia que ela era uma ‘..... chinoca airosa’.”

Vê-se nestas passagens o verbo *ter* pelo *haver*, coisa comuníssima na fala brasileira de todas as classes, e que muitos escritores mais corajosos já transpuseram para a literatura – um Mário de Andrade, um Antônio de Alcântara Machado, uma Raquel de Queirós, entre vários outros.⁷⁶

Registrando o fato,⁷⁷ Antenor Nascentes declara que isso “nada tem de espantoso. A significação etimológica de *haver* (do latim *habere*) é *ter*; nas linguagens compostas *haver* foi substituído por *ter*; quem sem afetação dirá HEI JANTADO *muitas vezes em sua casa*, em vez de TENHO JANTADO *muitas vezes em sua casa?*” Transcreve um exemplo da *Arte de Furtar*, citado por Eduardo Pereira: “A um mestre de Lisboa ouvi dizer que bastava numa Câmara três vereadores e *tinha* sete.” Aí parece-me perfeitamente possível subentender-se a *Câmara*; mas, no seu *Itinerário*, Frei Pantaleão de Aveiro, entre muitos exemplos assim duvidosos, apresenta estes, onde é incontestável o sentido de *haver* atribuído ao *ter*: “Dentro na Cidade *tem* um almazém, ao qual eles chamam Arsenal, cercado de alto muro, todo torneado com muitas torres” (p. 4); “Também há neste Arsenal algumas salas grandes, & muito compridas, cheas de toda a sorte de armas, assim para gente de cavalo, como para de pé: & tudo tão perfeitamente, & a ponto, como se estivessem de hora em hora esperando pelos inimigos; porque para cada hom? *tem* junto o que lhe convém para se armar, quer seja de cavalo, quer de pé; & em cada casa aonde há oficiais, que trabalham, *tem* no meio ua tina, que pode levar até doze almudes, chea de vinho bem aguado para os que têm necessidade de beber” (pp. 5-6).

Neste último período veja-se o emprego alternado do *há* e do *tem*, cada um duas vezes.

76  Guimarães Rosa, mostrando-se embora, em geral, portuguesmente correto, escreve: “No fim de tudo, *tem* o pátio, com os cochos, muito milho, na fazenda” (*Sagarana*, p. 63). Cf. ainda pp. 93 e 115.

77  No *Linguarjari Carioca*, p. 77.

“A frase “*tinha* lá muita gente” por “*havia* lá muita gente” representa hoje brasileiroirismo.” – diz Vasco Botelho de Amaral.⁷⁸ Note-se bem: “hoje”.

Mas Simões Lopes, a sua preferência é pelo *haver*:

“Debaixo da barranca *havia* um fundão” (*Trezentas Onças*).

“A Tudinha era a chinoca mais candongueira que *havia* por aqueles pagos” (*Negro*).

E ainda neste mesmo conto, e no *Manantial* (umas três vezes), no *Mate*, no *Deve um Queijo!...*, em *Boi Velbo* (duas vezes), em *Correr Eguada* (umas três), e, enfim, em quase todos os CONTOS GAUCHESCOS, e em várias das LENDAS DO SUL.

Usando, pois, o *ter* por *haver*, o escritor cedeu à influência da língua de Blau Nunes, deixou-se levar pela corrente da expressão do seu contador de histórias. Este é um dos casos em que, no compromisso entre a linguagem de um e a do outro, os interesses do velho Blau prevaleceram. Flagrantes como, sobretudo, aquele em que o campeiro se refere ao cajetilha são vivos e expressivos de mais para que o contista lhes procurasse imolar a graça espontânea à dura exigência da gramática portuguesa: “uns versos que tinha um que dizia que ela era...”⁷⁹

Essas e outras modalidades da fala brasileira na sintaxe de Simões Lopes Neto coexistem, diga-se ainda uma vez, com o respeito às normas gramaticais. É muito para notar que essa aliança não produz arrepios: efeito da feliz dosagem que o escritor sabe fazer das duas tendências, nem mutilando-se numa correção hirta e fria, nem se destemperando num desadorado populismo que relegaria os seus contos ao

78 ∞ *Novo Dicionário de Dificuldades*, p. 954.

79 ∞ Note-se, além do *tinha*, o encanto dessa irregularidade de regência, e da sucessão dos *quês*. Ponha-se isto em confronto com o mesmo trecho à portuguesa: – *uns versos entre os quais havia um que dizia que ela era* – ou, para um estilista caprichado: – *.... que dizia ser ela* – e imagine-se tal coisa na boca do campeiro. O estilo, ali – utilizo uma observação de Thibaudet a propósito de Flaubert – “não é somente o homem que escreve, mas a personagem de quem ele escreve” (*Gustave Flaubert*, p. 312).

plano da literatura oral, roubando-lhes o sabor e força literária – com que hão de vencer o tempo.⁸⁰

Estilo

Linguagem e estilo, sabe-se, são coisas que não raro se interpenetram: assim, muitas observações sobre o estilo de Simões Lopes Neto deixam de ser feitas aqui por já haverem, indiretamente, sido feitas, de passagem, no capítulo anterior; por outro lado, mais de uma das notas deste capítulo se relacionará estreitamente com assunto de linguagem.



Cumpra não temer as palavras que se aviltaram em lugar-comum, de tão mal e exaustivamente aplicadas; não temê-las quando indispensáveis, restituídas à sua dignidade essencial. A palavra que logo se impõe, ao considerar-se o estilo de Simões Lopes: *telúrico*. Seu estilo é telúrico, vem das entranhas da terra, carregado de todo o húmus que fecunda as árvores lá no mundo calado e laborioso das raízes. Faz-nos sentir – de verdade – a campanha gaúcha.⁸¹ E esse húmus, abundante,

80  Nos *Cabelos da China* vê-se um *a por há*: “Já andamos aqui *a* uns quantos dias.” Seguramente é erro de revisão; pois sempre, em casos assim, o autor emprega o verbo, e não a partícula: “*Há* que tempos eu não chorava!...” (*Trezentas Onças*); “*há* dois dias” (*Cabelos*); “*há* poucos anos – coitado! – pousei no arranchamento dele” (*Contrabandista*).

81  Em mim – deixem passar a confissão – este sentimento é tão vivo que, filho de região quase oposta geograficamente ao Rio Grande do Sul, eu tinha, contudo, antes de conhecê-lo – o que só se deu há pouco tempo – eu tinha por vezes (sem literatura) a impressão de já haver percorrido os campos gaúchos, conversando longamente com os guascas. Parece-me, pois, inaceitável esta afirmação do Sr. Manuelito de Ornelas: “Para se iniciar na beleza imanente da ficção de Simões Lopes Neto, é necessário conhecer-se a fundo a vida íntima dos galpões, das fazendas, dos postos e dos ranchos, todo esse enredo cotidiano das fainas rumorosas dos campos” (*Símbolos Bárbaros*, p. 38). Ora, o mérito de Simões Lopes Neto – como de todos os grandes criadores de ambientes e vidas – está precisamente em dispensar, da parte dos leitores, o conhecimento *de visu* das realidades que ele pinta; em suscitar-lhes, pela força e prestígio da arte, uma visão pessoal de tais realidades. Pobre, impotente escritor aquele que exigisse, para uma *iniciação* na beleza do seu mundo, um prévio conhecimento do original deste, do original que ele retratou, ou, melhor, que interpretou, que recriou artisticamente!

se acha tão harmoniosamente difundido por todas as páginas, por todas as linhas, que não é fácil apontar-lhes os trechos de maior plenitude de vida. Como no vegetal sadio, nelas a vida se distribui por igual: muito raro se notarão enlanguescimentos aqui a contrastar com transbordamentos de energia além.

Por essa razão é que, tratando continuamente do campo, movimentando gente ao ar livre, pelas coxilhas, pelas reboleiras, à sombra dos umbus, com os olhos a se iluminarem da luz de poentes e madrugadas, ele todavia quase não faz paisagem, no sentido clássico; e Augusto Meyer⁸² ressalta a circunstância de só no conto das *Trezentas Onças* haver um traço de paisagem – extraordinariamente belo, aliás. Tem-se a impressão de que Simões Lopes, pedindo licença a Blau Nunes, toma a palavra por um instante, para descarregar poeticamente a emoção de um entardecer, o que na boca do velho campeiro lhe pareceria muito literário. E não é para se desprezar o fato de aparecer essa nota paisagística justamente no primeiro dos CONTOS GAUCHESCOS – como se o escritor, que acabara de fazer a poética apresentação do seu herói, ainda estivesse muito lembrado da função de introdutor. Depois, Blau Nunes está mesmo com a palavra, contando os “casos” – e toda a intervenção do autor se opera da maneira discreta de quem procurasse suprir uma ou outra deficiência de expressão do homem rude, para fazê-lo melhor compreendido de seus ouvintes.

A paisagem, na literatura do tempo de Simões Lopes, era uma peça sobreposta ao conto ou ao romance. Não fazia com eles um todo. Retirada da história, esta funcionava perfeitamente. Em dada altura, o escritor suspendia a pena, deixava a personagem pelando a faca homicida e combinava o melhor das suas tintas para um crepúsculo, pois aquela “morte da natureza” dizia bem com o fim de uma vida humana. Fora disso, fazia-se a paisagem pela paisagem – não se compreendia uma “casa sem quintal” como a de Machado de Assis.

82 ∞ Ver nota I à p. 121.

Simões Lopes Neto foi um paisagista. O que há é que a sua paisagem é assimilada. É impregnação sutil, e não douradura vistosamente inútil. Como a verdadeira elegância, aquela que não impressiona em minúcias, mas no conjunto – assim a paisagem no contista gaúcho se apresenta constituindo, com a história, um bloco. Coisa quase inteiramente desconhecida em seu tempo: ele sabia fundir as notas descritivas do ambiente no próprio corpo da narração, em períodos por onde vai fluindo a ação do conto. Blau Nunes não se detém a derramar períodos sobre uma árvore ou um rio, uma sanga ou um fim de tarde: no período em que fala do cansaço de uma troteada, diz-nos que descansou à sombra de uma árvore, ou se refrigerou nas águas do arroio.

Aliás, contadas por um campeiro como são as histórias de Simões Lopes Neto, seria nelas impertinente o exagero de paisagem. O homem simples quando narra está preocupado apenas com os fatos, com o movimento da narrativa. Do ambiente ele dá só as notações essenciais. Não quer diminuir o interesse do conto com a intromissão de acessórios. Sobretudo no caso de Blau Nunes, que fala para gente do seu meio, a qual, mais ou menos, conhece os pagos. De como as longas descrições – de paisagem ou quaisquer outras – enfadam o leitor comum, é prova o costume seu de, quando as encontra, saltar páginas do livro. A frugalidade paisagística é, pois, uma das manifestações mais finas da arte de Simões Lopes Neto.

“– Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei” (*Trezentas Onças*).

Observe-se que o vago traço de paisagem vem aí como incidente: o que domina é o fato, a ação: “desencilhei”.

Semelhantemente nesta outra passagem do mesmo conto:

“Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui-me à água que nem capincho!

“Debaixo da barranca havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes.”

Em períodos assim, ocorre surgirem reunidas, indiretamente integradas na ação, várias manchas impressionistas de paisagem:

“Conhecia as querências, pelo fardo: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão; pelo ouvido: aqui, cancha de graxains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavalo; adiante, o chape-chape, noutra ponta, o areão. Até pelo gosto ele dizia a parada, porque sabia onde estavam águas salobres e águas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo” (*Contrabandista*).

Outras vezes – e nisso está uma originalidade, acaso involuntária – Blau Nunes, num hábito muito do homem do campo, faz comparações disto e daquilo com as coisas do seu meio, sobretudo animais e plantas, e assim vai fixando hábitos, peculiaridades dos bichos, características e propriedades dos vegetais. E o conjunto de todas essas noções salpicadas ao longo das histórias – é paisagem: e uma paisagem viva, animada, estou quase a dizer humana, que parece merecer um lugar ao lado das figuras de carne e osso – Blau, o velho Leça, o negro Bonifácio, o índio Reduzo, o espanhol clinudo, o contrabandista Jango Jorge, o João Cardoso do mate...

Vejamos logo as comparações com vegetais:

“O meu [coração], dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados!...”

Isto se lê nas *Trezentas Onças*. E no conto seguinte, *O Negro Bonifácio*:

“Alta e delgada, [a Tudinha] parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde.”

E noutras histórias:

“afundou-se e entranhou-se na massa cerrada do inimigo, como uma cunha de nhanduvaí abrindo em dois um moirão grosso de guajuvira” (*Anjo*).

“muito rico... mas de onça em onça, como tala de jerivá, que só cai uma de cada vez... como pinhão da serra, que só se descasca de um a um!...” (*Salamanca*).

“frescos e sumarentos como polpa de guabiju colhido ao nascer do sol” (*Ibid.*).

Agora, comparações com animais:

“em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda” (*Trezentas Onças*).

Viram há pouco a Tudinha comparada ao jerivá. Observem nova comparação, de beleza ainda mais estranha:

“Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo... ouvindo mais, que vendo...” (*Negro*).

No mesmo conto:

“a mais santinha [das mulheres] tem mais malícia que sorro velho!...”

Em outros:

“batendo os dentes, como porco queixada...” (*Manantial*).

“renitente como mosca de ramada” (*Mate*).

“a mão do Juca Picumã fechou-lhe o braço, como uma garra de tamandú” (*Cabelos*).

“o coração, às vezes, trepa, dentro da gente, o mesmo que jaguatirica por uma árvore acima!...” (*Anjo*).

“castelhano se desguaritava por essas coxilhas, o mesmo que bandada de nhandu, corrida a tiro de bolas!...” (*Ibid.*).

“andava por esse mundo, de gaudério e teatino... como cachorro chimarrão” (*Penar*).

“arrepido como um lombo de jaguar no cio” (*Salamanca*).

“Enredada como os caminhos dum cupim era a furna” (*Ibid.*).

“Dentro desse mato, há uma lombada redonda, como uma casca de carumbé” (*A Casa de Mbororê*).

Outra vez no *Negro*:

“ela ficou como cobra que perdeu o veneno”.

No *Angüera*:

“e foi como cobra que deixa a casca...”

De novo na *Salamanca*:

“que se estendia planchado como um corpo de cascavel em fúria...”

Novamente nos *Cabelos*:

“Comia como um chimarrão, dormia como um lagarto; valente como quê...”

Neste último trecho, como se vê, Simões Lopes Neto refere-se a boi chimarrão. Justamente porque o boi e, sobretudo, o cavalo são os animais que se acham mais intimamente ligados à vida do campeiro gaúcho, as comparações com eles são as mais numerosas:

O negro Bonifácio (do conto do mesmo nome) trazia

“na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul, e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino”.

Numa briga por causa da Tudinha, ficou

“todo esfuracado: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiúno empacador”.

Quando a velha Fermina lhe varejou uma chocolateira de água ferendo,

“O negro urrou como um touro na capa.”

Com um bolaço na cabeça,

“o negro caiu, como boi desnucado, de boca aberta, a língua pontuada, mexendo em tremura uma perna, onde a roseta da chilena tinha, miúdo...”

O Chicão, no seu libidinoso entusiasmo pela Maria Altina,

“era, mal comparando, como um pastor no faro de uma guincha...”
(*Manantial*).

O Mariano,

“como um parreheiro largado de tronco, saltou pra diante e de vareda atirou-se no manantial...” (*Ibid.*).

“Olhe, nunca me esqueço” – dizia Blau Nunes – “dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher” (*Boi*).

“o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda” (*Negrinho*). – A comparação repete-se em *Melancia*.

“Passados dois dias chegava o Costinha, como bagual com couro na cola” (*Ibid.*).

“duas presas recurvas, grandes como as aspas de um tourito de sobreano” (*Salamanca*).

Não é raro que num mesmo período, até na mesma comparação, estejam representados o mundo animal e o vegetal:

“toda a alvura daquelas cousas bonitas como que bordada de colorado, num padrão esquisito, de feitos estrambólicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!...” (*Contrabandista*).

“Face cor de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...” (*Negro*).⁸³

Acontece, também, que, numa série de comparações, lhes sirvam de objeto animais, seres humanos, coisas – um elemento da natureza, e ainda, indiretamente, um vegetal. Por exemplo:

“Esse, dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreava como índio...; esse, quando carregava, era como um ventarrão, abrindo claros num matagal” (*Anjo*).

Ou que a comparação tenha o animal como ponto de partida:

83  Ainda é uma descrição da Tudinha. A rudeza ingênua dessa comparação dos seus dentes com os de cachorro novo é de incontestável graça poética. Até faz lembrar o *Cântico dos Cânticos*, a poesia oriental.

“alvejava a brancura de um João-Grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente não sacode os braços...” (*Trezentas Onças*).

Atente-se no sentido poético do símile. É um dos encantos mais puros da fala que Simões Lopes Neto põe na boca do tapejara Blau Nunes, a presença de imagens assim tocadas de poesia.

Agora, vejamos as comparações não feitas com animais, porém com certas coisas a eles relativas:

“e mais conversas por este teor e com mais voltas que um laço grande enrodilhado...” (*Duelo*).

“media mais braças que três laços de conta” (*Mboitatá*).

“derrubou-lhe o facão seguido, e miúdo, como quem empapa d’água um couro lanudo” (*Deve um Queijo!*...).

Há também comparações com outras coisas do ambiente, ou com acidentes geográficos – sugestões da vida rural – mais próximos ou mais remotos de paisagem:

“Daí a pouco, com uma trouxinha na mão apareceu no acampamento uma velha que já tinha os olhos como retovo de bola” (*Chasque*).

“A água da lagoa borbulhava toda, numa fervura, ronquejando tal e qual como uma marmitta no borralho” (*Salamanca*).

“E o tempo ia correndo, como água de sanga cheia” (*Mate*).

“era um colmilhudo, com cada dente como uma estaca... velho como o cerro do Batovi” (*Correr Eguada*).

Pitoresco

Fora de qualquer relação, estreita ou longínqua, com o meio ambiente, as comparações não raro transbordam do mais vivo pitoresco:

“quatro sesmarias de campo, pegadas umas nas outras, e com umas divisas largas... como goela de gringo!” (*Melancia*).

“uma carta grande, fechada com mais obreias do que tragos de vinho tem um copo de missa, de padre gordo!...” (*Ibid.*).

Sem faltar, ainda, a nota poética:

“olhava pra gente, como o sol olha pra água: atravessando!” (*Duelo*).

Esse pitoresco, porém, não está só nas comparações. A todo instante ele se acusa, no uso de certos modismos populares, expressivos e saborosos.

Para traduzir bem a superioridade, o ar importante do preto Bonifácio, exclama Blau Nunes:

“Era um governo, o negro!

No *Manantial*:

“ainda hoje os marmeleiros carregam que é uma temeridade!”

Na mesma história há um sujeito que

“tinha o estômago frio”

e outro, apaixonado, que

“estava entregue, de rédea no chão”.

João Cardoso – “o João Cardoso, velho de guerra” – pede ao andante que espere pelo mate, que vem já: é só

“enquanto a galinha lambe a orelha!...” (*Mate*).

Sia Fermina (*Negro*) não era velha propriamente:

“Velha, é um dizer, porque sia Fermina ainda fazia um fachadão...”

Ante a insolência do castelhano gadelhudo (*Deve um Queijo!...*), o vendeiro

“farejou catinga agourenta, no ar”.

E há mais ainda:

“com um olho no padre, outro na missa” (*Duelo*).

“O sorro entrou no galinheiro...” (*Melancia*).

“A estrangeirada foi quem ensinou a gente de cá a mergulhar e ficar de cabeça enxuta...” (*Contrabandista*).

“E mal que apertou os pelegos, montou, – e foi – que o rei manda marchar, não manda chover” (*Melancia*).

Concordância

Silepse

Algumas vezes Simões Lopes Neto emprega a silepse, como neste exemplo:

“E que torunas! Cada *bicho* pesado, criado na pura grama vermelha, *ligeiros* como gatos, e *malevas*, de *acompanharem* o laço, quase cabresteadando!...” (*Juca Guerra*).

E nesta outra passagem, com que principia o *Artigos de Fé do Gaúcho*:

“Muita *gente* anda no mundo sem saber pra quê: *vivem*, porque *vêem* os outros viverem.”

É a silepse de número, a mesma que se vê nos versos de Camões: “Que gente será esta, em si deziam,/Que costumes, que lei, que Rei *teriam?*” A mesma que se vê neste passo de Herculano: “Misericórdia!” – bradou toda aquela *multidão*, ao passar por el-rei: e *caíram* de bruços sobre as lárjeas do pavimento” (*Lendas*, I, 302.)

Infinitivo

Leia-se *O Lobisomem*:

“Diziam que eram homens que havendo tido relações impuras com as suas comadres, emagreciam; todas as sextas-feiras, alta noite, saíam de suas casas transformados em cachorro ou em porco, e mordiam as pessoas que a tais desoras encontravam; estas, por sua vez, *ficavam sujeitas a transformarem-se* em lobisomens...”

Na *Salamanca*:

“Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos *foram obrigados a ajoelharem-se* ao pé da Cruz Bendita... e *a baterem* nos peitos, pedindo perdão...”

Não faltará quem aponte nos dois casos tremendo solecismo: pessoal é que devia ser ali o infinitivo, dirão.

Há muita gente simples que ainda se apega com unhas e dentes às regras de Soares Barbosa sobre infinito como a coisas infalíveis. Mas quem lida com assuntos de linguagem sabe que na prática dos bons autores nem elas nem regra nenhuma acerca da matéria fica de pé. E é que essa questão, como tantas outras, estando, como está, sujeita a certas causas de ordem psicológica, transborda, muitas vezes, do puro domínio gramatical, invadindo o terreno da estilística. Assim, é preciso examinar a natureza do contexto em que figura um verbo no infinito pessoal ou impessoal para depois dizer alguma coisa sobre o caso. Said Ali,⁸⁴ estudando o assunto com a lucidez habitual, afirma que se deve ter em vista “a intenção, o elemento subjetivo”, e que “neste ponto o gramático, não podendo colaborar no pensamento do autor, fica impossibilitado de decretar leis”.

Também Sousa da Silveira,⁸⁵ depois de escrever que, referindo-se o infinitivo a um verbo subordinante (caso dos dois exemplos citados), são preferidas as formas impessoais – note-se bem: preferidas – sustenta que a clareza, a ênfase e a harmonia são de grande influência na escolha de umas e outras de tais formas.⁸⁶ “O infinitivo impessoal” – diz ele – “é mais vago, mais abstrato; o outro é mais preciso, mais concreto, mais enérgico. Compare-se a vigorosa nitidez, o poder de individualização da frase de Camões: “E *folgarás de veres* a polícia portuguesa” com o pouco relevo de expressão que teria se fosse feita com o infinitivo impessoal: “E *folgarás de ver* a polícia portuguesa.”

84  *Dificuldades da Língua Portuguesa*, p. 103.

85  *Lições de Português*, p. 338.

86  Vai mais longe Antenor Nascentes, para quem “o emprego do infinitivo pessoal é regulado pela clareza e pela eufonia. Sempre que sem ele o sentido ficar obscuro e sempre que a harmonia da frase o exigir, embora a clareza não o reclame, seu emprego é de rigor” (*O Idioma Nacional – Gramática para as quatro séries ginásiais*, p. 141). E pouco adiante firma: “Os gramáticos inventaram numerosas regras para disciplinar o emprego do infinitivo pessoal, mas toda essa multiplicidade só serve para fazer confusão.”

Ora, analisemos os dois trechos de Simões Lopes. No primeiro não é tão fácil enxergar a necessidade de ênfase; contudo, é possível: o autor quer salientar bem as pessoas vítimas da desagradável metamorfose. Se elas se transformassem em qualquer coisa mais comum e menos incômoda, provavelmente não teria aparecido o infinitivo pessoal.

No segundo, então, a explicação psicológica me parece fácilíssima. O escritor pretende pôr em relevo as pessoas das vítimas, para assim melhor frisar a gravidade do castigo. Este seria menos forte se aplicado a outrem que não fosse, como os mouros, inimigo tão feroz da religião cristã. É necessário deixar bem claro, o mais claro possível, que foram eles, os mouros, os castigados. *Foram obrigados a ajoelhar-se e a bater nos peitos* não exprimiria tão vivamente as duas ações. A pessoalização do infinitivo põe-nos mais dramaticamente sob os olhos a cena de humilhação.

Quem há que, imaginando ao vivo o desespero daquele velho tupi do *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, quando maldiz o próprio filho a quem suspeita de covarde, não sente que é muito mais intenso, mais expressivo, o “possas seres” do que o normal e sereno “possas ser”: “*Possas tu, descendente maldito/De uma tribo de nobres guerreiros,/Implorando cruéis forasteiros,/Seres presa de vis Aimorés.*”⁸⁷

Para exemplos, remeto o leitor aos livros daqueles dois autores; aqui darei apenas uma meia dúzia: “No que estes quatro notáveis varões mostraram serem mais circunspectos” (Damião de Góis, *Crônica de D. João*, p. 84); “desta maneira costumam a se tratarem” (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, II, 381); “o pouco gosto que tinham de se acharem nesta santa junta” (Frei Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo*, I, 195); “que levam jeito de me fazerem hoje meu cadafalso” (D. Francisco Manuel, *Apólogos*, 137); “pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o escultor, escarnecerem da cólera popular” (Herculano, *Len-*

87 ∞ Não se esqueça que, uma vez atingido esse efeito, o poeta, logo na estrofe seguinte, emprega a concordância comum, estando, contudo, o primeiro verbo bem mais longe do segundo que no primeiro caso.

das, I, 100),⁸⁸ “todas as antinomias como que *apostam a se conciliarem*” (João Ribeiro, *Páginas de Estética*, p. 65). E mais em: Jorge de Vasconcelos, *Memorial*, p. 215; Frei Pantaleão de Aveiro, *Itinerário*, p. 270; Frei Heitor Pinto, *Imagem*, II, 16, 58; Rebelo da Silva, *Contos e Lendas*, p. 18; Camilo, *Memórias do Cárcere*, I, 7; etc.

Regência

A sua regência, não raro, é inteiramente pessoal – mas geralmente apoiada na analogia e dentro do gênio da língua. Muitos verbos aparecem nas páginas dos CONTOS e das LENDAS com regimes que não figuram – mas podem ou devem figurar – nos dicionários.

Vejamos alguns deles:

“E tais cuidados deu-lhe que a planta pegou, botando raízes firmes e espigando ramos e folhas” (*Manantial*).

Não se encontra nos léxicos *espigar*, nesta acepção, a não ser como intransitivo.

“– Ora, pra quê?... Pra *escaramuçar* os farrapos!...” (*Cabelos*).

Neste sentido, não está dicionarizado como transitivo o *escaramuçar*: apenas como intransitivo e relativo.

Tanto no *Correr Eguada* como no *Penar de Velhos* vemos pronominado o *entrepregar*, que os dicionaristas só dão como intransitivo.

No *Manantial*:

“Mas, *onde* quero chegar” (2 vezes).

“de passagem para um destacamento *onde ia* levar ofícios”.

Na *Salamanca*:

“E me *levarás onde* eu te encaminhar.”

88  Bem mais expressivo é este exemplo, do mesmo livro, e citado por Sousa da Silveira: “Pelas frestas e portas dessa multidão de casas que, apinhadas à roda do castelo e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cinta das muralhas primitivas de Lisboa, pareciam mal *cabere* nelas, viam-se fulgurar, aqui e acolá, as luzes interiores.”

Gramáticos ferozes, empunhando os *Estudinhos*, de Silva Túlio, e uns quantos outros estudinhos, bradam, com esse autor, que “*onde* e *aonde* são vocábulos diversos”, criticando a “confusão” feita pelos clássicos. Mas a distinção lógica entre os dois advérbios será coisa tão-só à altura da inteligência dos gramáticos, que somente eles se salvem da confusão? Não me parece. Creio que, uma vez que o emprego de um dos dois com o sentido do outro não se opõe à clareza da expressão, e *onde* por *aonde* facilmente se explica por aférese, e o contrário por prótese – figuras de tão largo uso na língua – os velhos clássicos foram empregando os dois advérbios indistintamente, guiando-se, por vezes, pelo efeito que ao estilo pode dar aquele, precisamente aquele, que a rigidez lógica teria de condenar. Dos antigos autores a praxe foi passando aos novos, chegou aos clássicos do século passado, e deles veio para outros escritores, não “clássicos”, porém tão corretos quanto a maioria destes, até os nossos dias. E continua a “confusão”, a que inutilmente se opõem gramáticos ou escritores mais realistas do que o rei. É um fato de linguagem, inelutável.

Citem-se alguns exemplos, que poderiam ser multiplicados: “veo ao rio do Ouro, pelo qual sobiu até o porto em que no outro ano foram ele, e Antam Gonçalves, e Diegafonso; *onde* logo *chegarom* os Mouros” (Azurara, *Guiné*, p. 307); “saí logo após ele por ver *onde* ia” (Bernardim Ribeiro, *Obras*, II, 83); “Perdido e desterrado/que farei *onde* me irei?” (Id., *ibid.*, II, 191); “partiu-se o governador pera a porta do estreito, *onde* *chegado*, saiu na ilha de Mium” (Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia*, II, 278); “*Onde* *chegado* e vendo Trisbéia a hora foi o coração d’ambos traspassado do seu amor” (Jorge de Vasconcelos, *Memorial*, p. 140); “mas pode ser que por ir à casa de Bertrando, *onde* já não vou” (Sá de Miranda, *Obras Completas*, II, 131); “e *chegou* *onde* nunca os exércitos do grande Alexandre, nem nenhuns dos antigos *chegaram*” (Frei Heitor Pinto, *Imagem*, II, 136); “*Onde, onde* assi cruéis/*Correis* tão furiosos...?” (Antônio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, I, 121); “s’asas tivesse/

Com que *chegasse onde* me tu levantas” (*Ibid.*, II, 104); “pera *acudir onde* o chamasse a necessidade.” (Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, I, 239); “*Vai*, filha da ambição, *onde* te levam/O vento, e os mares” (*O Uruguai*, pp. 64-65); “*Vai onde* a levam” (Garrett, *Obras Completas*, I, 268); “o seu palaciazinho às abas da serra da Tranqueira, *onde* eu, em criança, tantas vezes *subi*” (Camilo, *Estrelas Propícias*, p. 91); “*Onde* vais tu?” (Machado de Assis, *Poesias*, p. 160); “Para *ir onde* ela mora/São caminhos e caminhos/E um dia inteiro a viajar!” (Alberto de Oliveira, *Poesias*, II, 252); “Ah! se eu *tornasse onde* estava/Com o luar que então fazia!” (*Id.*, *ibid.*, IV, 69); “Espião-a no pendor dos boqueirões profundos,/ *Onde* vinham ruir com fragor as cascatas” (Bilac, *Poesias*, p. 267); “Sem indagar *onde* me leva o amor” (Vicente de Carvalho, *Poemas e Canções*, p. 262); “*Onde* ides a correr, melancolias?” (Camilo Pessanha, *Clépsidra*, p. 74); “*Chegamos onde* devíamos chegar” (Miguel Torga, *Diário*, I, 195).

Podem ainda ser vistas novas abonações nas obras citadas de alguns desses autores: Bernardim Ribeiro, II, 87, 159, 177, 191; Antônio Ferreira, I, 140; Camilo, p. 149; Vicente de Carvalho, pp. 86, 280; Torga, p. 9. E mais em: Sá de Miranda, *Obras Completas*, I, 287; Diogo Bernardes, *Obras Completas*, II, 177...

Por outro lado, não são menos abundantes os casos de *aonde* por *onde*. Consulte-se, por exemplo, Frei Pantaleão de Aveiro, *Itinerário*, pp. I, 4, 9, 12, 16, 18 e *passim*; Rodrigues Lobo, *Élogos*, pp. 6 (4 vezes), 19, 32, 50, 66, 228 (3 vezes), 231 (4 vezes), 236 (2 vezes), e *Corte na Aldeia*, p. 233; Frei Luís de Sousa, *Anais*, p. 234; Antônio de Sousa de Macedo, *Arte de Furtar*, p. 276; D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos*, p. 318; Tomás Antônio Gonzaga, *Obras Completas*, pp. 12, 13 (2 vezes), 157; Basílio da Gama, *O Uruguai*, pp. 58, 92; Rebelo da Silva, *Contos e Lendas*, pp. 10, 11, 20, 27, 28 e *passim*; Latino Coelho, *Elogio Histórico de José Bonifácio*, p. 187; Machado de Assis, *Poesias*, p. 205; Gomes Leal, *Claridades do Sul*, p. 57; Antero de Quental, *Os Sonetos Completos*, p. 90; Antônio Nobre, *Só*, p. 44; José Régio, *Poemas de Deus e do Diabo*, p. 30.

Às vezes, tanto em autores antigos quanto em modernos, vemos empregados *onde* e *aonde* num único e mesmo sentido, em um só período ou em períodos juntos ou muito próximos. É o caso deste passo de Sá de Miranda (*Obras Completas*, I, 287): “Por estas verdes florestas/*onde* correm águas suaves,/por aquelas partes e estas/*aonde* cantam as aves/suas e minhas requestas,/fugindo do povoado/me acolhi para esta serra.” E deste de Domingos dos Reis Quita (*Obras*, I, 136): “Ah Fido! amado Fido! Céus piedosos!/*Aonde*, em que lugar chamarei Fido,/Que aos tristes ecos de meus ais responda?/Ah Pastores da Arcádia, dizei *onde*/Fido dos tristes olhos meus se esconde?/Mas que mágoa, que dor vos emudece! Dizei *onde*, ai de mim! /...../Ah Fido! amado Fido! Céus piedosos!/*Aonde*, em que lugar” E deste, ainda, de Cláudio Manuel da Costa (*Obras Poéticas*): “Nise? Nise? *onde* estás? *aonde*? *aonde*?” (I, 109). E deste, finalmente, de Machado de Assis (*Poesias*, p. 207): “Mas *aonde* te vais agora,/Onde vais, esposo meu?”

Note-se: no exemplo de Machado, nem se poderia pensar em recurso de metrificção: tanto *aonde* como *onde* estão contados como duas sílabas; logo, se o poeta considerasse *aonde* a única forma correta, nada mais fácil do que repeti-la. Porém não: Machado, lido nos clássicos e dotado de agudo sentimento da língua viva, sabia bem que ambos os advérbios eram ali aplicáveis, e utilizou conscientemente um processo de variedade dentro da repetição.

Nem há de ter sido ditado por simples necessidade métrica o *aonde* de Reis Quita e Cláudio Manuel. O caso funda-se em razões de ordem estilística, bem mais importantes. A condição de dissílabo paroxítono tira ao *onde* muito da sua força expressiva quando ele se acha metido entre duas pausas, em orações interrogativas, ou quando a ele se reduz toda a interrogação. O efeito da sílaba tônica inicial, brevíssima — uma simples vogal nasal — é repentino, e dilui-se bastante em consequência da sílaba átona final seguinte. Ora, em determinadas circunstâncias — e

é bem o caso dos versos desses dois poetas — há uma singular inquietação, ânsia, angústia, no espírito de quem de balde pergunta pelo ser querido e ausente. Se vem depois do *onde*, não precedido de pausa, um ou mais vocábulos, que encerram a interrogação, a fraqueza do *onde* arrima-se neste ou nestes vocábulos, deslocando-se a pausa do período, o chamado acento oracional, para aquela única palavra seguinte ao *onde*, ou para a última delas, quando houver mais de uma. Também se antes do *onde* vem, não antecedida de pausa, alguma palavra, a esta ele se acosta, e reforça-se por meio dela. Se, porém, depois do *onde* que inicia período ou subsequente a uma pausa, existe outra pausa — sobretudo se esta constitui o fim da interrogação — o *onde* mostra-se fraco para exprimir aquele estado angustioso de que há pouco se falou. Nesse cuidado com o ser ausente, nessa procura ansiosa, a alma viaja a distâncias, a regiões longínquas, *aonde* ou *para onde* ele foi. A idéia do partir, da viagem do ser amado, permanece viva no espírito, e coexiste com a do lugar *onde* ele se encontra, predominando sobre esta. *Onde está? Aonde foi?* O pensamento espraia-se, viaja na direção desse impreciso além; e o *onde* é fraco para receber a repentina carga do acento oracional, para condensar a forte onda súbita, inesperada, daquela indagação aflita. Então o *onde* firma-se no *a*, nele se apóia, apresentando-se, assim, com intensidade bem maior. O *a* como que sugere um pouco do errar do pensamento, da angústia da procura, angústia que cresce de ponto no *on* tristonho da sílaba tônica, seguinte, e parece atenuar-se em mágoa resignada no *de* átono final.

Assim, Cláudio pergunta a Nise: “*onde estás?*”; o *onde* recosta-se ao vocábulo vizinho, no qual repousa o acento oracional; o poeta, aí, pensa mais no lugar onde ela se encontra. Mas logo depois, ao espírito, entregue a essa preocupação, como que se lhe representa a viagem de Nise para longe: *aonde foi Nise?* — e a interrogação que se segue — “*aonde? aonde?*” — sugere bem, através desse *a*, a ida de Nise, e o próprio andar do pensamento do namorado à procura dela. Nessa dilatação do

onde em *aonde* como que vemos dilatar-se a própria aflição do poeta, que vê sem resposta as suas interrogações lamentosas.

E nos versos de Reis Quita: Fido é morto, e o poeta, que em vão clama por ele, pergunta aos Céus “em que lugar” – *onde* – deverá chamá-lo de modo que o seu apelo tenha resposta. À idéia, porém, do lugar *onde* o poeta deverá chamar o amigo associa-se logo o pensamento de ir a este lugar. Cruzam-se duas idéias: *Onde chamarei Fido?* e *Aonde irei chamar Fido?*, prevalecendo a última. Mas depois, como essa idéia de deslocamento já está suficientemente expressa, e o *onde* pode acostar-se à palavra anterior, já não é necessário o *aonde*; daí o “Dizei onde”.

Desta maneira se varia admiravelmente o estilo, traduzindo matices psicológicos infinitamente mais importantes que as acanhadas convenções muito rigidamente gramaticais.

Colocação

Como em geral nos modernos escritores, sobretudo talvez os brasileiros, em Simões Lopes predomina nitidamente a ordem direta. Isto não quer dizer, porém, que não use freqüentemente a inversa quando qualquer das duas ficaria bem ou, até, a direta seria preferível.

No *Penar de Velhos* encontra-se:

“nas lágrimas que dos olhos lhes caíam”.

Poder-se-iam apontar outros exemplos assim, sem maior significação. Mas em alguns casos o escritor tira da construção inversa os mais belos efeitos, como nestas passagens, colhidas na *Salamanca do Jarau*:

“E no tranquilo andava, olhando.”

“Talvez deitado estivesse entre as carquejas.”

“Fui sentenciado...; condenado fui.”

“outro mais ruído nenhum”.

Citados assim, sem maior explicação, esses trechos não podem dar idéia do valor da ordem inversa; mas no conjunto assumem singular im-

portância. A técnica da *Salamanca* funda-se muito nos recursos da repetição e da inversão, procurando o autor com a primeira firmar vivamente no espírito do leitor certos fatos centrais, com a segunda imprimir à narrativa um certo tom coleante, e com ambas adensar a zona de sombra, de mistério, tão característica daquela história. Sobretudo o começo é uma estupefante preparação do espírito de quem lê para o clima que vai respirar.

Só uma vez na *Salamanca* a inversão é de mau efeito – no período seguinte:

“O cordão coriscou por sobre ela uma chuva de raios, mais que como num temporal desfeito das nuvens carregadas cairia.”

Aqui, é por de mais forçada; e este defeito agrava-se com a presença do *como*, descabido e excrescente, e a combinação dele com as duas palavras anteriores, que dá em resultado o “mais que como”.

Elipse

Nas páginas de Simões Lopes Neto aparecem constantes as elipses, ou puramente literárias, ou colhidas na língua viva do povo.

Vê-se na *Salamanca*:

“esbravejando se soltasse o padecente”.

Nenhuma novidade na ausência do *que*.

Já não é tão comum, porém, a falta de preposição *de* neste passo:

“havia se ver o jeito a dar”.

Esse uso do *haver* auxiliar sem o regime do *de* enraíza-se na língua antiga, e é pouco freqüente na moderna – sobretudo na falada. Será do próprio Simões Lopes – influência de leituras – ou apanhado na conversa do guasca, na fala do

“benquistado tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e tantos anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino”?

Aqui é o próprio Simões Lopes Neto quem fala, nos CONTOS GAUCHESCOS, apresentando o seu herói. A elegância da elipse nos

recorda aquilo de Camões na apresentação de Adamastor: “O rosto carregado, a barba esquelada:/Os olhos encovados, & a postura/Medonha e maa, & a cor terrena e pálida,/Cheos de terra & crespos os cabelos,/A boca negra, os dentes amarelos.”⁸⁹

Farejadores incansáveis de galicismos têm encontrado jeito francês nesse tipo de elipse. Nada importaria que se tratasse realmente de francesismo, tão bom é o efeito que transmite ao estilo a omissão da preposição em casos tais; mas, na verdade, não existe aí galicismo, e sim uma tendência sintática não menos própria da nossa língua que da francesa. Viram que ela se apresenta em Camões, o que já é muito significativo. E vem de mais longe: está, por exemplo, em Bernardim Ribeiro e em Antônio Prestes.⁹⁰ Continua pelo tempo afora: aparece num Frei Luís de Sousa;⁹¹ em Nicolau Tolentino: “A longa cabeleira branquejando,/encostado no braço de um tenente,/cercado de infeliz, chorosa gente,/ia passando o velho venerando.”;⁹² em vários outros autores contemporâneos desses; em escritores do século XIX – João Francisco Lisboa (“Na vanguarda dos mortos, lá os diviso, os cinquenta fuzilados de Cuba, sob o comando de D. Narciso Lopes, em grande uniforme, alva longa, capuz branco, mãos amarradas, corda ao pescoço”);⁹³ Antônio Nobre (“Pudessem suas mãos cobrir meu rosto,/Fechar-me os olhos e compor-me o leito,/Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,/Eu me for viajar para o Sol-posto.”)⁹⁴ – e chega aos nossos dias. Um dos autores deste século que mais a usam é Euclides da Cunha: vejamos *Os Sertões*, pp. 129, 221, 235, 276, 277...

89 ∞ *Os Lusíadas*, c. V, f. 86.

90 ∞ Ver Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, p. 54.

91 ∞ *Id.*, *ibid.*

92 ∞ *Sátiras*, p. 6. – Ver outro exemplo desse autor em Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, p. 54.

93 ∞ *Obras*, IV, 587.

94 ∞ *Despedidas*, p. 16.

e as suas outras obras. Serve-se dela um grande conhecedor da língua como João Ribeiro.⁹⁵ Empregam-na poetas como Bilac,⁹⁶ Vicente de Carvalho,⁹⁷ Alphonsus de Guimaraens.⁹⁸ Empregam-na, entre os vivos, autores da importância de um Manuel Bandeira⁹⁹ e de um Graciliano Ramos.¹⁰⁰

Escreve Said Ali¹⁰¹ que a omissão de uma palavra necessária ao sentido da frase “é comum em nosso idioma quando se descrevem partes do corpo. A pessoa que fala conta naturalmente com a inteligência do ouvinte para suprir o que falta.” E lembra o exemplo já citado dos *Lusíadas*. Não somente quando se descrevem partes do corpo, acrescenta-se, mas também noutros casos – como se viu.

E Vasco Botelho de Amaral:¹⁰² “Com (sua omissão). Evidentemente é galicismo traduzir, por exemplo, “*il resta les yeux bas*” por: “*ele ficou os olhos baixos*”, porque, afora o mais, o sentido apresenta obscuridade. Todavia, não pode proscrever-se de modo absoluto a construção com a partícula omitida, pois bons autores praticam a supressão em casos semelhantes. E abona a afirmação com uma passagem do episódio de Inês de Castro (*Os Lusíadas*): “Mas ela os olhos com que o ar serena/... /Na mísera mãe postos”; outra de Frei Luís de Sousa – a mesma citada por Epifânio Dias – e mais duas, de Herculano e Antero de Figueiredo.

Mais significativo ainda me parece, como caso de eclipse, o seguinte trecho, copiado das *Trezentas Onças*:

95  *Crepúsculo dos Deuses*, pp. 34 (2 vezes), 39, 64.

96  *Poesias*, pp. 240-323.

97  *Poemas e Canções*, pp. 69, 85, 155.

98  *Poesias*, pp. 47, 95.

99  *Poesias Completas*, p. 92.

100  *Angústia*, p. 189 (2 vezes).

101  *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, p. 52.

102  *Novo Dicionário de Dificuldades*, p. 190.

“Foi caindo uma aragem fresca; e um silêncio grande, em tudo.”

À primeira vista, parece tratar-se, aqui, de zeugma: subentender-se-ia a repetição do “foi caindo” em seguida ao *e*. Mas, estudando atentamente o período, no conjunto da narração, vê-se que talvez não seja isto. Tratar-se-á de elipse do verbo *haver* ou, mais provavelmente, de *reinar*, ou de outro parecido: “E [reinou] um silêncio grande, em tudo.” Advirta-se, porém, que neste caso a elipse é de uma palavra indeterminada (*reinar* ou outra de sentido semelhante, como já disse); e esse vago, essa flutuação, cria sem dúvida um halo de mistério em torno do silêncio de boquinha da noite, já de si tão misterioso, que o autor descreve. Aparentemente apertado no reduzido espaço real das palavras, mas espreado nos longes daquela indeterminação, ocupando uma zona que a dura lógica da gramática não chegou a preencher, este “silêncio grande” invade livre a estrada deserta e a nossa imaginação. Apodera-se da frase onde não há verbo, como senhor sem contraste. Ele, o silêncio, é sujeito e é verbo; ele é tudo.¹⁰³

Bem curiosa a elipse em passagens como esta:

“de meio assombrado [que eu estava] me fui repondo” (*Trezentas Onças*).

E ainda mais no trecho seguinte, em que o Chicão se consola de não ter conseguido possuir a Maria Altina, pela certeza de que isso também não será dado ao furriel, seu rival:

“– Mata! Eu não pude!... mas o furriel também não há de!...” (*Manantial*).

Porém, de um modo geral, as elipses que mais me agradam em Simões Lopes Neto são algumas bastante características do linguajar do

103 ∞ Note-se também, de passagem, o efeito do ponto-e-vírgula; separando mais fortemente que a vírgula as duas orações do período, põe a segunda em maior relevo, como que dá maior majestade ao silêncio. Até a vírgula após o “grande” concorre para esse resultado.

homem do povo, embora de legítima feição literária e gramatical; haja vista a seguinte:

“então o gaúcho desenredava as boleadeiras e assinalava e mal isto, já o bagual se aprumava” (*Correr Eguada*).

A omissão do *fazia* depois de “mal” aviva extraordinariamente o sentido de rapidez, de pressa, na transição entre as ações do gaúcho e a do bagual. Como que se vê muito mais nítido o gaúcho acabando de desenredar as boleadeiras e assinalar – e, num abrir e fechar de olhos, o bagual aprumando-se. O “mal isto” parece trair a pressa nervosa do bagual.

É bem do gosto de Simões Lopes Neto – geralmente nas LENDAS DO SUL – certo tipo de zeugma, muito elegante, de bom fundo clássico:

“Com o muito cansaço e sofrimentos” (*Mãe Mulita*).

“em sua frente e caminho” (*Salamanca*).

“do seu corpo, da sua boca e olhos, do seu nariz e ouvidos” (*A Mãe do Ouro*).

A ausência do “muito” antes de “sofrimentos”, e do possessivo antes de “caminho”, “olhos” e “ouvidos”, está no mesmo caso daquele “Se a tanto me ajudar o engenho e arte”, de Camões, do “corria pelo sacratíssimo rosto, olhos, orelhas, e pescoço do Senhor”, de Frei Tomé de Jesus,¹⁰⁴ ou deste “teu ar, a tua majestade,/teu porte e aspecto”, de Alberto de Oliveira¹⁰⁵ para evitar uma enfiada inútil de exemplos.

Veja-se esta maneira de empregar *o quanto*:

“Depois o general tornou a pegar da espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou pra cá... Foi *o quanto* eu me atirei pra trás e me acoc’rei perto dos cavalos” (*Duelo*).

104  *Trabalhos de Jesus*, II, 157.

105  *Poesias*, I, 192.

Esse uso imprime à frase uma grande condensação. Normalmente se diria talvez assim: *Foi o quanto bastou para que eu me atirasse para trás*, etc. Ao que me parece, a explicação do fato é a seguinte: como, logo que o general inclina a cabeça e caminha em direção ao contador da história, este se atira para trás e se acocora perto dos cavalos, a frase se encurta, faz-se rápida, para melhor pintar a rapidez, a instantaneidade destas duas últimas ações. Uma vez que a expressão *foi o quanto bastou* é bem conhecida – pode-se dizer: uma frase feita – e o sentido é fácil de perceber pelo conjunto, a omissão do verbo não diminui a clareza, e aumenta a vivacidade. Desaparecido o verbo, quebra-se o nexos lógico do período, some-se o conectivo – *para que* – e o que devia ser uma oração subordinada passa a oração absoluta, assumindo a que devia ser a principal o papel de simples complemento circunstancial de tempo: “foi o quanto” = logo, imediatamente. O período ganha extraordinariamente em dramaticidade o que perde em rigidez gramatical.

Pleonasmo

Numa associação de idéias por contraste, da elipse chega-se ao pleonasma. O pleonasma vicioso praticamente não existe em Simões Lopes Neto. Já o pleonasma-figura anda abundante pelas suas páginas; alguns de sabor claramente popular, outros resultantes de influência literária. É um dos traços reveladores do fundo ao mesmo tempo clássico e popular da sua prosa: a tendência ao pleonasma é muito da língua antiga e persiste viva na linguagem do povo, no adagiário, em expressões jurídicas estereotipadas.¹⁰⁶

A certa altura do *Boi Velho* se lê:

“*tal e qual como uma pessoa penarosa*”.

E em outros contos, também; por exemplo, na *Salamanca*.

106 ∞ Uma destas: *irrito e nulo*.

Coisa semelhante a isso é o *igual como*, usado por Gil Vicente: “seus olhos resplandeciam/*como* estrelas *igual*” (*Obras Completas*, f. CCLV, v.).

Agora o reforço da negativa:

“E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, *nem* os próprios santos que vinham, *não* sentiram...” (*Salamanca*).

Considere-se a arte desse reforço. O autor não se serve dele nos dois primeiros casos; só no último. E por quê? Vê-se bem: porque entre o sujeito – “santos” – e o verbo – “sentiram” – medeia uma oração – a subordinada “que vinham”. A presença dela não somente separa muito o sujeito do predicado, como, sobretudo, determina uma pausa antes deste, quebrando um pouco o andamento da oração principal e amortecendo, assim, a força negativa do *nem* distante. A interferência do “vinham”, em sentença afirmativa, o qual, sem o emprego do “não”, ficaria encostado ao “sentiram”, tende a apagar um tanto o caráter negativo deste verbo. Experimente-se a supressão da negativa, e veja-se o resultado.

Dois exemplos, em Gil Vicente, desse redobro da negação: “E a mesa de meu senhor/iraa sem ave de pena? – Quem? e vós sois comprador?/pois *nem* grande *nem* pequena/*nam* matou o caçador.” (*Obras Completas*, f. XXXVI, v.); “Porque no nosso lugar/*nam* dam por virtudes pam./*Nem* casar *nam* vejo eu/por virtudes a ninguém.” (*Ibid.*, f. XXXVII, v.). E um de João de Barros: “*nem* todos que insinam ler e escrever *nam* sam para o ofício que tem” (*Diálogo da Viciosa Vergonha*, f. 57, v.).¹⁰⁷

107  *Nunca jamais* é correntíssimo em clássicos antigos e modernos; e Garrett chegou a escrever isto: “Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra,/Ninguém nunca jamais não viu as costas” (*Obras Completas*, I, I43), no que parece ter sido imitado por Machado de Assis no *Brás Cubas*: “Se nunca jamais ninguém não viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz?” (p. 141). Nos *Panegíricos*, de Barros, lê-se (p. 157): “Mandou cerrar o Templo de Salamão, *defendendo* [= proibindo] que se não sacrificasse mais nele.”

Leio na *Salamanca*:

“E aquela saudade parece que *saiu para fora* do meu peito.”

Lembre-se bem o que já ficou dito sobre a *Salamanca*. E tenham-se em vista estes exemplos: “Torná-la-ei a afogar/despois que ela *sair fora*/da igreja” (Gil Vicente, *Obras Completas*, f. XLI, v.); “Quando el-rei *entrou dentro* daquela espantosa casa, apenas através da grande janela que a alumia entrava uma luz frouxa” (Herculano, *Lendas*, I, 255). E mais: “sobe(m) para cima”, na *Imagem*, de Frei Heitor Pinto (I, I3, e IV, I00).

Que

“as mulheres desataram num pranto de choro”

– lê-se no *Penar*.

Simões Lopes Neto deve ter ouvido isto, como tantas outras coisas, na boca do povo. A expressão também aparece na fala de um homem rústico, personagem de um dos contos dos *Ermos e Gerais*, de Bernardo Élis: “Largue desse *pranto de choro*, minha nega!” (p. 19); e nos *Contos Populares Brasileiros*, de Lindolfo Gomes (p. 32). Na “Vida de Telo e Notícia da Fundação do Mosteiro de S. Cruz de Coimbra”, in *Portugali Mon. Historica, Scriptorum*, pp. 77-78,¹⁰⁸ está: “Oo quanto seria longo de contar o *planto e choro* dos religiosos e irmãos e dos cônigos por dom Telo”. Na *Crônica de Dom João II*, escreve Garcia de Resende: “Levantou-se tamanho *choro, e pranto* em todos, que era piedosa e mui triste cousa pera ver” (p. 200). “Que nos deixaste cá em *choro, e pranto!*” – encontra-se nas *Obras Completas* de Diogo Bernardes (II, II). João de Barros, nos *Panegíricos* (p. 19): “Em cada parte eram ouvidos *choros, prantos e lamentações*.” Damião de Góis, à p. 30 da *Crônica do Príncipe D. João*: “E sobretudo cos *prantos, lágrimas e choros* das mulheres.” E Antônio Ferreira: “Não se ria em ti nunca, nem s’ouça/Senão *prantos, e lágrimas*” (*Poemas Lusitanos*, II, 300).

108 ☞ *Apud* José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica*, p. 149.

Lembre-se, aliás, que nestes casos talvez nem sempre se trate de pleonasmismo; na parte de Sinônimos do seu *Dicionário*, escreve Lacerda: “Chorar é derramar lágrimas: ‘Também nascem chorando os reis.’” *Vieira*. — *Prantear* é soltar vozes queixosas, acaso acompanhadas de choro. “*Prantear* significa palavras, *chorar* significa lágrimas.” *Vieira*. “Pranteou o morto com tantas mágoas”. *Couto*. E notem-se estes sentidos latinos de *planctus*: “o bater no peito em sinal de grande aflição, dó, etc.”; “o pranto com gritos, e golpes no peito” (*Magnum Lexicon*).

Essa distinção entre *prantear*, “soltar vozes queixosas”, e *chorar*, “derramar lágrimas”, parece bem clara no seguinte passo de Diogo Bernardes: “Os dous tristes pastores sospirando/*A língua ao prãto dando, olbos ao choro*,/Querem pagar o foro em mágoa, em dor/À vida que na flor viram cortada” (*Obras Completas*, II, 9).¹⁰⁹

Quem não se lembrará daquele “*Vi claramente visto o lume vivo/Que a marítima gente tem por santo*”, dos *Lusíadas*,¹¹⁰ ao ler no fim do *Anjo*:

“e ouvi, *patentemente*, ouvi *bem ouvido*, o velho macota, o Anjo da Vitória, morto como estava, gritar ainda e forte — Viva o Imperador! Carrega!”?

Na *Salamanca*:

“E raivado entre dois amargos desesperos não atinava sair deles: se das riquezas, que *eu queria só para mim*, se do seu amor, que *eu não queria que fosse senão meu, inteiro e todo!*”

109  Sabe-se que são formas clássicas *ambos de dois* (Camões, *Os Lusíadas*, c. IV, f. 74); *ambos os dois* (Herculano, *O Monge de Cister*, I, 102); *mas porém* (Camões, *Os Lusíadas*, c. VI, f. 99, v.); e muitas outras. “Mas os médicos *todavia* são mais cruéis para mim, & para o mundo todo”: isto é dos *Apólogos Dialógicos*, de D. Francisco Manuel (p. 318). Nas *Cartas Devolvidas* (p. 13), escreve João Ribeiro: “Quaresma póstuma, dirás, *mas entretanto* quaresma devida e paga.” Bernardim Ribeiro nos depara um “e porém contudo” (*Obras*, p. 127). “Agora est’hora” acha-se em Gil Vicente (*Obras Completas*, XC). Lê-se em Frei Tomé de Jesus: “Por isso arremeteram a ele em se começando a vestir, e o tornaram a *despir nu*, como de antes” (*Trabalhos de Jesus*, II, 156). Em sua *História de São Domingos* (I, 300), fala-nos Frei Luís de Sousa de “milagre *perpétuo*, e *perené*”.

110  C. V, f. 82, v.

O período é de natureza singularmente enfática. Além do pleonasmo “inteiro e todo”, vê-se o “eu não queria que fosse senão meu”, com o mesmo sentido da primeira parte em itálico, mas reforçando-a, intensificando-a, para mostrar que, bem mais que as riquezas, o herói da história queria o amor da teiniaguá.

Espécie de pleonasmo – e dos que, bem usados, dão vida e graça ao discurso – é o polissíndeto. Falando pela boca de Blau Nunes, ou pela sua própria, Simões Lopes Neto o emprega com regular freqüência e muita segurança. Dele se observam nos CONTOS GAUCHESCOS os seguintes exemplos, entre vários outros:

“ele era um perdição pela cachaça *e* pelo truco *e* pela taba” (*Negro*).

“tudo aquilo treme *e* bufa *e* borbulha...” (*Manantial*).

“*E* ajoelhou... *e* caiu... *e* morreu...” (*Boi*).

“*e* lá vinha, de tirão seco, toda a traquitanda dos pratos *e* copos *e* garrafas *e* restos de comidas *e* caldas dos doces!...” (*Contrabandista*).

“Um churrasco escorrendo sangue *e* gordura *e* salmoura... uma tripa grossa assada nas brasas... uma cabeça de vaquilhona... uma paleta de ovelha; *e* mogango *e* canjica *e* coalhada... *e* uns beijus *e* umas manapanças... *e* um trago de cana *e* um chimarrão por cima... *e* para rebater tudo, umas tragadas dum baio, de naco bem cochado *e* forte...” (*Melancia*).

E agora, no mesmo conto, o caso mais expressivo:

“*E* como a despedida foi de noite, *e* ela veio acompanhá-lo até a porta... até a ramada, onde ele montou a cavalo... *e* como ventava forte, *e* a vela que um crioulo trazia apagou-se... parece que houve a roubada de uma boquinha... porque ele tocou a trotezito, calado, *e* ela, ficou como entecada, no mesmo lugar, calada...”

Aqui o polissíndeto nada ou quase nada tem de simplesmente ornamental. A sucessão de coordenações é ditada pela natureza mesma do período. Estreitando a relação entre as partes do todo sintático e comunicando ao discurso maior vivacidade, o *e* assim repetido solicita melhor a atenção do leitor para o desfecho, para o roubo do beijo. As

reticências servem à maravilha para contrastar a marcha natural do período, determinando breves paradas maliciosas, que acendem frêmitos de curiosidade.

Das LENDAS DO SUL limitar-me-ei a citar um caso de polisíndeto:

“Sabia bem acender os círios, feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos, na quina do altar, dois degraus abaixo, à direita do padre; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festa sabia repicar o sino e bater as horas, e dobrar a finados...” (*Salamanca*).

Aliteração

É para notar o efeito da aliteração no trecho seguinte, da *Salamanca*:

“O padre superior *tremeu* como em *terçã* e *tartamudo* e *trôpego* marchou para o povoado.”

Como o tremor do padre se prolonga através desses tês e erres assim reiterados! Temos aí a harmonia imitativa.

A cadência do período seguinte, sincopada e igual, sugere admiravelmente o coxear da personagem, uma velha:

“E foi andando, estradinha afora, lomba acima, apurando o passo, um pouco renga” (*Manantial*).

Repetição

A repetição é um dos muitos problemas do homem de letras consciente do seu ofício. Se a despreocupação de evitá-la acarreta ao estilo monotonia e frouxidão, por outro lado o empenho em fugir dela a todo custo pode induzir a defeito pior: à quebra da naturalidade e fluidez, e, conseqüentemente, a uma hirta desumanidade da expressão. Porque se a língua escrita não é nem deve ou pode ser, a reprodução da

linguagem falada, esta serve àquela de fundamento, de ponto de apoio. E a tendência de uma à riqueza de sinônimos não deve distanciá-la muito sensivelmente da inclinação da outra para insistir demasiado nos mesmos termos.

Ainda não se tratando da repetição enfática (isso é outra coisa), mesmo em casos normais, sobretudo na ficção ou na linguagem didática, verifica-se não raro uma tendência à reiteração de certas palavras, que não deve ser violada sem mais nem menos.

Escritor modelar neste ponto – como em tantos outros – é o nosso Machado de Assis. Há quem o tenha censurado de repetir abusivamente. Tolice. Ele em geral sabe quando e por que repete. E mais uma vez, aqui, se faz a aproximação de dois escritores de índoles tão diversas como o autor de *Brás Cubas* e o dos *Contos Gauchescos*. Este, como aquele, tem mão segura no dosar a repetição – homeopaticamente ou em grandes porções, ao acaso das circunstâncias.

A repetição viciosa é quase inexistente em Simões Lopes Neto. Cito um exemplo – e talvez seja impossível acrescentar-lhe meia dúzia, depois de percorridos os seus dois volumes de ficção:

“no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; *na cintura* um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino!

“E *na cintura*, atravessado com entono, um facão de três palmos, de conta” (*Negro*).

Vê-se logo que o segundo “na cintura” é perfeitamente ocioso. Ora – poderá lembrar alguém – nisso não há defeito, pois a história é posta na boca de Blau Nunes, um pobre campeiro. Mas já foi assinalado – e os numerosos passos transcritos o confirmam plenamente – o perfeito acordo, o feliz compromisso entre a linguagem popular e a literária, que constitui a prosa de Simões Lopes Neto. E se houvesse intenção em casos como o do último trecho citado, então o livro estaria cheio de coisas semelhantes – e, como disse, é precisamente o contrário que se dá.

Intencional é, isto sim, a repetição artística, tão abundante no grande escritor. É um dos processos mais evidentes e fecundos da sua arte:

“Pois o velho *olbou... olbou...* e ficou *calado*.”

“E *calado* saiu” (*Chasque*).

“era eu que encilhava-lhe o cavalo, que dormia atravessado na porta do quarto *dele*, que carregava os papéis *dele* e as armas *dele*” (*Ibid.*).

“[a noiva] pôs-se a *rir* pra nós, pra mostrar que *estava* contente.

“A *rir*, sim, *rindo* na boca, mas também a *chorar* lágrimas grandes, que rolavam devagar dos olhos pestanudos...”

“E *rindo e chorando estava, sem saber por quê... sem saber por quê, rindo e chorando*, quando alguém gritou do terreiro:

“– Aí vem o Jango Jorge, com mais gente!...”

“Foi um vozerio geral; a moça porém ficou, como *estava*, no quadro da porta, *rindo e chorando*, cada vez menos *sem saber por quê...* pois o pai *estava* chegando e o seu vestido branco, o seu véu, as suas flores de noiva...” (*Contrabandista*).

Esta repetição é excelente, pois com ela se acende a atmosfera trágica do conto. A moça ia casar-se nesse dia. Ressoavam cordeonas e violas e uma caixa de música; a multidão de convidados enchia a casa, pronta para dançar três dias seguidos; e não se perdia tempo – consumia-se vastamente o amargo e o licor de butiá. O noivo saiu do quarto, “todo no trinque”. A noiva é que não aparecia, pois o pai, o contrabandista Jango Jorge, nada de chegar com o seu vestido e demais aprestos do casório. Foi quando correu que ela estava chorando, e ela, como se viu, começou a rir, para dar mostra de alegria. Um vago presentimento, decerto, lhe trouxera as lágrimas, que o riso não alcançava sufocar. E a repetição traduz magistralmente essa alternativa de riso e pranto, agouro do desenlace trágico.

Outro caso:

“No cortado da cidade onde eu vivia *havia uma lagoa*, larga e funda, com uma ilha de palmital, no meio. *Havia uma lagoa...*” (*Salamanca*).

Repetições assim há muitas nesse conto; porém, nele, onde a arte de repetir se revela da maneira mais perfeita é logo no início:

“Era *um dia...*, *um dia*, *um gaúcho pobre*, *Blau*, *de nome*, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse *dia andava campeando um boi barroso*.

“E *no tranquito andava, olhando; olhando para* o fundo das sangas, *para* o alto das coxilhas, ao comprido das canhadas; talvez deitado estivesse entre as *carquejas* — a *carqueja* é sinal de campo bom —, por isso o campeiro *às vezes* alçava-se nos estribos e, de mão em pala sobre os olhos, firmava mais a vista em torno; mas o *boi barroso*, crioulo daquela querência, não aparecia; e *Blau ia campeando, campeando...*

“*Campeando e cantando:*

.....
 “*No tranquito ia, cantando, e pensando* na sua pobreza, *no atraso das suas cousas*.

“*No atraso das suas cousas*, desde o dia em que topou — cara a cara! — com o Caipora num campestre da serra grande, pra lá, muito longe, no Butucarái...

“A lua ia recém-saindo...; e foi à boquinha da noite...

“Hora de agouro, pois então!...

“*Gaúcho valente* que *era dantes, ainda era valente, agora; mas, quando* cruzava o facão com qualquer paisano, o ferro da sua mão ia mermando e o do contrário o lanhava...

“*Domador* destorcido e parador, que por só pabulagem gostava de paletear, *ainda era domador, agora; mas, quando* gineteava mais folheiro, *às vezes*, num redepente, *era volteado...*

“De mão feliz para *plantar*, que Ihe não chochava semente nem muda de raiz se perdia, *ainda era plantador, agora; mas, quando* a semente ia apontando da terra, dava a praga em toda, tanta, que benzedura não vencia...; e o arvoredado do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, *era mixe e era azeda...*

“E assim, por esse teor, as *cousas* corriam-lhe mal; e pensando nelas o *gaúcho* pobre, *Blau*, de nome, ia, ao tranquilo, *campeando*, sem topar coo *boi barroso*.”

Aqui a repetição serve admiravelmente para suscitar aquela atmosfera misteriosa da lenda.

Note-se que a repetição existe não só nas palavras sublinhadas, mas no tom dos três períodos que precedem o último: “Gaúcho valente ... ainda era valente, agora; mas....”; “Domador destorcido e parador ... ainda era domador, agora; mas....”; “De mão feliz para plantar ... ainda era plantador, agora, mas....”.

Outro aspecto da repetição, nesse mesmo passo, encontra-se naquele eco de tão belo efeito – “campeando, campeando... Campeando e cantando”.

Reticências

Não há como fugir a esta verdade: o autor dos CONTOS GAUCHESCOS abusa das reticências. Contam-se pelos dedos as páginas de seus livros em que elas não aparecem – e quase sempre mais de uma vez numa mesma página – sozinhas ou em companhia de outro sinal de pontuação, sobretudo ponto-e-vírgula ou ponto exclamativo. Do ponto-e-vírgula ora elas vêm à frente, ora – o que é menos comum – atrás. Não sou dos que têm o tolo preconceito contra as reticências ou a exclamação. Mas há que limitar o seu uso aos casos estritamente necessários. Por que tantas suspensões de pensamento ou tantas admirações? Então o emprego conjugado dos dois sinais, esse raramente me parece indispensável. Creio que tais sinais, sendo, como são, psicológicos, não se impondo como necessidade da respiração, podem muitas vezes ser dispensados, com vantagem para o estilo. O efeito que o autor pretende atingir com eles deve antes resultar do conjunto da composição, da sua arte literária, do que se impor à custa daquele artifício. O abuso deles desvaloriza-os. Se o escritor os distribui com

parcimônia e medida, a presença dos três pontos logo sugere a intenção velada, o pensamento que esbarra e entre eles erra um instante, e o marco da exclamação impõe ao espírito uma ligeira trégua para o êxtase ou o assombro. Mas o diabo é a prodigalidade, o descomedimento.

Há, porém, momentos em que o contista gaúcho alcança grande resultado com o largo uso das reticências. Veja-se:

“– Há que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiam... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d’água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...” (*Trezentas Onças*).

“No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi... as Três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!...” (*Ibid.*).

E no *Manantial*:

“Depois desse estropício, tudo ficou como estava: tudo no sossego, o sol subindo sempre, nuvens brancas correndo no céu, passarinhos cruzando para um lado e outro... os galos cantando lá em cima... uns latidos, muito longe... pios de perdiz... algum inhé de sapo ali perto...”

É de vantagem, no caso destes como no de vários outros passos transcritos, que o leitor se reporte ao conto a que eles pertencem para, lido o conjunto ou uma boa parte, melhor sentir a possível verdade do que se afirma. Assim notará melhor quanto ficam bem ali as reticências e como já não são de tanto efeito quando combinadas com a exclamação – no fim de cada um dos períodos citados.

Agora, veja-se que partido sabe tirar Simões Lopes Neto do emprego simultâneo das reticências e da repetição, dilatando pelo casamento dos dois processos a intensidade dramática da narrativa:

“E quando a ranchada das donas chegou perto e viu... viu o Chicão atolado; o Chicão atolado, e logo adiante, no barro revolvido, a rosa colorada boiando; a rosa boiando, porque a moça estava no fundo, afogada, porque... porque... por causa do Chicão?... por medo dele, que queria abusar dela?... quando as senhoras-donas, todas caladas, viram aquele condenado, e uma, mais animosa, gritou-lhe – cachorro desavergonhado! – foi que a mãe dele, jungindo as lágrimas para não saltarem, perguntou:

“– Chicão, meu filho, que é isto?...” (*Manantial*).

As reticências e repetições, nesse trecho, sugerem precisamente o estado psicológico de quem não acredita no espetáculo horrível que os olhos lhe oferecem, fica suspenso por um instante; depois observa bem, e repete para si mesmo, uma e várias vezes, a verdade dolorosa, violenta de mais para os olhos e o espírito, e fica depois embaraçado nela, sem alcançar meio de concluir. O espírito acha-se ferido de espanto, atônito – e o raciocínio é lento, e truncado; pára de contínuo, estaca, e a gente repete o já dito, custando-nos chegar ao termo da reflexão. Observe-se, por outro lado, a força do patético a partir do segundo “quando”: a mãe do Chicão, fulminada pelo espetáculo, conseguiu afinal, sufocando os soluços, espremer da garganta a pergunta desesperada; e o período, que até então vem todo picado de reticências – além das vírgulas – ganha um andamento mais vivo (a desgraça é evidente) e caminha num crescendo para o desenlace: “– Chicão, meu filho...”

Variedade

Algumas vezes Simões Lopes Neto concilia a variedade com a natural monotonia da repetição:

“Por onde ele *andou, andei eu; passou, passei; carregava, eu carregava; fazia cara-volta, eu também*” (*Anjo*).

Observe-se detidamente a maneira como aí se realiza o processo da repetição. Todos os verbos, menos o *fazer*, bem como o pronome *eu*, se repetem, é certo; mas há variedade, pela mudança de posição do pronome em relação ao verbo, ou pela omissão do pronome aqui e o seu aparecimento além. Primeiro: “Ele andou, andei eu.” Na 3.^a pessoa, o pronome anteposto; na 2.^a, posposto. Depois: “passou, passei”: omissão total dos pronomes. Depois ainda: “carregava, eu carregava”: o “eu” empregado para diferenciar a 1.^a pessoa da terceira, visto que ambas têm a mesma forma verbal. Finalmente, para contrastar com esse hábil jogo de reiterações, a ausência do verbo no último caso: “Fazia cara-volta, eu também.” É de notar-se como a presença do *fazia* – *eu também fazia* – diminuiria o efeito.

Leio no *Penar*:

“ao lado do touro *arquejando* e do cavalo *gemente*”.

Estão vendo o efeito desse gerúndio em combinação com o particípio presente adjetivado?

Usa a sinédoque, e uma das modalidades desta figura que se encontram nas suas páginas consiste no emprego do singular pelo plural:

“Pois *faz tanto ano!*...” (*Duelo*).

Neste outro passo, os dois números aparecem, alternando-se elegantemente:

“A verdade é que em *muita casa* e por *muitos motivos*, ainda às vezes parece-me escutar o João Cardoso, velho de guerra” (*Mate*).

Ao contrário de tantos escritores influenciados pela sintaxe francesa, Simões Lopes Neto sabe evitar o abuso do possessivo, suprimindo-o ou substituindo-o pela variação pronominal correspondente. Apontar-se-ão aqui, por menos abundantes, apenas exemplos de substituição. Alguns serão tão literários quanto populares; mas a maioria deles têm apenas sabor literário, e demonstram – no caso dos CONTOS GAUCHESCOS – o cuidado com que Simões Lopes pentearia, aqui e ali, a prosa, certamente às vezes um tanto desgrena-

da, de Blau Nunes – penteado discreto, que não iria ao arrepio da direção natural dos cabelos, mas, respeitando-a, ordenava os trechos emaranhados:

“indo a bala, de refilão, lanhar-*lbe* uma perna” (*Negro*).

“porque *lbe* morrera a mulher” (*Manantial*).

“os olhos se *me* plantaram sobre o tordilho salino...” (*Anjo*).

“o coração devia ser-*lbe* mui grande, devia encher-*lbe* o peito todo” (*Juca Guerra*).

“já se *lbe* veio em cima” (*Penar*).

“os olhos comidos encheram-*lbe* o corpo” (*Mboitatá*).

“o vento assobiava-*lbe* nas crinas” (*Negrinho*).

“mas não se *lbe* viam as patas baterem no chão” (*Ibid.*).

“os pés se *me* enraizaram” (*Salamanca*).

“eu *lbes* hei escapado das mãos ambicioneriras” (*Ibid.*).

“que se *lbes* ouvia o esfregar das penas” (*Ibid.*).

Não me parece muito provável que Blau Nunes dissesse coisas como “os olhos se *me* plantaram”; mas sobre o fundo simples da sua fala de campeiro soube Simões Lopes Neto lançar essas meias-tintas de precisismo – e dessa fusão, dessa química lingüística, sutilmente realizada, resulta a originalidade da maneira dos CONTOS GAUCHESCOS e, em certo ponto, das próprias LENDAS DO SUL.

Sabor clássico

Já se terá falado, neste ensaio, de certo sabor clássico do estilo de Simões Lopes Neto. Uma das características desse fato é o emprego do *que* em vez do *ou*:

“uma *que* outra perdiz” (*Trezentas Onças*).

“um *que* outro estancieiro” (*Correr Eguada*).

Outra é o uso do *sobre* que se vê nestas passagens, do *Contrabandista* e da *Salamanca*:

“Outras vezes dava-lhe para armar uma jantarola, e *sobre* o fim do festo, puxava por uma ponta da toalha.”

“E como já era *sobre* a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, do sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça de pedra transparente ficou vermelha como brasa.”

Tido como disparatado e errôneo é, por alguns, o empregarem-se no comparativo ou no superlativo certos adjetivos que já por si encerram idéia superlativa: *ínfimo*, *supremo*, *íntimo*, etc. Não vale a pena levar tempo com este caso, já excelentemente tratado por muitos, entre os quais Heráclito Graça.¹¹¹ Esse uso é dos melhores autores, e perfeitamente justificável desde que ditado pela ênfase. “Mais principal” – escreve D. Duarte no *Leal Conselheiro*, p. 131; e vê-se, também, em Gil Vicente (*Obras Completas*, VI, 132). Vieira usa “tão imensa” nos seus *Sermões* (II, 30); e no 3.º vol., p. 442, 1.ª col.: “tão infinito, tão imenso, & tão Deus como o próprio Pai”. Coisas destas se vêem a cada passo nos *Trabalhos*, de Frei Tomé de Jesus: “muito vilíssima” está no 2.º vol., p. 156; e logo na seguinte, coisa muito mais séria: “Com tantas, e tão *imensíssimas*, e cruéis dores, quantas ninguém poderá imaginar.”

Simões Lopes Neto acha-se, pois, excelentemente garantido para escrever, como escreve, na *Salamanca*:

“era tão *mínima* a despesa e o câmbio que veio, tanto, que pasmou”.

Eco

Mas a arte, embora pouco transparente, de Simões Lopes Neto, em conciliar a simplicidade com a elegância de estilo, não o fez fugir de todo a certos descuidos que teria facilmente evitado. Não raro incorreu, por exemplo, no eco. Certo, nenhum escritor se livra destas cila-

111 ∞ *Fatos da Língua Portuguesa*, pp. 341-345.

das; nem é justo vir de palmatória em punho, rabugento, pedir-lhe contas por umas rimas que de impertinentes se lhe entremetem na prosa. O velho Simões poderia argumentar que Blau Nunes não tem requintes de estilo, não é nenhum Flaubert. De acordo; mas então, como justificar no campeiro outros requintes? Que Blau, no aceso da história do *Manantial*, diga que o Mariano,

“*fosse como fosse, chegou e arranchou-se*”.

– vá lá: a rima aí parece até que ajuda a gravar na memória o que ele vai narrando.

Mas que, lá para o fim do mesmo conto, nos surja, no começo de um período, com esta consonância:

“*Acabada a devoção e marchando como uma procissão.*”

– lá isto não é bom, e com pouco esforço teria sido atalhado.

Também não me parece bom isto aqui:

“*já os cuscos, ponteiros, tinham começado a acuar, por debaixo dos araçazeiros*” (*Manantial*).

Com *araçás* em vez daquele seu derivado, tudo teria ficado em ordem.

Há muitos outros casos semelhantes; mas o pior deles será este – com a agravante de pertencer ao *Saci*, onde Simões Lopes Neto não está metido na pele de Blau Nunes:

“*Gostava das picadas e das encruzilhadas das estradas sombreadas.*”

Versos

Se a rima costuma, sorrateira, insinuar-se na prosa, também não é muito raro que o excessivo apuro no ritmo leve à sucessão de versos da mesma medida. Sabe-se quantas vezes isso tem acontecido, e já se tem citado largamente, em português, a propósito, exemplos de Eça de Queirós. João Ribeiro¹¹² aponta diversos de Frei Luís de Sousa. De

Machado de Assis¹¹³ tenho este de cor – uma longa enfiada de pentassílabos: “Ao cabo, era um lindo/garção, lindo e audaz,/que entrava na vida/de botas e esporas,/chicote na mão/e sangue nas veias.” Pois com Simões Lopes Neto também se dá o mesmo de vez em quando. Eis aqui três setissílabos acolherados – para falar na linguagem do autor:

“nem um cachorro latiu, nem passarinho piou, nem cavalo se mexeu...” (*Manantial*).

Agora, depois de uma trinca de heptassílabos vem um decassílabo (*Salamanca*):

“sem parar e sem cansaço; piso com pés vagarosos; piso torrões de ouro em pó, que se desfazem como terra fofa”.

Precisão, vigor e originalidade

Do seu conhecimento e sentimento da língua, da sua precisão de vocabulário, da sua elegante riqueza de expressão, dão testemunho trechos como o seguinte:

“Afrontei o arrocho da tortura, entre ossos e carnes amachucadas e unhas e cabelos repuxados. Dentro das paredes do segredo não havia gritos nem palavras grossas; os padres remordiam a minha alma, prometendo o inferno eterno e espremiavam o meu arquejo decifrando uma confissão...” (*Salamanca*).

Mais que propriedade e riqueza, existe aí vigor e originalidade, sobretudo no “espremiavam o meu arquejo decifrando uma confissão...”.

Preciosismo

Tão perfeita por vezes é a construção, tão finamente trabalhada, que deixa transparecer um tudo-nada de preciosismo, como na seguinte passagem, também colhida na *Salamanca*:

113 ∞ *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 48.

“A lágrima do adeus ficou suspensa, como uma cortina que embaçava o claro ver: e o palmital da lagoa, o boleado das coxilhas, o recorte da serra, tudo isto, que era grande e sozinho cada um enchia e sobrava para os olhos limpos dum homem, tudo isso eu enxergava junto, empastalhado e pouco, espelhando-se na lágrima suspensa, que se encrespava e adelgava, fazendo franjas entre as pestanas balançantes dos meus olhos de condenado sem perdão...”

O andamento do período, o seu colorido, a maneira de se desdobrar sem gerar o tédio, lembram Eça de Queirós.

Um tudo-nada de preciosismo... Na mesma *Salamanca*, donde veio aquele exemplo, poder-se-iam encontrar mais alguns. Veja-se este:

“dentro do meu sofrer floreteou uma réstia de saudade do seu cativo e soberano amor..., como em rocha dura serpenteia às vezes um fio de ouro alastrado e firme, como uma raiz que não quer morrer!...”

Mas – e já de leve o mostrei – *A Salamanca*, pelo seu tom especial, misterioso e fantástico, tira partido, muitas vezes, de recursos que normalmente seriam de mau gosto. A diferença de tom que, de modo geral, se pode assinalar nas composições das LENDAS DO SUL comparadas com as dos CONTOS GAUCHESCOS, aviva-se naquela história. Mais do que em qualquer outra das LENDAS, o fundo clássico da linguagem de Simões Lopes Neto vem aqui à tona, sente-se que muito de propósito, para ampliar a zona de mistério, para insinuar melhor a atmosfera de estonteante irregularidade que se respira nestas páginas. A língua menos moderna, com ser menos viva, menos direta, distanciando-se mais da realidade quotidiana, sugere melhor a “realidade” do sobrenatural. Nas lentas sinuosidades do seu ritmo a realidade ora se deixa vislumbrar, por um instante, para esconder-se na próxima curva. O apelo à imaginação persiste, sempre vivo; há um aguçamento dos sentidos; o interesse do leitor não lhe escancara a boca em bocejos entediados, nem lhe entrefecha os olhos, que ao contrário se mantêm vigilantes e fixos, na ansiosa expectativa do desfecho.

Fora, porém, da *Salamanca*, seria possível apontar em outras páginas das LENDAS – poucas, aliás – a presença daquele preciosismo. É que Simões Lopes Neto, nesse volume, não dá a palavra a Blau Nunes, como nos CONTOS GAUCHESCOS: e precisa, pois, desferrar-se das perdas que sofreu com o resistir à tentação de algumas tiradas retóricas. E só o milagre de bom gosto, de exato sentimento da literatura, que foi o seu caso, permitiu a esse admirador de um Coelho Neto não se destemperar em exhibições contínuas de escrever bonito.¹¹⁴

Muito bom gosto, sem dúvida. Em tudo essa qualidade se revela, na sua linguagem como no seu estilo. Não somente naquilo em que este é o resultado de uma aprendizagem, mas também no que depende unicamente da feição individual do escritor, da agudeza certa de seu instinto literário.

Qualidades estilísticas mais pessoais

Porém já é tempo de sair do registro das qualidades mais de ordem geral desse estilo para apontar-lhe as marcas mais nitidamente pessoais, os traços mais vivos da força do criador, do poeta.

Começemos pela famosa página de paisagem das *Trezentas Onças*, uma das mais citadas:

“A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

“Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre

114 ∞ Exhibições a que tantas vezes cedeu Alcides Maia, apesar do tom sereno e simples de algumas de suas páginas.

o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-Grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...”

Sem dúvida que é uma das mais belas descrições de paisagem da língua portuguesa. E de que perigo escapou Simões Lopes Neto! Descrição de um crepúsculo – coisa batida e rebatida como poucas. Um escritor qualquer, tímido e fofo, não dispensaria aí a nota sentimental bem descarada, a nostalgia da “hora em que os pensamentos se elevam ao Criador”, a melancolia da natureza casando-se à tristeza de Blau Nunes pelas onças perdidas... Não é coisa vulgar entre nós que um homem de letras, a não ser dos modernos, saiba portar-se discreto ante um pôr-de-sol. Mas o velho Simões Lopes o sabe como gente grande. Sente-se, ali, a emoção dominada, sustada nos seus ímpetos pela razão inteligente, que, se não a estrangula, vai dosando-a com segurança. Há uma precisão bem sensível na escolha e distribuição das palavras. Elas são as que convêm, e só as que convêm, postas nos seus lugares, otimamente conformadas ao sentido real do painel. E há nos dois períodos uma grave serenidade de andamento, um ritmo o seu tanto arrastado, sinuoso, que se harmoniza bem com a lentidão do entardecer. E no fim aquela comparação de tamanho sabor poético. Pela amostra se vê o que Simões Lopes faria, em matéria de paisagem, conciliando a sua originalidade com o tom tradicional do gênero, se não preferisse o processo indireto, já apontado, sem dúvida mais original.

Riqueza de incidentes e vivacidade

Uma viagem ao longo desse estilo nos mostra, a cada passo, entre as suas virtudes essenciais, além do vigor descritivo, do movimento, do profundo senso realístico das proporções, estas duas características: a riqueza de incidentes e a vivacidade. Vamos ao *Negro Bonifácio*:

“Foi então que um gaúcho gadelhudo, mui alto, canhoto, desprende da cintura as boleadeiras e fê-las roncar por cima da cabeça... e quando ia a soltá-las, zunindo, com força pra rebentar as costelas dum boi manso, e que o negro estava cocando o tiro, de facão pronto pra cortar as sogas..., nesse mesmo momento e instante a velha Fermina entrou na roda, e ligeira como um gato, varejou no Bonifácio uma chocolateira de água fervendo, que trazia na mão, do chimarrão que estava chupando...”

Ainda mais vivo, mais realista, mais conciso dentro da minúcia, mais poderosamente dramático, se me afigura o trecho seguinte, do mesmo conto:

“A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina estrebuchando, a morocha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retallhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada – bonita, sempre! –, ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, tateou no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco – vancê compreende?... – e uma, duas, dez, vinte, cinqüenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer estraçalhar uma cousa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!...”

Note-se ainda (agora é no *Manantial*) a força desta descrição:

“Parecia que nada se havia dado: se não fosse a rosa colorada boiando, lá, e o Chicão atolado até o peito, mais pra cá.

“O cavalo dele, com a cabeça alinhada, mal podia agüentar fora da água o focinho e ressolhava, o pobre, puxando a respiração em assobios grossos, e o dono, todo salpicado de barro, suava em cordas, cada vez mais ansiado, não podendo desprender-se das malditas esporas, que o sujeitavam em cima do bagual, que ia se afundando... afundando... afundando... E a cada sacudida feita naquele reduto todo o manantial bufava e borbullhava...”

Talvez, porém, o trecho em que esse poder de movimento e de realidade chega ao cúmulo é o seguinte, também do *Manantial*:

“Mas nisto a mãe dele abraçou-se nos joelhos do Mariano, e o padre missioneiro levantou a cruzinha do rosário, meteu o Nosso Senhor Crucificado na boca do cano da pistola... e o Mariano foi baixando o braço... baixando, e calado varejou a arma para o lameiro...; mas de repente, como um parselheiro largado de tronco, saltou pra diante e de vereda atirou-se no manantial... e meio de pé, meio de gatinhas, caindo, bracejando, afundando-se, surdindo, todo ele numa plasta de barro reluzente, alcançou o Chicão, e – por certo – firmando-se no corpo do cavalo morto, botou-se ao desgraçado, com as duas mãos escorrendo lodo apertou-lhe o gasganete... e foi calcando, espremendo, empurrando para trás... para trás... até que, num – vá! – aqueles abraçados escorregaram, cortou o ar uma perna, um pé do Chicão, – livre da espora – e tudo sumiu-se na fervura que gorgolejou logo por cima!...”

Repare-se nos dois tons deste período. Até “lameiro” ele vai serenamente, numa atmosfera suave, posto que dolorosa, de perdão: a mãe do Chicão abraça-se aos joelhos do Mariano, dá-se a intercessão do padre, e o sentimento religioso neutraliza no Mariano, por instantes, a sede de vingança. Vem tudo nesse andar, nesse jeito sossegado de resignação; mas a raiva, o desespero ferve lá por dentro do Mariano – e, súbito, ele não se contém, e “como um parselheiro largado de tronco”... Extraordinariamente feliz o símile. Até esse momento, o homem é como o parselheiro *preso* ao tronco: a piedade cristã abafa-lhe os ímpetos de represália; ele quer explodir, mas alguma coisa lhe resiste, e prende-o. De repente, porém, a resistência se afrouxa – e a vivacidade do impulso do “parselheiro” faz prodigioso contraste com a serenidade anterior do período: “saltou pra diante e de vereda atirou-se no manantial...”; depois a arremetida feroz da vindita tropeça ante os obstáculos; o período se torna sincopado – “caindo, bracejando, afundando-se, surdindo” – embora não menos vivo; e assim prossegue até que,

após um furioso anular de todos os empecilhos, o Mariano – “com as duas mãos escorrendo lodo apertou-lhe o gasganete...” Dificil alcançar, com papel e tinta, sensação tamanha de realidade, de intensidade trágica. A mim – se interessa a confissão – a própria vista do espetáculo creio que não me poderia dar impressão mais funda e pungente. Eu vejo – positivamente vejo – esse pulo repentino do Chicão, e esse braçar e afundar-se e emergir, e esse esganar, e esse abraço medonho, e a perna e o braço riscando o ar como um raio, e o pântano a estuar sobre as duas vidas sepultadas em seu ventre. Na minha imaginação – diria melhor, ante os meus olhos – ficará sempre aquela perna, aquele pé rasgando o ar, tão poderosamente como ficou a galocha perdida de Sérgio, negra na brancura do caminho, dos *Sete Enforcados*, de Andreiev.

Realismo na simplicidade

Agora esta nota realista, sem dúvida mais simples, mas muito poderosa também na sua simplicidade:

“Lá estava a senhora, com a cabeça arrebetada a olho de machado... O fogo apagado, a banha coalhada, os beijos frios... e mui a seu gosto, de papo para o ar, dormindo na saia da morta, uma gata brasina e a sua ninhada” (*Ibid.*).

Lirismo

Por vezes, como para conjurar os possíveis arrepelamentos da tragédia, o escritor sabe diluir as tintas, alcançando solução em que há um toque de lirismo, mas lirismo *real*, que não se perde em palavras:

“Nas paradas da reza só se ouvia os soluços da mãe do Chicão e um leve guasqueio do vento nas talas dos jerivás” (*Ibid.*).

Há em Simões Lopes Neto, sem dúvida, um poeta. Poeta, sim, muitas vezes um poeta romântico; sensibilidade fina e tensa, capaz de es-



tremecer não apenas aos sofrimentos do bicho homem, mas também ao dos outros bichos, ao dos vegetais, e até ao das coisas inertes, dos seres ditos inanimados, mas cuja alma ele sabia conversar e entender como poucos. É de ver esta passagem, ainda do *Manantial*, em que se descreve a situação do arranchamento do Mariano após a catástrofe:

“O arranchamento ficou abandonado; e foi chovendo dentro; desabou um canto de parede; caiu uma porta, os cachorros gaudérios já dormiam lá dentro. Debaixo dos caibros havia ninhos de morcegos e no copiar pousavam as corujas; os ventos derrubaram os galpões, os andantes queimaram as cercas, o gado fez paradeiro na quinta. O arranchamento alegre e farto foi desaparecendo... o feitio da mão de gente foi-se gastando, tudo foi minguando; as carquejas e as embiras invadiram; o gravatá lastrou; só o umbu foi guapeando, mas abichornado, como viúvo que se deu bem em casado...; foi ficando tapera... a tapera... que é sempre um lugar tristonho onde parece que a gente vê gente que nunca viu... onde parece que até as árvores perguntam a quem chega: – onde está quem me plantou?... onde está quem me plantou?... –”

Poder de impressionar os sentidos

Algumas vezes a pintura é tão viva, tão perfeita, transpira tão intensa realidade, que a coisa descrita a bem dizer nos fere – fere e dói nos sentidos.

É o caso deste passo, arrancado à *Salamanca*:

“O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos, e a luz parecia que tremia, peneirada no ar parado, sem uma viração.”

Curioso notar: a primeira oração – “O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos” – quase beira o lugar-comum; tem só o especial valor pictórico e musical resultante daquele vivo jogo de vogais – *ó, á, u, ó* – e da presença dos dois grupos consonantais próximos – *dr* e *tr*. Quanto, po-

rém, ao tom, em si mesmo, é trivial; mas, em combinação com o resto do período, ganha notável relevo. E isto porque tudo, nesse resto, tudo se acha disposto da melhor maneira para nos transmitir a impressão mais funda. O grupo consonantal – *tr* – em combinação com os anteriores, o eco – “parecia”, “tremia” – a assonância – “peneirada”, “parado” – a aliteração dos pês, tudo contribui ali, de maneira rara, para frisar, primeiramente, o próprio tremor da luz, e, a seguir, a permanência, a continuidade desse tremor. O ritmo do trecho (“parecia que tremia, peneirada no ar parado” são dois setissílabos), auxiliado pelas rimas de cada verso, sugere, como nenhum outro recurso o conseguiria, a oscilação, a dança da luz no ar.

Ora, aí tem o leitor um desses muitos casos em que certo falso apuro estilístico pode estragar um texto. Se o velho Simões Lopes fosse dos tais que fogem do *que* como o Diabo da cruz, que excelente oportunidade para jogar fora o importuno! Em vez de “parecia que tremia” – punha: “parecia tremer”. Tão melhor! tão mais eufônico! Nada do *que* deselegante; e nada de eco. Muito escritor guiado por estreitas noções de estilo bradaria: – “Excelente!” Mas Simões Lopes Neto perdeu estes aplausos: ele devia saber quanto o modo verbal finito transmite à frase uma força que o infinitivo não possui; e devia saber também que em certos casos os chamados vícios de linguagem, como o eco, podem ser virtudes.¹¹⁵

Animismo

Veja-se com que beleza e força ele transmite às coisas abstratas os atributos dos seres vivos:

“O mesmo silêncio foi fechando todas as bocas e abrindo todos os olhos.” (*Contrabandista*).

115 ☞ Quem ignora os efeitos que Eça de Queirós soube tirar do eco! Veja-se, a respeito, o meu estudo “Linguagem e Estilo de Eça de Queirós”, republicado neste volume.

E na *Salamanca*:

“Depois um grande silêncio balançou no ar, como esperando...”

Certo que não é criação do autor esse animismo estilístico; mas Simões Lopes Neto tira do processo efeitos verdadeiramente incomuns. Frases assim são de alguém que tem sangue e nervos de verdadeiro escritor; nascem de um frêmito de sensibilidade inteligente.

Tom bíblico

Outro aspecto desse estilo? Leiam:

“Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

“Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto.

“E três dias houve cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho” (*Negrinho*).

Há nisto uma beleza e uma grandeza bíblica. O estilo, todo em orações coordenadas, e quase todas sindéticas, e com o paralelismo do último período, acusa uma religiosa gravidade de ritmo; e há um grave toque de poesia cósmica nesse rápido desfilar da Criação: as coisas que a serenada molha – pastos, cascas de frutas, asas de pássaros – e a manhã, e o Sol, e a noite, “a noite de Deus”.



Haveria muito ainda que dizer da linguagem e estilo desse escritor “municipal” – no bom sentido em que, com tanta felicidade, assim o qualificou o Sr. Carlos Reverbel – desse escritor que, como homem, era fechado, taciturno, meio escondido do mundo no outro mundo de seus projetos, de seus planos fantasistas, dos seus sonhos sempre afinal desfeitos pela realidade fria que lhe foi a vida; do capitão João Simões Lopes Neto, conhecido e respeitado na sua terra como um homem sé-

rio, patriota e de sete instrumentos – entre os quais, para a maioria, não figurava a literatura...

Como todas as grandes obras, a do autor pelotense é extraordinariamente fértil em sugestões para o crítico e o ensaísta. É só a gente sobre ela debruçar-se com simpatia e compreensão abertas, estudá-la tomando em conta o meio, o tempo e as circunstâncias em que foi realizada, e não esquecer nunca, ante os defeitos que possa aqui e ali deparrar, as inúmeras falhas de que se poderia ressentir se não fora a inteligência fina e vigilante, o senso exato das proporções, a sensibilidade temperada, que nunca se desmandava em pieguismos fáceis, o gosto apuradíssimo – enfim, algo de imponderável, de indefinível, a capacidade de incorporar em sua própria vida a vida de outros seres, essa espécie de transfusão do sangue dos outros homens no seu próprio sangue, o diabo de um sexto sentido que fez a glória de Shakespeare e Molière, de José Hernández e de Machado de Assis, e que faz que uma pessoa nasça em Pelotas, passe algum tempo no Rio, volte bem jovem à sua terra e a ela se agarre com unhas e dentes para o resto da vida, e nela faça jornalismo, meta-se em coisas de comércio, coma o pão que o Diabo amassou – e em meio a todo esse aperto publique em jornais do seu município umas páginas de “folclore regional”, de “populário”, que, quase desconhecidas hoje, elogiadas meio friamente amanhã por uns, também negadas por outros, venham afinal – como creio que hão de fatalmente vir – venham a figurar entre as mais altas páginas de ficção da língua portuguesa.

Bibliografia

SIMÕES LOPES NETO

ABREU, Casimiro de

Obras de Casimiro de Abreu – ed. organizada, prefaciada e anotada por
Sousa da Silveira – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1940.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – Imprensa Nacional,
Rio, 1943.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – Imprensa Nacional de Lis-
boa, 1940.

ACADEMIA ESPANHOLA, Real

Diccionario de la Lengua Española – Madrid, 1936.

ALARCON, Pedro A. de

Historietas Nacionales – Empresa Editora Zig-Zag, Santiago do Chile,
1944.

ALEXANDRE HERCULANO

Eurico, o Presbítero – 27.^a ed. – Livraria Aillaud e Bertrand, Paris – Lisboa, s. d.

Lendas e Narrativas – 13.^a ed., 2 vols. – Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris – Lisboa, 1918.

O Bobo – 18.^a ed. – Livraria Bertrand, Lisboa, s. d.

O Monge de Cister – 11.^a ed., 2 vols. – Livraria Aillaud e Bertrand, Paris – Lisboa, s. d.

ALMEIDA, Fialho de

Aves Migradoras – 5.^o milhar – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1922.

Figuras de Destaque – 5.^o milhar – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1923.

Lisboa Galante – 3.^a ed. – Livraria Chardron, Porto, 1920.

O País das Uvas – 6.^a ed. – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1922.

ALMEIDA GARRETT

Obras Completas de Almeida Garrett – ed. prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Teófilo Braga; 2 vols. – Livraria H. Antunes, Rio – Lisboa, s. d.

ALMEIDA, José Américo de

A Bagaceira – 3.^a ed. – Livraria Castilho, Rio, 1928.

AMADOR ARRAIS, Fr.

Diálogos de Dom Frei Amador Arrais, Bispo de Portalegre – nova ed. – Tipografia Rolandiana, Lisboa, 1846.

AMARAL, Amadeu

O Dialeto Caipira – Casa Editora “O Livro”, São Paulo, 1920.

ANDRADE, Mário de

Aspectos da Literatura Brasileira – Americ Edit., Rio, 1943.

ANJOS, Augusto dos

Eu – Rio, 1912.

ARINOS, Afonso

Pelo Sertão – Laemmert & C., Rio, 1898.

AVEIRO, Fr. Pantaleão de

Itinerário da Terra Santa, e Suas Particularidades – 7.^a ed., conforme a I.^a, revista e prefaciada por Antônio Baião – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1927.

AZAMBUJA, Darci

No Galpão – 5.^a ed. – Livraria do Globo, Porto Alegre, 1944.

BALLY, Charles – Elise Ritcher, Amado Alonso, Raimundo Lida

El Impresionismo en el Lenguage – 2.^a ed. – Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1942.

BANDEIRA, Manuel

Poesias Completas – ed. aumentada – Americ Edit., Rio, 1944.

BARBOSA, Rui

Réplica do Senador Rui Barbosa às Defesas da Redação do Projeto da Câmara dos Deputados – Imprensa Nacional, Rio, 1904.

BARRETO, Mário

Fatos da Língua Portuguesa – I.^o milheiro – Livraria Francisco Alves, Rio, 1916.

Novos Estudos da Língua Portuguesa – 2.^a ed., I.^o milheiro – Livraria Francisco Alves, Rio, 1921.

Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa – Livraria Francisco Alves, Rio, 1914.

Últimos Estudos – Epasa, Rio, 1944.

BARROS, João de

Décadas – seleção, prefácio e notas de Antônio Baião; I e II vols. – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

Panegíricos – texto restituído, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

BELLO, Andrés – y Rufino Cuervo

Gramática de la Lengua Castellana – novísima edición – Editorial G. L. E. M., Buenos Aires, 1942.

BERNARDES, Diogo

Obras Completas – prefácio e notas de Marques Braga – I e II vols. – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

BERNARDES, P.^c Manuel

Nova Floresta – 5 vols. – Oficina de Valentim da Costa Deslandes (os três primeiros), Lisboa, 1706, 1708, 1711; Oficina de José Antônio da Silva (os dois últimos), Lisboa Ocidental, 1726, 1728.

BOTELHO DE AMARAL, Vasco

Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa – Editora Educação Nacional, Porto, 1943.

BRANDÃO, Raul

Os Pobres – 5.^a ed. – Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris – Lisboa, 1925.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio

Linguagem e Estilo de Eça de Queirós – no “Livro do Centenário de Eça de Queirós”, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis – Edições Dois Mundos, Portugal – Brasil, 1945.

CALDAS AULETE

Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – 2 vols. – Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.

CAMÕES, Luís de

Lírica de Camões – ed. crítica de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1932.

Os Lusíadas – reprodução fac-similar da 1.^a ed., com introdução e aparato crítico por José Maria Rodrigues – Tip. da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1921.

Os Lusíadas – comentados por Epifânio Dias; 2.^a ed., 2 vols. – Cia. Portuguesa Editora, Porto, 1916, 1918.

CARVALHO, Vicente de

Poemas e Canções – 8.^a ed. – Cia Editora Nacional, São Paulo, 1928.

CASTELO BRANCO, Camilo

Amor de Salvação – 2.^a ed. – Livraria Moré, Porto, 1874.

Estrelas Propícias – 5.^a ed. – Parceria Antônio Maria Pereira, Lisboa, 1928.

Memórias do Cárcere – 6.^a ed., 2 vols. – Parceria Antônio Maria Pereira, Lisboa, 1918.

CASTILHO, Antônio Feliciano de

A Noite do Castelo – Empresa da História de Portugal, Lisboa, 1907.

As Geórgicas de Virgílio (trad.) – Tipografia de Ad. Lainé e J. Harvard, Paris, 1867.

O Presbitério da Montanha – Empresa da História de Portugal, Lisboa, 1905.

CASTRO ALVES

Obras Completas – introdução e notas de Afrânio Peixoto – 2 vols., 2.^a ed. – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942.

CHAGAS, Fr. Antônio das

Cartas Espirituais – seleção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

COELHO NETO

Sertão – 3.^a ed. – Livraria Chardron, Porto, s. d.

CORREIA, Raimundo

Poesias – 4.^a ed. – “Anuário do Brasil”, Rio, 1922.

Versos e Versões – Tip. e Lit. Moreira Maximino & Cia., Rio, 1887.

COSTA, Cláudio Manuel da

Obras Poéticas de Cláudio Manuel da Costa – nova ed., com um estudo de João Ribeiro; 2 vols. – Livraria Garnier, Rio, 1903.

COUTO, Diogo do

O Soldado Prático – texto restituído, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

CRUZ E SOUSA

Obras Completas de Cruz e Sousa – anotações de Nestor Vítor; 2 vols. – “Anuário do Brasil”, Rio, s. d.

CUNHA, Euclides da

Os Sertões – 8.^a ed. – Livraria Francisco Alves, Rio, 1925.

DEUS, João de

Campo de Flores – ed. de Teófilo Braga; 7.^a ed. – Livraria Bertrand, Lisboa, s. d.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos

Confissões de Minas – Americ Edit., Rio, 1944.

DUARTE, Dom – Ver Eduarte, Dom.

EANES DE AZURARA, Gomes

Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné – ed. do Visconde da Carreira – J. P. Aillaud, Paris, 1841.

EÇA DE QUEIRÓS

Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas – Livraria Chardron, Porto, 1929.

Contos – Livraria Lelo & Irmão, Porto, 1940.

Correspondência – 2.^a ed. – Livraria Chardron, Porto, 1926.

Notas Contemporâneas – 2.^a ed. – Livraria Chardron, Porto, 1913.

O Primo Basílio – Livraria Lelo & Irmão, Porto, 1944.

O Crime do Padre Amaro – 5.^a ed. – Livraria Chardron, Porto, 1910.

Os Maias – 3.^a ed., 2 vols. – Livraria Chardron, Porto, s. d.

Uma Campanha Alegre – 2 vols. – Livraria Chardron, Porto, 1927.

EDUARTE, Dom

Leal Conselheiro – ed. crítica de Joseph M. Piel – Livraria Bertrand, Lisboa, 1942.

FERNANDES, Francisco

Dicionário de Verbos e Regimes – 3.^a ed. – Livraria do Globo, Porto Alegre, 1943.

FERREIRA, Antônio

Poemas Lusitanos – prefácio e notas de Marques Braga; 2 vols. – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

FERREIRA DE VASCONCELOS, Jorge

Comédia Eufrosina – 3.^a ed., de Bento José de Sousa Farinha – Oficina da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1786.

Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda – 2.^a ed. – Tip. do Panorama, Lisboa, 1867.

FILINTO ELÍSIO

Poesias – seleção, prefácio e notas de José Pereira Tavares – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

FONSECA, Manuel da

Aldeia Nova – Livraria Portugália, Lisboa, s. d.

FREIRE, Laudelino – e J. L. de Campos

Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa – 5 vols. – “A Noite”,
Rio, s. d.

FREIRE, Gilberto

Casa-Grande & Senzala – 4.^a ed., definitiva; 2 vols. – Livraria José Olímpio, Rio, 1943.

GAMA, Basílio da

O Uruguai – ed. fac-similada, comemorativa do 2.^o centenário – Academia Brasileira de Letras, Rio, 1941.

GANDON, Yves

Le Démon du Style – Librairie Plon, Paris, s. d.

GASPAR SIMÕES, João

A Unha Quebrada – Casa do Livro, Lisboa, 1941.

GIL VICENTE

Obras Completas de Gil Vicente – reimpressão fac-similada da ed. de 1562
– Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1928. *Obras
Completas* – prefácio e notas de Marques Braga; 6 vols. – Livraria Sá
da Costa, Lisboa, s. d.

GÓIS, Damião de

Crônica do Sereníssimo Príncipe D. João – Real Oficina da Universidade de
Coimbra, 1790.

GOMES, Lindolfo

Contos Populares Brasileiros – 2.^a ed. – Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948.

GOMES LEAL

Claridades do Sul – 2.^a ed. – Empresa da História de Portugal, Lisboa, 1901.

GONÇALVES DIAS

Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias – ed. crítica de Manuel Bandeira; 2 vols. – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1944.

GONZAGA, Tomás Antônio

Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga – ed. crítica de Rodrigues Lapa – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942.

GRAÇA, Heráclito

Fatos da Linguagem – Livraria de Viúva Azevedo & Cia., Rio, 1904.

GUIMARAENS, Alphonsus de

Poesias – ed. dirigida e revista por Manuel Bandeira – Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1938.

GUIMARÃES ROSA, J.

Sagarana – Editora Universal, Rio, 1946.

JARDIM, Luís

Maria Perigosa – Livraria José Olímpio, Rio, 1939.

JESUS. Fr. Tomé de

Trabalhos de Jesus – 5.^a ed., 2 vols. – A. J. Fernandes Lopes, Lisboa, 1865.

JUCÁ (FILHO), Cândido

O Pensamento e a Expressão em Machado de Assis – Civilização Brasileira, Rio, 1939.

LATINO COELHO

Elogio Histórico de José Bonifácio – ed. prefaciada por Afrânio Peixoto – Livros de Portugal, Rio, s. d.

Tipos Nacionais – I.º milhar – Santos & Vieira, Lisboa, s. d.

LEITE DE VASCONCELOS, J.

Lições de Filologia Portuguesa – 2.ª ed. – Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1926.

Textos Arcaicos – 2.ª ed. – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1907.

LEONI, Francisco Evaristo

Gênio da Língua Portuguesa – 2 vols. – Tipografia do Panorama, Lisboa, 1858.

LINS, Álvaro

Jornal de Crítica – 5.ª série – Livraria José Olímpio, Rio, 1947.

LINS DO REGO, José

Menino de Engenho – 2.ª ed. – Livraria José Olímpio, Rio, s. d.

LISBOA, João Francisco

Obras de João Francisco Lisboa, natural do Maranhão – ed. organizada e prefaciada por Antônio Henriques Leal; 4 vols. – S. Luís do Maranhão, 1865.

LOPES DE CASTANHEDA, Fernão

História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses – 3.ª ed., conforme a príncipe, revista e anotada por Pedro de Azevedo; 4 vols. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1924, 1928, 1929, 1933.

MACHADO DE ASSIS

Crítica – Livraria Garnier, Rio – Paris, s. d.

Dom Casmurro – Livraria Garnier, Rio – Paris, s. d.

Memórias Póstumas de Brás Cubas – Livraria Garnier, Rio – Paris, s. d.

Páginas Recolhidas – Livraria Garnier, Rio – Paris, s. d.

Poesias Completas – Livraria Garnier, Rio – Paris, s. d.

Várias Histórias – Livraria Garnier, Rio – Paris, s. d.

MARQUES DA CRUZ, José

Português Prático – 14.^a ed. – Melhoramentos, São Paulo, 1943.

MEIRELES, Cecília

Poetas Novos de Portugal (Antologia) – Dois Mundos, Rio, s. d.

MELO, D. Francisco Manuel de

Apólogos Dialogais – ed. feita pela de 1721, com prefácio e notas de Fernando Néri – Livraria Castilho, Rio, 1920.

Cartas Familiares – seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

MENDES, Amando

Vocabulário Amazônico – Sociedade Impressora Brasileira, São Paulo, 1942.

MENDES PINTO, Fernão

Peregrinação – nova ed., conforme à primeira, de 1614; 2 vols. – Tipografia Rolandiana, Lisboa, 1829.

MEYER, Augusto

Prosa dos Pagos – Livraria Martins, São Paulo, 1943.

MIGUÉIS, José Rodrigues

Onde a Noite se Acaba – Dois Mundos, Rio, s. d.

MORAIS SILVA, Antônio

Dicionário da Língua Portuguesa – 4.^a ed., aumentada por Teotônio José de Oliveira Velho; 2 vols. – Impressão Régia, Lisboa, 1831.

MOREIRA, Júlio

Estudos da Língua Portuguesa – I.^a série; 2.^a ed. – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1922.

NASCENTES, Antenor

O Idioma Nacional – Gramática para o curso ginasial – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1944.

O Idioma Nacional – Gramática para o colégio – Zélio Valverde, Rio, 1944.

O Linguajar Carioca em 1922 – Livraria Científica, Rio, s. d.

O Problema da Regência – Livraria Freitas Bastos, Rio, 1944.

NOBRE, Antônio

Despedidas – 2.^a ed. – Tip. Domingos de Oliveira, Porto, 1932.

Só – 3.^a ed. – Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris – Lisboa, 1913.

NUNES, José Joaquim

Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses – ed. crítica; 3 vols. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1928, 1926, 1928.

Cantigas d'Amor dos Trovadores Galego-Portugueses – ed. crítica. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1932

Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – 2.^a ed. – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1930.

Crestomatia Arcaica – 3.^a ed. – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943.

Crônica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285) – 2 vols. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1918.

OLIVEIRA, Alberto de

Poesias – I.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a séries – Livraria Garnier, Rio, 1912 (a I.^a e a 2.^a); Livraria Francisco Alves, Rio, 1913 (a 3.^a) e 1928 (a 4.^a).

OLIVEIRA, Cavaleiro de

Cartas – seleção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

ORNELAS, Manuelito de

Símbolos Bárbaros – Livraria do Globo, Porto Alegre, s. d.

PESSANHA, Camilo

Clépsidra – Editorial Ática, Lisboa, 1945.

PESSOA, Fernando

Obras Completas de Fernando Pessoa – I e II vols. – Editorial Ática, Lisboa, 1943, 1944.

PINTO, Fr. Heitor

Imagem da Vida Cristã – Prefácio e notas de M. Alves Correia; 4 vols. – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

QUENTAL, Antero de

Os Sonetos Completos de Antero de Quental – 2.^a ed. – Livraria Portuense, Porto, 1890.

RAMOS, Graciliano

Angústia – 2.^a ed. – Livraria José Olímpio, Rio, 1941.

Histórias de Alexandre – “Leitura”, Rio, 1944.

REBELO DA SILVA

Contos e Lendas – Livraria Editora de Matos Moreira & Cia., Lisboa, 1873.

RÉGIO, José

Biografia – 2.^a ed. – Armênio Amado, editor, Coimbra, s. d.

Fado – Armênio Amado, editor, Coimbra, s. d.

Poemas de Deus e do Diabo – 2.^a ed. – Portugália Editora, s. d.

REIS QUITA, Domingos dos

Obras de Domingos dos Reis Quita – 2.^a ed. – Tipografia Rolandiana, Lisboa, 1781.



RESENDE, Garcia de

Cancioneiro Geral de Garcia de Resende – ed. de A. J. Gonçalves Guimarães, 5 vols. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1910 (os 2 primeiros), 1913, 1915, 1917.

Crônica dos Valerosos, e Insignes Feitos del-Rei Dom João II de Gloriosa Memória – Real Oficina da Universidade de Coimbra, 1798.

RIBEIRO, Bernardim – e Cristóvão Falcão

Obras – nova ed., conforme a de Ferrara, organizada por Anselmo Brancamp Freire e prefaciada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos; 2 vols., o 2.º em 2.ª ed. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1923, 1932.

RIBEIRO, João

A Língua Nacional – Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, s. d.

Autores Contemporâneos – 25.ª ed. – Livraria Francisco Alves, Rio, 1937.

Cartas Devolvidas – Livraria Chardron, Porto, 1926.

Crepúsculo dos Deuses (trad.) – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1905.

Curiosidades Verbais – Cia. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, s. d.

Páginas de Estética – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1905.

Seleção Clássica – 4.ª ed. – Livraria Francisco Alves, Rio, 1931.

RODRIGUES LAPA, M.

Estilística da Língua Portuguesa – “Seara Nova”, Lisboa, 1945.

RODRIGUES LOBO, Francisco

Corte na Aldeia – prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

Éclogas – ed. conforme a príncipe, com introdução e notas de José Pereira Tavares – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1928.

Poesias – seleção, prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

SÁ DE MIRANDA, Francisco de

Obras Completas – prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa; 2.^a ed., 2 vols. – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

SAID ALI, M.

Dificuldades da Língua Portuguesa – 2.^a ed. – Tip. Besnard Frères, Rio, 1919.

Meios de Expressão e Alterações Semânticas – Livraria Francisco Alves, Rio, 1930.

SILVA DIAS, Augusto Epifânio da

Sintaxe Histórica Portuguesa – 2.^a ed. – Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1933.

SOUSA, Fr. Luís de

Anais de D. João III – prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa; 3 vols. – Livraria Sá da Costa, Lisboa, s. d.

História de São Domingos – 3.^a ed., 6 vols. – Tip. do Panorama, Lisboa, 1866.

Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires [Vida do Arcebispo] – 2 vols. – Tipografia Rolandiana, Lisboa, 1857.

SOUSA LIMA, Mário Pereira de

Gramática Portuguesa – para o curso ginasial – Livraria José Olímpio, Rio, 1945.

SOUSA DE MACEDO, Antônio de

Arte de Furtar – ed. da Cia. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1926. (A ed. dá como autor Pe. Antônio Vieira.)

SOUSA, Otávio Tarquínio de

José Bonifácio – Livraria José Olímpio, Rio, 1945.



SOUSA DA SILVEIRA

Lições de Português – 3.^a ed. – Civilização Brasileira, Rio, 1937.

Obras de Casimiro de Abreu – ed. comemorativa do Centenário do Poeta
(1939) – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1940.

Trechos Seletos – 5.^a ed. – Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942.

TAUNAY, Visconde de

Inocência – 17.^a ed. brasileira – Cia. Melhoramentos de São Paulo, s. d.

TEIXEIRA-GOMES, M.

Gente Singular – 2.^a ed. – “Seara Nova”, Lisboa, 1931.

THIBAUDET, Albert

Gustave Flaubert – Librairie Plon, Paris, s. d.

TOLENTINO, Nicolau

Sátiras – seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa – Lisboa, 1941.

TORGA, Miguel

Bichos – 3.^a ed. – Coimbra, 1943.

Diário – 2.^a ed., I e II vols. – Coimbra, 1942, 1943.

Novos Contos da Montanha – Coimbra, 1944.

Rua – Coimbra, 1942.

UNAMUNO, Miguel de

El Espejo de la Muerte – Espasa-Calpe Argentina, S. A., Buenos Aires –
México, 1941.

VIEIRA, Afonso Lopes

Os Versos de Afonso Lopes Vieira – Sociedade Editora Portugal – Brasil,
Lisboa, s. d.

VIEIRA, Pe. Antônio

Sermões do Pe. Antônio Vieira – Vols. I a XII – Na Oficina de João da
Costa o I.^o (Lisboa, 1679); na Oficina de Miguel Deslandes o 2.^o,

o 3.º, o 4.º, o 5.º, o 6.º, o 7.º, o 8.º, o 9.º, o 11.º e o 12.º (Lisboa, 1682, 1683, 1685, 1689, 1690, 1692, 1694, 1695, 1696, 1699); na Impressão Craesbeeckiana o 10.º (Lisboa, 1688).

VOSSLER, Karl

Filosofía del Lenguaje – trad. e notas de Amado Alonso e Raimundo Lida
– Editorial Losada, Buenos Aires, s. d.

VOSSLER, Karl – Leo Spitzer, Helmut Hatzfeld

Introducción a la Estilística Romance – trad. e notas de Amado Alonso e Raimundo Lida; 2.ª ed. – Facultad de Filosofía e Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1942.

Glossário

“Consultar o vocabulário gaúcho é rasgar à visão interior paisagens retrospectivas, enquadradas na moldura da história.

O vocábulo então não é apenas a carniça magra ou polpuda em que a etimologia vem dar a sua bicada. Na perna de cada letra estão entecidas sugestões e sugestões para o leitor fantasista, amigo da pachorra que devaneia e do fumo crioulo bem palmeado. Enquanto a fumaça escreve no ar a garatuja indecifrável, salta do texto um termo vivo, que os olhos apalpam e o ouvido reproduz, buscando o seu eco no poço da memória.

Vozes que nascem, carreando outras vozes, sopros de gerações repetindo a mesma eufonia incerta, silabadas e modismos em que a força do sentimento gravou a sua marca, transbordando de bocas duras ou carinhosas, vestígios do espírito moldados no barro às vezes simples sobrevivência da vida rude nos trabalhos e dias.

Algumas ainda arrastam a espora, atravessam o tempo num passo decidido. Outras dizem de campos abertos ao galope, e da peleia, da cancha reta ou da longa viajada. Esta sabe a galpão; aquela abre

no fundo da lembrança uma várzea ao sol-entrar, quando o cheiro dos pastos verdes é mais ativo e os banhados refletem uma nesga de céu mais profunda.

Há os castelhanismos petulantes, palavras que parecem a toda hora cobrar um queijo, topar qualquer parada. Há os falsos castelhanismos de muito bom português, quinhentismos retovados ou conservados na província, surdindo improvisadamente na boca de um peão. Não faltam as que sugerem as finais das nossas toadas, embebidas na lonjura... E há também palavras de dedo no lábio, impondo silêncio: querência, pagos, rincão.”

(Augusto Meyer, *Prosa dos Pagos*.)

A

ABERTA, *s. f.* Clareira.

ABICHORNADO, *adj.* I. Desanimado, abatido. // 2. Vexado, envergonhado. // 3. Acovardado, aniquilado. [Cf. *abochoornado* = “quente, abafadiço”, e, no Minho, “adoentado”.]

A BOCHE, *loc. adv.* Em grande quantidade; muito. [De origem espanhola.]

ABOMBADO, *adj.* I. Impossibilitado de continuar viagem por cansaço devido ao calor (diz-se do cavalo). // 2. Esfalfado; exausto; arquejante (animal ou, por extensão, pessoa). [Usado em São Paulo também. Platinismo.]

ABRIR OS PANOS, *loc. verb.* Ir-se embora; fugir; abrir nos paus, abrir-se.

ACHADIO, *adj.* Achadiço. [*Achadio* não está em nenhum dicionário. Talvez seja criação do autor, perfeitamente normal; o sufixo *-io* concorre com *-iço* em muitas palavras: *corredio* e *corrediço*, *escorregadio* e *escorregadiço*, *fugidio* e *fugidiço*, *resvaladio* e *resvaladiço*, etc.]

ACIMENTADO, *adj.* Transformado em cimento. [Não dicionarizado.]

ACOLHERAR-SE, *v. t.* Atrelar ou ajoujar (animais) por meio de colheira. *T. e p.* Unir, juntar. [Do esp. *acollarar*, de uso na Argentina e no Chile nessas acepções, e de emprego geral na língua em sentidos análogos.]

ACOQUINAR, *v. t. e p.* I. Inquietar; amofinar. // 2. Amedrontar, assustar, importunar; aborrecer. [Espanholismo.]

AÇOUTA-CAVALO(S), *s.m.* Árvore tiliácea (*Luehea divaricata*). [Var.: *açoita-cavalo(s)*. O Vocabulário da Academia Brasileira só registra *açoita-cavalos* ou *açouta-cavalos*.]

AFERVENTAR, *v. t.* Apressar. [A acepção é, ao que parece, de todo o Brasil. É de grande uso *aferventado* = “impaciente, alvoroçado; apressado”.]

AFICIONADO, *s. m.* Figueiredo é o primeiro dicionarista que consigna este espanholismo, definindo-o assim: “Entusiasta por corridas de toiros.” No Brasil, ou melhor, no Sul do Brasil, que é onde a palavra tem curso, ela é aplicada em sentido mais amplo, de “amador de uma arte, jogo, esporte, etc.”: aficionado da música, do teatro, do futebol, de carreiras.

AFROUXAR, *v. t.* Deixar escapar; revelar (segredo). [Não dicionarizada esta acepção.]

AGACHADA, *s. f.* I. Investida, arremetida; interpelação inopinada. // 2. Alusão agressiva dirigida a alguém para provocar assunto que lhe é desagradável. // 3. Piada; remoque; saída. // 4. Disparate. [Platinismo.]

AGACHAR-SE, *v. p.* Dispor-se; principiar, começar (a fazer uma coisa). [Platinismo. Múcio Teixeira, nas *Flores do Pampa*, usa a forma *gachar-se*, aferética: “Espojou-se na relva úmida e verde / E *gachou-se* a pastar pelas campinas.” – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, 353.]

AGARRADEIRA, *s. f.* Saliência que se faz na planta do casco do cavalo, com uma legra ou uma faca, a fim de que o animal tenha maior firmeza em terrenos úmidos ou escorregadios. [Platinismo *agarradera*.]

AGARRAR, *v. t.* Tomar (um caminho, uma direção). [Também de uso em São Paulo: consulte-se o vocabulário de *Conversas ao pé do Fogo*, de Cornélio Pires, que traz “*Agarrar* ou *Garrar*”, e veja-se, à p. 61 de *Quem Conta um Conto...*, do mesmo autor: “*Garrei* o mato...”]

AGUADA, *s. f.* Lugar onde vão beber os animais; bebedouro.

AGUAXADO, *adj.* Saturado de água. [Aplica-se ao cavalo que, em razão de muito tempo de descanso, fica tão gordo que não pode fazer marcha longa sem transpirar excessivamente, formando-se uma espuma branca, sobretudo na tábua do pescoço e no lombo.] *Fig.* Diz-se do indivíduo destreinado para certos esforços. [Também usado no Paraná e em São Paulo, pelo menos em referência ao animal: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*, e *O Dialeto Caipira*, p. 72, de Amadeu Amaral, que trata longamente da etimologia da palavra.]

AGÜENTE, *s. m.* Resistência física. [Do platinismo *aguante*.]

A LA CRIA, *loc. adv.* Usada com o verbo *ir* (ou *vir*): ir-se embora; ir ao deus-dará; cair no mundo.

A LA FRESCA!, *loc. interj.* Designa espanto, surpresa, descrença. [Também se usa simplesmente *la fresca*: ver Darci Azambuja, *No Galpão*, pp. 50, 133.]

ALARIFAÇÃO, *adj.* Superl. de *alarife*.

ALARIFAGEM, *s. f.* I. Ação própria de *alarife*. // Esperteza, trapaça.

ALARIFE, *adj.* I. Vivo, esperto; velhaco, trapaceiro. // 2. Desordeiro, venta-furada. [Superl.: *alarifaço*. Do árabe *alarif*.]

ALBARDÃO, *s. m.* Faixa de terra que se ergue entre lagunas, banhados ou charcos. [Do esp. *albardón*. *Argentinismo*.]

ALÇADO, *adj.* Diz-se do gado que se tornou bravo por haver fugido para o mato ou por ter sido deixado ao abandono. [Usado no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*. Do esp. *alzado*. Acepção platina.]

ALCE, *s. m.* I. Trégua; folga; descanso. [Platinismo.] // 2. Ato de alçar ou levantar o cavalo por meio das rédeas. [Espanholismo. Neste

segundo sentido, o termo corre também no Paraná: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

ALDRAGANTE, *adj.* e *s. m.* Tratante, vagabundo. [Está em Laf (Luís Araújo Filho), *Recordações Gaúchas*, p. 65. Luís Carlos de Moraes e Laudelino Freire registram a forma *aldagrante*.]

ALEVIANADO, *adj.* Tornado mais leve, mais leviano.

ALONJAR-SE, *v. p.* Afastar-se, alongar-se. [Não dicionarizado. Cf. Ciro Martins, *Campo Fora*, p. 14.]

AMAGAR, *v. t.* Levar (o corpo) para a frente, quando a cavalo, a fim de dar impulso ao animal. [Espanholismo.]

AMANONSIAR, *v. t.* Amansar (um animal) sem montá-lo; tirar-lhe as manhas. [Do esp. *manosear*. Luís Carlos de Moraes consignou esta última palavra, a par de *amanosear*. Saubidet define *manosear* da seguinte maneira: “Ação de fazer carinhos com as mãos aos potros que estão sendo domados para lhes tirar as cócegas.” Trata-se, pois, de acepção hispano-americana, ou especialmente platina – o Dicionário da Academia Espanhola não a registra – do verbo castelhano correspondente ao nosso *manusear*. Esta última é a forma que usa Ivan Pedro de Martins no seu *Fronteira Agreste*: “Valderedo domava, os baguais se entregavam pouco a pouco, e ele passava horas *manuseando-os*, trabalhando-os para ficarem mansos.” – p. 219. Em Darci Azambuja – *No Galpão*, p. 98 – e em Vargas Neto – *Tropilha Crioula*, p. 68 – vê-se *amanunciar*. No “*Menininbo*” do *Presépio*, Simões Lopes usa *amanusear*.]

AMANUSEAR, *v. t.* Ver *Amanonsiar*.

AMARGO, *s. m.* Mate sem açúcar; chimarrão.

AMARTILHAR, *v. t.* Engatilhar, martilhar, emartilhar.

AMBICIONEIRO, *adj.* Ambicioso. [Também usado em Minas – ver o Dicionário de Figueiredo – e em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 103.]

A MEIA ESPALDA, *loc. adv.* Aplica-se a um modo de laçar que consiste em prender o animal pela cernelha, pelo peito e por um dos membros dianteiros. [Não dicionarizado.]

AMILHADO, *adj.* Diz-se do animal alimentado com milho. [Também empregado em São Paulo, em Goiás e noutros Estados.]

ANDANTE, *s. m.* Viajante. Transeunte. [Usa-se, também, em São Paulo: ver Rute Guimarães, *Água Funda*, p. 115.]

ANGU, *s. m.* Confusão, barulho, arranca-rabo. [De uso talvez em todo o Brasil.]

ANIMALADA, *s. f.* Grande número de animais cavалares. [Também se emprega em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 14.]

ANU, *s. m.* Nome de uma dança (ver *Fandango*). [No *anu*, depois da roda feita, “dizia o marcante: *roda grande*; a esta voz todos se davam as mãos e ao dito do mesmo marcante: *tudo cerra*, a um tempo cerravam a sapateada de mãos dadas; à voz de *cadena* faziam os dançantes mão direita de dama como na quadrilha. Acabado isto cantava o tocador da viola:

O anu é pássaro preto,
Passarinho do verão,
Quando canta à meia-noite
Dá uma dor no coração.

Folgue, folgue, minha gente,
Que uma noite não é nada,
Se não dormires agora
Dormirás de madrugada.”

.....

(Cezimbra Jacques, *Costumes do Rio Grande do Sul*, pp. 93-94.)

APARTE, *s. m.* I. Ato de apartar ou separar o gado, para venda ou outro fim. // 2. Ato ou efeito de apartar, separar, pôr de parte. [Não registrada a última acepção.]

APERADO, *adj.* Encilhado com esmero; ajaezado (cavalo). *Fig.* Bem-vestido. [De apero.]

APEROS, *s. m. pl.* Os preparos necessários para encilhar um cavalo; arreios. [O mesmo que *preparos*. Também se usa no singular. A palavra corre igualmente em São Paulo, no sentido de “instrumentos de caça”. É tomada do espanhol; mas existe a forma portuguesa *apeiro*, com sentidos análogos àqueles em que usa *aperos* Simões Lopes Neto, e na significação corrente em São Paulo. Nesta última, o termo é antiquado em Portugal. Cf. Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 77.]

APERTADO, *s. m.* I. Passagem apertada entre dois precipícios. // 2. Desfiladeiro. // Lugar estreito de rio ou caminho.

APINHADO, *s. m.* Porção de coisas apinhadas; aglomeração, aglomerado. [Não dicionarizado como substantivo.]

APINHOSCAR-SE, *v. p.* Juntar-se, agrupar-se, apinhar-se. [Parece que só é registrado por Luís Carlos de Moraes, que cita um trecho de Simões Lopes (do *Jogo do Osso*). Laudelino Freire consigna *apinhocar*, com sentido menos lato que o de *apinhoscar*.]

APLASTADO, *adj.* Cansado por efeito de certo esforço; abatido, esmorecido. [Diz-se do animal e, por extensão, das pessoas.]

APLASTAR, *v. t.* Tornar aplastado; tirar as forças a. *P.* Tornar-se aplastado; perder as forças.

APORREADO, *adj.* Aplica-se ao cavalo que o domador não conseguiu amansar. [Usado no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

APORREAR, *v. t. e p.* Tornar aporreado.

APOTRADO, *adj.* I. Que tem manhas de potro. // 2. *Fig.* Irascível; grosseiro.

APOTRAR-SE, *v. p.* I. Ficar (o animal) bravio como o potro. // 2. *Fig.* Embravecer, zangar-se.

APRONTAMENTO, *s. m.* Aparelhamento, enfeite.

APURADO, *adj.* Apressado; impaciente.

APURAR, *v. t. e p.* Apressar.

AQUERENCIADO, *adj.* I. Diz-se do animal acostumado a um lugar certo, ou a andar junto com outros animais. // 2. Aplica-se, figuradamente, às pessoas. [Espanholismo. Também usado em Minas – ver J. Guimarães Rosa, *Sagarana*, p. 140 – e, provavelmente, em São Paulo. Ver *Querência*.]

ARISCAR-SE, *v. p.* Tornar-se arisco, esquivo; espantar-se. [Cândido de Figueiredo, que é o primeiro a registrar este verbo, define-o como transitivo: “recusar”, e como pronominal: “ser arisco”, citando, em cada caso, um exemplo de Filinto Elísio. No segundo caso, o exemplo – “de mim, Cloé, te ariscas” – não se harmoniza bem com a definição; em vez de “ser arisco”, fora melhor “esquivar-se, fugir” (ação própria de pessoa ou animal arisco). Taunay – *Léxico de Lacunas* – consigna o verbo como transitivo, com o sentido de “tornar arisco, espantar”, que coincide com a acepção dada à palavra por Simões Lopes Neto.]

ARMADA, *s. f.* Roda que se faz com o laço quando se pretende atirá-lo para prender a rês. [Americanismo.]

ARPISTA, *adj.* Desconfiado; prevenido; assustadiço; arisco. [Também se usa *alpista*.]

ARPISTAR-SE, *v. p.* Mostrar-se arpista; assustar-se. [O mesmo que *alpistar-se*.]

ARRANCA-RABO, *s. m.* I. Discussão, bate-boca. // 2. Barulho, briga, conflito.

ARRANCHAMENTO, *s. m.* Casa de moradia no campo, com seus acessórios – currais, galpões, etc. – ou sem eles.

ARREADOR, *s. m.* Relho comprido com que o campeiro toca os animais. [Americanismo; usado na Argentina, na Colômbia e no Peru.]

ARREGANHADO, *adj.* Aplica-se ao cavalo que, em tempo de calor intenso, depois de marcha imoderada, havendo bebido pouco, é acometido de uma espécie de espasmo que se caracteriza pela contração dos maxilares e das narinas e o faz perder muito em resistência. [No

conto *Penar de Velhos*, em que aparece a palavra, o cavalo “morreu arreganhado”. De uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

ARREGLAR, v. t. e p. Combinar, concertar; arranjar; pôr (as coisas) em ordem. *T.-rel.* Ajustar alguma coisa com alguém. [Espanholismo.]

ARREGLO, s. m. Ato de arreglar. Combinação, ajuste, arranjo. [Espanholismo.]

ARREMATADO, *adj.* Cansado; esfalfado; exausto.

ARRINCONAR, v. t. e p. Arrincoar, acantonar.

ARRISCADA, s. f. Aventura muito perigosa.

ARRODILHAR-SE, v. p. Ajoelhar-se. [Espanholismo – de *arrodillarse* – ainda não dicionarizado.]

ARROLHAR-SE, v. p. 1. Fugir derrotado, intimidado, amedrontado. // 2. Reunir-se, juntar-se em grupo (animais que vão em marcha ou se acham espalhados). // 3. Reunir-se (pessoas). [Do espanhol *arrollarse*.]

ARROUCADO, *adj.* Enrouquecido. [Não dicionarizado.]

ARRUIR, v. t. Destruir, desmoranar. [O verbo aparece em dicionários, mas como intransitivo, no mesmo sentido de *ruir*.]

ARUÁ, s. m. Indivíduo brigão; valentão, puava.

ÀS CANSADAS, *loc. adv.* Depois de muita demora; com muito esforço. [Do americanismo *a las cansadas*, que se pode ver em Güiraldes, *Don Segundo Sombra*, p. 251.]

ASPAS, s. f. pl. Chifres, guampas (quando ainda estão no animal). [De uso em grande parte do Brasil.]

ASPA-TORTA, s. m. Indivíduo turbulento, desordeiro; ventana.

ASSOLEADO, *adj. e s. m.* Diz-se do, ou o animal que, por haver andado muito ao sol quente, fica doente do aparelho respiratório, tornando-se facilmente cansável. [Do esp. *asoleado*.]

ATAR, v. t. Ajustar, contratar (carreira).

ATILHAR, v. t. Prender com atilho. [Não dicionarizado.]

ATORAR, *v. t.* Cortar, torar.

ATOSSICAR, *v. t.* Instigar para o mal; dar mau conselho a.

AVIOS, *s. m. pl.* O conjunto de objetos necessários para determinados fins: *avios de fogo* – o isqueiro, a pederneira, etc.; *avios de mate* – a cuia, a bomba e a erva; *avios de pescaria* – o anzol, as iscas, etc.; *avios de caça*, *avios de carpinteiro*...

AZONZADO, *adj.* Meio zozno, meio tonto. [Não dicionarizado.]

AZULEGO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalar ou muar cujo pêlo é de um azul quase preto, entremeado de pintas brancas, produzindo um reflexo azulado. [Também usado em São Paulo. Cf. o americanismo *azulejo*.]

B

BAGUAL, *s. m. e adj.* 1. Potro recém-domado. // 2. Cavalo novo e arisco. *Adj.* 1. Arisco; espantadiço. // 2. Grossoiro, rústico. // 3. Muito grande. [Usado também no Paraná, na forma *baguá*, menos no último sentido: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*; e na mesma forma, em relação a animal, em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 95. Do emprego do termo com referência a boi, em Santa Catarina, cite-se esta abonação: “O Antônio Rego, que viera dos Ratonos com uma tropa de bois xucros: o Justino já tinha apartado um para a vara; era um *bagual*, o raio, procurava a gente que nem um cachorro e, na Cachoeira, segundo diziam, partira dous laços só de um tirão!...” – Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 68. Fem.: *baguala*.]

BAGUALADA, *s. f.* 1. Manada de baguais. // 2. Os baguais em geral. [Também de uso em Minas: ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 13.]

BAIO, *s. m.* Cigarro feito de fumo crioulo e palha de milho.

BALANÇANTE, *adj.* Que balança. [Não dicionarizado. Cf. Cornélio Pires, *Conversando ao pé do Fogo*, p. 42.]

BALANDRAU, *s. m.* Nome dado ao *poncho de pala*, ou *pala* simplesmente, o qual tem no meio, como a opa, uma abertura por onde é enfiado no pescoço. [“Vocábulo já em desuso”, segundo Callage. Na acepção de certa espécie de opa, e noutras acepções ligadas à idéia de vestimenta, é velhíssimo no português; encontra-se, por exemplo, em D. Duarte, escritor da primeira metade do século XV: “E sse alguu quiser reger sobre roupa, deve resguardar se é de tal guisa que torvar o possa, e aquesto se for de seda ou chapada, por que nom se rege bem sobr’ela, ou se a manga do gibom for apertada, ou curta, ou a manga do *balandrau* assi feita que nom leixe bem meter a lança de sso-braço.” – *Livro da Ensinança de bem Cavalgar Toda Sela*, p. 81.]

BALASTRACA, *s. f.* Patacão argentino ou uruguaio.

BAMBURRAL, *s. m.* Vegetação arbustiva que viceja nos lugares úmidos e nas roças ou cercados abandonados.

BANCAR-SE, *v. p.* Montar; sentar-se. [Não dicionarizado nesta acepção.]

BANDEAR, *v. t.* Atravessar; traspasar. *P.* Passar-se para o outro lado.

BANHADO, *s. m.* Terreno alagadiço; pântano, brejo. [Também usado em Santa Catarina – veja-se Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 28 – e em São Paulo – ver Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 87.]

BANHEIRO, *s. m.* Lugar onde se toma banho. [Vai registrada aqui a acepção, não só por não ser portuguesa como porque difere um pouco da que geralmente damos à palavra no Brasil. *Banheiro*, entre nós, é, de ordinário, o *quarto*, o *recinto* de banho, enquanto no trecho de Simões Lopes Neto é o *lugar* – o arroio – onde se toma banho.]

BARBARIDADE!, *interj.* Exprime espanto, admiração.

BARBICACHO, *s. m.* Cordão ou couro entrançado que, tendo as extremidades presas ao chapéu, passa por baixo do queixo, segurando aquele à cabeça. [Também se usa o termo em outros Estados; o seu emprego em São Paulo, onde é talvez mais corrente o sinônimo *barbela*, é documentado por Valdomiro Silveira – *Os Caboclos*, p. 175 – e em

Minas, por Guimarães Rosa – *Sagarana*, p. 199. Há no Paraná o sinônimo *queixinho*: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

BARROSO, *adj.* Diz-se do boi de cor branca amarelada. Há diversas tonalidades: *barroso claro*, *barroso amarelo*, *barroso vermelho*, *barroso fumaça*. [Termo conhecido talvez em todo o Brasil.]

BARULHAR, *v. t.* Fazer barulho ou bulha com. [Não registrado como transitivo nesta acepção.]

BASTEIRA, *s. f.* Ferida produzida no lombo do animal por defeito ou mau estado do lombilho.

BATATA, *s. f.* Divisa, galão. [Não dicionarizado este sentido.]

BATE-BARBAS, *s. m.* Discussão acalorada; bate-boca, bate-barba. [Não dicionarizado.]

BATER A ALCATRA NA TERRA INGRATA, *loc. verb.* Cair no chão. [Não dicionarizado neste sentido. Callage consigna a expressão, dando-lhe o significado de “morrer”.]

BATER ORELHA, *loc. verb.* I. Ser igual a outro, da mesma força. // 2. Ter destino igual ao de outro. [O mesmo que *bater orelhas*.]

BERZABUM, *s. m.* Tumulto, balbúrdia, briga, bafafá, gangolina.

BIBI, *s. f.* Erva da família das iridáceas (*Cypella plumbea*), cuja raiz é comestível.

BICHARÁ, *s. m.* Poncho feito de tecido grosseiro de lã.

BICHAREDO (ê), *s. m.* Bicharada, bicharia. [Figura entre *Algumas Vozes Regionais do Paraná*, de Silva Murici.]

BICOTA, *s. f.* Beijoca; beijo, boquinha.

BIGUÁ, *s. m.* Ave aquática de cor preta, da família dos carbonídeos (*Carbo vigua*).

BOCHINCHADA, *s. f.* I. Ato de promover bochinche ou conflito. // 2. Pagodeira, pândega. [Não está dicionarizado na última acepção.]

BOCHINCHE, *s. m.* Esta palavra está em Simões Lopes Neto no sentido de *boliche*, isto é, “taverninha, bodega”. Erro de revisão, certamente: *bochinche* é “baile reles” e “desordem, briga”. Tenha-se, aliás, em vis-

ta o seguinte: no conto *Jogo do Osso*, onde aparece *bochinche* por *boliche*, o autor se refere a “um *bochinche* meio arreventado”, cujo dono “era um sujeito alarifaço, cá pra mim, desertor, meio espanhol, meio gringo”; pois num dos *Casos do Romualdo*, intitulado “O Gringo das Língüças”, Simões Lopes nos dá a conhecer “um gringo ruivo, torto, de cabelo à escovinha”, “o qual tinha um *boliche* mui arreventado”, e pouco depois escreve: “Verdade que eu não estava almoçando na mesa do boliche e sim na da família do gringo.” É de notar que o qualificativo dado ao *boliche* é o mesmo nas duas histórias: “meio arreventado”; e que na segunda aparece a palavra *boliche* duas vezes. (Através dos naturais disfarces da ficção é possível – observe-se de passagem – reconhecer no “gringo ruivo, torto”, de um dos contos, o mesmo “sujeito alarifaço”, “meio espanhol, meio gringo”, do outro.) No entanto o *Diccionario de Americanismos*, de Augusto Malaret, consigna, entre as acepções de *bochinche*, a de “pulperia o taberna de pobre aspecto”, vale dizer *boliche*.

BOCÓ¹, *adj. e s. m. e f.* Tolo, pateta, acriançado. [Usado em todo o Brasil, talvez.]

BOCÓ², *s. m.* Alforje ou bolsa de couro não curtido, ainda com o pêlo do animal. [Também usado em São Paulo e outros Estados.]

BOICININGA, *s. f.* Nome tupi da cobra cascavel (*Crotalus terrificus*). [A palavra é formada “de *Mboi*, cobra, e *cinínga*, soante, chocalhante”: ver Afonso A. de Freitas, *Vocabulário Nheengatu*.]

BOIGUAÇU, *s. f.* Cobra grande. [Palavra de origem tupi, não dicionarizada.]

BOLAÇO, *s. m.* 1. Golpe dado com as bolas. // 2. Tiro de bolas.

BOLANDINA, *s. f.* 1. Agitação, atrapalhação: azáfama, bolandas. // 2. Trapalhada; trampolinada.

BOLAS, *s. f. pl.* Ver *Boleadeiras*. [Também usado em Minas; ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 13.]

BOLEADEIRAS, *s. f. pl.* Aparelho que serve para prender o animal em campo aberto. É formado por três esferas de pedra ou de ferro envol-

vidas num couro espesso – *retovo* – ou, ainda, por pequenos cacos de panela de ferro que, no mesmo envoltório, tomam forma arredondada. Estas esferas ligam-se entre si por meio de cordas de couro, denominadas *soga das boleadeiras*. Duas das bolas são de igual tamanho, e a terceira, menor, chamada *manicla* ou *manica*, é a que o boleador empunha para manejar o conjunto. [O mesmo que *bolas*, *pedras* e *três-marias*.]

BOLEADO, *s. m.* Superfície boleada, torneada, arredondada. [Não registrado como substantivo nesta acepção.]

BOLEADOR (ô), *s. m.* Aquele que atira as bolas ou boleadeiras.

BOLEAR, *v. t.* Atirar as bolas ou boleadeiras a (o animal), para apanhá-lo. BOLEAR A PERNA, *loc. verb.* Apear-se do cavalo.

BOLICHE, *s. m.* Pequena casa de negócio; bodega, taberninha.

BOLICHEIRO, *s. m.* Proprietário de boliche.

BOLIVIANO, *s. m.* Moeda boliviana de prata, que tinha curso no Rio Grande do Sul e valia, aproximadamente, 800 réis.

BOMBACHA, *s. f.* Calças muito largas, apertadas acima dos tornozelos por meio de botões; muito usadas pelos campeiros. [A palavra, que se emprega mais no plural, é antiga na língua, e designava “calções largos, que se atavam por baixo dos joelhos” – Figueiredo. No Rio Grande do Sul as bombachas são “de uso relativamente moderno” – escreve Luís Carlos de Moraes – “pois, na descrição da indumentária gaúcha, feita [na obra *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*] por Nicolau Dreis, que por aqui esteve em 1817..., não se encontra esta vestimenta”. Usa-se também o termo em Goiás: ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 178. Em João do Rio, carioca, lê-se: “Fuzileiros navais ébrios, malandros de *calça bombacha*, marinheiros, formavam grupos perigosos, fora da calçada.” – *Dentro da Noite*, p. 265.]

BOMBPEAR, *v. t. e int.* Espionar; espreitar, observar, vigiar.

BOMBEIRO, *s. m.* Espião ou observador do campo inimigo; esculca.

BOQUINHA, *s. f.* Beijo, bicota. [Usado talvez em todo o Brasil.]

BOTEIRO, *s. m.* Aquele que governa um bote.

BRAÇADA, *s. f.* Movimento ou gesto do braço.

BRAGADO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou animal vacum ou cavalariço que tem grandes manchas brancas pela barriga.

BRASINO, *adj.* Diz-se do animal bovino ou do cão cujo pêlo é vermelho com listras pretas ou quase pretas. [Também conhecido em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 153. Simões Lopes Neto estende aos gatos o uso do adjetivo.]

BRUACA, *s. f.* I. Maleta de couro para transporte de objetos sobre animais. // 2. *Fig.* Mulher ordinária, sem pudor; rameira. [Também usado em São Paulo.]

BUÇAL, *s. m.* Peça do arreio, muito complexa, feita de couro, e que se põe na cabeça e pescoço do cavalo. Compõe-se de *cabeçada*, *focinheira*, *fia-dor* e *cedeira*. [Do americanismo *bozal*. No paulista Cornélio Pires – *Quem Conta um Conto...*, p. 16 – vê-se a forma *buçá*; está entre aspas, naturalmente como indicação de que se trata de pronúncia popular.]

PASSAR O BUÇAL EM, *loc. verb.* Enganar, lograr.

BUÇALETE, *s. m.* Peça do arreio, semelhante ao buçal, porém menor do que este, e menos grosseira. [Também se usa em São Paulo.]

BUENAÇO, *adj.* Muito bom ou bondoso; excelente; generoso; afável. [Também se diz *buenacho*. Superl. de *bueno*.]

BUENO, *adj.* Bom, bondoso. *Adv.* Está bem; muito bem; perfeitamente. [Palavra espanhola.]

BURACAMA, *s. f.* I. Porção de buracos (nas estradas). // 2. Série de buracos.

BUTIÁ, *s. m.* I. Fruto do butiazeiro. // 2. Butiazeiro. [Existe também noutros Estados.]

BUTIAZEIRO, *s. m.* Espécie de palmeira (*Cocos capitata*), de cujo fruto, comestível, se faz licor. [Também existe em outros Estados.]

BUZINA, *adj.* Raivoso, colérico. [O termo está registrado em *Algumas Vozes Regionais do Paraná*, de Silva Murici, como “indivíduo estróina, endiabrado”.]

C

CABELAMA, *s. f.* O conjunto dos cabelos ou pêlos de um animal; pelame. [Não registrado nesta acepção.]

CABORTEIRO, *adj.* I. Diz-se do cavalo manhoso, infiel, arisco, velhaco. // 2. *Fig.* Aplica-se à pessoa velhaca, tratante, que não merece confiança. [Há em São Paulo *caborteiro* – ver *O Dialeto Caipira*, p. 99 – e *caborteiro* – ver Cornélio Pires, *Conversas ao pé do Fogo*, p. 14.]

CABOS-NEGROS, *adj.* Aplica-se ao cavalo baio ou gateado que tem os quatro pés, a clina e a cauda pretos.

CABRESTEAR, *v. int.* I. Andar conduzido pelo cabresto. // 2. Obedecer facilmente à tração do laço.

CABRESTILHOS, *s. m. pl.* Correias estreitas de couro, ou correntes de metal, que prendem a espora ao pé. [Também se usa no singular.]

CACHIMBO, *s. m.* Cálice (de flor).

CAFIFE, *s. m.* I. Pequeno cofre, ou bandeja, em que se recolhe o barato nos jogos de cartas ou no de víspora. // 2. *P. ext.* O barato.

CAIAMBOLA, *s. m.* Escravo que andava fugido, e que muitas vezes se acoitava em quilombos. [O mesmo que *canbembora*, *canbambora*, *canbambola*, *calbambora*, *quilombola*.]

CAJETILHA, *s. m.* Sujeito presumido; janota, almofadinha. [Nome dado pela gente do campo aos rapazes da cidade. O *j* é aspirado. Do platinismo *cajetilla*.]

CALAVERA (ê), *s. m.* Indivíduo velhaco, caloteiro, caborteiro. [Espanholismo.]

CALIFÓRNIA, *s. f.* Corrida de cavalos, em que tomam parte mais de dois, muito usada outrora no Rio Grande. CALIFÓRNIA DE CHICO PEDRO, *loc. s. f.* Nome por que é conhecida a luta que, de fins de 1849 a 1850, travou o Coronel Francisco Pedro de Abreu (mais tarde general e Barão do Jacuí) contra as forças da República Oriental (Uruguai), pelo fato de haver o governo desse país confiscado, ou onerado com pesadíssimos impostos, as propriedades dos brasileiros ali resi-

dentos. Estes aproveitaram a ocasião para de lá conduzir os seus gados ao Rio Grande do Sul, onde ficavam garantidos. Muitas extorsões e abusos se praticaram durante essa peleja, na qual foi derrotado Chico Pedro. [“Este vocábulo” – escreve Romaguera Correia – “tira sua origem, sem dúvida, do fato de, em outros tempos, dirigir-se muita gente à Califórnia em busca de ouro que naquele Estado abundava; e, como nessas corridas (califórnia) são muitos os competidores e todos – com a sede de ganhar, talvez daí, analogicamente, tenha-se-lhes dado aquela denominação; assim também se explica o emprego dessa palavra para indicar essa luta acima referida, em que também predominava, além de outros sentimentos, a cobiça de lucros.”]

CALOMBO, *s. m.* Espécime de uma raça bovina outrora abundante no Rio Grande do Sul e hoje desaparecida, na qual os touros apresentavam pescoço muito curto, com uma saliência volumosa (*calombo*) na parte anterior. [Simões Lopes emprega a palavra em sentido figurado, facilmente compreensível pelo conjunto.]

CAMBARÁ, *s. m.* Nome comum a várias árvores ou arbustos da família das compostas, das verbenáceas e outras, e de que há muitas variedades, algumas tidas como de valor medicinal.

CAMBUIM (ím), *s. m.* Árvore mirtácea (*Myrcia sphaerocarpa*). Var. de *cambuí*; não dicionarizada.]

CAMELADA, *s. f.* Grupo de camelos, q. v.; os camelos.

CAMELO, *s. m.* Ver *Caramuru*.

CAMORRA, *s. f.* Provocação, desafio; indireta. COMPRAR A CAMORRA, *loc. verb.* Reagir a uma provocação; picar-se.

CAMOTE, *s. m.* I. Namoro. // 2. O namorado. [Camote vem do mexicano *camotli*, “batata”. Arona – *Diccionario de Peruanismos* – dá como “batata-doce ou de Málaga”. Exposto ao sol, o camote – escreve o mesmo Arona – “se recuce tanto, que al asarlo al rescoldo, se resquebraja y chorrea miel por todos lados, volviéndose empalagoso de puro dulce”. E três linhas adiante: “Tener un camote o estar encamotado”

es muy corriente por “estar enamorado.” O dicionarista não estabelece relação entre o sentido dessas expressões e a idéia de doçura, de mel, que o camote desperta; mas a relação parece bem clara.]

CAMPEAR, *v. t. e int.* I. Procurar gado pelos campos. // 2. Procurar, esquadrinhar. [O termo é de uso, talvez, em todo o Brasil. Seu emprego em São Paulo, documenta-o Valdomiro Silveira – *Nas Serras e nas Furnas*, p. III; na Paraíba, documenta-o José Américo de Almeida – *A Bagaceira*, p. 37.]

CAMPEIRAÇO, *s. m.* Campeiro muito experimentado, profundo conhecedor dos segredos de seu ofício.

CAMPEIRADA, *s. f.* I. Porção de campeiros. // 2. Os campeiros.

CAMPEIREAR, *v. int.* Trabalhar no campo com o gado.

CAMPEIRO, *s. m.* I. Aquele que trabalha no campo com o gado. // 2. Aquele que sabe trabalhar no campo. [Também de uso em Goiás: ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 165.]

CAMPESTRE, *s. m.* I. Campo no meio da mata. // Clareira gramada.

CANA DE RÉDEA, *loc. s. f.* Uma das correias com que se fazem as rédeas.

CANARINHO, *s. m.* Espécie de canário. [Figueiredo, que é o primeiro a registrar o termo, dá-o como da ilha da Madeira.]

CANCHA, *s. f.* I. Pista de carreira de cavalos. // 2. Lugar onde se realizam jogos. // 3. Paradeiro habitual; lugar predileto. // 4. Espaço; lugar.

CANCHEAR, *v. t.* I. Bater as folhas de (a erva-mate), depois de seca, reduzindo-a a pedacinhos. // 2. Moer, triturar (a erva-mate).

CANCHEIRO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalo habituado a correr na cancha. *S. m.* Empregado que cuida das canchas. [Não dicionarizado nesta última acepção.]

CANDONGUEIRO, *adj.* I. Aplica-se ao animal manhoso, que foge com a cabeça quando se lhe quer pôr o freio ou o buçal. // 2. *Fig.* Diz-se de pessoa manhosa, arteira, esquiva. [No sentido figurado, também circula em São Paulo: ver Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 104.]

- CANHA, *s. f.* Aguardente de cana; cana, cachaça. [Do esp. *caña*.]
- CANHADA, *s. f.* Vale profundo; grande depressão; baixada.
- CANHONAÇO, *s. m.* I. Tiro de canhão. // 2. *Fig.* Fato ou notícia que provoca extraordinário abalo. [A primeira acepção, comum a Portugal e ao Brasil, está dicionarizada; a segunda, não.]
- CANJICA, *s. f.* Espécie de sopa de milho quebrado ou pilado, ao qual se adiciona açúcar, leite e, às vezes, canela. No Rio Grande do Sul, também se usa sem açúcar ou sem leite, ou pode o milho ser cozido com o charque.] *Pl.* Os dentes.
- CAPÃO, *s. m.* Indivíduo fraco, pusilânime, vil. [Não dicionarizado este sentido.]
- CAPIM-LIMÃO, *s. m.* Erva gramínea (*Elionurus candidus*).
- CAPINCHO, *s. m.* I. O macho da capivara. // 2. Filhote de capivara.
- CAPOROROCA, *s. f.* Designação onomatópica de uma ave da família dos anatídeos (*Coscoroba coscoroba*), a qual no Brasil habita apenas o Rio Grande do Sul. É um tipo de cisne, de corpo inteiramente branco.
- CARACA, *s. f.* Rugas que surgem na base dos chifres dos vacuns, quando vão envelhecendo. [Diz-se também *craca*.]
- CARAMINGUÁS, *s. m. pl.* I. Arreios velhos e quase sem préstimo. // 2. Objetos de pouco valor; cacarecos, badulaques. // 3. Dinheiro miúdo, pouco. [Também conhecido na Amazônia: ver Amando Mendes, *Vocabulário Amazônico*. Antenor Nascentes dá o termo, no singular – em seu *O Linguajar Carioca em 1922* –, com a acepção de “dinheiro”.]
- CARAMURU, *s. m.* Denominação que os republicanos de 1835 (Revolução Farroupilha) davam aos legalistas. [O mesmo que *camelo* e *galego*.]
- CARA-VOLTA, *s. f.* Meia-volta; volta instantânea para trás. [Do platinismo *cara-vuelta*.]
- CARCHEAR, *v. int. e t.* I. Apoderar-se indevidamente de animais e coisas, por ocasião das revoluções, sob falso pretexto de necessidades militares. // 2. *Fig.* Roubar, furtar.

CARCHEIO, *s. m.* I. Ato de carchar. // 2. *Fig.* Roubo; modo sumário como o roubo (o jogo, por exemplo) de apossar-se dos bens alheios.

CARGOSEAR, *v. t.* Importunar, perseguir; fazer corte insistente a.

CARGOSO (ô), *adj.* Importuno, impertinente; renitente.

CARGUEIREAR, *v. int.* Trabalhar com animais cargueiros. *T.* Transportar em animais cargueiros.

CARNEAR, *v. int.* Esfolar a rês. *T. I.* Esfolar (a rês). // 2. Esfolar.

CARONA, *s. f.* Peça do arreamento: manta de couro, que se põe por baixo do lombinho. IR OU ESTAR PELAS CARONAS, *loc. verb.* Estar em situação difícil, penosa.

CARPETA (ê), *s. f.* Pano que cobre a mesa do jogo.

CARQUINCHO, *adj.* Seco; enrugado, encarquilhado. [Alguns dicionários dão, com o mesmo sentido, *carguincha*. Um deles, o de Luís Carlos de Moraes, cita Simões Lopes Neto erradamente, trocando a primeira forma pela segunda.]

CARREIRA, *s. f.* Disputa entre animais de corrida em campo raso. [O mesmo que *carreiramento*.] ATAR CARREIRA, *loc. verb.* Contratá-la, ajustá-la. CARREIRA GRANDE, *loc. s. f.* A carreira principal, numa reunião para carreiras. [“A carreira grande, por um costume antiqüíssimo, realiza-se sempre às duas horas da tarde. Antes dela nenhuma é corrida” — lê-se no *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, de Luís Carlos de Moraes. Ver *Parada e Luz*.]

CARREIRO, *s. m.* Fileira, fila, carreira. [Não dicionarizada esta acepção.]

CARRETA, *s. f.* Carro de bois. [Em Portugal, nesta acepção, é provincianismo, e no Brasil também, pois, como observa Luís Carlos de Moraes, só se usa no Rio Grande do Sul.]

CARRETAME, *s. m.* Grande número de carretas; carretama. [Não dicionarizado.]

CARRETÃO, *s. m.* Carreta pequena, usada para serviços leves, nas estâncias, e puxada por uma só junta de bois.

CARRETEIRO, *s. m.* Condutor de carreta. [O mesmo a que nos Estados do Norte e outros do Brasil, bem como em Portugal, se dá o nome de *carreiro*.]

CARRINHO, *s. m.* Os maxilares. [Mais usado no pl.]

CARUMBÉ, *s. m.* Jabuti macho, em pleno desenvolvimento.

CASO, *s. m.* História, conto, narração. PRO CASO, *loc. adv.* Aliás; diga-se de passagem; por sinal. [Não dicionarizada a locução neste sentido.]

CASTELHANADA, *s. f.* Grupo de castelhanos (filhos do Uruguai ou da República Argentina).

CATIVO, *adj.* Cativante, sedutor. [Não dicionarizado nesta acepção.]

CATURRITAR, *v. int.* Falar muito; palrar, tagarelar.

CAÚNA, *s. f.* Erva-caúna.

CAVALEIRADA, *s. f.* Ação irregular; proeza, cavalaria. [Não dicionarizado.]

CERDEAR, *v. t. e int.* Cortar as cerdas do animal; tosquiari. [Cf. *Recordações Gaúchas*, de Laf (Luís Araújo Filho), p. 92. Não dicionarizado. Platinismo *cerdear* ou *cerdiar*: te he de quitar la costumbre / de *cerdiar* *yeguas ajenas*” – *Martín Fierro*, p. 173. Saubidet – *Vocabulario y Refranero Criollo* – registra as duas formas.]

CERNOSO (ô), *adj.* Que tem cerne espesso. [Não dicionarizado.]

CHÁ-DE-CASCA-DE-VACA, *s. m.* Surra de relho. [Também usado no Ceará: ver Leonardo Mota, *Sertão Alegre*, p. 246.]

CHAIRAR, *v. int. e t.* Afiar a faca num afiador de aço denominado *chaira*.

CHANGUEIRO, *s. m.* Parelheiro, ou cavalo de cancha, para pequenas corridas; parelheiro medíocre. [Dimin.: *changueirito*.]

CHAPE-CHAPE, *s. m.* Chão duro; terreno seco e áspero.

CHAPULHAR, *v. int.* Chapinhar. [Não dicionarizado.]

CHARQUEADOR (ô), *s. m.* Proprietário de charqueada.

CHARRUA, *adj. e s. m. e f.* Diz-se de, ou indivíduo dos charruas, tribo de índios que outrora habitava o Rio Grande, dominando o extremo sul do Estado.

CHASQUE, *s. m.* Mensageiro, estafeta, próprio. [Do quíchua *chasqui*. Platinismo, que o Dicionário da Academia Espanhola grafa com *i* final, Granada e Arona com *e*, Saubidet de ambas as formas. Quanto à grafia e à significação, ver Granada, *Vocabulario Rioplatense*.]

CHÊ!, *interj.* Indica espanto, ou zombaria, e serve também para chamar a atenção da pessoa a quem se fala. [Do platinismo *ché*; pronuncia-se *tché*.]

CHICO, *adj.* Pequeno. [Espanholismo usado também em Portugal, e que parece só estar registrado em Augusto Moreno.]

CHILCA, *s. f.* Arbusto daninho, da família das compostas (*Eupatorium Virgatum*). [Também se diz *chirca*.]

CHILENAS, *s. f. pl.* Grandes esporas, de rosetas muito grandes. [Também de uso em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 37 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 17.]

CHIMARRÃO, *adj. e s. m.* I. Diz-se de, ou mate sem açúcar, que se toma em cuia; mate amargo, amargo. // 2. Diz-se de, ou animal doméstico que se tornou selvagem, bravio; alçado. [De uso também no Paraná, no primeiro sentido: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

CHINA, *s. f.* I. Descendente ou mulher de índio; cabocla. // 2. Mulher morena de aspecto semelhante ao das chinas. // 3. Mulher de vida fácil. [No paulista Valdomiro Silveira vê-se a palavra na segunda acepção: *Os Caboclos*, p. 101.]

CHINAREDO (ê), *s. m.* Grande número de chinas; as chinas. [O mesmo que *chinerio*.]

CHINERIO, *s. m.* Chinaredo.

CHINOCA, *s. f.* Dimin. de china; caboclinha. [O mesmo que *piguancha*. Também se usa *chininha*, *chinoquinha*.]

CHINOCÃO, *s. m.* Chinoca bonita, fornida, vistosa.

CHIRIPÁ, *s. m.* Vestimenta sem costura, usada outrora pelos homens do campo: constava de um metro e meio de fazenda, que, passando

por entre as pernas, era presa à cintura, nas extremidades, por uma cinta de couro ou pelo tirador. [Do quíchua *chiri*, “frio”, e *ppacha*, “roupa ou veste” – Malaret, *Diccionario de Americanismos*. Que o chiripá está hoje em desuso, ou quase, prova-o a seguinte quadra popular – *apud* Callage, *Vocabulário Gaúcho*:

“A gaita matou a viola,
O fósforo matou o isqueiro,
A bombacha o *chiripá*,
A moda o uso campeiro.”]

CHIRU, *s. m.* Índio, caboclo.

CHURRASCO, *s. m.* “Carne sangrenta assada no espeto.” (Callage). Luís Carlos de Moraes, porém, escreve: “Dá-se este nome ao assado feito sobre as brasas, isto é, jogando-se o pedaço de carne fresca diretamente sobre as brasas, sem auxílio de espeto, ao passo que o assado propriamente dito, isso que por aí se diz erroneamente churrasco, é feito recorrendo-se ao auxílio do espeto, no qual é a carne espetada e assim levada ao fogo, sem nunca tocá-lo diretamente. Churrasco pode ser feito com a carne com o couro ou sem ele.” A definição de Romaguera Correia – “pedaço de carne sangrenta e mal assada sobre as brasas ou labaredas” – confirma a de L. C. de Moraes. Assim também a de Tito Saubidet: “Asado hecho sobre las brasas o cenizas calientes.”

CHURRASQUEAR, *v. int.* I. Comer churrasco. // 2. Tomar refeição ligeira. // 3. Comer. *T.* Comer.

CHUSPA, *s. f.* Bolsinha feita com a pele do papo da avestruz, ou de outro couro, ou de pano, para guardar dinheiro, fumo e papel de cigarro, ou outras coisas. [Americanismo. Do quíchua *chchuspa*. Não dicionarizado.]

CHUVISQUEIRO, *s. m.* Chuva miúda; chuvisco. [Também se emprega em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 49 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 170.]

CINCHA, *s. f.* Uma das peças do arreamento: a que aperta o lombilho.

CINCO MANDAMENTOS, *loc. s. m. pl.* I. Os cinco dedos da mão. // 2. A mão. [Também se usa em Portugal.]

CLINUDO, *adj. e s. m.* I. Diz-se de, ou animal de clinas grandes. // 2. *Fig.* Aplica-se ao indivíduo cabeludo.

COGOTILHO, *s. m.* Tosadura que se faz nas crinas do cavalo acompanhando a volta do pescoço. MEIO COGOTILHO, *loc. s. m.* O que vai só até a metade do pescoço.

COGOTUDO, *adj.* Que tem o cogote ou cangote proeminente; pescoçudo.

COIMEIRO, *s. m.* O depositário da coima, isto é, da parada, no jogo do osso. [O próprio autor define o termo (p. 213).]

COLA, *s. f.* Cauda de animal. [A palavra é do antigo português, mas seu uso no Rio Grande do Sul resulta, certamente, de influência castelhana. Emprega-se, também, em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 174.]

COLETARIA, *s. f.* Coletoria. [Não dicionarizado. Erro de revisão? Cf. *mercadaria* em Azurara, *Guiné*, p. 176, e em D. Duarte, *Leal Conselheiro*, p. 130. Em nota à palavra, neste último livro, escreve Joseph M. Piel: “Temos aqui o sufixo *-aria*, como em *mercearia*. A forma atual *mercadoria* baseia-se em *mercador*”. Assim, *coletaria* poderá ser formada de *coleta* + *-aria*, ou ser uma alteração de *coletoria*, sob a influência de vocábulos terminados em *-aria*. *Mercadaria* também não aparece nos dicionários.]

COLHERA, *s. f.* I. Peça de couro ou de metal com que se prende um animal a outro, pelo pescoço. // 2. O conjunto dos dois animais presos pela colhera. // 3. *Fig.* Aplica-se a duas pessoas muito ligadas, que andam sempre juntas.

COLHUDO, *adj. e s. m.* Qualificativo do, ou cavalo não castrado.

COLMILHUDO, *adj. e s. m.* I. Diz-se de, ou cavalo de grandes colmillos e, portanto, velho, imprestável. // 2. *Fig.* Aplica-se também às pessoas de idade avançada.

COLORADO, *adj.* Vermelho. *S. m.* Animal cavalariço ou muar de cor vermelha.

COLOREADO, *s. m.* Cor vermelha. [Não dicionarizado.]

COLOREAR, *intr.* Mostrar-se, aparecer, em sua cor vermelha.

COMO QUERA (é), *loc. conj.* Como quer que seja; seja como for; de qualquer modo; apesar disso; ainda assim. [Em Darci Azambuja vê-se, com o mesmo sentido, *como quer. No Galpão*, p. 19.]

COMPADRADA, *s. f.* Bazófia, gabolice, fanfarronada, gauchada.

COMPANHIA, *s. f.* Companhia. [Os dicionários, em geral, registram a palavra como desusada ou antiga, nesta acepção. Possivelmente será por influência do espanhol *compañía* que Simões Lopes lhe terá dado tal sentido.]

CONCHAVAR, *v. t.* Contratar os serviços de. *P.* Entrar para o serviço de uma estância ou de uma casa qualquer; alugar-se.

CONFIANÇA, *s. m.* Empregado (ou animal) de confiança, com que se pode contar em qualquer situação. [Não dicionarizado neste sentido e gênero.]

CONFORME, *adv. conj.* Logo que. *Conj.* À medida que. [Não dicionarizado nestas acepções.]

CONTINENTE, *s. m.* Nome dado ao Rio Grande do Sul desde os tempos coloniais até à Revolução de 1835.

CONTINENTISTA, *s. m.* Antiga designação dos habitantes do Rio Grande do Sul (*Continente*, q. v.) e, especialmente, dos farroupilhas.

CONTRAPONTEAR-SE, *v. p.* Altercar; ter desinteligência. [Não dicionarizado nesta acepção.]

CONTRATAR, *v. t.* Fazer contrato ou pacto com. [Não dicionarizado neste sentido.]

CONTRAVOLTA, *s. f.* Volta, volteio, giro em sentido contrário ao do anterior.

CONVIDANTE, *adj.* Que convida: convidativo. [Não dicionarizado.]

CONVIDAR-SE, *v. p.* Combinar (os corredores, entre si) o começo da corrida, a largada.

CORAÇONADA, *s. f.* Aquilo que o coração diz; pressentimento, palpíte. [Do esp. *corazonada*.]

CORDEONA, *s. f.* Gaita de foles; sanfona, acordeão.

CORINCHO, *s. m.* Arrogância; proa; topete; fanfarronada. [Usa-se em geral na expressão QUEBRAR O CORINCHO = acabar com a bazófia, com a arrogância (de alguém) – equivalente à frase nortista *quebrar a castanha*.]

CORONILHA, *s. f.* Árvore ramnácea, também conhecida por *espinho-de-touro* (*Scutia buxifolia*); sua madeira, de grande densidade e extraordinária resistência, é empregada em mourões. *S. m. e adj. Fig.* Indivíduo forte, resistente, valente, disposto.

CORRUIRA, *s. f.* Pássaro trogloditídeo (*Troglodytes aedon*), também chamado, em partes diversas do Brasil, *cambaxirra*, *carriça*, *garricha*, *garricho*, *garrincha*, etc.

CORTADO, *s. m.* Labor que se faz, cortando; recorte. [Não dicionarizado neste sentido.]

CORTAR-SE, *v. p.* Separar-se, afastar-se.

COSQUILHOSO (ô), *adj.* I. Muito sensível às cócegas; coceguento. // 2. *Fig.* Que se melindra facilmente; suscetível. [Não está dicionarizada a última acepção.]

COSTILHAR, *s. m.* I. A região das costelas do vacum. // 2. A carne que se tira dessa região, juntamente com as costelas, para fazer assado. // 3. O assado feito dessa carne.

COUREAR, *v. int. e t.* Tirar o couro de animal que morreu no campo, de peste, magreza ou desastre.

COVA-DE-TOURO, *s. f.* Escavação que faz o touro com os chifres e as patas quando se prepara para a luta.

COXILHA, *s. f.* Campina com pequenas e grandes elevações, espécie de colina geralmente coberta de pastagem, e onde se desenvolve a indústria pastoril. [Do esp. *cuchilla*. A boa grafia, pois, deveria ser *cochilha*, como usa Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 4ª ed., p. 26 –, ou *cuchi-*

lha, como está no Dicionário de Laudelino Freire – obras escritas, ambas, na ortografia simplificada de 1931, a qual, como a de 1942, fixou a escrita *coxilha*. A palavra também corre em Santa Catarina: cf. Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 26.]

COXILHÃO, *s. m.* Coxilha muito extensa.

CRACRÁ, *s. m.* Onomatopéia designativa da voz da coruja. [Não dicionarizado.]

CRIOULO, *s. m.* Originário do país, da região, do lugar onde vive.

CRUZA, *s. f.* Produto de cruzamento (de raças).

CRUZADA, *s. f.* I. Encruzilhada, encruzada. // 2. Ato de cruzar; cruzamento. [Não dicionarizado nestas acepções. A primeira é do espanhol.]

CRUZEIRA, *s. f.* Variedade de cobra jararaca (*Bothrops alternatus*), muito venenosa, também chamada, em outras partes do Brasil, *cruzeiro*, *urutu*, *urutu-cruzeiro*, etc.

CUÊ-PUCHA!, *interj.* Exprime admiração, espanto. [O mesmo que *cuê-puna!* e *cuna!*]

CUERUDO, *adj.* Que tem cuera ou cueras. [*Cueras* são cicatrizes no lombo do animal, resultantes de feridas causadas pelo contacto dos arreios. Esse contacto pode sempre ocasionar a reabertura da chaga.]

CULATRA, *s. f.* A retaguarda de um rebanho.

CULATREAR, *v. t.* I. Seguir na culatra de (o gado), tangendo-o. // 2. *Fig.* Ir no encaço de; perseguir. [Não dicionarizado na acepção figurada.]

CULO, *s. m.* Está excelentemente definido pelo próprio autor (p. 213).

CUNAI, *interj.* Ver *Cuê-pucha!* [Forma reduzida da *ai-cuna*; esta, por sua vez, procede do americanismo *aijuna*, que já é contração de *ab! hijo de una!* Não dicionarizado.]

CUPINUDO, *adj. e s. m.* Qualificativo de, ou touro que tem grande cupim ou giba.

CUSCADA, *s. f.* I. Porção de cuscós; os cuscós. // 2. *Fig.* Gente ordinária, fraca, imprestável. [Não dicionarizado.]

CUSCO, *s. m.* Cão pequeno, de raça ordinária. [Também se chama *guaipeva*, *guaipeca* ou *guaipé*.]

CUTUBA, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou indivíduo forte, valente, disposto, destemido. [O mesmo que *taura*, *torena* ou *turuna*.]

D

DANÇAROLA, *s. f.* Bailarico, dança. [Não dicionarizado.]

DE AGALHAS, *loc. adj.* Forte; vistoso; admirável. [Não dicionarizada esta acepção. Alguns léxicos registram *agalbudo* = “esforçado, forte, audaz”.]

DE ATRAVESSADO, *loc. adv.* De través, de esguelha, de lado. [Não dicionarizado.]

DEBOCHEIRA, *s. f.* Grande troça ou deboche; zombaria, deboche.

DE BOLAPÉ, *loc. adv.* Ora nadando, ora andando (por estar cheio o rio, não permitindo que se tome pé durante toda a travessia). [O mesmo que *a bolapé*. Do esp. *a volapié*.]

DE CARACARÁ, *loc. adv.* De pouco ou nenhum valor; de cacaracá. [Não dicionarizado.]

DE CHAROLA, *loc. adv.* “E a Tudinha lá foi, *de charola*.” Poder-se-á entender “carregada”, como o santo que vai *de charola* ou *em charola* (no andor); ou se tomará mais figuradamente a expressão, entendendo-se que a Tudinha seguiu acompanhada de perto pelos seus admiradores, que a cortejavam tanto, mostrando-se tão fervorosos, que parecia estarem levando uma santa no andor. Comentando esta passagem das *Memórias de um Sargento de Milícias*: “Caminhavam eles [os meninos] em charola atrás da procissão”, João Ribeiro diz que se lhe afigura “pouco clara”, aí, a palavra *charola*, “que significa – *andor*, – o que é impossível depreender do contexto do parágrafo”; e adiante escreve: “Alguns dos meninos, a que

se refere o romancista, podiam ir nos ombros de outros. Parece, porém, que, no Rio de Janeiro, *ir em charola* quer dizer ir em multidão ou com acompanhamento numeroso, sempre em sentido depreciativo.” – *Autores Contemporâneos*, p. 71 [O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* registra a expressão *levar em charola* = “levar alguém carregado por ocasião de uma manifestação de apreço”, significado que, como se vê, nada tem de depreciativo. *De charola* não está dicionarizado, e *em charola* aparece, creio, pela primeira vez no *Pequeno Dicionário*; é provável que ambas as locuções sejam conhecidas apenas no Brasil.]

DE COMPANHEIROS, *loc. adv.* Em companhia; juntos. [Não dicionarizado.]

DE CORPO QUADRADO, *loc. adv.* Ver *Quadrar*.

DE ESCOTEIRO, *loc. adv.* A cavalo, sem impedimento, sem embaraço, isto é, sem conduzir animais ou sem ser acompanhado de viaturas: *viajar de escoteiro*. [Não dicionarizado. Também se usa sem o *de*, no mesmo sentido.]

DEFUNTEAR, *v. t.* Matar. [Não dicionarizado. Alguns léxicos registram *defuntar* (intr.) = “morrer”.]

DE JÁ HOJE, *loc. adv.* Há pouco, ainda há pouco.

DE JEITO, *loc. adj.* Oportuno, propício. [Não dicionarizado. Luís Carlos de Moraes consigna *dar no jeito* = “vir a calhar”.]

DE MÃOS ABERTAS, *loc. adj.* Liberal, generoso, não apegado ao dinheiro.

DE MI FLOR, *adj.* O melhor possível; excelente. [Cf. José Hernandez, *Martín Fierro*: “Ni los mirones salvaron / de esa arriada *de mi flor*” – p. 38.]

DENTE-SECO, *adj. e s. m.* Destemido, valente, audacioso.

DE RÉDEA NO CHÃO, *loc. adv. e adj.* I. Inteiramente manso, fiel (cavalo). // 2. *Fig.* Submisso a outrem; vencido; apaixonado.

DESABOTINADO, *adj.* Estouvado, estourado; valentão, quebra. [Também circula em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 64.]

DESAPRESILHAR, *v. t.* Desprender (o que estava apresilhado). [Os dicionários só registram *apresilhar*.]

DESCASCAR, *v. t.* Ver *Pelar*.

DESGOVERNO, *s. m.* Falta de governo, de orientação; desorientação, desnorreamento. [Não dicionarizado neste sentido.]

DESGUARITAR-SE, *v. p.* Desgarrar-se do rebanho ou do bando; extraviar-se, perder-se. [Corre em São Paulo também: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. II2.]

DESLOMBAR-SE, *v. p.* Extenuar-se, exaurindo-se. [Os dicionários dão o verbo somente como transitivo, e em acepções que, embora aparentadas com a de Simões Lopes Neto, dela diferem bastante.]

DESMANEAR, *v. t.* Tirar a mania de (animal).

DESMUNHECAR, *v. t.* Cortar a munheca a; decepar ou quebrar a mão de.

DESOVAR, *v. t.* Revelar, desembuchar. [Não dicionarizado nesta acepção.]

D'ESPACITO, *adv.* Devagar, pouco a pouco, de *espacito*. [*De espacito* – como registram Luís Carlos de Moraes e Laudelino Freire – e *d'espacito* são adaptações portuguesas do espanhol *despacito*. Adaptações aceitáveis, pois o português tem a locução adverbial *de espaço* e o sufixo *-ito* é também da nossa língua. Callage grafa, injustificavelmente, *despassito*, e Darci Azambuja, *d'espasito*.]

DESPARRAMAR-SE, *v. p.* Esparramar-se.

DESPILCHADO, *adj. e s. m.* I. Diz-se de, ou aquele a quem despojaram das *pilchas* – isto é, do dinheiro ou jóias, arreios, etc. – ou que delas se desfez. // 2. Que, ou aquele que não tem pilchas; pobre.

DESPONTAR, *v. t.* Atravessar (um curso de água) pelas nascentes ou pontas, onde, sendo menor o volume do líquido, mais fácil é a passagem.

DESTORCIDO, *adj.* Ágil, destro, desembaraçado, decidido. [Usa-se, também, em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 125 –

em Goiás — ver Bernardo Élis, *Ermos e Gerais*, p. 85 — e em outros Estados; talvez em todo o Brasil.]

DE UM TUDO, *loc. p.* Tudo o que é necessário, ou que se pode imaginar; de tudo. [Não dicionarizado.]

DOBLA, *s. f.* Dobra, antiga moeda portuguesa cujo valor e cunho variaram nos diversos reinados. [Os dicionários dão *dobla* como forma antiga; o uso relativamente moderno dessa forma no Rio Grande será influência do espanhol. Contudo, ela aparece no carioca Martins Pena, em sua comédia *A Família e a Festa da Roça*, representada pela primeira vez em 1840: “No ano passado comprei um sítio a José Pinote por quatro *doblas*, para pagar duas *doblas* no fim de seis meses, e duas no fim de um ano.” — *Comédias*, p. 31.]

DOBLÃO, *s. m.* Dobrão, antiga moeda de ouro. [Os dicionários não consignam a forma *doblão*, procedente do espanhol *doblón*.]

DOBLE E LUZ, *loc. s.* Ver *Luz*.

DORME-DORME, *s. m.* Ave ardeídea, de bela plumagem (*Nycticorax nycticorax*). [Também se chama *dorminhoco*, *socó*, *garça-dorminhoca*.]

DORMILÃO, *adj. e s. m.* Dorminhoco. [Fem.: *dormilona*. Não dicionarizado. Do espanhol *dormilón*.]

E

ECHAR CUENTAS DE GRAN CAPITÁN, *loc. verb.* Indica a exorbitância das parcelas de uma conta feita arbitrariamente e sem a devida justificação, em alusão às que Gonzalo Fernández de Córdoba, alcunhado “el Gran Capitán”, apresentou, depois de haver conquistado o reino de Nápoles, ao rei Fernando o Católico, a pedido deste. Eis aqui algumas de tais parcelas: “duzentos mil e setecentos e trinta e seis ducados e nove reais em frades, monjas e pobres para que rogassem a Deus pela vitória das armas espanholas”; “em pás, picaretas e alviões, cem milhares”; “cem mil ducados em pólvora e balas”; “dez mil duca-

dos em luvas perfumadas para preservar as tropas contra o mau cheiro dos cadáveres de seus inimigos estendidos nos campos de batalha”; “cento e sessenta mil ducados em pôr e renovar sinos destruídos à força de tanto repicar todos os dias por novas vitórias alcançadas contra o inimigo”; “três milhões em missas pelos mortos”; e – ao cabo de tudo – “cem milhões pela minha paciência ao ouvir ontem que o rei pedia contas a quem lhe presenteou um reino”. [No *Diccionario de Refranes*, de Sbarbi, de onde foram tirados estes apontamentos, está “echar las cuentas del Gran Capitán”. À p. 137 dos *Contos Populares Brasileiros*, de Lindolfo Gomes, lê-se: “O homem refugou a *conta* que lhe pareceu de *grão-capitão*”.]

EGUADA, *s. f.* Manada de éguas.

EGUARIÇO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalo que só acompanha éguas, na manada; garanhão, pastor.

ÊH-PUCHA!, *interj.* Cuê-pucha! cuna! [Também se diz *la pucha*: “Quando me lembro, *la pucha*, / Da china que deixei lá, / Sinto um repuxo por dentro / Que nem sei o que será.” – Vargas Neto, *Tropilha Crioula*, p. 51.]

ELAS POR ELAS, *loc. adv.* Uma coisa pela outra. [Esta definição, conveniente ao matiz de sentido em que o autor emprega *elas por elas*, deverá ser ampliada quando se tiver em vista o significado mais corrente da expressão, usual, ao que parece, em todo o Brasil. Em frases como: “se se meter comigo, já sabe, é *elas por elas*”, entenda-se: “pago-lhe *na mesma moeda*”, “é *olbo por olbo, dente por dente*”.]

EMBALANTE, *adj.* Embalador. [Não dicionarizado.]

EMBELECO (ê), *s. m.* O sentido em que usa Simões Lopes este vocábulo será, possivelmente, o de “coisa que embeleca”, isto é, que cativa, que atrai – sentido que se pode deduzir do começo da definição dada por Figueiredo: “ato ou efeito de embelecar”. Blau Nunes iria comprar “aperos e armas e roupas, um lenço grande e umas botas, outro cavalo, umas esporas” (coisas antes necessárias que de enfeite), “e em-

belecos” (coisas supérfluas, objetos de adorno, que agradam à vista). Talvez não seja fantasia admitir a hipótese de erro de revisão: *embelecos* estará por *embelezos*, “coisas que embelezam” (Morais, 4.^a ed.). [Segundo os lexicógrafos, *embelezo* é termo desusado. As palavras de pouco ou nenhum curso não são muito raras nas *Lendas do Sul*, particularmente na *Salamanca*, onde aparece *embeleco*.]

EMBRABECER, v. *int.* e *p.* Embravecer, enfurecer-se.

EMBRETADA, s. *f.* Situação difícil; apuros; enrascada.

EMBRETADO, *part. pass.* I. Encerrado no brete, corredor que fica junto ao curral ou ao banheiro carrapaticida, e pelo qual o gado passa, para ser pegado. // 2. Metido em lugar apertado, de onde dificilmente poderá sair. // 3. Emaranhado.

EMBRULHÃO, *adj.* Embrulhado, complicado, confuso, atrapalhado. [Fem.: *embrullbona*. Não registrado nos dicionários. Vem do espanhol *embrollón*.]

EMBUÇALAR, v. *t.* Enganar; lograr; iludir com boas maneiras.

EMPACHOLADO, *adj.* Metido a pachola; trajado como um pachola. [Não dicionarizado.]

EMPANDILHAR-SE, v. *p.* Reunir-se em pandilha.

EMPANTUFAR-SE, v. *p.* Encher-se, enfumar-se. [Este sentido, figurado, não vem em nenhum dicionário. Observe-se que *enfumar-se* tem a significação de “retesar-se, encher-se”, e, figuradamente, “mostrar-se orgulhoso”. Em *empantufar-se*, Simões Lopes tira da acepção, já figurada, de “mostrar-se orgulhoso”, a de “enfumar-se”.

EMPASTALHADO, *adj.* Empastado. [Não vem nos dicionários.]

EMPEÇAR, v. *t.*, *int.* e *rel.* Começar. [O termo, que no Brasil só é usado no Rio Grande do Sul, “talvez por influência platina”, como lembra Luís Carlos de Moraes, é também provincianismo trasmontano e minhoto.]

EMULITAR-SE, v. *p.* Desaparecer, ocultar-se, encantar-se (como a mulita ao entrar na toca). [Não dicionarizado.]

ENANCAR-SE, *v. p.* Montar nas ancas (de animal). [Americanismo, não dicionarizado.]

ENCONTROS, *s. m. pl.* I. Parte do peito do animal entre as espáduas. // 2. O peito do animal. [A palavra, nestas acepções, embora os dicionários a dêem como peculiar ao Rio Grande do Sul, é, ou foi, também conhecida em Portugal; veja-se este passo de Fr. Luís de Sousa, onde ela aparece, no singular: “Entrando pola tranqueira da aldeia diante dos companheiros, foi recebido de três mouros de cavalo que acudiam ao rebate; mas tal manha se deu com eles que derribou um com a lança e outro com o *encontro* do cavalo” – *Anais de D. João III*, II, 88.]

ENCORDOADO, *adj.* Enfileirado. “A serrania encordoada”, isto é, cujos montes se acham enfileirados, seguidos, sem solução de continuidade. *S. m.* Conjunto de coisas encordoadas. [Não dicionarizado o *s.*; nem o *adj.* nesta acepção.]

ENCORDOAMENTO, *s. m.* O conjunto das cordas; as cordas. [Os dicionários só registram como “ato de encordoar”.]

ENCORDOAR, *v. int. e p.* Seguir um atrás de outro, na marcha, formando filas (animais e, figuradamente, pessoas). [O mesmo que *encordoar marcha*.]

ENCORRENTADO, *s. m.* Indivíduo acorrentado, encadeado. [Dicionarizado apenas como adjetivo, e em outra acepção.]

ENFESTADO, *adj.* Dobrado, reforçado, de compleição robusta. [Não dicionarizado neste sentido.]

ENFORQUILHADO, *part. pass.* I. Preso na forquilha. // 2. *Fig.* Montado mal a cavalo, com deselegância.

ENFRENAR, *v. t.* Pôr o freio em (animal); enfrear. [Espanholismo.]

ENGAMBELADO, *adj.* Enganado capciosamente; engabelado.

ENGATANHADO, *adj.* Em forma de gadanho; agadanhado. [A palavra, que não figura nos dicionários, deve ter sido formada sob a influência de *agatanhar*, alteração de *agadanhar* no sentido de “arranhar”.]

ENGRÓLIO, *s. m.* Embrulho, embrulhada, trapaça. [Não dicionarizado.]

ENQUARTADO, *adj.* Que tem os quartos fortes e cheios (animal ou, por extensão, pessoa).

ENREDADA, *s. f.* Trama, enredixa. [Não dicionarizado. Cf. *Enredixa*.]

ENREDAR-SE NAS QUARTAS, *loc. verb.* Atrapalhar-se; perturbar-se; enredar-se.

ENREDIÇA, *s. f.* Trama; rede; entrançado; emaranhamento. [Os dicionários, em geral, só apontam a acepção de “designação genérica das plantas trepadeiras ou sarmentosas” – acepção em que Simões Lopes não usa o termo. Teschauer define: “ato ou efeito de enredar, enredo”, citando dois exemplos, um deles de Araújo Porto Alegre – *Colombo*, canto VI – no qual o vocábulo está em sentido quase de todo igual ao em que o emprega Simões Lopes Neto.]

ENTECADO, *adj.* I. Inerte, imóvel, sem ação. // 2. Enfezado, sem viço.

ENTECAR, *v. int.* Enfermar; enfezar-se.

ENTONADO, *adj.* Que tem entono; soberbo, arrogante. [Os dicionários não consignam.]

ENTREVERAR-SE, *v. p.* Misturar-se, confundir-se.

ENTREVERO (ê), *s. m.* Mistura, confusão de pessoas, animais ou coisas. [Nos combates, diz-se que há entrevero quando os diversos beligerantes, no ardor da luta, se confundem, se misturam, sem obedecer ao comando, num verdadeiro corpo-a-corpo. Nas *Flores do Pampa*, de Múcio Teixeira, vê-se *entrevelo*, forma não dicionarizada: “– Vais a ver. Nesse *entrevelo* / Vi-me longe e sem cavalo, / Pois um pisou-me no calo / E o outro num tornozelo.” – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, 353.]

ENTROPIGAITADO, *adj.* Perturbado, confuso; tonto; embriagado; entupigaitado. [Também se usa em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 204.]

ENTROPILHAR, *v. t.* I. Reunir (cavalos do mesmo pêlo) para viverem sempre juntos. // 2. Reunir; reunir a si. // 3. P. Reunir-se, juntar-se.

ENVIDAR, *v. t.* Apostar, jogar, arriscar ao jogo. [Não dicionarizado nesta acepção.]

ENXUGAR, *v. t.* Matar, assassinar. [Em Fialho de Almeida vê-se “enxugar a fome” – *O País das Uvas*, p. 72.]

ERVA-CAÚNA, *s. f.* Variedade de mate de qualidade inferior, e amargo (*Ilex amara*). [Também se diz simplesmente *caúna*.]

ESCARAMUÇAR, *v. int.* I. Fazer escaramuças, isto é, movimentos seguidos e repentinos de rédeas, que dão lugar a que o cavalo mude continuamente de direção, ora avançando, ora recuando, ora voltendo-se para a direita ou para a esquerda. // 2. Fazer (o cavalo) esses movimentos para a frente e para trás, à direita e à esquerda. // 3. Fazer (o cão) movimentos análogos, geralmente como demonstração de prazer. [Não dicionarizados os dois últimos empregos do verbo, o qual aparece como transitivo neste passo de *Quem Conta um Conto...*, de Cornélio Pires: “Ao chegar à cidade, o caboclo *escaramuçava* o pampa” – p. 19.]

ESCARCEAR, *v. int.* Baixar e levantar a cabeça, briosamente (o cavalo).

ESMOLEIRO, *adj.* Que dá esmolos; caritativo, esmoler. [Nos dicionários a palavra aparece no sentido oposto. Cf. *esmolar*, que tanto significa “pedir” como “dar esmola”, e *esmoler*, que tem no Brasil, sobretudo na linguagem popular, a significação de “mendigo”, isto é, “o que pede esmola”, ao invés de “o que dá esmola”.]

ESPINILHO, *s. m.* I. Árvore leguminosa mimosoídea (*Acacia farnesiana*). // 2. Árvore rutácea (*Xantoxylon precox*). [Produzem uma flor amarela.]

ESPUMENTO, *adj.* Espumoso. [Não dicionarizado.]

ESSE, *s. m.* Parte do fação entre o cabo e a lâmina, com a forma de um *s*. [Também usado em São Paulo: ver Cornélio Pires, *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 39.]

ESTAFARÉU, *s. m.* Grande tumulto; caso sério; um deus-nos-acuda. [Não dicionarizado.]

ESTÂNCIA, *s. f.* Estabelecimento rural, de criação de gado; fazenda de criação; fazenda.

ESTANCIEIRO, *s. m.* Proprietário de estância; fazendeiro.

ESTANQUEADO, *adj.* Esfalfado, estrompado, abombado; rebentado. [Não dicionarizado nesta acepção.]

ESTAQUEAR, *v. t.* 1. Estirar (o couro), prendendo-o ao chão por meio de estacas, para que seque. // 2. Atar (alguém), pelos quatro membros, a estacas, ficando a vítima suspensa do chão e com o rosto voltado para cima (uso antigo). // 3. *P.* Estacar; parar de repente; ficar imóvel, confuso. [Não dicionarizado na última acepção.]

ESTICANTE, *adj.* Que se pode esticar; que estica. [Não dicionarizado.]

ESTICAR O MOLAMBO, *loc. verb.* Morrer; esticar a canela; esticar. [Não dicionarizado.]

ESTIVA, *s. f.* Grande quantidade, espalhada; grande quantidade. [Não dicionarizado neste sentido.]

ESTIVADO, *adj.* Cheio, repleto. [Corrente, também, noutros Estados; no goiano Carvalho Ramos lê-se: “o solo *estivava-se* duma aluvião de pétalas lílases” – *Tropas e Boiadas*, p. 165.]

ESTRAMBÓLICO, *adj.* Forma pop. de estrambótico, bastante usada.

ESTRANSILHADO (*z*), *adj.* Estafado, esfalpado, extenuado (cavalo e, figuradamente, pessoa). [Figueiredo e alguns outros lexicógrafos consignam *estransilhado* somente como provincianismo português, no sentido de “muito acanaveado, muito magro” – sentido proximamente ligado ao que tem a palavra no Rio Grande do Sul.]

ESTROMBAR, *v. t.* Romper, rasgar, arrombar. [Relaciona-se com *estrompar*? Não dicionarizado.]

F

FACHUDO, *adj.* Garboso; elegante; distinto.

FALARAZ, *s. m.* Falatório. [Não dicionarizado.]

FALA-VERDADE, *s. m.* Arma de uso pessoal – facão, faca de ponta, pistola, etc. [No paulista Cornélio Pires lê-se: “Porva; espingarda e cutia, / um facão fala-verdade; / e ua viola de harmonia / pra chorá minha sodade.” – *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 26.]

FANDANGO, *s. m.* I. Designação genérica de antigas danças sapateadas (o *anu*, o *balaio*, o *cará*, o *cerra-baile*, a *chimarrita*, o *feliz-amor*, a *galinha-morta*, o *pega-fogo*, a *quero-mana*, a *recortada*, a *retorcida*, a *serrana*, a *tirana*, o *tatu*, etc.), com duas músicas, tocadas na viola: uma para se bailar e outra para se cantar, nos pequenos intervalos da dança. Até 1840 eram divertimento da alta classe – os antigos estancieiros – descendo depois “até as senzalas dos peões”. “Nas sapateadas do *fandango* havia certos puxados de pé, cuja execução dependia de uma ginástica bem difícil, pois que cerravam todos a um tempo a sapateada, batiam com o salto do botim, ou com a roseta da espora sem interromper a dança e no mesmo tempo faziam o puxado.” “Para dançar formavam os cavalheiros com seus pares uma grande roda; as senhoras não sapateavam, se limitando a imprimir ao corpo certos meneios assistidos de castanholas.” – Cezimbra Jacques, *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, pp. 92-93. // 2. *Fig.* Briga, barulho, gangolina.

FAREJAR CATINGA AGOURENTO NO AR, *loc. verb.* Pressentir incidente desagradável. [Não dicionarizado.]

FARRAPO, *s. m. e adj.* Ver *Farroupilha*.

FARROUPILHA, *s. m. e adj.* Apelido deprimente (tornou-se depois honroso) que os legalistas (*caramurus*) davam aos insurretos da revolução rio-grandense de 1835. [O mesmo que farrapo.]

FAZEDOR (*ô*), *adj.* Que faz o bem; benfazejo. [Parece esta a acepção – embora um pouco forçada – que se pode deduzir do contexto. Os dicionários registram a palavra somente como substantivo, e com outra significação. Como adjetivo aparece ela muitas vezes, no *Livro da Instrução de bem Cavalgar Toda Sela*, de Dom Duarte, aplicada ao cavalo, no sentido de “rebelde”, conforme a definição do glossário apenso a

essa obra; veja-se, p. ex., 60: “Se [a] alguu dizem que cavalgue em alguu cavalo fazedor, e el, receando perigoo ou vergonha, o nom ousa fazer, claramente mostra que nom tem naquele feito a voontade segura.” *Fazer* aparece no mesmo livro na acepção – também consignada no glossário – de “embravecer”; veja-se: “E as spendas da sela, se ouver de cavalgar em besta que *faça*, sejam taais que se nom abalem per de so as pernas”. – p. 32. Creio que se há de subentender, aí, um objeto direto do verbo *fazer*: manha, velhacaria. Cf. o significado de *fazer* em altanaria: “perseguir a caça”. Assim, cavalo fazedor será o “que faz *manbas*” e mãos fazedoras aquelas “que fazem o *bem*”.

FAZER BOCA, *loc. verb.* I. Comer alguma coisa para que o vinho saiba melhor. // 2. *Fig.* Fazer alguma coisa como ponto de partida para uma ação mais importante. [Não está nos dicionários o sentido figurado.]

FAZER-SE DE SANCHO RENGO, *loc. verb.* Fazer-se de tolo, de desentendido. [Não dicionarizado. Do platinismo *hacerse el chancho rengo*.]

FAZER UM FACHADÃO, *loc. verb.* Fazer ótima figura, pela boa aparência, pela beleza ou elegância. [Não dicionarizado. Cf. *fachudo* e o sentido de “presença, semblante, aparência”, que tem a palavra *fachada*.]

FERVIDO, *s. m.* Cozido (nome de um prato). [Também se diz *puchero*.]

FESTO, *s. m.* Festa, festejo, baile.

FIADOR (ô), *s. m.* Parte do buçal que, passando pela região jugular do cavalo, lhe cinge o pescoço. GANHAR DE FIADOR: ganhar na carreira (o cavalo) só pela distância que vai da cabeça até a garganta.

FIEL, *s. m.* Alça de couro no cabo do rebenque ou do relho, na qual se introduz a mão para empunhá-los.

FILA TESTA, *loc. s.* Fila da testa, isto é, da frente, da vanguarda.

FLACO, *adj. e s. m.* Fraco. [Espanholismo.]

FLECHOSO (ô), *adj.* Semelhante a uma flecha ou seta. [Não dicionarizado.]

FLETE, *s. m.* Cavalo bom, árdego, de bela aparência. [Americanismo.]

FOGACHAR, *v. int.* Despedir fogachos; deitar fogo. [Não dicionarizado.]

FOGUEAR, *v. t.* Irradiar, despedir, lançar de si (coisa semelhante a raios, como eram as cores que saíam da velha a que se refere o autor). [Não dicionarizado nesta acepção.]

FOLHEIRO, *adj.* 1. De boa aparência; bem-disposto. // 2. Desembaraçado; desempenado. // 3. Garrido. // 4. Alegre.

FORÇUDO, *adj.* Que tem muita força; robusto, vigoroso.

FRENTEAR, *v. rel.* Defrontar-se; deparar. [Não dicionarizado nesta acepção.]

FUEIRAR, *v. t.* Alancear; furar, espetar. [Não dicionarizado.]

FUMACEAR, *v. int.* Mostrar-se em bando numeroso e mais ou menos compactado. [Não dicionarizado. Em *Sagarana*, de J. Guimarães Rosa, encontra-se a palavra, mas em outro sentido: “Meu espírito *fumaceou*, por ares de minha só posse, e fui, por inglas de Inglaterra, e marcas de Dinamarca, e landas de Holanda e Irlanda.” – p. 189.]

FUNGU, *s. m.* Feitiço, bruxaria. [Não dicionarizado.]

FUSCO-FUSCO, *s. m.* Lusco-fusco. [Não dicionarizado.]

G

GADARIA, *s. f.* 1. Grande quantidade de gado. // 2. As reses de uma estância.

GAGINO, *s. m.* Galo cuja plumagem se assemelha à da galinha. [Simões Lopes Neto usa a palavra em relação a um homem, com sentido depreciativo, portanto – sentido não dicionarizado.]

GALÃO-LARGO, *s. m.* Militar de alta graduação. [Não dicionarizado.]

GALOADO, *adj.* Agalado. [Não dicionarizado.]

GALOPEADO, *adj.* Semelhante ao galope; que pela velocidade se aproxima do galope. [Não dicionarizado neste sentido.]

GALOPEAR, *v. int.* Galopar. *T. I.* Treinar (o cavalo) para carreira // 2. Amansar (o potro).

GALPÃO, *s. m.* Construção destinada ao abrigo de homens e animais e à guarda de material, etc. [Nele em geral se reúnem para as refeições e dormem os peões das estâncias, e agrupados em torno do fogão mantêm e contam “casos”.]

GAMBELO (ê), *s. m.* Coisa boa, gostosa, agradável, deliciosa.

GAMBETA (ê), *s. f.* Movimento desordenado que faz um animal com o corpo, para escapar do seu perseguidor.

GAMBETEAR, *v. int.* Fazer gambetas.

GANDOLA, *s. f.* Peça que substitui o capote, usada por militares.

GANGOLINA, *s. f.* Rixa, conflito, briga.

GANIÇAR, *v. int.* Ganir. [Taunay – *Léxico de Lacunas* – dá o verbo como usado em Goiás. Resulta, seguramente, do cruzamento de *ganir* com *esganiçar*.]

GANJENTO, *adj.* Vaidoso, presumido, enganento.

GARGALEJADO, *adj.* Cujo ruído lembra o do gargarejo ou gargalejo. [Vêm-se nos léxicos as duas últimas palavras, a segunda como forma popular; mas nenhum deles dá *gargalejado*, nem *gargarejado*.]

GARGANTEAR, *v. t.* Fazer sair o conteúdo de (uma bolsa, um saco, etc.), virando-os. [Não dicionarizado.]

GARRÃO, *s. m.* I. Jarrete do animal (e, por extensão, das pessoas).

AFLOXAR OU AFROUXAR O GARRÃO, *loc. verb.* I. Dobrar as pernas, perdendo a força, ao subir uma lomba. // 2. *Fig.* Acovardar-se ante o adversário; perder o ânimo; amedrontar-se, afrouxar. [Nas *Flores do Pampa*, de Múcio Teixeira, vê-se, neste sentido figurado, *murchar o garrão*: “Quase *murchei o garrão*; / E já no tranco seguia, / Quando se abeira o vigia / E aponta-me outro rincão.” – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, 353. E no mesmo sentido se emprega, no Paraná, *molear o garrão*: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*. Embora *afloxar* seja forma portuguesa antiga, ao lado de *afrouxar*, o seu uso no Rio Grande do Sul e no Paraná terá vindo através do esp. *aflojar*.]

GARRAS, *s. f. pl.* I. Arreios velhos e grosseiros. // 2. Arreios.

GATEADA, *s. f.* Onça (moeda de ouro).

GATEAR, *v. int.* Andar de rastros, cautelosamente, para aproximar-se da caça. *T.* Caçar, apanhar, usando esse ardil.

GAUCHADA (a-u), *s. f.* I. Grande número de gaúchos ou guascas, isto é, de homens do campo. // 2. Os gaúchos. [O mesmo que *gauchagem*.]

GAUCHAGEM (a-u), *s. f.* Grande porção de gaúchos ou guascas; gauchada. [Não dicionarizado nesta acepção.]

GAUCHÃO, *adj.* Rústico, inculto.

GAÚCHO, *s. m.* Designação do habitante do campo do Rio Grande do Sul, oriundo, na maior parte dos casos, de portugueses, espanhóis ou indígenas, dado geralmente à vida pastoril e notável pelo seu valor e agilidade.

GAUDÉRIO, *adj.* Diz-se do cão sem dono, que anda errante. *Adj. e s. m.* Diz-se de, ou pessoa sem abrigo, sem pouso certo, como cão gaudério.

GENTAMA, *s. f.* Grande quantidade de gente; multidão.

GINETAÇO, *s. m.* Aument. de *ginete*.

GINETE, *s. m.* Bom cavaleiro; o que monta a cavalo com elegância e firmeza.

GINETEAR, *v. int.* I. Cavalgar bem. // 2. Andar em cavalo arisco ou xucro. // 3. Agüentar corcovos.

GOLA-DE-COURO, *s. m.* Soldado, milico. [Não dicionarizado.]

GOLPEADO, *adj.* Que toma resoluções de golpe, irrefletidamente; leviano, impulsivo, tonto. [Não dicionarizado.]

GOLPEAR, *v. int.* Latejar. [Não dicionarizado.]

GRAXAIM (a-ím), *s. m.* Ver *Guaraxaim*.

GUABIJU, *s. m.* I. Nome comum a árvores das mirtáceas, e de seus frutos. 2. O fruto do guabiju (I), semelhante à jabuticaba, porém menor.

GUABIROBA, *s. f.* Nome comum a várias árvores e arbustos mirtáceos, de fruto comestível.

GUAIACA, *s. f.* Cinto largo de couro – ordinariamente com bordados e às vezes enfeitado de moedas de prata e ouro – com bolsos para guardar dinheiro e pequenos objetos e uma parte em que se carregam armas. [Do quíchua. O termo é também usado em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 166. Nas *Flores do Pampa*, de Múcio Teixeira, encontra-se *goiaca*: “E para mais picardia / Achei-me nessa fundura / Sem meu facão na cintura / E de *goiaca* vazia.” – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, 353.]

GUA�PEVA, *s. m.* Cusco. [Formas paralelas: *guaipeca*, *guaipe*, e, em São Paulo, *guaipeva* e *guapeca*. Estas duas figuram no glossário dos *Caboclos*, de Valdomiro Silveira; a última pode ver-se também à p. 35 do mesmo livro. *Guapeca* é de uso, igualmente, no Paraná: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

GUAJUVIRA, *s. m.* Árvore borraginácea (*Patagonula americana*), que dá excelente madeira de construção; guajuvira-branca.

GUAMPA, *s. f.* I. Chifre, aspa. // 2. Chifre preparado para servir de copo ao viajante, ou de vasilha para guardar líquidos. [Usado também no Paraná e em São Paulo. Platinismo, de origem quíchua segundo o Dicionário da Academia Espanhola; “talvez quíchua”, na opinião de Granada. Em Minas, Mato Grosso e Goiás diz-se *guampo*: ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. II: Visconde de Taunay, *Inocência*, p. 206, e Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 63.]

GUAMPADA, *s. f.* Golpe dado pelo animal com as guampas; guampaço, chifrada.

GUAMPUDO, *adj.* I. Que tem grandes chifres. // 2. Diz-se do marido de adúltera; chifrudo. [Na segunda acepção, vê-se também a palavra no paulista Iago Joé – *Briguela*, p. II.]

GUAPEAR, *v. int.* I. Resistir à ação do tempo. // 2. Resistir, durar.

GUARAXAIM, *s. m.* Mamífero canídeo (*Canis brasiliensis*): é uma variedade de raposa, que dá cabo não só de aves domésticas, cordeirinhos, etc., como de objetos feitos de couro cru. [O mesmo que *graxaim*, *sorro* e *zorro*.]



GUASCA, *s. f.* Tira de couro cru que tem muitas serventias nos misteres do campo. *S. m.* I. Homem do campo ou do interior; gaúcho. // 2. Rio-grandense-do-sul; gaúcho. [Usado também, no primeiro sentido, em Santa Catarina – Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 122 – no Paraná – Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná* – e em São Paulo – Cornélio Pires, *Conversas ao pé do Fogo*, p. 167. Do quíchua *huasca*. Quanto aos sentidos desse americanismo, ver *guasca* em Granada, *Vocabulario Rioplatense*; e *huasca* em Arona, *Diccionario de Peruanismos*.]

GUASCAÇO, *s. m.* Golpe de *guasca*. Correada. [Do americanismo *guascazo*.]

GUASQUEAR, *v. t.* I. Açoitar com uma *guasca*. // 2. Açoitar, fustigar. [Também usado em São Paulo: Ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 89.]

GUASQUEIO, *s. m.* Ato de *guasquear*. [Não dicionarizado.]

GUASQUEIRO, *s. m.* Aquele que trabalha em *guascas*.

GUINCHA, *s. f.* I. Égua, poldra. // 2. *Fig.* Mulher despudorada.

GURNIR, *v. t.* Suportar, agüentar, curtir.

H

HARAGANEAR, *v. int.* I. Andar solto (o animal), durante muito tempo, sem prestar serviço, tornando-se arisco, fugitivo. // 2. *Fig.* Andar sem ocupação; vadiar.

HARAGANO, *adj.* I. Aplica-se ao cavalo que, por viver muito tempo solto, sem prestar serviços, se torna arisco, espantadiço. // 2. Esperto; matreiro; vivaracho.

HOM! *interj.* Hum! [Não dicionarizado.]

I

ILHAPA, *s. f.* Parte mais grossa do laço, cuja extremidade é presa à argola. [Usado em São Paulo também: ver Amadeu Amaral, *O Dialeto*

Caipira, p. 152. Do quíchua, através do americanismo *llapa*, que existe a par de *yapa*.]

IMPERADORICE, *s. f.* Condição ou posição de imperador. [Não dicionarizado.]

IMUNDÍCIE, *s. f.* Grande quantidade, abundância. “Era imundície”: existia em abundância.

INCHUME, *s. m.* Inchação; tumor.

INDIADA, *s. f.* 1. Grande quantidade de gaúchos ou guascas (homens do campo). // 2. Grande porção de pessoas; grupo.

INHÉ, *s. m.* Onomatopéia designativa da voz do sapo e de outros anuros. [Não dicionarizado.]

INVITE, *s. m.* 1. Convite para jogar; convite. // 2. Oferecimento de uma coisa.

IXEI, *interj.* Indica ironia ou desdém.

J

JACUBA, *s. f.* Refresco que se prepara com água, cachaça ou leite, farinha de mandioca, e açúcar ou mel. [Os dicionários não incluem o leite entre os ingredientes.]

JAGUANÉ, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou animal vacum que tem o fio do lombo e o ventre brancos, e os lados de cor preta ou vermelha. [Também usado em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 68, e em São Paulo; Amadeu Amaral – *Dialeto Caipira* – define: “diz-se do boi malhado de certa maneira”, e compara a sua definição com a de Romaguera Correia, que é semelhante à do presente Glossário. Em *Sagarana*, do mineiro Guimarães Rosa, vê-se *jaguanês*. Argent. *yaguané*.]

JAGUATIRICA, *s. f.* Carnívoro felídeo (*Felis pardalis*). [É também chamado *maracajá*, *gato-do-mato-grande*, etc.]

JANTAROLA, *s. f.* Jantarão; banquetete. [Não dicionarizado.]

JERIVÁ, *s. m.* Palmeira solitária (*Syagrus romanzoffiana*), que dá um coquinho amarelo e doce. [O mesmo que *jerivazeiro*, *jeribá*, *jeribazeiro* e *baba-de-boi*.]

JOANINHA, *s. f.* Designação comum aos besouros coccinelídeos, de pequeno tamanho.

JOÃO-BARREIRO, *s. m.* Ave furnariídea (*Furnarius rufus*), também chamada *joão-de-barro*, *forneiro*, *pedreiro*, *maria-de-barro* e *amassa-barro* — os dois últimos nomes usados, respectivamente, no Ceará e Mato Grosso.

JOÃO-GRANDE, *s. m.* Ave ardeídea (*Ardea cocoi*). [Também é conhecida por *socó-grande*.]

JOGO DO OSSO, *s. m.* Está admiravelmente definido pelo próprio autor (p. 213). [Também se diz simplesmente *osso*: ver Darci Azambuja, *No Galpão*, p. 35. O mesmo que *taba* ou *tava*.]

L

LAÇAÇO, *s. m.* Golpe dado com um açoite qualquer (laço, corda, relho, vara, etc.); relhaço, guascaço.

LAÇO, *s. m.* I. Corda feita de tiras de couro cru, bastante comprida, chegando a ter quinze braças; é de grande utilidade nos misteres do campo, e compreende quatro partes distintas: a *argola*, a *ilhapa*, o *corpo do laço* e a *presilha*. // 2. Ponto terminal da cancha de corrida.

LADEADO, *adj.* Pendido para um lado; inclinado. [Não dicionarizado neste sentido.]

LADO DE LAÇAR, *loc. s. m.* O lado direito do animal cavalariço ou vacum, por onde eles são laçados. [O lado esquerdo é o *lado de montar*.]

PELO LADO DE LAÇAR, *loc. adv.* Abruptamente; rudemente; sem rodeios. [Não está dicionarizada esta expressão, mas apenas a antônima — *pelo lado de montar* = jeitosamente; delicadamente; com muito tato.]

LAGOÃO, *s. m.* Lagoa grande e funda, que se forma no curso dos arroios e sangas.

LAMÃO, *s. m.* Forma pop. de *alemão*. [Também se diz *alamão*.]

LAMENTO, *adj.* Lamoso, lamacento. [Não dicionarizado.]

LANÇADÃO, *s. m.* Lançada; golpe de lança.

LANÇANTE, *s. m.* Terreno em declive; vertente, pendente. [Conhecido em São Paulo também: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 161.]

LAVORAR, *v. int.* Lavrar, alastrar-se, desenvolver-se. [Não dicionarizado neste sentido e como intransitivo.]

LE, *pron. pess.* Lhe. [*Le* é empregado por influência castelhana; mas é também forma do português arcaico, hoje só usada na fala popular.]

LECHIGUANA, *s. f.* Vespa social (*Nectarina lebeaguana*), muito bravia, e que produz saboroso mel. [Platinismo.]

LEVADO DA CASQUEIRA, *loc. adj.* Traquinas, levado da breca.

LIGA, *s. f.* Felicidade, sorte (no jogo, em amores ou em outra coisa).

LIGAR, *s. m.* Está definido pelo próprio Simões Lopes Neto (p. 165). [Usado, também, em Goiás – ver Bernardo Élis, *Ermos e Gerais*, p. 86. Com a forma *ligá*, em São Paulo – ver Cornélio Pires, *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 74. Sob a forma *ligal*, em São Paulo – ver o vocabulário de *Nas Serras e nas Furnas*, de Valdomiro Silveira – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 13. Existe ainda, ao menos no Rio Grande do Sul, a forma *ligário*.]

LINDAÇO, *adj.* Superl. de lindo.

LISTAR, *v. t.* Riscar, listrar. [Os dicionários não trazem *listar*, mas dão *lista* no sentido de “risca, listra”. *Lista*, em Moraes, ao lado da acepção de “rol”, tem a de “a esteira que deixa o navio”, acepção bem próxima à de “risca”. Lembre-se que *listra* se origina de *lista*.]

LIVRETA (ê), *s. f.* Caderno ou livro pequeno para anotações ou contas. [Não dicionarizado neste sentido. Do espanhol *libreta*.]

LOBUNO, *adj.* Qualificativo de animal cavalariço ou vacum que tem o pelo escuro, tirante a cinzento. [Usado em Minas também: ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 62. Há em São Paulo a variante *libuno*: ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 36.]



LOMBADA, *s. f.* Pequena elevação de terra; lomba. [Não registrado precisamente nesta acepção.]

LOMBEAR-SE, *v. p.* Torcer o corpo, torcer-se (de dor ou por efeito de cócegas).

LOMBILHO, *s. m.* A peça principal dos arreios, muito parecida com o serigote, porém mais rija; substitui o selim e a sela. [Também corre em São Paulo – ver Amando Caiubi, *Sapezais e Tigueras*, p. 88 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 97.]

LOMBO-SUJO, *s. m.* I. Apelido que se tem dado a civis que tomaram parte em diversas revoluções, no Rio Grande do Sul, ao lado do governo ou contra este. [No levante de 1893 os governistas ou republicanos assim chamavam os rebeldes, e estes àqueles.] // 2. *Fig.* Indivíduo desprezível.

LONCA, *s. f.* Nome dado a partes do couro do cavalari ou muar da região do flanco, desde a base do pescoço até às nádegas. [Também usado em São Paulo: ver Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 164. A definição de Amadeu Amaral difere da registrada aqui, baseada em Luís Carlos de Moraes. Consulte-se, a propósito, o *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, deste autor. Do cast. *lonja*.]

LONQUEAR, *v. t.* I. Tirar, raspando com faca, os pêlos de (o couro). // 2. Courear. // 3. *Fig.* Ganhar todo o dinheiro a (alguém), no jogo. // 4. Espancar; ferir. // 5. Matar.

LUNANCO, *adj.* Diz-se do animal e, figuradamente, da pessoa, que tem depressão de uma das ancas, resultante da desarticulação do osso do quadril. [Usa-se, também, em São Paulo: ver Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, p. 164. O termo corre, ainda, no Paraná, sob a variante *lonanco* – ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná* – e em Minas na variante *lionanco* – ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 7.]

LUNAR, *s. f.* Lança cuja extremidade tem a forma de meia-lua. [Não dicionarizado. No conto *O Anjo da Vitória* aparece, com o mesmo sentido, a locução *lança de meia-lua*.]

LUZ, *s. f.* Espaço entre a cauda do cavalo que vai adiante, na corrida, e a cabeça do que vai atrás. [Diz-se *dar luz* quando se estabelece, como vantagem, que um dos cavalos saia na frente do outro ou que, na chegada, haja entre os dois uma distância facilmente apreciável. [O termo é de uso também no Paraná: ver Silva Murici: *Algumas Vozes Regionais do Paraná.*] GANHAR DE LUZ ABERTA: chegar ao fim da corrida (o cavalo vencedor) à frente do outro, havendo bastante espaço livre entre os dois. LUZ E DOBLE: *dar luz e doble* quer dizer que o cavalo em que se joga deverá ganhar de luz e que, perdida a aposta, se pagará o dobro da quantia apostada pelo adversário. [O mesmo que *doble e luz.*]

M

MACANUDO, *adj.* Bom, superior, excelente; macota.

MACEGA, *s. f.* Arbusto rasteiro que geralmente cobre os campos de qualidade inferior.

MACEGAL, *s. m.* Terreno coberto de muita macega.

MACETA, *adj.* Designativo do cavalariço ou mear que tem nos membros locomotores protuberâncias ou inchações que lhe dificultam a marcha.

MACHINHOS, *s. m. pl.* Parte delgada da pata do cavalo, que fica abaixo da junta da quartela. [Também usado no singular.]

MACOTA, *adj.* Grande. Poderoso. Superior em qualquer sentido; macanudo. *S. m.* Indivíduo poderoso, influente. [Usado em grande parte do Brasil.]

MADURÁZIO, *adj.* Bastante maduro ou idoso.

MALEVA, *adj.* I. Mau, malfazejo, desalmado. // 2. Diz-se do cavalo infiel, que pelo menor motivo corcoveia. [Americanismo. Superl.: *malevaço.*]

MALEVAÇO, *adj.* Superl. de *maleva*.

MALOCA, *s. f.* Bando de malfeitores, de gente de má vida.

MANANTIAL, *s. m.* Paul, pântano, tremedal. [Não dicionarizado. Forma espanhola.]

MANAPANÇA, *s. f.* Espécie de beiju espesso de farinha de mandioca, temperado com açúcar e erva-doce. [Estão dicionarizadas apenas as formas *manampança* e *malampança*.]

MANCADA, *s. f.* O mesmo que *polca mancada*: antiga polca, que se dançava nos bailes do campo e era geralmente acompanhada de uma canção popular, da qual faziam parte estas quadras:

“A mancada está doente,
Muito mal, para morrer;
Não há frango nem galinha
Para a mancada comer.

A dita polca mancada
Tem mau modo de falar:
De dia corre com a gente,
À noite manda chamar.

A mancada está doente,
Muito mal, para morrer;
Na botica tem remédio
Pra mancadinha beber.”

MANCARRÃO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalo velho, sem valor, imprestável ou quase imprestável; matungo.

MANDA-TUDO, *s. m.* Pessoa de grande influência; manda-chuva.

MANEADOR (ô), *s. m.* Tira de couro cru, sovado, que o campeiro conduz sobre o lombilho, embaixo dos pelegos, junto à cabeça do cavalo, para deixá-lo preso quando o põe a pastar durante a noite ou nas paradas em viagem. PASSAR OS MANEADORES EM (alguém), *loc. verb.* Prender; segurar para que não fuja.

MANEAR, *v. t.* I. Prender com a maneia. // 2. Prender com o laço ou qualquer corda.

MANEIA, *s. f.* I. Peça formada por dois pedaços de couro ligados por uma argola, e com a qual se prendem as patas do cavalo. // 2. Ato de manear. [Não dicionarizado na última acepção.]

MANGANGÁ, *s. m.* Designação comum a abelhas bombíneas do gênero *Bombus*, que produzem pouco mel e de má qualidade; sua picada é muito dolorosa, porém passageira. [Também se diz *mamangaba*, *mangangaba*, *mangangava*.]

MANGUEAR, *v. int.* Ir ao encontro de uma ponta de gado e conduzi-la em determinada direção – na direção do rodeio ou do grosso da tropa, na direção de uma parte do campo onde existe aguada, etc.

MANGUEIRA, *s. f.* Curral de pau-a-pique, de tábua ou de pedra, etc., no qual se metem os animais para marcá-los, curá-los das bicheiras, e para outros fins. [É também de uso – com certa diferença de sentido – em São Paulo: ver Cornélio Pires, *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 63. Nesse Estado emprega-se, ainda, *mangueiro*, que Valdomiro Silveira – no vocabulário dos *Caboclos* – dá como “curral pequeno”; ver esse livro, p. 183, e *Água Funda*, de Rute Guimarães, p. 13. *Mangueiro* é conhecido, igualmente, em Goiás: veja-se Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 165.]

MANOTAÇO, *s. m.* I. Pancada que o cavalo ou o muar dá com um ou os dois membros anteriores, quando tolhido ou perseguido. // 2. *Fig.* Pancada com a mão; bofetada.

MANOTEAR, *v. t. e rel.* Pegar, segurar, agarrar. [Pela expressão “manoteando nas lágrimas” parece que se deve entender: “passando as mãos nas lágrimas para lhes apagar o vestígio no rosto, para enxugá-las”. Cal-lage estende o sentido de *manotear* a “fazer qualquer movimento com as mãos”. A palavra, espanhola, provém, como se vê, de *mano*.]

MARCA, *s. f.* I. Instrumento de ferro ou de bronze para marcar ou ferrar animais. // 2. O sinal impresso no animal com a marca. BATER NA MARCA, *loc. verb.* Chicotear o cavalo, para fazê-lo apressar o passo;

fazer o cavalo andar a toda a velocidade. ESTAR DE MARCA QUENTE, *loc. verb.* Estar ressabiado. Estar irritado, exasperado. [Não registrado nesta última acepção.]

MARCAÇÃO, *s. f.* Ação de marcar ou ferrar os animais.

MARREQUINHA, *s. f.* Flor de corticeira, como define o próprio autor (p. 355). [Nenhum dicionário registra a palavra neste sentido.]

MATE AMARGO, *loc. s. m.* Mate chimarrão; amargo.

MATEAR, *v. int.* Tomar o mate. [De uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná.*]

MATREIRAÇO, *adj.* Superl. de *matreiro*.

MATUNGO, *adj. e s. m.* 1. Qualificativo de, ou cavalo velho, muito manso ou quase imprestável; mancarrão. // 2. Diz-se de, ou cavalo manso em geral. [“Há uma pronunciada tendência” – escreve Luís Carlos de Moraes – “para se generalizar este termo a todos os cavalos, embora de boas qualidades.”]

MATURRANGO, *adj.* Diz-se daquele que monta mal a cavalo, que é mau cavaleiro. [Americanismo. Var.: *maturrengo*.]

MAULA, *adj. e s. m.* Covarde, medroso, pusilânime. [O Vocabulário da Academia Brasileira de Letras dá, erroneamente, *maúla*.]

MECHIFLARIAS, *s. f. pl.* Bugigangas; quinquilharias; coisas sem valor. [Não dicionarizado. Luís Carlos de Moraes registra, com o mesmo sentido, *mechinflório*.]

MEIA-DOBLA, *s. f.* Moeda cujo valor é de metade da dobra ou dobra. [Encontra-se a palavra no carioca Martins Pena – *A Família e a Festa da Roça*, p. 52.]

MELAR, *v. int.* 1. Ir ao mato à procura de mel de abelha. // 2. Apanhar o mel da abelha silvestre.

MEMÓRIA, *s. f.* Anel. [Usado, sobretudo na linguagem popular, em várias partes do Brasil: está, p. ex., no paulista Cornélio Pires – *Conversas ao pé do Fogo*, p. 21 – e no *Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, de Raimundo Moraes; e foi de uso corrente em Minas, até não há muito tem-

po, como se pode ver em P. A. Pinto, *Vocábulos e Frases*, pp. 130-131. A palavra tem o sentido português, que parece já meio antiquado, de “anel comemorativo”: “Anel para conservar-se a lembrança de alguma pessoa, fato, etc.”, segundo o Dicionário de Moraes.]

MENEAR, *v. t.* Dar (golpe) com a mão; executar com as mãos; manejar. [Não dicionarizado precisamente nesta acepção, bem próxima do étimo da palavra.]

MERMAR, *v. t. e int.* Diminuir de peso, valor, quantidade, velocidade, etc.; diminuir, minguar.

MIANGO, *s. m.* Pequena porção; pedacinho. [Do americanismo *mi-ñango*.]

MILES, *s. m. pl.* Milhares. [Pl. espanhol de *mil*; não dicionarizado.]

MILICADA, *s. f.* I. Porção de milicos. // 2. Os milicos.

MILICO, *s. m.* Miliciano, soldado, de qualquer classe ou posto.

MILONGAGEM, *s. f.* Dengue, requebro; pieguice. [Não dicionarizado neste sentido.]

MILONGUEIRO, *adj. e s. m.* I. Que ou aquele que canta milongas. // 2. Labioso, dengoso; piegas.

MINIGÂNCIAS, *s. f. pl.* Miudezas, bugigangas, quinquilharias.

MINISTRADA, *s. f.* Grupo de ministros; os ministros.

MINUANO, *s. m.* Vento muito frio e seco, que sopra do sudoeste em meses de inverno e, eventualmente, no fim do outono e começo da primavera, e é, quase sempre, indício de bom tempo, pois costuma vir depois de muitas chuvas.

MIRIM, *s. f.* Abelha que produz delicioso mel. // 2. O mel por ela fabricado. [Não dicionarizado na última acepção.]

MISSIONEIRO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou aquele que realiza missões, que missiona; missionário. [Não dicionarizado neste sentido.]

MISTURADA, *s. f.* Moça mestiça – morena, cabocla ou mulata.

MITRADO, *adj.* Esperto, finório.

MIUÇALHA, *s. f.* Criançada, miudagem.

MIUDAGEM, *s. f.* Porção de miúdos, de meninos.

MIÚDO, *s. m.* I. Menino, criança. [Acepção também lusitana.]
// 2. Animal pequeno, miúdo. [Não dicionarizado o segundo sentido.]

MIXE, *adj.* I. Pouco desenvolvido; apoucado. // 2. Insignificante; sem valor. // 3. Ruim.

MOÇADA, *s. f.* Grupo de moços ou moças; os moços, as moças. [Usado igualmente em São Paulo – ver Rute Guimarães, *Água Funda*, p. 41 – e em Goiás – ver Bernardo Élis, *Ermos e Gerais*, p. 61. Também é regionalismo português.]

MOGANGO, *s. m.* Fruto do mogangueiro (*Cucurbita pepo*), abóbora muito saborosa, e que se come, depois de cozida na água ou ao forno, com leite, carne, etc.

MONEAR, *v. int.* Fazer monadas, trejeitos. [Espanholismo, não dicionarizado.]

MORDAÇA, *s. f.* Aparelho para sovar ou amaciar tiras de couro. [É um pedaço de madeira, de forma cilíndrica, com uns 50 centímetros de comprimento e uns 10 de diâmetro, e fendido longitudinalmente até cerca de 2/3 da sua extensão. Pela fenda se passa o couro para sová-lo. – Também se chama *sovador*.]

MORMAÇO, *s. m.* Calor, quentura. [Não dicionarizada esta acepção.]

MOROCHA, *s. f.* Moça morena; morena. [Espanholismo. De *moro*.]

MORRUDO, *adj.* Grande; avultado; volumoso. [Também usado em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 131.]

MOSQUEAR, *v. int.* Mover-se (a cauda de um animal) como para afugentar moscas. [Não dicionarizada esta acepção.]

MOTA, *s. f.* I. Aquilo que o vendedor dá de presente ao freguês. // 2. Presente. // 3. Esmola.

MUCHACHO, *s. m.* Pedaço de pau em que descansa o cabeçalho da carreta, quando parada.

MUÇUM, *s. m.* I. Espécie de enguia do Brasil (*Symbranchus marmoratus*). // 2. *Fig.* Indivíduo de cor preta; negro. [Nenhum dicionário consigna o termo no sentido figurado.]

MULHERENGO, *adj.* Próprio de mulher; mulhêril. [Não dicionarizado neste sentido.]

MULITA, *s. f.* Variedade de tatu muito pequeno, também chamado *tatuíra* (*Dasyptus hybridus*); tatu-mulita.

MUNHATA, *s. f.* Nome dado à batata-doce na região fronteira do Rio Grande do Sul e em alguns municípios centrais.

MUQUIRANA, *s. f.* Piolho (*Pediculus humanus*), também chamado *mucurana*.

MUSSITAR, *v. int.* Murmurar, cochichar, segredar. [É termo arcaizado no português, mas de uso ainda atual na língua espanhola, por influência da qual, provavelmente, o terá empregado o autor.]

N

NA ESTICA, *loc. adv.* Vestido com elegância; bem-vestido.

NAMBI, *adj.* Aplica-se ao cavalo que tem uma ou as duas orelhas caídas, atrofiadas ou murchas. [No sentido de “sem orelhas” figura a palavra no vocabulário de *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, de Cornélio Pires.]

NÃO SER TRIGO LIMPO, *loc. verb.* I. Não ser boa pessoa. // 2. Não ser de brincadeira, ser valente.

NÃO VALER UM SABUGO, *loc. verb.* Não ter nenhum valor. [Não dicionarizado.]

NEGAR O ESTRIBO, *loc. verb.* I. Negar-se o cavalo a ser montado, afastando-se no momento em que o cavaleiro ergue o pé para alcançar o estribo. // 2. *Fig.* Mostrar-se esquivo, desdenhoso.

NEGÓCIO, *s. m.* Casa de negócio.

NHANDU, *s. m.* Ema (*Rhea americana*), que habita os campos.

NHANDU-TATÁ, *s. m.* [Do tupi = ‘avestruz-de-fogo’.] Nhandu.
 NHANDUVAÍ, *s. m.* Árvore leguminosa mimosoídea (*Prosopis juliflora*) cuja madeira, de grande resistência ao tempo, serve para esteios, dormentes, etc. [O mesmo que *inbanduvá* e *nbanduvá*. Os dicionários consignam somente estas duas últimas formas. Do americanismo *n̄andubay*.]

NHANHÃ, *s. f.* Tratamento que os escravos davam às senhoras. [O mesmo que *iaiá*. Os dicionários dão uma definição restrita: “tratamento que os escravos davam às meninas e moças”.]

NINHAR, *v. int.* Andar em busca de ninhos para lhes tirar os ovos. [Não dicionarizado nesta acepção.]

NO MAIS, *loc. adv.* Não mais; simplesmente, unicamente, tão-somente. [Às vezes a locução assume caráter expletivo. Embora *não mais* exista no português antigo com aquele mesmo significado, o seu uso no Rio Grande do Sul vem, seguramente, do platinismo *no más*. Ver, quanto à expressão e seu emprego em São Paulo, Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, pp. 175-176, e Afonso A. de Freitas, *Vocabulário Nbeengatu*, pp. 132-134. Precedido de *ai, ali*, o *no mais* adquire sentido temporal, equivalendo a “imediatamente, sem mais demora”. Com este sentido vê-se em Múcio Teixeira *só no mais*: “E já também *só no mais*, / Corre-se um laço comprido, / Lindaço como um vestido / Nas festas dos arraiais”. – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, 354.]

NOMBRADA, *s. f.* Heroísmo; rasgo. [Do esp. *bombrada*, certamente.]

NO ORA-VEJA, *loc. adv.* Sem alcançar aquilo que esperava, ou a que tinha direito; decepcionado, desiludido, logrado. [Também se diz *no ora-e-veja*. Não dicionarizado.]

NÓ REPUBLICANO, *loc. s. m.* Espécie de nó com que os revolucionários rio-grandenses de 1835 atavam o lenço ao pescoço, e que servia de distintivo. [“De ordinário essa laçada era feita nas pontas de um grande lenço de seda encarnada, de cor bem viva, cujo dono o conservava assim atado por muito tempo, enfiando o lenço pela cabeça, e dei-

xando o respectivo nó, pendente do pescoço, quando o queria usar. Deste modo, duas pontas do lenço, soltas, pendiam sobre as costas, e as outras duas, atadas, pendiam sobre o peito, como se fosse a jóia de uma condecoração simbólica”. — José Teixeira, *apud* Luís Carlos de Moraes, *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, p. 161.]

NUMDE-REPENTE, *loc. adv.* Ver *Num repente*. [Não dicionarizado.]
num pensamento, *loc. adv.* Muito rapidamente; num instante, num abrir e fechar de olhos. [Não dicionarizado.]

NUM REPENTE, *loc. adv.* De repente; repentinamente. [De uso em Goiás também; ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 204. Não dicionarizado. O mesmo que *num de-repente* e *num redepente*.]

NUM VÁ, *loc. adv.* Num instante, num pensamento, num vu. [Não dicionarizado.]

NUM VU, *loc. adv.* Num vá. [No Ceará usa-se *num vupre*: ver Leonardo Mota, *Sertão Alegre*, p. 267.]

○

OFICIALADA, *s. f.* Conjunto de oficiais; os oficiais.

OIGALÉ!, *interj.* Exprime admiração, alegria, espanto. [Também se diz *oigaté!*]

OMBRUDO, *adj.* Que tem ombros largos; espadaúdo. [Não dicionarizado.]

ONDE CANTA O GALO, *loc. adv.* Muito em cima, bem no alto. [“E bem montado, vinha, num bagual lobuno rabicano, de cola atada, em três tranças, bem alto, *onde canta o galo!*...” (*O Negro Bonifácio*). O gaúcho costuma, por bazófia ou pacholice, atar a cauda do cavalo de montaria muito no alto, com um nó gracioso, deixando pendente uma ponta de cada lado. A isto se chama *atar a cola* — ou *quebrar o cacho* — a *canta-galo*, ou, como está em Simões Lopes Neto, *onde canta o galo*. *Quebrar o cacho a canta galo* vê-se em Vargas Neto: “*Quebro o cacho, lá em cima, a can-*



tagalo, / E vou às pulperias no domingo, / Onde as chinas cobiçam meu cavalo.” – *Tropilha Crioula*, p. 86. Luís Carlos de Moraes – *Vocabulário Sul-Rio-Grandense* – consigna também, com o mesmo sentido, *atar a cola lá onde a Maruca prega o grampo*. A forma usada por Simões Lopes Neto não está dicionarizada.]

OOCHE! (ô), *interj.* Forma alterada da interjeição *ochê!* (ô), usada para acalmar o boi que se deseja pegar. [Figueiredo registra a palavra, como provincianismo português, definindo-a: “Expressão usada para afagar os bois”. Como se vê, os dois sentidos não distam muito entre si.]

OREAR, *v. int.* Enxugar, secar, sob a ação do sol ou do vento.

ORELHANO, *adj.* Diz-se do animal que ainda não foi assinalado nem marcado.

OVADO, *adj.* Qualificativo do cavalo que tem ovas, isto é, tumores moles, provenientes da dilatação de certas membranas entre a pele e os ossos ou cartilagens.

P

PAGOS, *s. m. pl.* Lugar onde se nasceu; o rincão, a querência, o povoado, o município donde se é natural e onde se reside. [Algumas vezes aparece no singular.]

PAJONAL, *s. m.* 1. Terreno coberto de palha-brava, santa-fé e outras gramíneas. // 2. Restolhada, restolhal. [Espanholismo. O *j* é aspirado, como no castelhano.]

PALA, *s. m.* Poncho leve, de brim, merinó, lã, ou até de seda, de feito quadrilátero e com as extremidades franjadas. [“O pala” – escreve Luís Carlos de Moraes – “não é abrigo contra a chuva, mas contra o calor e o frio. Poderá parecer isso uma contradição, mas não. Viajando o seu portador a cavalo, durante o rigor da canícula, abriga-se dos raios solares pelo pala, porque, em torno ao corpo do cavaleiro, conserva-se uma camada de ar relativamente mais fresca do que a exposta ao sol.”

Pala também se usa em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 146 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 185. Segundo Amadeu Amaral – *Dialeto Caipira*, p. 178 – em São Paulo dá-se o nome de *pala* ao que no Rio Grande do Sul se chama *poncho-pala*, isto é, um poncho de tecido mais delicado. Ver *Poncho*.]

PALANQUE, *s. m.* Esteio grosso e rijo que se finca no chão e ao qual se ata o cavalo à sogá, ou ao qual se prende o mesmo animal pelo cabresto ou pelas rédeas, para domá-lo, para curá-lo de bicheira, etc. [Também de uso em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 125.]

PALETA, *s. f.* ou PALETAS, *s. f. pl.* Omoplata ou espádua do animal e, por extensão, das pessoas. [Incluído, na forma do plural, por Silva Murici, entre *Algumas Vozes Regionais do Paraná*. Ver *Ter marca na paleta, mas não ser tambeiro*.]

PALETADA, *s. f.* I. Choque com a pá ou paleta dos animais. // 2. *Fig.* Investida, arremetida.

PALETEAR, *v. t. e int.* Cravar as esporas no animal.

PALHETAR, *v. t.-rel.* Salpicar, mosquear, entremear. [Não dicionarizado.]

PALMEAR, *v. t.* Bater com a palma da mão em. [Não dicionarizado neste sentido.]

PAMPA, *s. m. e f.* Nome dado, no Rio Grande do Sul e nas repúblicas do Prata, a planícies cobertas de vegetação rasteira. [Simões Lopes Neto usa a palavra no feminino. De ordinário, porém, ela é empregada – sobretudo modernamente, ao que parece – no masculino: ver, para só citar autores gaúchos, Alcides Maia, Augusto Meyer, Darci Azambuja, Pereira Fortes, Vieira Pires, Vargas Neto, Homero Prates, Bernardo Taveira Júnior, Clemenciano Barnasque, e Múcio Teixeira, autor de *Flores do Pampa*. Nos dicionários e vocabulários, em geral, o termo figura como apenas do gênero masculino. Romaguera Correia, em seu *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, de 1898, registra-o como deste gênero, observando: “O Visconde de

Beaurepaire-Rohan dá como subs. fem. esta palavra; mas nós temos ouvido pronunciá-la tanto como masculina (aliás mais freqüentemente) como também como feminina.” O gênero feminino pode-se também ver em José de Saldanha, *Diário Resumido* – escrito de 1786 a 1787 – p. 283 e 301, e num autor moderno, dos nossos dias – Dante de Laytano, *Notas de Linguagem Sul-Rio-Grandense*, in “Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada”, p. 359. O vocábulo é de origem quíchua.]

PAMPIANO, *adj.* Pertencente ou relativo ao pampa.

PANDILHA, *s. f.* Grupo de animais, ou de pessoas e, particularmente, de malfeitores.

PANELA, *s. f.* Toca, loca, buraco, cova. [Não dicionarizado nesta acepção.]

PANGARÉ, *adj.* Aplica-se ao cavalo ou muar cujo pêlo é de um tom vermelho-escuro ou mais ou menos amarelado, mostrando-se como que desbotado no focinho, no baixo-ventre e em algumas outras regiões. [Também conhecido em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 35 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 17.]

PARADA, *s. f.* Quantia pela qual se contrata uma carreira; valor da aposta. [De uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.] DE PARADA MORTA, *loc. adj.* Aplica-se à carreira em que se estabelece a cláusula de ficar obrigado ao pagamento da importância apostada, como se perdesse a carreira, o apostante que por qualquer razão, mesmo doença, não fizer correr o seu cavalo.

PARADEIRO, *s. m.* Paradoiro, parador.

PARADOR, *adj.* Diz-se do cavaleiro que, quando o cavalo roda, isto é, quando cai para a frente, consegue sair de pé, em vez de cair com ele.

PARADOURO, *s. m.* Lugar onde o gado manso costuma passar a noite. [Ordinariamente fica próximo da casa ou das mangueiras da estância. Var.: *parador*.]

PARAR PATRULHA, *loc. verb.* I. Responder a uma agressão, a uma ofensa; resistir. // 2. Zangar-se; aborrecer-se.

PARCERIA, *s. f.* Grupo de parceiros de jogo. [Não dicionarizado precisamente nesta acepção.]

PARELHEIRO, *s. m.* Cavalos de corrida. [Emprega-se, também, em São Paulo: ver Cornélio Pires, *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 45.]

PARELHO, *adj.* Liso, plano. [Não dicionarizado precisamente neste sentido.]

PARENTALHA, *s. f.* Os parentes; parentela. [Também usado em outros Estados do Brasil, e no Alentejo.]

PARRANDA, *s. f.* Associação de velhacos, para burlar os incautos; ladroeira.

PARTIDA, *s. f.* Nome dado a breves corridas que se realizam, como ensaio, imediatamente antes da largada dos parelheiros.

PASSAR LÍNGUA, *loc. verb.* Transmitir a outrem um segredo; dar com a língua nos dentes. [Não dicionarizado.]

PASSO, *s. m.* Lugar por onde habitualmente se passa – de bolapé, a cavalo ou embarcado – nos rios ou nos arroios.

PASTIÇAL, *s. m.* Lugar em que há muito pasto; pastagem abundante. [Do platinismo *pastizal*.]

PASTOR, *s. m.* Reprodutor equino; garanhão, rufião. [Também conhecido em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 214 – em Minas – ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 62 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 172.]

PASTOREIO, *s. m.* I. Lugar onde se pastoreia ou pastoreja o gado. // 2. O gado que se pastoreia. [Não dicionarizado nesta última acepção.]

PASTOREJAR, *v. t.* I. Guardar, vigiar (o gado) no pasto. // 2. *Fig.* Cortejar, requestrar, arrastar a asa a. [O mesmo que *pastorar* e *pastorear*. Não dicionarizado na acepção figurada.]

PATACÃO, *s. m.* Antiga moeda de prata, do valor de dois mil-réis.

POR DEUS E UM PATACÃO! *loc. interj.* Forma de juramento: é a *loc. por*

Deus! pitorescamente reforçada. [Veja-se a expressão nas *Flores do Pampa*, de Múcio Teixeira – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, 339.]

PATALEAR, *v. int.* Agitar muito as patas ou os pés; espernear.

PAUTEAR, *v. int.* Entreter-se conversando; conversar.

PEALO, *s. m.* 1. Ato de pealar, isto é, de laçar o animal quando este se acha em movimento. // 2. O laço. [Este último sentido, o em que Simões Lopes Neto emprega o termo, não está dicionarizado.]

PEÃO, *s. m.* Nome dado aos empregados de classe inferior das estâncias ou de estabelecimentos congêneres – o tropeiro, o que se dedica aos trabalhos de roça, com vencimentos diários ou mensais, o que acompanha viajantes, etc. [Fem.: *peona* ou *peoa*; pl.: *peões* ou *peães*.]

PECHADA, *s. f.* Choque, encontrão. ÀS PECHADAS, *loc. adv.* Aos encontrões. DE PECHADA FEITA, *loc. adv.* Pronto para dar um encontrão.

PECHAR-SE, *v. p.* Dar pechada; chocar-se, abalroar-se; encontrar-se.

PÉCORA, *s. f.* Moça namorada. [Não dicionarizada esta acepção. Encontra-se nos léxicos, além dos significados de “mulher desprezível; rameira”, e “qualquer mulher” (em sentido pejorativo), o de “rapariga leviana, que dá atenção a todos os galanteios”. Este último sentido, corrente em Trás-os-Montes, não está, como se vê, longe do que Simões Lopes dá à palavra: apenas ele atenuou a rudeza da significação.]

PECUELOS, *s. m. pl.* Espécie de alforje, repartido ao meio, em que o viajante conduz roupas e outras coisas.

PÉ-DE-AMIGO, *s. m.* Sistema de peia do cavalar ou muar: passa-se-lhe pelo grosso do pescoço, junto às cruzes, um laço, maneador ou outra corda qualquer, em que se dá um nó, pelo qual corre uma laçada que vai ter a uma das patas traseiras do animal; movimentando-se, este introduz a pata no laço, que é então puxado e preso ao pescoço, ficando o paciente com o pé suspenso do solo e, portanto, imóvel e impossibilitado de escoicear.

PEDRAS, *s. f. pl.* Ver *Boleadeiras*.

PEGAR O COMEÇO, *loc. verb.* Começar, ter começo. [Não dicionarizado.]

PEIXE-DOURADO, *s. m.* Dourado (peixe). [Não dicionarizado.]

PELAR, *v. t.* Desembainhar (faca, facão, espada). [O mesmo que *descascar*. No Nordeste o povo usa o sinônimo *desfolbar*: “Eu *desfoiando* o facão, / Paz a ninguém eu não peço” – Leonardo Mota, *Cantadores*, p. II.]

PELEADOR (ô), *adj. e s. m.* Diz-se de, ou aquele que é dado a brigas ou peleias; pelejador.

PELEAR, *v. int.* Brigar, lutar, combater, pelejar.

PELECHAR, *v. int.* Mudar de pêlo (o animal).

PELEGO (ê), *s. m.* Pele de lanígero que se costuma pôr sobre os arreios para tornar macio o assento do cavaleiro. [Também de uso em Minas: ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 169.] DAR O PELEGO ou JOGAR O PELEGO, *loc. verb.* Expor-se a um perigo; arriscar a pele, a vida.

PELEIA, *s. f.* Briga, luta, peleja.

PÊLO-A-PÊLO, *s. m.* Lidar contínuo e duro; trato ininterrupto e rude. [Não dicionarizado. Prende-se à expressão *viajar* (ou *andar*) *de pêlo a pêlo* = sem mudar de cavalo, por longa que seja a viagem.]

PENAROSO (ô), *adj.* I. Que causa pena, pesar; pesaroso. // 2. Tomado de pena, de pesar; pesaroso. [Os dicionários registram a palavra como provincianismo português.]

PENCA, *s. f.* Porção, grande quantidade.

PENDENTE, *s. f.* Vertente, declive, caída. [Em São Paulo usa-se o termo no masculino: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 215. Não dicionarizada a acepção.]

PENTE-FINO, *s. m.* Indivíduo espertalhão, finório, pouco escrupuloso, que de tudo tira proveito.

PEONA, *s. f.* Fem. de *peão*. [Também se diz *peoa*.]

PEONADA, *s. f.* Uma porção de peões; os peões. [Também usado em Goiás: ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 198.]



PEQUENITATE, *adj.* Muito pequenino. [Na segunda ed. de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* está *pequenitote*. Preferi guiar-me pela primeira. Cf. o substantivo *pequenitates*, termo familiar, sinônimo de “criança”.]

PERDIDAÇO, *adj.* e *s. m.* Superl. de *perdido*.

PERNETEAR, *v. int.* Pernear, espernear, patelear.

PESADO, *adj.* e *s. m.* Diz-se de, ou indivíduo de peso, importante, poderoso. [Não dicionarizada esta acepção.]

PETIÇO, *adj.* e *s. m.* Diz-se de, ou cavalo ou muar pequeno. [Apesar de pequeno, o petiço tem bons músculos, é bem proporcionado, não devendo ser confundido, portanto, com o animal raquítico.]

PIÁ, *s. m.* I. Menino descendente de índio, que nas estâncias presta pequenos serviços, como dar recados, auxiliar na ordenha das vacas e na ceva do mate, etc. // 2. Menino, guri.

PICAÇO, *adj.* e *s. m.* Qualificativo de, ou animal cavalariço preto, com a cara, ou a cara e os pés, de cor branca. [O termo é de uso em boa parte do Brasil; de seu emprego em São Paulo dá testemunho Valdomiro Silveira – *Os Caboclos*, p. 83 – e em Goiás, Carvalho Ramos – *Tropas e Boiadas*, p. 75. Também se diz *pigarço*.]

PICADA, *s. f.* Caminho, em geral estreito, que se abre no mato, e por onde podem transitar cavaleiros e algumas viaturas rústicas.

PICANA, *s. f.* Aguilhada.

PICANHA, *s. f.* Anca do animal vacum ou cavalariço.

PICUMÃ, *s. m.* Fuligem; teias de aranha enegrecidas pela fuligem. Var.: *pucumã*.

PIGUANCHA, *s. f.* Chinoca.

PILHOTE, *s. m.* Pequena pilha. [Não dicionarizado – o que, aliás, é natural: os léxicos não registram todos os diminutivos.]

PILOTO¹, *s. m.* Agrimensor. [Esta função era geralmente desempenhada por pilotos de embarcações. Martins Pena põe o termo na boca de uma personagem sua: “Ora, quando ele me vendeu o sítio, disse-me que tinha cinquenta braças de testada e cem de fundo; porém eu man-

dei medir pelo *piloto*, e este só achou quarenta de testada e oitenta de fundo.” – *Comédias*, pp. 31-32.]

PILOTO², *adj.* e *s. m.* Diz-se de, ou uma variedade de pano, espécie de briche.

PINGAÇO, *s. m. Superl.* de *pingo*, q. v.

PINGO, *s. m.* Cavallo bom, vistoso, árdego. [Também se usa em Goiás: ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 70. Emprega-se, ainda, em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 29 – mas no sentido de “matungo, cavallo”, segundo esse autor, no vocabulário da mesma obra.]

PINTADO, *adj.* Cheio de pintas, mosqueado. [Não dicionarizado nesta acepção, apesar de tão conhecida.]

PIOLA, *s. f.* I. Cordão, barbante. // 2. Corda. [Do araucano *piulu*, “o fio delgado”, segundo Malaret, *Diccionario de Americanismos*.]

PIPOQUEAR, *v. int.* e *s. m.* Estalar, crepitar, pipocar.

PIQUETE (ê), *s. m.* I. Pequeno potreiro, onde se recolhem os animais para os trabalhos diários. // 2. Animal que é mantido preso, pronto para ser encilhado a qualquer momento e utilizado nas tarefas da estância. // 3. Tarefa de todos os dias; trabalho habitual. [Não dicionarizado o último sentido.]

PISOTEAR, *v. t.* Calcar com os pés; espezinhar.

PITAR, *v. int.* Fumar. [Usado em todo o Brasil.]

PLANCHAR-SE, *v. p.* Escorregar com os quatro pés, caindo de lado (o cavallo).

PLASTADA, *s. f.* Porção de qualquer coisa de consistência branda, espalhada, como que achatada, no chão, na parede, na roupa, etc.; posta: *plastada* de barro, de catarro, de sangue, etc. [O mesmo que *plasta*. *Plastada* não está em nenhum dicionário. É, naturalmente, formado de *plasta*, palavra esta tomada ao espanhol e conhecida no Brasil, no sentido apontado, mas registrada – apenas no *Pequeno Dicionário* e no de Laudelino Freire – unicamente na acepção, decerto figurada, de “pessoa moleirona, inútil.”]

PLATA, *s. f.* Dinheiro, prata. [Termo espanhol.]

POBRERIO, *s. m.* Porção de pobres; os pobres, a pobreza.

POLVADEIRA, *s. f.* Poeira, pó. LEVANTAR POLVADEIRA, *loc. verb.*
Fig. Causar agitação, intranqüilidade. [Não dicionarizada a locução, cujo sentido figurado difere do de *levantar poeira*, que se encontra nos léxicos.]

POLVARIM, *s. m.* Polvorinho, polvarinho. [Não dicionarizado.]

PONCHADA, *s. f.* Grande quantidade (de dinheiro ou de objetos).

PONCHO, *s. m.* Espécie de capa grossa – geralmente de pano azul e forrada de baeta vermelha – cortada de modo arredondado e com pequena abertura no centro, pela qual se enfia o pescoço. [Em São Paulo usa-se *ponche*: “Laço nos tentos, a chilena ao pé, / o *ponche* na garupa pendurado, / o pala ao ombro – indispensável é – / o facão, a garrucha e a guampa ao lado”. – Cornélio Pires, *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 56. Segundo Amadeu Amaral – *O Dialeto Caipira*, p. 192 – o *ponche* paulista difere, pelo feitio, do poncho gaúcho.]

PONTA, *s. f.* Pequena porção ou grupo de animais e, por extensão, de pessoas.

PONTAÇO, *s. m.* Golpe que se dá com a ponta de uma arma ou instrumento.

PONTEAR, *v. int. e t.* Ir à frente, tomar a frente ou ponta, na marcha de gado ou, por extensão, de pessoas.

PONTEIRO, *adj.* Aplica-se ao animal que vai à frente da tropa. [Os dicionários só dão a palavra como substantivo, e aplicável a pessoa – “o peão que marcha à frente do gado, para guiá-lo”.]

PORONGO, *s. m.* 1. Planta da família das cucurbitáceas (*Lagenaria vulgaris*). // 2. O fruto dessa planta, do qual, depois de vazios das sementes, e secos, se fazem cuias, que servem para depósitos de água, para nelas se preparar e por elas se beber o mate, etc. // 3. Nome dado também a essas cuias. // 4. Cavalari porongudo. [Não dicionarizada a última acepção.]

PORONGUDO, *adj.* Designativo do cavalar que tem nos membros uma grande exostose, a qual dá a impressão de um porongo.

PORQUERIA, *s. f.* Coisa nojenta, desprezível; porcaria. [Não dicionarizado. Do esp. *porquería*.]

POSTEIRO, *s. m.* Empregado de uma estância, que, morando geralmente nos limites ou divisas da mesma, ajuda nos rodeios e cuida do gado e das cercas.

POSTO, *s. m.* Local da estância – dotado de casas de moradia, mangueiras, etc. – onde mora o posteiro.

POTRADA, *s. f.* Uma porção de potros; os potros.

POTRANCO, *s. m.* Ver *Potrilho*.

POTREIRO, *s. m.* Campo cercado, onde se mantêm animais destinados aos serviços quotidianos da estância. [Também usado em São Paulo: ver Amadeu de Queirós, *João*, p. 31.]

POTRILHO, *s. m.* Animal cavalar de poucos dias de idade, ou durante todo o período de amamentação – desde que nasce até 2 anos. [Sinônimo de *potranco*, no segundo caso. *Potrilho* só se usa no masculino.]

PREGAÇO, *s. m.* Ferimento com instrumento perfurante; pregada.

PRENDA, *s. f.* Jóia.

PRENDISTA, *s. m.* Fabricante de prendas ou jóias.

PREPARO, *s. m.* Nome dado a cada uma das peças que constituem os arreios ou aperos. *Pl.* O conjunto dessas peças; os aperos.

PRIMEIRA, *s. f.* Jogo de cartas, cujos pontos maiores são o flux, o cinquenta-e-cinco e a primeira. [“A *primeira* é um jogo ligeiro, de impressões rápidas e fortes, e que, no dizer dos entendidos, só tem graça quando é a dinheiro; nele não entra quase cálculo ou combinação, muitas vezes um palpite, uma *coraçonada*, como dizem alguns, um passe repentino, faz melhorar a sorte do parceiro que está caipora, dando-lhe a posse de uma boa *parada*. Nas mesas há geralmente três espécies de jogadores: – o turbulento e provocante, que diz insolências; o alegre que fuma e pede o seu trago de bebida, e o jogador calado, de chapéu nos



olhos, que rompe as cartas quando perde. Para uns o jogo deve ser de relancina, isto é, corrido, de uma só vez, produzindo comoções ligeiras, desencontradas, conforme os vaivéns da sorte; para outros demorado, escolhido, fazendo passes, e deixando oscilar o espírito entre o prazer de arrastar a parada e o descalabro de a perder; estes gostam de *orelhar* a carta decisiva, a predileta, puxando-a com a mão direita para cima e com a esquerda apertando-a para não deixá-la surgir; assim é que o naipe sai como que arrancado à força, lá do fundo, isto é, de um fundo imaginário, ideal, onde se debatem a boa e a má fortuna.” – Laf, *Recordações Gaúchas*, pp. 19-20. Os dicionários definem laconicamente.] PRISCAR, v. *int.* I. Dar saltos súbitos ou priscos para não ser pegado. // 2. Fugir, disparar.

PRO VIA DE, *loc. prep.* Por causa de. [*Pro via de* – alter. de *por via de* – é locução corrente em todo o Brasil, entre as classes incultas. Alguns dicionários registram *por via de*, com o sentido de “por intermédio de”. Mas a acepção de “causa, motivo”, em que aí figura o termo *via*, está em alguns léxicos, e vejo-a em Castilho, no seguinte passo: “O livro que apresento, havia de ser difícil de classificar, se o classificá-lo pudesse por alguma *via* valer a pena.” – *O Presbitério da Montanha*, I, II. *Por via de* com a significação de “por causa de” tem abonação literária: “*por via de* um gavião casaco-de-couro cruzar-lhe a frente, já ele estacava, em concentrado prazo de irresolução” – Guimarães Rosa, *Sagarana*, p. 333.]

PUAVA, *adj.* Bravio, indócil, arisco (cavalo).

PULPEIRO, *s. m.* Dono de pulperia, isto é, de taberna ou pequena casa de negócio no campo; taberneiro. [Do americ. *pulpero*.]

Q

QUADRA, *s. f.* Medida linear equivalente a 132 metros.

QUADRAR, v. *t.* Perfilar (o corpo). *P.* Perfilar-se; ficar em posição de sentido.

QUADRILHA, *s. f.* Pequeno lote de cavalos de pêlos diversos, que acompanham a égua-madrinha.

QUEBRA-LARGADO, *adj. e s. m.* I. Diz-se de, ou cavalo que, além de *quebra*, isto é, de velhaco, bravio, vive à solta, o que o torna mais in-submisso. // 2. *Fig.* Desordeiro, turbulento, quebralhão.

QUEBRALHÃO, *adj. e s. m.* I. Diz-se de, ou cavalo muito *quebra*, isto é, muito velhaco, muito arisco e traiçoeiro. // 2. *Fig.* Desordeiro, valentão, quebra-largado.

QUEBRAR A BOCA, *loc. verb.* Dar tirões, puxando fortemente pelas rédeas, nos queixos do potro que está sendo domado, para que fique *doce de boca*, isto é, obedeça facilmente às rédeas. [O mesmo que *quebrar o queixo*.]

QUEIMAR CAMPO, *loc. verb.* Mentir. [Também de uso em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 203.]

QUERÊNCIA, *s. f.* I. Lugar onde um animal nasceu e se criou, ou onde se acostumou a viver, e ao qual procura sempre voltar, quando afastado. // 2. Lugar onde nasceu, se criou ou mora alguém; os pagos. [Espanholismo, também usado em São Paulo e em Minas, e, na primeira acepção, segundo Chermont de Miranda – *Glossário Paraense* – na ilha de Marajó. Lembre-se o uso do português *querença* nos sentidos de “o lugar onde os falcões criam os filhos” e “o sítio a que os animais se apegam por instinto” (Aulete); o primeiro destes significados é semelhante, e o segundo idêntico, ao do espanholismo *querência*. Ver *Aquerenciado*.]

QUERENDÃO, *adj. e s. m.* Amoroso; namorado, apaixonado. [Fem.: *querendona*.]

QUERO-QUERO, *s. m.* Ave caradriídea (*Vanellus chilensis*), também conhecida por *téu-téu*, *tetéu*, *tero-tero*, *teréu-teréu*, *terém-terém*, etc.

QUINCHA, *s. f.* Cobertura de casa ou de carreta, feita de santa-fé ou de qualquer outro capim seco; ou antes, segundo Coruja, nome dado a “pequenos pedaços de coberta de palha que se unem uns aos outros sobre o teto da casa, ou a tolda da carreta”.

QUINCHAR, *v. t. e int.* Cobrir com quinchas.

R

RABICANO, *adj.* Aplica-se ao cavalo que tem na cauda fios de cabelos brancos.

RABIOSCAS, *s. f. pl.* Letras malfeitas; garatujas, rabiscos. [É também provincialismo português.]

RABO-DE-TATU, *s. m.* Relho grosseiro, de couro trançado, com argola de metal na extremidade, pela qual se segura. [Usa-se, também, em São Paulo – ver Monteiro Lobato, *Urupês*, p. 220 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 178.]

RAMADA, *s. f.* Espécie de caramanchão coberto de ramos verdes ou de capim, à frente dos ranchos, dos galpões, dos boliches, para resguardo de pessoas e animais contra os raios do Sol.

RANCHERIA, *s. f.* Porção de ranchos; rancharia.

RANCHOTE, *s. m.* Dimin. de *rancho*.

RASGADO, *s. m.* Toque de viola em que se arrastam as unhas pelas cordas do instrumento, sem o pontear.

REATAR, *v. t.* Atar com muitas voltas; atar bem; arreatar. [Não dicionarizado neste sentido.]

REBENCAÇO, *s. m.* Pancada com rebenque; rebencada. REBENCAÇO DE LÍNGUA, *loc. s. m.* Descompostura, xingação.

REBENQUEADOR, *s. m.* I. Aquele que rebenqueia, que fustiga com o rebenque. // 2. *Fig.* Aquilo que rebenqueia, que pelo seu grande encanto acende viva paixão.

REBOLEAR, *v. t.* Fazer que um objeto que se tem à mão descreva círculos no ar. REBOLEAR O LAÇO, *loc. verb.* Fazer movimento circular com a armada do laço para atirá-lo.

REBOLEIRA, *s. f.* Touceira de arbustos ou de ervas. [Também usado em São Paulo: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 173.]

RECAU, *s. m.* Arreio de montaria.

RECOLHIDA, *s. f.* Ato de recolher o gado, isto é, de arrebanhá-lo, de trazê-lo para o curral ou a mangueira.

REDEPENTE, *s. m.* Repente, relance, ímpeto. NUM REDEPENTE, *loc. adv.* Ver *Num repente*. [Tito Saubidet – *Vocabulario y Refranero Criollo* – dá *redepente*, *adv.* = “De repente. Repentinamente.”]

REDOMÃO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalo recém-domado, que ainda não está bem manso. [Do americanismo *redomón*. Fem.: *redomona*. É também de uso em São Paulo: ver Cornélio Pires, *Quem Conta um Conto...*, p. 16. No goiano Carvalho Ramos encontra-se, a par de *redomão* – *Tropas e Boiadas*, p. 76 – a variante *rodemão* – *Ibid.*, pp. 233 e 234.]

REFILÃO, *s. m.* Lance difícil; abertura; agitação. [Não dicionarizado.] DE REFILÃO, *loc. adv.* De raspão, de través.

REFOLHAR, *v. int.* Bater repetidamente com os pés no chão. [Do esp. *rebollar*. Não dicionarizado nesta acepção, nem como intransitivo.]

REGALAR, *v. t.-rel.* Dar de presente, oferecer. [“Um estancieiro regalou-me um pingo tordilho.” Esse uso do verbo em tal sentido, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa, é próprio do espanhol. Em português ele é empregado de maneira oposta, quanto ao regime: *Um estancieiro regalou-me com um pingo tordilho*.]

REGEIRA, *s. f.* Corda – geralmente de couro torcido – que, presa à cabeça dos bois, com uma volta passada pela orelha, do lado externo, serve para o lavrador dirigi-los quando presos ao arado ou à carreta de uma só junta de bois.

REIUNADA, *s. f.* Uma porção de cavalos reiúnos.

REIUNAR, *v. t.* I. Tornar reiúno (o cavalo), dando-lhe um corte numa das orelhas. // 2. *Fig.* Golpear, furar (alguém). [Não está nos dicionários o sentido figurado.]

REIÚNO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou animal sem dono, ou cujo dono é desconhecido, e que aparece nas estâncias. *Adj.* Ruim; ordinário; de má qualidade.

RELANCINA, *s. f.* Rapidez, velocidade. [Não dicionarizado precisamente nesta acepção.] DE RELANCINA, *loc. adv.* De relance; ligeiramen-

te, passageiramente. [A locução é também usada em São Paulo: ver Cornélio Pires, *Quem Conta um Conto...*, p. 192.]

RENGO, *adj.* Diz-se do animal, ou da pessoa, que manqueja de uma perna. [Ver *Fazer-se de sancho rengo.*]

RENGUEAR, *v. int.* Claudicar, coxear.

REPONTAR, *v. t. d. e int.* I. Procurar as éguas, para cobri-las; rufiar. // 2. *Fig.* Procurar insistentemente uma mulher, requestá-la, com intenção de a possuir. [Não dicionarizado nestas acepções.]

REPONTE, *s. m.* Ato de repontar, de manter o gado no pastoreio sob vigilância, a fim de que não se desgarre.

RESSOLANA, *s. f.* Soalheira forte; soalheira.

RESSOLHADOR, *adj.* Que costuma ressolhar.

RESSOLHAR, *v. int.* Resfolegar ruidosamente (o cavalo). [Do esp. *resollar.*]

RESTINGA, *s. f.* I. Mata de pequenas árvores ou de arbustos, à margem de uma sanga ou de qualquer outro curso de água de pouca importância, permanente ou não. // 2. Sanga ou qualquer outro pequeno curso de água margeado por mata daquele tipo. [Na primeira acepção, corre em Goiás também: ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 47. Amadeu Amaral consigna o termo em seu *Dialeto Caipira*, p. 203, com o sentido – aproximadamente igual ao primeiro aqui registrado – de “tira de mato à beira de um rio”.]

RESVALONA, *adj. f.* Resvaladiça. [Não dicionarizado.]

RETACO, *adj.* Diz-se de homem ou animal de pequena estatura, mas entroncado e forte; atarracado. [Também se usa em São Paulo – ver Amadeu Amaral, *Dialeto Caipira*, p. 203 – e em Goiás – ver Bernardo Élis, *Ermos e Gerais*, p. 109. No mineiro Guimarães Rosa a palavra aparece aplicada a coisa: “Duas árvores adiantadas, sentinelas: um cangalheiro, de copa trapezoidal, *retaca*; e uma cajazeira que oscila os brônquios verdes no alto das forquilhas superpostas.” – *Sagarana*, p. 223.]

RETALHADO, *adj.* e *s. m.* Diz-se de, ou cavalo inteiro que, em consequência de uma operação, fica impossibilitado de fecundar as éguas, servindo apenas para trazê-las reunidas e despertar-lhes o cio, o que facilita o trabalho do reprodutor. [Está entre *Algumas Vozes Regionais do Paraná*, de Silva Murici.]

RETOVAR, *v. t.* Cobrir com o retovo. [Do americanismo *retobar*. Também corre em São Paulo: ver Amadeu Amaral, *Dialeto Caipira*, p. 203.]

RETOVO, *s. m.* Couro com que se revestem as bolas ou boleadeiras, o cabo dos rebenques, etc. [Como o retovo de bola tem as extremidades franzidas, comparam-se com ele os olhos que têm rugas aos cantos.]

RETROVIR, *v. int.* e *rel.* Recuar, voltar. [Não dicionarizado.]

REVIRA, *s. m.* Tumulto, agitação, barafunda, barulho. [Não registrado nesta acepção. Laudelino Freire dá *revira-vira*, com o significado, algo semelhante, de “desordem, busca, lufa-lufa”.]

RINCÃO, *s. m.* Trecho de campo onde há arroio, capões ou qualquer mancha de mato; recanto formado por acidente natural. [Não dicionarizado. O mesmo que *rinconada*.]

RINCONADA, *s. f.* Rincão. [Não dicionarizado.]

RISCADA, *s. f.* Ato de riscar, de fazer movimento rápido, ágil, como os do navalhista antes de dar o golpe, ou o do cavalo ao ser sofreado repentinamente quando vai a galope. [Não dicionarizado. Também o verbo *riscar* não figura nos léxicos com essa extensão de um dos seus significados.]

RISCAR, *v. int.* Correr a galope; disparar. [Não dicionarizado neste sentido.]

RODADA, *s. f.* Queda para a frente que o cavalo dá quando a trote ou a galope, montado ou não. [Usado no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

RODADO, *s. m.* Queijo circular, em forma de roda. [Não dicionarizado neste sentido.]



RODEIO, *s. m.* I. Ajuntamento de gado em campo aberto para apartar, contar, examinar e curar as reses porventura atacadas de peste ou de bicheira, etc. // 2. O conjunto de gado de um rodeio.

RODEÍTO, *s. m.* Dimin. de *rodeio*.

RODELA, *s. f.* Mentira, patranha.

RODILHA, *s. f.* Nome dado a pequenas voltas que se fazem junto à armada do laço, quando este é manejado.

ROUBADA, *s. f.* Ato de roubar; roubo. [Não dicionarizado.]

RUANO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalo que, sendo geralmente mais claro do que o alazão, tem cauda, crinas, orelhas e focinho de um amarelo esbranquiçado.

RUFAR, *v. int.* Fazer tropel. [Esta acepção, não dicionarizada, é de uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

RUFIAÃO, *s. m. e adj.* I. Cavalo destinado à reprodução; garanhão, pastor. // 2. *Fig.* Indivíduo dado a namoros, femeeiro.

RUFIAR, *v. int.* Procurar éguas para a cobertura (o reprodutor cavalar).

RUMBEAR, *v. rel.* Rumar, rumar. [Americanismo.]

RUMEAR, *v. rel.* Rumar. [Do americanismo *rumbear*. Não dicionarizado. Encontra-se em Alcides Maia: “de espingarda a tiracolo e pistola à cinta, lá *rumeava* para as sangas” – *Alma Bárbara*, p. 66.]

RUSGAR, *v. int. e rel.* Fazer rusgas; brigar. [Figueiredo registra a palavra como “neologismo de Lisboa”, definindo-a: “fazer rusgas (a polícia)”. Francisco Fernandes consigna-a no sentido em que a usa Simões Lopes, com um exemplo de Afrânio Peixoto. Neste mesmo sentido encontra-se *rusgar* em Castro Alves, como relativo: “*Rusgando com o direito, que tem um velho amigo...*” – *Obras Completas*, I, 107.]

RUSSILHONAS, *adj. e s. f.* Diz-se de, ou botas de cano alto, feitas de couro amarelo.

S

SALAMANCA *s. f.* Está definido pelo autor. [Espanholismo, não dicionarizado.]

SALAMANQUEIRO, *s. m.* Prestidigitador. [Não dicionarizado.]

SALINO, *adj.* Diz-se do boi ou do cavalo cujo pêlo é salpicado de pequeninas manchas brancas, vermelhas ou pretas.

SALSEIRO, *s. m.* Barulho, briga, conflito, rolo.

SAMPAR, *v. t., rel. e t.-rel.* Atirar, arremessar.

SANCHO RENGO, *s. m.* Ver *Fazer-se de sancho rengo*.

SANGA, *s. f.* Pequeno arroio, que seca facilmente.

SANGÃO, *s. m.* Aument. de *sanga*.

SANTA-FÉ, *s. m.* Planta gramínea (*Panicum prionitis*), muito empregada em quinchas ou cobertura de ranchos.

SANTAFEZAL, *s. m.* Terreno onde cresce em abundância a gramínea chamada *santa-fé*.

SANTA-LUZIA, *s. f.* Palmatória. [A palmatória tinha, comumente, na sua parte circular, cinco orifícios dispostos em cruz. São os “olhos da santa-luzia”, a que se refere Simões Lopes Neto. Leia-se Machado de Assis: “O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus *cinco olhos do diabo*.” – *Várias Histórias*, p. 239. O termo é corrente ao menos em boa parte do Brasil; Antenor Nascentes registra-o no vocabulário de seu *O Linguajar Carioca em 1922*, e o paulista Cornélio Pires no das *Conversas ao pé do Fogo*.]

SANTO-ANTONINHO-ONDE-TE-POREI, *s. m.* Pessoa que é muito querida, muito amimada. [O mesmo que santantoninho. Não dicionarizado.]

SAPECA, *s. f.* Sova, surra, sumanta.

SARANDI, *s. m.* Arbusto muito comum no Rio Grande do Sul, e de que há diversas variedades: o *sarandi* propriamente dito (*Pyllanthus selowianus*) e o *sarandi-de-espinho* ou *sarandi-de-gargarejo* (*Sebastiania bippophaifo-*

lia), das euforbiáceas; o *sarandi-amarelo* (*Terminalia australis*), das combretáceas; e o *sarandi-mole* (*Cephalanthus glabratus*), das rubiáceas.

SARANDIZAL, *s. m.* Extensão de terreno coberta de sarandis.

SARNAGEM, *s. f.* Sarna, ronha cavalariça. [Não dicionarizado.]

SEGUNDO, *s. m.* Aquele que é auxiliar ou companheiro de confiança de alguém, a sua segunda pessoa. [Não dicionarizado neste sentido.]

SEIÚDA, *adj. f.* Diz-se da mulher que tem seios grandes. [Não dicionarizado.]

SENTAR, *v. int.* Parar de súbito; estacar (o cavalo que vai a galope). [No “*Menininho*” do Presépio o verbo está empregado, no mesmo sentido de “parar de súbito”, em relação ao facão. Vê-se como transitivo nas *Flores do Pampa*, de Múcio Teixeira: “Eu sento o meu cavalo...” – *Poesias de Múcio Teixeira*, I, p. 323. O mesmo que *assentar*.]

SERENADA, *s. f.* I. Chuva miúda e rápida. // 2. Sereno, relento.

SER MONDONGO MEIO DURO DE PELAR, *loc. verb.* Ser turbulento, muito dado a brigas. [*Mondongo*, palavra espanhola, significa “pança de animal”. *Pelar mondongo* é “coisa difícil, complicada”, como se vê nesta passagem: “teve ele que ir à vila, depor como testemunha acolá, e quarar uma tarde inteira, porque negócio com autoridade, é pior que *pelar mondongo*.” – Darci Azambuja, *No Galpão*, p. 35.]

SESMARIA DE CAMPO, *loc. s. f.* Medida correspondente a uma légua de frente e três de fundo, ou 13.068 hectares.

SESTEADA, *s. f.* Ato de sestear.

SILBIDO, *s. m.* Silvo, sibilo. [Não dicionarizado.]

SINUUELO, *s. m.* Animal manso que serve de guia a outros, xucros, e, acalmando-os, os faz seguir para onde se deseja. [Do esp. *señuelo*. Não dicionarizada a acepção: os léxicos se referem a “ponta de animais” que se utiliza nesse fim, e não a “animal”. No sentido acima Callage dá *sinueleiro*, *adj.*]

SOBRANTE, *adj.* Que sobra, que sobeja. [Não dicionarizado precisamente nesta acepção.]

SOBREANO, *s. m.* Idade de uma rês, de pouco mais de um ano até dois exclusive: *a rês está de sobreano*. [De uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

SOBRECINCHA, *s. f.* Peça dos arreios que serve para apertar os pelegos, feita de uma tira de couro com uma fivela. [Também de uso em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 6 – e em Minas – ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 169. Corre em Goiás a variante *sobrechincha*: ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 97.]

SOCAVÃO, *s. f.* Grande socava; lapa, gruta, esconderijo.

SOFLAGRANTE, *s. m.* Momento, ocasião; flagrante. No SOFLAGRANTE, *loc. adv.* No mesmo instante. [Também se diz *sofragante*, que Figueiredo registra como brasileiro e provincianismo beirão, e no *sofragante*, que se vê, p. ex., em Valdomiro Silveira, *Leréias*, p. 123.]

SOFRENAÇO, *s. m.* Ato de sofrenar o cavalo; sofreada.

SOFRENAR, *v. t.* Puxar as rédeas de (o cavalo), para fazê-lo parar ou recuar; sofrear.

SOGA, *s. f.* 1. Corda de couro ou de fibra vegetal, com que se prendem os animais à estaca, quando são postos a pastar. // 2. Corda de couro torcido, que liga entre si as bolas das boleadeiras. [Na primeira acepção, o termo é de uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

SOLFERIM, *adj.* De cor escarlate, ou entre escarlate e roxo. [Não dicionarizado. Os dicionários dão, com o mesmo sentido, e somente como substantivo, *solferino*.]

SOLITÁRIA, *s. f.* 1. Célula de penitenciária, onde se isola o sentenciado turbulento ou perigoso. // 2. Célula de qualquer prisão, onde o detento fica isolado. [Talvez de uso em todo o Brasil.]

SOLITO, *adj.* Sozinho, sem companhia.

SONAR, *v. int.* Soar; ressoar. [Não dicionarizado.]

SOQUETE, *s. m.* 1. Cozido acompanhado de pirão. // 2. Cozido.



SORRO, *s. m.* Zorro (ver *Guaraxaim*). *Adj.* e *s. m.* *Fig.* Manhoso, dissimulado, astuto, matreiro. [*Sorro* correspondente à pronúncia do espanhol *zorro*. Não está nos dicionários o sentido figurado.]

SOTRETA, *s. m.* I. Cavallo mau, arisco, matreiro. // 2. *Fig.* Indivíduo ruim, vil, desprezível.

SOVÉU, *s. m.* Laço muito forte, feito com tiras de couro torcidas.

SUERTE, *s. f.* Espanholismo, excelentemente definido pelo próprio autor (p. 213).

SUMANTA, *s. f.* Surra, sova, sapeca.

SUMIDOURO, *s. m.* Atoleiro profundo. *Var.*: *sumidor*. [Não está dicionarizado nesta acepção.]

SUSPENDER, *v. rel.* I. Roubar, furtar. // 2. Raptar.

T

TABA, *s. f.* I. Jogo do osso. // 2. Osso com que se faz esse jogo. [Também se diz *tava*.]

TACURU, *s. m.* Montículo de terra fofa, feito pelas térmitas de preferência em lugares úmidos ou alagadiços; atinge por vezes mais de um metro de altura e tem forma cônica.

TACURUZAL, *s. m.* Extensão coberta de tacurus.

TAFONA, *s. f.* Atafona.

TAFULONA, *adj.* e *s. f.* Diz-se de, ou moça taful, garrida. [Também se usa, no mesmo sentido, *tafuleira*.]

TAMBEIRO, *s. m.* Boi ou touro filho de vaca da qual se tirava leite, e que, tendo-se habituado ao contacto com as pessoas, se tornou manso. [Ver *Ter marca na paleta, mas não ser tambeiro*.]

TANTEAR, *v. t.* Tatear, tocar, tentear. [Var. de *tentear*, consignada apenas, como forma popular, nos *Subsídios*, de Cortesão, que manda confrontar o esp. *tantear*.]

TAPEAR, *v. t.* Guiar (o cavalo), quando sem freio, por meio de tapas, dadas ora de um lado, ora de outro.

TAPEJARA, *s. m.* Vaqueano. [No paulista Valdomiro Silveira encontra-se *tapijara: Nas Serras e nas Furnas*, p. 143. A palavra é “de uso geral no Brasil” – afirma, talvez com exagero, Bernardino José de Sousa, *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*.]

TAPERA, *s. f.* Casa ou estabelecimento rural abandonado.

TAPUIO, *s. m.* Qualquer mestiço trigueiro e de cabelos lisos e pretos.

TARCA, *s. f.* Peça de tábua ou de couro onde se assinala, com pequenos cortes, o número de reses marcadas durante o dia, ou de quaisquer animais ou objetos que estão sendo contados.

TARUMÃ, *s. m.* Árvore do campo (*Vitex montevidensis*), a qual, embora não se desenvolva muito, apresenta uma bela copa e tem o cerne muito rijo.

TATA, *s. m. (inf.)* Papá, papai. [Não dicionarizado. Vem nos léxicos, com o mesmo sentido, *tatá*. Do esp. *tata*, usado na América do Sul e em Múrcia, província espanhola. Cf. Ascasubi: “– Mamita acá está un doctor / que por fortuna ha llegado! aquí viene a ver a tata; / consuélesé, va a curarlo” – in *Poetas Gauchescos*, ed. de Tiscornia, p. 231.]

TAURA, *adj. e s. m.* Ver *Cutuba*.

TEATINO, *adj.* I. Diz-se de cavalo, boi, cão – e, por extensão, de coisas – sem dono, que não se sabe a quem pertencem. // 2. *Fig.* Aplica-se a pessoas que andam fora de sua terra, de sua querência, como o animal sem dono. // 3. Forasteiro. [De uso no Paraná, também: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

TENÊNCIA, *s. f.* Cuidado, cautela, precaução. Prudência, tino.

TENTO, *s. m.* Tira estreita de couro, que serve para costurar ou para atar alguma coisa. *Pl.* Duas tiras pequenas de lonca, com que se amarra o poncho ao lombinho ou se prende o laço na parte inferior deste. [Do platinismo *tiento*. Vê-se o termo, no singular, em *Algumas Vozes Regionais*

do Paraná, de Silva Murici; e no plural, no paulista Cornélio Pires, *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, p. 56.]

TERCEROLA, *s. f.* Arma de fogo usada pela cavalaria, e que é um terço menor do que a carabina. [Palavra espanhola, não dicionarizada.]

TER MARCA NA PALETA, MAS NÃO SER TAMBEIRO, *loc.* Ser manso na aparência, porém decidido nas ocasiões necessárias.

TERNEIRO, *s. m.* Bezerro, novilho. *Adj.* Doce, manso. [Também usado no Paraná, como substantivo: ver Silva Murici, *Algumas Vozes Regionais do Paraná*.]

TERNEIROTE, *s. m.* Terneiro muito novo; bezerrinho.

TERNNO, *s. m.* Grupo de três peões que, nos rodeios, faz o serviço de marcação do gado.

TER O ESTÔMAGO FRIO, *loc. verb.* Ser indiscreto, ser bucho-furado, ou bucho-de-piaba.

TESOURA, *s. f.* Pássaro tiranídeo (*Tyrannus savana*), também chamado tesoureiro; é de cor cinzenta nas costas e branca na região ventral, e tem a cabeça preta, com mancha amarela.

TESTAVILHAR, *v. int.* Tropeçar.

TÉU-TÉU, *s. m.* Ver *Quero-quero*. [Segundo Von Ihering – *Dicionário dos Animais do Brasil* – de São Paulo para o Norte o nome *téu-téu* “é talvez mais usado que “quero-quero”, denominação antes sulina”. Mas, pelo que se vê em Simões Lopes, também no Rio Grande do Sul se usa *téu-téu*.]

TIMÃO, *s. m.* Casaco grosseiro, curto, outrora usado pelos escravos e crianças para se resguardarem do frio. [Também circula em São Paulo: ver *O Dialeto Caipira*, p. 75, de Amadeu Amaral, que trata, igualmente, da etimologia e de outros sentidos da palavra.]

TIRADOR (ô), *s. m.* Espécie de avental de sola macia, ou de couro cru, que o laçador usa a fim de proteger as calças ou as bombachas dos danos que poderia ocasionar o atrito do laço, no momento de prender com este o animal. [O homem do campo gosta de exhibir o seu tirador – que às vezes é de luxo – mesmo fora de serviço.]

TIRANA, *s. f.* I. Antiga dança acompanhada de canto, da qual havia muitas variedades: a *tirana grande*, diversas *tiranas de dois*, a *tirana de ombro* e a *tirana tremida* ou *tirana dos farrapos*. Ver *Fandango*. [Eis aqui, transcritas do *Cancioneiro Guasca*, de Simões Lopes Neto, algumas das quadras cantadas na tirana:

“Eu amei uma tirana,
E ela não me quis bem! (ai!)
Agora vou desprezá-la,
Vou ser tirano também (ai!).

Todos gostam da tirana,
Mas é só para dançar;
Porque de uma tirania
Ninguém deve de gostar.

.....

Tirana, feliz tirana,
Tirana, que bom fandango!
De tudo vou me esquecendo,
Só de ti vou-me lembrando.

.....

Tirana, tira, tirana,
Tirana, vou te deixar,
Tirana, juraste falso,
Tirana – pra me enganar!

Tirana, bela tirana,
Tirana do pé pequeno,
Eu te levo nos meus braços
E não te molha o sereno!

.....



A tirana quando puxa
 As pelancas da papada,
 Adeus, minhas encomendas!
 Vai roncar a trovoada!”]

// 2. Descompostura, xingamento. [Não está nos dicionários esta última acepção. Usa-se a palavra em São Paulo, em sentido análogo a este, na locução *botar a tirana em* = “falar mal de”: “não gostou que botassem a *tirana* no outro” – Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 15. Na primeira acepção, o termo é empregado em Santa Catarina – veja-se Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 122 – em São Paulo – veja-se Valdomiro Silveira, *obra cit.*, p. 77 – e em Minas – ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 7.]

TIRÃO, *s. m.* Puxão, repelão, sacão, safanão. Arranco. TIRÃO SECO, *loc. s. m.* I. Golpe inesperado que leva o animal quando laçado ou pelo cabresto. // 2. *Fig.* Golpe repentino; choque, grande abalo moral. DE TIRÃO DECO, *loc. adv.* De golpe; de um ímpeto [Não dicionarizada esta última locução.]

TIRAR UMA TORA, *loc. verb.* Brigar; travar luta.

TIRO, *s. m.* Distância que o parceiro corre na cancha.

TIRONEADO, *adj.* I. Part. pass. de *tironear*. // 2. Abalado.

TIRONEAR, *v. t. e int.* I. Dar tirões ou puxões ao laço quando a rêz nele está presa. // 2. Puxar pela rédea o cavalo, para que obedeça; sofrer. // 3. Dar tirão; puxar com violência. [Não registrada a última acepção.]

TOBIANO, *adj. e s. m.* Diz-se de, ou cavalo cujo pêlo – preto, vermelho, baiço, gateado, rosilho, etc. – tem grandes manchas. [“É termo criado pelos sorocabanos para designarem a montaria predileta do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, – um magnífico cavalo pampa. Por analogia passou-se a chamar – *tobiano* – a todo o cavalo manchado de duas cores, tendo, mercê do intercâmbio das feiras entre sorocabanos e orientais-

corrientinos, tal denominação se estendido até as campanhas das repúblicas do Prata. Hoje, ainda se chama, na República Argentina, *tobiano*, ao cavalo ou égua pampa.” – Afonso A. de Freitas, *Vocabulário Nheengatu*, p. 192. No paulista Valdomiro Silveira: “inda ofreci a garupa do meu *tobiano* e o jirau do meu rancho” – *Os Caboclos*, p. 56.]

TOCADA, *s. f.* Ação de tocar, de tanger (o gado). [Não dicionarizada esta acepção.]

TOPAR, *v. t.* Aceitar (proposta, convite).

TOPE, *s. m.* Espécie, qualidade, laia.

TOPETUDO, *adj.* Qualificativo do cavalo de grande topete, isto é, que tem muito longas as crinas que lhe pendem sobre a testa. *Adj. e s. m.* *Fig.* Diz-se de, ou indivíduo rústico, grosseiro; valente, destemido; poderoso.

TORCIDÃO, *s. m.* Ato de torcer; torção, torcedura. [Não dicionarizado.]

TORENA, *adj. e s. m.* Ver *Cutuba*.

TORENADA, *s. f.* I. Grupo de indivíduos torenas. // 2. Os torenas.

TOSO (ô), *s. m.* Tosadura do cavalo, a qual se faz de vários modos, donde: *toso a cogotilho* ou *cogotilho* – que abrange uns dois terços do pescoço; *toso a meio cogotilho* – que é, aproximadamente, a metade daquele; o *toso baixo*, o *toso de cola e crina*, etc.

TOUREAR, *v. t.* Provocar; afrontar; desconsiderar.

TRABUZANA, *s. m.* Indivíduo destemido, valente, brigão; ventana, torena, taura.

TRAGUEAR, *v. int.* Ingerir bebidas alcoólicas; beber. [Alcides Maia – *Alma Bárbara*, p. 83 – usa *traguear-se*.]

TRAÍRA, *s. f.* Faca; facão.

TRANÇAR, *v. t.* Contratar, ajustar, atar.

TRANCO, *s. m.* Andadura natural, não apressada, do cavalo; trote. [Formam-se com este substantivo as locuções *ao tranco*, *a tranco* e *no tranco*.]

TRANQUITO, *s. m.* I. Trote curto; trote, tranco. // 2. Marcha ou andamento comum, normal, como o do tranco. [Formam-se com esse substantivo as locuções adverbiais *ao tranquito*, *a tranquito* e *no tranquito*. Em São Paulo se usa *no tranquinho*, ou *no mesmo tranquinho*, que, para Amadeu Amaral – *Dialeto Caipira*, p. 220 – equivale a “no ramerrão”.]

TRAQUITANDA, *s. f.* Porção de coisas misturadas, em desordem. [Não dicionarizado neste sentido, que parece prender-se ao de “carro mais ou menos desconjuntado; veículo desengonçado”, que a palavra *traquitana* ou *traquitanda* tem, e está nos léxicos.]

TRATISTA, *s. m.* Aquele que realiza ou trata negócios; contratante; tratante (no sentido antigo).

TREPADA, *s. f.* Elevação de terreno; subida; lugar íngreme e alto. [O termo figura entre *Algumas Vozes Regionais do Paraná*, de Silva Murici.]

TRÊS-MARIAS, *s. f. pl.* Ver *Boleadeiras*.

TREVAL, *s. m.* Terreno coberto de trevo.

TRIGO LIMPO, *loc. s.* Ver *Não ser trigo limpo*.

TROCAR (A) ORELHA, *loc. verb.* Mover o cavalo as orelhas ora para diante ora para trás, por susto ou em razão de qualquer coisa estranha.

TROMPAÇO, *s. m.* I. Encontrão, esbarro, pechada, choque. // 2. *Fig.* Choque (no sentido moral); grande abalo. [Não vem nos dicionários a acepção figurada.]

TROMPETA, *s. m.* Indivíduo ruim, ordinário, sem-vergonha.

TRONAR, *v. int.* Troar, atroar, retumbar.

TRONQUEIRA, *s. f.* Cada um dos esteios da porteira, em cujos bu-racos se introduzem as extremidades das varas com que ela se fecha.

TROPEIRO, *s. m.* Aquele que conduz tropa, isto é, rebanho de animal *vacum* ou cavalari.

TROPILHA, *s. f.* Certo número de cavalos de pêlo igual, que geralmente acompanham uma égua-madrinha. [De uso em Minas também: ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 62.]

TROTEADA, *s. f.* I. Ato de trotar. // 2. Viagem mais ou menos longa, a trote. [Usado em São Paulo também: ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 220.]

TRUCO, *s. m.* Jogo de cartas entre dois ou quatro parceiros, cada um dos quais recebe três cartas; truque. [Quando só entre duas pessoas, diz-se *truco de mano*.]

TUCO-TUCO, *s. m.* Nome de um pequeno roedor (*Ctenomys torquatus*). [A denominação lhe vem do ruído que produz quando está escavando ou roendo, na toca. Faz grandes túneis horizontais, a pouca profundidade, acompanhando as raízes dos vegetais, que o alimentam. Verificam-se acidentes, por vezes, quando o cavalo pisa sobre a camada de terra que cobre esses túneis, abatendo-a.]

TUPIDO, *adj.* Grosso, espesso, compacto, cerrado. *S. m.* Espessura.

TURUNA, *adj. e s. m.* Ver *Cutuba*.

U

UAI, *s. m.* Onomatopéia designativa da voz do graxaim. [Não dicionarizado.]

UMBU, *s. m.* Árvore fitolacácea (*Pirennia dioica*). [Cresce rapidamente, atingindo enormes dimensões. De folhagem espessa, que o sol quase não atravessa, serve de excelente abrigo contra ele. Não se deve confundir com o *umbu* ou *imbu* do Norte.]

URUPUCA, *s. f.* Armadilha para apanhar passarinhos. [No Norte se diz *arapuca*.]

V

VAQUEANAGEM, *s. f.* Ato de vaqueanar, isto é, de proceder como vaqueano.

VAQUEANO, *s. m.* Aquele que, conhecendo bem os caminhos e atalhos de um lugar ou região, serve de guia a quem precisa percorrê-los.

[Também de uso em São Paulo – ver Valdomiro Silveira, *Nas Serras e nas Furnas*, p. 27 – em Minas – ver Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 128 – e em Goiás – ver Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 122. Em alguns Estados do Norte se diz *baqueano*. A palavra vem – segundo Beaurepaire-Rohan, *Dicionário de Vocábulo Brasileiro* – “do radical *Baquia*, termo com que os espanhóis designaram, depois da conquista do México, os soldados velhos que haviam tomado parte nela. Tem o sentido de habilidade, destreza”. O mesmo que *tapejara*.]

VAQUILHONA, *s. f.* Vaca nova, que ainda não pariu; novilha.

VAREJO, *s. m.* I. Ato de varejar, de rebuscar, de dar uma batida. // 2. Sova, surra.

VAREJAR, *v. t. e t.-rel.* Atirar, arremessar, jogar fora.

VASILHA, *s. f.* Indivíduo ruim, ordinário, imprestável, desprezível. [Não dicionarizado nesta acepção. Existe, embora também não se encontre nos léxicos, a expressão *vasilha ruim*, ou *vasilha ordinária*, com o mesmo sentido: *F. é uma vasilha muito ordinária*.]

VASQUEIRO, *adj.* Raro; escasso; difícil de obter.

VEADO-VIRÁ, *s. m.* Veado (*Mazama gouazoubira*) de cor pardo-escuro, que vive no campo ou nas catingas, evitando sempre a mata. De extraordinária agilidade, retrocede subitamente pelo mesmo caminho que seguia, a fim de lograr o cão, na caça. [Também se chama *virá*, *veado-catingueiro*, ou *catingueiro*.]

VELÓRIO, *s. m.* Ato de velar com outros um defunto, isto é, de passar a noite em claro na sala em que ele está exposto. [Usado, talvez, em todo o Sul do Brasil. O mesmo a que no Norte chamam *quarto e sentinela*.]

VENTANA, *adj. e s. m.* Dizia-se de, ou indivíduo mau, turbulento, brigão; venta-furada.

VERDEAR, *v. t.* Dar a (o cavalo) ração de capim verde. *Int.* I. Pastar o capim verde. // 2. *Fig.* Tomar chimarrão.

VERDEIO, *s. m.* I. Ato de verdear. // 2. Ração de forragem verde que se dá ao cavalo.

VEREDA, *s. f.* I. Ocasão; vez. // 2. Marcha; rumo. DE VEREDA, *loc. adv.* Imediatamente, de repente. [No paulista Iago Joé encontra-se *de vereda* = “de repente”: ver *Briguela*, p. 87. A locução vem definida, no vocabulário desse romance, como “seguidamente, sem interrupção”. Não é este, porém, o sentido conveniente ao texto do autor, e sim o que aponte.]

VIAJADA, *s. f.* Viagem; caminhada; jornada. [Também se emprega em São Paulo: ver Cornélio Pires, *Quem Conta um Conto...*, p. 17.]

VIRADO, *adj.* Turbulento, endiabrado, levado da breca.

VISCACHA, *s. m.* Roedor semelhante à lebre, do mesmo tamanho e pêlo que ela, e de cauda tão comprida como a do gato; vive no Peru, na Bolívia, no Chile, na Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul. [Do americanismo *vizcacha*, que por sua vez procede do quíchua. Não dicionarizado.]

VISPAR, *v. t.* Lobrigar, avistar, enxergar, bispar. [Var. deste último termo, não dicionarizada.]

VIVARACHO, *adj.* e *s. m.* Que ou aquele que é muito vivo, sagaz, esperto, astuto.

VIZINDÁRIO, *s. m.* I. Conjunto dos que habitam as vizinhanças ou arredores de um lugar; a vizinhança. // 2. Os lugares circunvizinhos; as cercanias, os arredores.

VOLTEADA, *s. f.* Ato de apanhar de surpresa o gado matreiro ou alçado.

VOLTEAR, *v. t.* Derrubar, atirar ao chão.

VOZERIO, *s. m.* Vozearia, vozeria. [Não dicionarizado.]

X

XERETA (Ê), *s. m.* e *f.* Bisbilhoteiro; leva-e-traz.

XERETEAR, *v. t.* Contar intrigando, como um xereta. [Não dicionarizado nesta acepção.]



XÔ-MICO!, *interj.* Exprime desprezo.

XUCRO, *adj.* I. Diz-se de animal não domado, bravo, esquivo. // 2. *Fig.* Rude; grosseiro; esquivo. [Do quíchua *chucru*, através do americanismo *chúcaro*; daí a sem-razão da escrita *xucro*, fixada pelo sistema ortográfico de 1943. Também usado em Santa Catarina – veja-se Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 68 – em São Paulo – veja-se Rute Guimarães, *Água Funda*, p. 80 – e em Goiás: “tanto mais que o macho mascarado, trazido à escoteira, sempre à mão, para atalhar tropeços e incômodos de montar na necessidade lombo *xucro* de animal ruim ou pasarinheiro, aguara dos cascos na subida da serra do Corumbá...” – Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 43. Nesta passagem, como se vê, o adjetivo, por uma conhecida figura de estilo, qualifica uma parte do animal, em vez do próprio animal.]

